

**JOSELENE CRISTINA GEROLAMO**

**O TEMPO NÃO PARA:  
O envelhecimento feminino como ato revolucionário**

**ASSIS**

**2019**

**JOSELENE CRISTINA GEROLAMO**

**O TEMPO NÃO PARA:  
O envelhecimento feminino como ato revolucionário**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador(a): Mariele Rodrigues Correa

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001

**ASSIS**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| G377t | <p data-bbox="480 1361 847 1395">Gerolamo, Joselene Cristina</p> <p data-bbox="480 1400 1257 1503">O tempo não para: o envelhecimento feminino como ato revolucionário / Joselene Cristina Gerolamo. Assis, 2019.<br/>227 f. : il.</p> <p data-bbox="480 1541 1278 1644">Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis<br/>Orientadora: Dra. Mariele Rodrigues Correa</p> <p data-bbox="531 1682 1294 1715">1. Envelhecimento. 2. Mulheres. 3. Subjetividade. I. Título.</p> <p data-bbox="1150 1843 1294 1877">CDD 305.2</p> |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O TEMPO NÃO PARA: O envelhecimento feminino como ato revolucionário

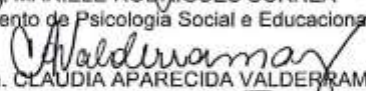
AUTORA: JOSELENE CRISTINA GEROLAMO

ORIENTADORA: MARIELE RODRIGUES CORREA



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área:  
Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

  
Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA  
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

  
Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES  
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

  
Profa. Dra. MEYRE EIRAS DE BARROS PINTO  
UEL / Londrina/PR

Assis, 27 de setembro de 2019

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, em tempos sombrios para a ciência como os vividos atualmente, se faz necessário agradecer a oportunidade que me foi dada em realizar este curso de mestrado em uma universidade pública, gratuita, de qualidade e com financiamento CAPES. Sinto-me privilegiada em ter concluído um dos meus grandes sonhos nestas circunstâncias e que hoje parecem tão ameaçadas por políticas desmotivadoras e desmontantes. O artista e ativista chinês Ai Weiwei disse: “ A história nos ensina que no início das grandes tragédias havia ignorância”. Nós, pesquisadores, somos os principais lutadores contra a ignorância sistêmica que assola nosso país, contudo, somos também as maiores vítimas dela. Mas enquanto houver um de nós com um livro e caneta na mão e, principalmente, com uma ideia emancipatória na cabeça, seremos ameaça, pois então ... QUE SEJAMOS AMEAÇA.

Agora sim sinto-me à vontade para cumprir os ritos de agradecimento que a escrita deste texto me permite. Agradeço primeiramente ao feminino que me inspirou e me inspira: Amélia, Idalina, Rita, Gisela, Joici e (em breve) Giulia. Estas mulheres que estão marcadas em mim pelo sangue que corre em minhas veias e na tinta que cobre minha pele. Minha ancestralidade tão presente e pulsante na elaboração e escrita deste trabalho.

Agradeço as minhas companheiras de trabalho, de estudo, de vida: Mariele, pela orientação, dedicação e atenção não apenas a este texto mas a mim, pessoa física por trás das palavras, que me percebeu e me ajudou a desabrochar como pesquisadora, que me mostrou que eu sabia sim escrever, que estendeu a mão e seu olhar delicado. Que nossa caminhada não termine por aqui, que seja longa e próspera como tem sido desde sempre. Estendo este agradecimento a seu companheiro José Justo que demonstrou sua generosidade ao abrir as portas de sua casa tantas vezes, juntamente com Mariele, para acolher esta que escreve.

À Mestra Aline Sabbadini que esteve comigo desde o início desta aventura. Da conversa sobre as dúvidas em ingressar no mestrado em uma caminhada saindo da Unesp para a vida. Que prazer ter compartilhado este e tantos outros caminhos com você. Minha irmã de outra mãe, minha amiga, minha colega de trabalho, minha confidente, meu ombro amigo, sem você poderia até ter sido possível mas teria sido bem menos agradável.

À Doutora Camila Cuencas Funari Mendes e Silva que foi a ponte para meu primeiro contato com os estudos sobre envelhecimento, por meio de um grupo de estudos no meu terceiro ano de faculdade, e que agora tenho a honra de trilhar o envelhecer ao seu lado. Que sorte a minha ter lhe encontrado no meio do caminho. Minha companheira de trabalho e amiga que me estendeu a mão na hora dos maiores apertos e me deu seu abraço nas horas de

maiores emoções. Amplio este agradecimento a Gustavo, Mateus e Thomás porque é impossível falar de Camila sem mencioná-los e vice e versa. Obrigada pelo incentivo e por manter a porta da casa de vocês sempre aberta, foi tamanha receptividade que me senti um pouco parte da família.

À Gabriela Patuto que sempre manteve sua escuta disponível para minhas angústias, minhas lamúrias, minhas alegrias e minhas realizações. Obrigada por participar tão ativamente deste processo, sem você teria sido muito mais dolorido e muito menos divertido. Os cafés de Assis também agradecem.

Agradeço a velhice. À todas as velhas e velhos participantes da “Roda de Conversa” do CRAS de Cândido Mota, pela sementinha semeada que aguada com palavras e afeto gerou esta pesquisa. Da mesma forma, as velhas integrantes da “Roda de Conversa com Terceira Idade” da UNATI, a elas agradeço pelo florescer deste trabalho.

Às professoras das bancas de qualificação e defesa Cláudia, Cristina Amélia, Gisele e Meyre por suas pertinentes colocações, contribuições e reflexões. Este trabalho só é o que é porque vocês me ajudaram a construí-lo.

Agradeço ao melhor grupo que o Whatsapp já conheceu, composto pelas melhores pessoas que já pisaram neste planeta e que coincidentemente são as psicólogas mais implicadas e o escritor mais talentoso que existe: Mônica, Larissa, Dalila, Tatiane, Fernanda e Alan. Obrigada por todo o acolhimento e companheirismo, este trabalho tem um pouco de cada umx de vocês.

Agradeço ao meu companheiro Lucas Vital que todos os dias se mostra um homem incrível, por me dar suporte quando minhas inseguranças gritavam, pelo apoio e por tantas vezes, mesmo tendo coisa melhor pra fazer, me ouviu recitar este texto.

À Camila Soler de Camargo que mesmo na distância procura sempre se manter presente. Obrigada pela ajuda na composição de questões tão pertinentes para elaboração deste texto. Além de, claro, preservar essa amizade de tanto anos e que quero carregar comigo por tantos mais anos de vida.

À Leonardo Lemos e Derly Borges pelo espaço cedido para dividir e abrandar as angústias da pós-graduação. Entre discussões sobre as reuniões de conselho da pós e um pneu furado, vocês colaboraram para que minha passagem pelo mestrado fosse mais leve.

Agradeço à minha família e aos homens da minha vida, meu pai José Antônio e meus sobrinhos Andrei e Miguel por me ajudarem sempre a buscar ser uma pessoa melhor.

Agradeço a série de tv “Friends” por ter me abrandado o processo de escrita quando ninguém mais podia. Episódios em looping que me fizeram esquecer por um breve momento da realidade e aliviaram meu ser das responsabilidades e tensões para voltar a escrita.

Agradeço a você que encontrou este escrito de alguma maneira e está disponibilizando seu tempo para lê-lo. Existe uma passagem piegas de um autor desconhecido mas muito verdadeira que explica um pouco deste meu gratular. “O tempo é o presente mais precioso que temos porque é limitado. Podemos ganhar mais dinheiro, mas não mais tempo. Quando dedicamos tempo a uma pessoa, estamos dedicando uma porção da nossa vida que nunca mais poderemos recuperar. Nosso tempo é nossa vida. E o melhor presente que podemos oferecer a alguém é nosso tempo”. Obrigada por oferecerem seu tempo a este escrito. E se um dia me encontrares saberei que cumpri o objetivo que propus ao escrever esta pesquisa se me disser: “Ganhei tempo lendo seu texto”.

Por fim, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

GEROLAMO, Joselene Cristina. **O tempo não para: o envelhecimento feminino como ato revolucionário**. 2019. 227 f. (Mestrado Acadêmico em Psicologia). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## RESUMO

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que se apresenta na atualidade com um percentual em ascensão. Esta conjuntura tem mudado as configurações da pirâmide etária e produzido impacto nos processos de subjetivação no cenário contemporâneo, especialmente no que se refere às mulheres. A elas são demandadas a obediência aos padrões morais e corporais ditados pela sociedade atual, ainda fortemente marcada por imperativos patriarcais, que cultuam a beleza e a juventude eternas a serviço, principalmente, do homem. Este trabalho dedica-se a investigar e compreender os sentidos dados ao processo de envelhecimento na sociedade ocidental contemporânea para mulheres adultas de diferentes faixas etárias, diante das mudanças psicológicas, corporais e sociais em uma sociedade em que a juventude é um valor. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas direcionadas a dois grupos de mulheres com idades entre 20 a 35 anos e de 65 a 80 anos, sendo estas posteriormente sistematizadas, transcritas e qualitativamente analisadas, tendo como suporte metodológico a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009). No percurso da pesquisa, primeiramente discorreremos acerca das singularidades e pluralidades que envolvem o processo de envelhecer na atualidade. Em seguida elegemos refletir sobre os ditames juvenis impostos e propagados pelo aparato midiático que se configuram como dispositivos reguladores do processo de envelhecer. Versamos também acerca da trajetória feminina de construção e dominação patriarcal dada por meio dos discursos de silenciamento avançando para a ditadura da beleza, culminando, enfim, o aceite do passar do tempo como forma de resistência no contemporâneo. Por meio aporte metodológico eleito foi possível elencar categorias de análise advindas das falas de nossas entrevistadas que corroboraram para a percepção sobre o processo de envelhecimento feminino atual. A velhice é tabu principalmente entre as mulheres jovens, as quais parecem aprisionadas em seus próprios corpos por preceitos patriarcais que insistem em se perpetuar arditamente. Já para as mulheres velhas apresenta-se como um período em que sonhos e desejos antes cerceados têm a possibilidade de concretizar-se. Além disso é preciso redimensionar o envelhecer e compreendê-lo como um processo que perpassa toda nossa existência. Quiçá esse seja o caminho para discutirmos mais abertamente sobre tal temática, a fim de vivermos o tempo em sua plenitude. Salientamos, ainda, a importância do feminismo como dispositivo potente na conquista pelo direito de envelhecer feminino que, apesar de todas as lutas, ainda não foi alcançado.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Mulheres. Subjetividade



GEROLAMO, Joselene Cristina. **Time does not stop: female aging as a revolutionary act.** 2019. 227 p. Dissertation (Master's in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

### **ABSTRACT**

Population aging is a worldwide phenomenon that presents itself today with a rising percentage. This conjuncture has changed the configurations of the age pyramid and has produced an impact on the subjectivation processes in the contemporary scenario, especially when it comes to women. From them is required obedience to the moral and bodily standards dictated by today's society, still strongly stained by patriarchal imperatives, which promote an eternal cult to beauty and youth, mainly in service of men. This study is devoted to investigate and comprehend the meanings given to the aging process in contemporary Western society for adult women from different age groups, in the face of psychological, body and social changes in a society which youth is a value. The gathering of data was performed through semi-structured interviews headed towards two groups of women aged 20 to 35 years and from 65 to 80 years; those interviews were later systematized, transcribed and qualitatively analyzed, using Bardin's (2009) Content Analysis proposal as methodological support. Through the course of the research, the singularities and pluralities that encompass the aging process today are the first matters brought to discussion. Then we chose to reflect on the youth precept imposed and diffused by the media apparatus, which is configured as regulating device of the aging process. We also talk about the trajectory of construction and patriarchal domination of the feminine, through the silencing speeches, advancing to the beauty dictatorship, and culminating, finally, in the acceptance of time passage as a way of resistance in the contemporary. Through the chosen methodological support contribution, it was possible to list predicaments of analysis derived from the statements of our interviewees, which itemized the current perception of the female aging process. Being old is a taboo, especially among young women, who seem trapped in their own bodies by patriarchal precepts that perpetually insists on perpetuating themselves. For old women, however, old age is presented as a period in which dreams and desires previously curtailed gain the possibility of coming true. In addition, it is necessary to give a new dimension to aging and understand it as a process that runs through our entire existence. Perhaps this is the way to discuss more openly about such a theme, so that we can live time in its fullness. We also stress the importance of feminism as a powerful device in the acquisition of the female right to grow old, which, in spite of all the struggles, has not been achieved yet.

**Keywords:** Aging, Women, Subjectivity.

- atemporal

*eles me convenceram  
de que só me restavam alguns poucos anos  
antes de ser substituída por uma menina mais nova  
como se os homens ganhassem poder com idade  
e as mulheres ficassem insignificantes  
eles que fiquem com essas mentiras  
porque eu estou só no começo  
sinto que acabei de sair do útero  
meus vinte anos são um aquecimento  
para o que de fato venho preparando  
vocês vão ver quando eu chegar aos trinta  
aí que vai ser a introdução perfeita  
para a mulher indecente feroz em mim.  
não vou embora antes do começo da festa  
o ensaio começa aos quarenta  
eu só melhoro com a idade  
não tenho data de validade  
e agora  
é a hora do evento principal  
as cortinas sobem aos cinquenta  
e aí o show começa.*

Rupi Kaur  
(o que o sol faz com as flores- 2018)

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                              |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>PRÓLOGO.....</b>                                                                                                                          | <b>11</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>                                                                                                      | <b>14</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1: A pesquisa .....</b>                                                                                                          | <b>19</b>  |
| 1.1 Metodologia .....                                                                                                                        | 19         |
| 1.2 Delineamento e materiais .....                                                                                                           | 21         |
| 1.3 Objetivos .....                                                                                                                          | 23         |
| <b>CAPÍTULO: 2- Sobre a(s) velhice(s): a singularidade e a pluralidade do envelhecer ....</b>                                                | <b>24</b>  |
| <b>CAPÍTULO 3- Espelho, espelho meu: existe alguém mais jovem do que eu? .....</b>                                                           | <b>32</b>  |
| <b>CAPÍTULO 4- Amélia é que era mulher de verdade? Da construção e dominação<br/>patriarcal à resistência feminina no contemporâneo.....</b> | <b>50</b>  |
| 4.1 Discursos do silenciamento .....                                                                                                         | 51         |
| 4.2 A ditadura da beleza .....                                                                                                               | 59         |
| 4.3 A mulher velha.....                                                                                                                      | 69         |
| <b>CAPÍTULO 5: Análise e discussão dos dados .....</b>                                                                                       | <b>75</b>  |
| 5.1 Envelhecer é um processo silenciado/invisibilizado.....                                                                                  | 75         |
| 5.2 Envelhecimento e regulação etária.....                                                                                                   | 79         |
| 5.3 Significado social do processo de envelhecimento .....                                                                                   | 82         |
| 5.4 O medo e a coragem de envelhecer no contemporâneo .....                                                                                  | 90         |
| 5.5 O envelhecimento mediado pela questão de gênero .....                                                                                    | 100        |
| 5.6 Envelhecimento feminino e os rigores do tempo biológico .....                                                                            | 102        |
| 5.7 Envelhecimento feminino e a prática do cuidado .....                                                                                     | 103        |
| 5.8 Trabalho feminino e processo de envelhecimento .....                                                                                     | 104        |
| 5.9 Relacionamentos, sexualidade e envelhecimento.....                                                                                       | 108        |
| 5.10 A influência midiática no processo de envelhecimento feminino .....                                                                     | 112        |
| 5.11 Finitude e envelhecimento .....                                                                                                         | 122        |
| 5.12 Envelhecer como dessintonia entre o tempo vivido e o tempo sentido.....                                                                 | 124        |
| 5.13 Feminismo e envelhecimento .....                                                                                                        | 127        |
| <b>CAPÍTULO 6: Considerações finais .....</b>                                                                                                | <b>132</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA .....</b>                                                                                                                    | <b>139</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                                                                                          | <b>149</b> |

## PROLÓGO

*“O tempo não muda os olhos  
mas mudou o meu olhar”  
(Bráulio Bessa)*

Costumava dizer que o envelhecimento surgiu na minha vida durante o terceiro ano de faculdade, em um grupo de estudos que consistia na leitura e discussão de textos e artigos que abordavam os mais diversos assuntos referentes ao tema. Demorei para me dar conta, mas a velhice, na verdade, esteve sempre à espreita, como lhe é de costume, e apenas com a escrita deste trabalho é que fui resgatando memórias que me mostraram esta realidade.

Dentre tantas lembranças de infância, as mais bonitas, que me encham de saudade o coração e de lágrimas os olhos, são as que meus avós me proporcionaram. Meu avô Asperino era quem impulsionava a corda do balanço, feito de pneu, ligado a um galho de uma antiga mangueira, que fazia as vezes de berço quando eu era um bebê. Foi ensinamento deste mesmo avô que a tampinha da laranja cortada em forma de “biquinho” deixava a fruta mais doce. Pode até não ser verdade, mas era bem mais divertido. Aprendi também que basta um pouco de criatividade para transformar um chuchu e palitos de dente em um boizinho simpático e, ainda, uma espiga de milho pode dar vida a uma linda bonequinha de cabelos ruivos. Os saquinhos recheados de bombinhas, busca-pés e chuvinha de São João (meu favorito), e que faziam as festas juninas bem mais animadas, eram presentes dele. Da mesma forma os doces do dia de Cosme e Damião. Enquanto escrevo estas recordações parece que ouço o tintilar de um talher em direção a uma louça e o assobiar de uma antiga canção, sons típicos da minha infância produzidos por aquele velho que a vida, infelizmente, não permitiu ser avô por muito tempo.

Já na adolescência minha avó Amélia era minha melhor companhia. Foram tardes e mais tardes de trocas de saberes, ela a me ensinar o crocheter e eu a lhe alfabetizar, claro que tudo isso em meio a muitas histórias. Aprendi não apenas sobre linhas, agulhas e artesanato, mas também sobre a Itália, sobre meus antepassados, sobre causos sobrenaturais, sobre receitas, sobre jardinagem, sobre a vida, mas principalmente sobre o ser feminino em uma sociedade tão machista. A ela foi negado o direito de aprender a traçar e ler as palavras unicamente por ser mulher. A ela, que mesmo fazendo dupla jornada, na roça e nos afazeres domésticos, foi lhe dito que vida de mulher é igual vida de cachorro, só come e dorme. A ela foi ensinado que o sexo era tabu, o que a fez acreditar que engravidaria com um simples beijo. A ela destinou-se o papel de esposa amorosa e dedicada, função esta que exerceu com tamanha maestria e que mesmo depois de enviuvar se dizia casada e nunca ousou retirar a

aliança do dedo anelar. A ela o parir na dor concretizou-se por sete vezes, seis com vida e uma com morte. A ela ensinei apenas os desenhos das letras, muito pouco perto de toda a sabedoria que me foi passada. Como você pôde perceber, leitor, meus avós foram os primeiros responsáveis por me colocar na trilha da velhice. Hoje percebo que era oficina da população idosa muito antes de saber o que era uma oficina.

Os caminhos da vida ainda me levaram para terras distantes e me afastaram temporariamente do desejo de cursar Psicologia, mas, de certa maneira, não me distanciaram do envelhecimento. Exerci a profissão de modelo durante uma década, trabalho este que dependia, quase que exclusivamente, da minha imagem que, segundo os ditames contemporâneos, deveria ser jovem. Assim, além de portadora e consumidora, era também propagadora desse mundo ilusório da aparência pela aparência e da negação do envelhecer.

Me descobri velha aos 18 anos de idade, quando pela primeira vez fui chamada de “tia” por colegas de trabalho. O único “crime que cometi” foi ter mais idade que as demais. Aprendi ainda jovem que é o outro quem te denuncia e te rotula como velho, ainda que você, definitivamente, não tenha idade pra isso. Fui ensinada que é necessário lutar contra a velhice com unhas e dentes, ou melhor, com procedimentos estéticos e cirurgias reparadoras, recursos doloridos e caros e que, na maioria das vezes, não entregam o que prometem. Percebi muito cedo que ser mulher e velha são substantivos difíceis demais para serem carregados juntos.

Passados dez anos e já na universidade, iniciei um processo de ressignificação e resgate daquele envelhecimento que conheci na infância. O primeiro contato com a temática se deu naquele grupo de estudos citado logo no princípio deste texto. Em seguida, no terceiro ano de faculdade, passamos pelo processo de escolhas de ênfase que direcionariam a minha formação. O estágio curricular “Envelhecimento e Processos de Subjetivação” me pareceu a escolha certa dentre tantas oferecidas, pois além de contemplar o que eu vinha estudando também possibilitaria o contato com minhas angústias e medos.

O projeto no qual ingressei e que fez parte do estágio obrigatório curricular foi a “Roda de Conversa” em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), em um município de pequeno porte. A prática compreendia a realização de discussões em grupo acerca de um tema proposto, previamente escolhido em supervisão, que servia como disparador de reflexões, observações, debates e até mesmo recordação de vivências pelos participantes, além de promover a intergeracionalidade entre os idosos e as estagiárias. Claro que as afetações não eram privilégio apenas dos velhos e velhas participantes desta oficina, aqueles encontros também movimentavam algo em mim, me faziam questionar, me faziam pensar, me faziam querer me aproximar mais da velhice, e cá estou eu escrevendo sobre ela.

Esta atividade também colaborou muito para o meu ser mulher. A maior parte das participantes do grupo eram mulheres e suas histórias me remetiam à minha avó, já citada aqui, à minha mãe, às minhas irmãs, às minhas amigas e a mim mesma. Dividíamos o feminino e as experiências que este nos acarreta. E o que mais me chamava a atenção e me incomodava, talvez por escutar o que me era sentido, é que nós, mulheres, somos vistas como ampulhetas a se esvaziar no tempo. Em uma oficina ouvi de uma idosa de 89 anos a seguinte frase: *“Quando eu ficar velha não quero que me machuquem”*. Fiquei pensativa pois aquela senhora no alto de seus 89 anos de idade não se nomeava velha e muito menos se sentia velha. Diferentemente do contato com mulheres muito mais jovens, eu inclusa, quando o assunto era aniversários ou idade, a constante era: *“Nossa, estou velha”*. E foi então que a velhice que me acompanhou durante toda minha trajetória, sem que nem eu mesma me desse conta, teve seu encontro com questões femininas que se tornaram tão caras para o meu desenvolvimento pessoal e agora acadêmico.

Deste encontro surgiram reflexões como: Que envelhecer é este apresentado as mulheres no contemporâneo e quais as consequências deste processo nas subjetividades? Quais formas de envelhecer são apresentadas as mulheres atualmente? Seria possível o feminino vivenciar de forma saudável seu tempo e sua velhice? Será que para as jovens, ao se autoproclamarem velhas, na verdade, buscam por autorização social para iniciar a luta contra os efeitos do tempo? Por que a negação do envelhecer se faz tão presente em dois grupos etários tão distintos? E, principalmente, será que nós, mulheres, temos o direito de envelhecer? Estas foram algumas inquietações que serviram de inspiração para a escrita deste texto que se desenrolará a partir do próximo capítulo.

Este trabalho é o encontro potente da minha ancestralidade, da velhice e do feminino que habitam em mim. Espero que a leitura deste escrito movimente em você leitor, prazeres, dores, questionamentos. Que te incomode de alguma forma, que te acalente de outra forma, que seja leve, que seja dura, que simplesmente seja...

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

*" Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem".<sup>1</sup>*

Clarissa Pinkola Estés

Aceitarmos sem impasses e angústias que o nosso próprio processo de envelhecer, ou seja, algo que nos pertence, não é tarefa simples; tanto que passamos por ele durante toda a vida, desde o dia em que nascemos, e ainda assim, por muitas vezes, o negamos. O envelhecer envolve muito mais que o apagar de velinhas no dia do aniversário, ele é construído todos os dias pela forma com que lidamos com o nosso tempo. Simone de Beauvoir, já em 1949, com sua obra "A Velhice", nos alertava sobre a necessidade de quebrarmos o silêncio acerca do envelhecer. Ainda que dolorido, como a autora se refere em diversos momentos de seu escrito, a sociedade consente em torná-lo ainda mais insuportável, carregado de estigmas indesejáveis, preterido no campo das políticas públicas, muitas vezes confinando idosos em asilos e destinando-os à solidão.

Esta que vos escreve atende a um pedido de Beauvoir, que na introdução de seu livro já citado nos provoca: "é por isso que urge quebrar esse silêncio: peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo". É preciso quebrar a "conspiração de silêncio" (BEAUVOIR, 2018, p.12) em torno da velhice e do envelhecer. Este trabalho propõe, desde sua idealização, expor as aventuras e desventuras do envelhecer, porém, acima de tudo, inscreve-se como um ato de militância a favor de uma velhice a ser vivida, que encontre espaço, acolhimento e ressonância no mundo. Frejat, compositor brasileiro, em uma de suas canções nos diz que "toda idade tem prazer e medo" para que nos deixem viver os gostos e desgostos do tempo, os temperos dos anos, sejam eles doces, amargos ou agridoces.

Como dito, envelhecer não é simples, mas tudo se torna ainda mais complexo quando compreendemos a interdependência das diferentes dimensões que envolvem o envelhecimento. Partindo da via biológica, teremos sempre o espelho a denunciar as ações do tempo em nossos corpos e a geriatria a regular nossa saúde, nos sustentando com seus saberes médicos. Entretanto, estes dois principais itens normalmente são mantidos no âmbito particular. Mas o nosso círculo social nos delata e nossa velhice passa a ser apontada por terceiros: é o outro dizendo com o olhar, com um gesto e/ou com palavras que estamos envelhecendo. Aquela fila ou assento para maiores de 60 anos que muitos tentam evitar, mas alguém oferece o lugar; os pronomes de tratamento que de repente se modificam, quando menos esperamos alguém nos chama de senhora/senhor; ou, ainda, a controversa

---

<sup>1</sup> Estés, C. P. A CIRANDA DAS MULHERES SÁBIAS Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 2007

aposentadoria. E é assim que nos descobrimos velhos, ou melhor, nos descobrem; não há como fugir, não há como esconder, como escreve Carlos Drummond de Andrade (1987, p. 158): “Os outros enxergam a velhice que se esconde em nós”.

Não é preciso dizer que economicamente a nossa velhice ou o combate ao envelhecimento é bastante rentável. O mercado da estética, cada vez mais ascendente, não nos deixa mentir. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC), o Brasil ocupa o quarto lugar do mundo em consumo de produtos de beleza<sup>2</sup>. Mas não é apenas pela via da aparência que o envelhecimento é monetizado. Ser velho se transformou em um nicho de mercado, com produtos exclusivos, viagens de cruzeiro especialmente para a melhor idade, créditos específicos para idosos, dentre muitos outros. Inclusive, o termo terceira idade é proveniente desta forma de enxergar a velhice como potencial consumidora, pois não seria de bom grado denominar os possíveis clientes de velhos e velhas (DEBERT, 2004).

Ademais nossas condutas são ordenadas pela idade. Todo velhinho é bonzinho e toda velhinha é a própria Dona Benta, criada pelo escritor Monteiro Lobato para representar a mais tradicional das avós. Os discursos dos velhos também são descreditados. Basta uma simples ida ao médico com um idoso e percebe-se que o acompanhante sabe muito mais das dores e delícias da velhice do que o próprio velho. Uma linha muito tênue distingue o cuidado da tutela nessa fase da vida. Por vezes achamos que estamos fazendo o melhor quando, na verdade, podemos estar retirando o que lhes mantém integrados e conectados a sua própria realidade.

O sexo também é um significativo indicador dessa mudança de comportamento; a assexualidade passa a ser atributo quase que inerente à velhice. Ao completar 60 anos, acredita-se que o desejo de outrora tenha se esvaído, como se a libido tivesse idade e data de validade. Sobre este fenômeno Rubem Alves (2009, p. 53 e 54) desabafa:

Deve ter sido um demônio zombeteiro disfarçado de anjo que inventou que a velhice é a “melhor idade”. Chamar velhice de “melhor idade” só pode ser gozação, ironia, dizer o contrário do que se quer dar a entender (...). A coisa mais humilhante da velhice é quando a gente começa a ser tratado como objeto de respeito e não como objeto de desejo. Não quero ser respeitado. Quero ser desejado (ALVES, 2009, p. 53 e 54).

Apesar de todos esses dilemas que atravessam a velhice, ela é dotada de muita potência. A produção acadêmica, a criação de leis e oferta de políticas públicas tanto em saúde quanto na assistência social, além de outros fatores propiciaram uma reconfiguração da

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://abihpec.org.br/mercado-brasileiro-de-hppc-quarta-posicao-mundial-com-sensacao-de-terceira/>. Acesso em agosto de 2018.



velhice, que ganhou novos contornos e novas facetas, mais revitalizada e valorizada. Ao passo que novas nomenclaturas foram sendo criadas para designar a velhice - “melhor idade”, “idoso”, “maturidade”, “boa idade”, entre outras - percebemos que ser velho não se fecha em apenas uma forma de existir e de experienciar essa fase da vida. Novas materialidades e novas possibilidades concretizam uma nova velhice.

Queremos explicitar que neste escrito, apesar da gama de terminologias que podem nomear o envelhecer, daremos preferência pelas palavras “velhos”, “velhas” e “velhice”. Com o passar do tempo, esses vocábulos se tornaram representantes dos aspectos negativos ligados ao envelhecimento, e recheados de preconceito, converteram-se a mau gosto e falta de respeito por parte de quem os pronuncia ou escreve. Porém, entendemos que a velhice tem muito mais a ver com amadurecimento e ganhos do que com fragilidades e perdas. Ser velho é ser privilegiado por não ter ficado no meio do caminho, é aquele que teve a oportunidade de viver e saborear muitos anos. Além do mais, e novamente recorrendo a Rubem Alves (2008), velho é muito mais poético.

Devo alertá-los de que a escrita deste texto se refere, em especial, ao envelhecimento feminino, amparado pelo lugar de fala<sup>3</sup> desta que escreve, como mulher que exercita todos os dias o aceitar de seu próprio envelhecer, ainda que tenha suas crises e impasses. Para além disso, as mulheres são os principais alvos de uma sociedade que se baseia no espetáculo e na imagem que culmina no controle sobre a aparência. Sobre estes aspectos, Debord (2003, p.16) afirma: “espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência”. Os padrões estéticos obedecem a uma lógica que está sempre de acordo com o período sócio histórico vigente; ou seja, para nos integrarmos à sociedade construímos uma “estética” corporal que tende a estar sincronizada com a imagem que nos é exigida culturalmente. Atualmente a valorização é pela juventude, pelo corpo jovem e belo, totalmente apartado dos efeitos do tempo.

O envelhecimento, na vida de uma mulher, é tomado como algo a ser combatido constantemente, afinal, a crueldade dos anos no universo feminino está na perda da própria juventude, materializado em seus corpos pelas marcas do tempo. Segundo a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), o Brasil ocupa o segundo lugar em cirurgias plásticas no mundo<sup>4</sup>. Deixar-se envelhecer é social e culturalmente tido quase como um ato de rebeldia ou, como esta pesquisadora prefere dizer, como um ato revolucionário.

---

<sup>3</sup> Lugar de fala: composições discursivas a partir de um lugar ocupado na hierarquia social vigente. (Ribeiro, 2017)

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf> . Acesso dezembro de 2018.

Somos ensinadas a odiar as nossas marcas, rugas e cabelos brancos. Para estes males a medicina evoluiu, mesmo que custe muito no bolso, nas dores e na saúde mental. De microagulhamento a preenchimento facial, de *pellings* profundos a *botox*, existe uma infinidade de produtos, cirurgias e procedimentos no mercado que prometem milagres, tais como rejuvenescer dez, quinze, vinte anos em uma tarde no dermatologista.

Também se faz importante mencionar que desde quando estamos no útero de nossas mães, somos predestinadas a exercer papéis sociais que são capazes de moldar toda uma existência, e estes papéis possuem íntima relação com o tempo. Estipula-se a idade para sermos solteiras, a idade para nos casarmos, a idade para procriar e a idade para sairmos de cena. Afinal de contas, estamos em uma sociedade profundamente marcada pelo machismo e pelo patriarcado que relega o lugar da mulher ao serviço do homem, para o homem e pelo homem. Nessa lógica, o que uma mulher velha ainda tem a oferecer?

Tomaremos este texto como um manifesto a favor do direito de toda a mulher ao envelhecer e a não imposição de padrões para tal. Que possamos assumir nossos anos vividos, que ao questionarmos a idade de uma mulher, a reação seja aceita e não vista como falta de respeito ou educação, que um dia todas as mulheres possam ter a liberdade de dizer como a atriz italiana Anna Magnani: “Por favor, não retoque minhas rugas. Levei muito tempo para consegui-las”.

A partir destas constatações sobre o envelhecer no contemporâneo, algumas questões nos inquietam. Diante deste cenário inóspito ao envelhecimento feminino, como lidar com este fato trivial da nossa vivência humana? Como as subjetividades estão sendo forjadas diante da passagem inevitável do tempo que se expressa em nossos corpos, em nosso meio social, em nossas relações conosco, com os demais e com o mundo? O intuito desta pesquisa é investigar e compreender os sentidos dados ao processo de envelhecimento na sociedade ocidental contemporânea para mulheres adultas de diferentes faixas etárias, diante das mudanças psicológicas, corporais e sociais, em uma sociedade em que a juventude é um valor, e quais os impactos nas subjetividades dessas mulheres. Para tanto, a pesquisa está organizada conforme a descrição abaixo.

No primeiro capítulo apresentaremos a metodologia aplicada neste estudo, bem como os objetivos, os materiais e os procedimentos utilizados para a coleta dados. Logo em seguida, no segundo capítulo, discorreremos a expor o panorama do envelhecimento atual, desde o crescente número de idosos em todo mundo, especialmente no Brasil, até o significado de ser velho na atualidade.

O capítulo três dedica-se a debruçar sobre as dificuldades em aceitar o processo de envelhecimento, uma vez que somos incitados, desde a infância, por imperativos sociais valorizados ligados à juventude.

No capítulo quatro versaremos sobre a construção social do ser mulher por meio dos discursos científicos que garantiram uma posição de subserviência do feminino em favor do masculino. Também discorreremos sobre a forma com que a ditadura da beleza colabora com a manutenção do *status quo* machista e patriarcal, e finalizaremos sobre as dificuldades e prazeres da velhice feminina.

No capítulo cinco, após breve exposição metodológica e teórica do trabalho, encontrar-se-ão a análise e discussão dos elementos descobertos nas entrevistas. Por fim, serão apresentadas as conclusões, seguidas da bibliografia e dos anexos, que incluirão o modelo de entrevista semi-dirigida utilizada como material para esta pesquisa, além das entrevistas transcritas na íntegra.

## CAPÍTULO 1- A PESQUISA

### 1.1 Método

A pesquisa qualitativa busca o estudo do particular, em sua profundidade. Está em consonância com a técnica de Análise de Conteúdo, método elegido para análise de dados desta pesquisa, uma vez que esta metodologia se dedica a “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 2014, p. 316). Com esse recurso, é permitido que o pesquisador traga suas considerações, observações, descrição de linguagens não faladas, como gestos e manifestações emocionais, com todas as formas de significação necessária. (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014)

Ainda sobre a abordagem qualitativa, o objetivo é analisar e compreender as relações humanas, culturais e sociais de forma complexa e não apenas se atentar a explicar essas mesmas relações categorizando e isolando variáveis. Segundo Triviños (1987) as abordagens qualitativas seguem as seguintes características:

- 1ª. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento-chave.
  - 2ª. A pesquisa qualitativa é descritiva
  - 3ª. Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.
  - 4ª. Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente
  - 5ª. O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.
- (TRIVIÑOS, 1987, p. 128, 129, 130)

Como dispositivo de análise deste estudo utilizaremos a “Análise de Conteúdo” como dito anteriormente. Os primórdios das tentativas de utilização desta metodologia datam da investida do homem em interpretar os textos sagrados por volta do século XVII (TRIVIÑOS, 1987). Mas apenas no início do século XX, ao ser utilizada para analisar textos jornalísticos, a Análise de Conteúdo alcança forças sistematizadas de uso, garantindo assim status de método investigativo. É a partir da década de 1950 que diversos especialistas das mais diferentes áreas, e que faziam uso da Análise de Conteúdo, debruçaram-se na tentativa de aprofundar sobre os significados, as regras, os princípios, entre outros, deste método.

A obra definitiva que esmiúça esta metodologia em detalhes, desde técnicas a serem empregadas até seus conceitos fundamentais, e que permanece como guia obrigatório daqueles que se aventuram pela Análise de Conteúdo, é de autoria de Laurence Bardin, e data de 1977, cujo título é justamente “Análise de Conteúdo”.

Como Bardin (2009) nos ensina, a Análise de Conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 2009, p.44)

Esse método de análise se constitui por um conjunto de técnicas caracterizadoras das condições produtivas do discurso, tanto escrito quanto oral. Considera, também, as significações e o conteúdo da fala, ocasionalmente a forma e distribuição desses conteúdos, na tentativa de conhecer os elementos existentes por trás das falas e das palavras (BARDIN, 2009). É importante salientar que a Análise de Conteúdo não é um estudo da linguagem, mas sim uma forma de investigar, por meio da análise linguística, as variáveis inferidas (psicológicas, históricas, políticas, sociais, culturais, etc.) que permeiam determinada produção textual (op.cit). A Análise de Conteúdo compreende três etapas: 1) Pré-análise; 2) Exploração do material e 3) Tratamento dos resultados e interpretação (Bardin, 2009).

A fase da pré-análise é o momento da organização e sistematização das ideias a serem pesquisadas. Nessa primeira etapa ocorrem: a escolha do material a ser submetido à análise a partir de uma leitura simples, a elaboração de hipóteses/objetivos e a construção dos indicadores de análise que abordam os temas presentes no material escolhido. Esse procedimento precisa ser bem estruturado, porém é flexível e permite a admissão de novos procedimentos no decorrer de todo o processo de análise (BARDIN, 2009).

A fase da exploração do material compreende a codificação do material escolhido a partir das regras estabelecidas na etapa de pré-análise (op.cit). Na última fase, tratamento dos resultados e interpretação, os resultados obtidos na fase anterior são avaliados e validados. A partir desses dados constrói-se o quadro final com as informações fornecidas por todo o procedimento de análise. O pesquisador pode então propor suas considerações finais retomando os objetivos inicialmente propostos ou, até mesmo, relatar novas descobertas (op.cit).

Como categorias gerais de análise previamente estabelecidas, com base na literatura e nos objetivos desta pesquisa, estão aquelas referidas às percepções e avaliações das experiências de envelhecer, por exemplo, o medo de envelhecer, a percepções físicas, psicológicas e/ou sociais sobre seu processo individual do envelhecimento, reflexos na auto imagem, os estereótipos do envelhecimento, a mídia e os impasses com envelhecer, ressonâncias no estilo de vida sendo modificado de acordo com a idade. Estas primeiras categorias serviram como base para formular as perguntas da entrevista semiestruturada.

Outras categorias e subcategorias foram criadas a partir da análise do conteúdo das entrevistas.

A discussão e interpretação dos resultados foram realizadas mediante comparações entre as categorias com resultados de outras pesquisas identificadas na literatura e referenciais teóricos situados no campo da gerontologia e psicologia do envelhecimento.

## **1.2 Delineamento e Materiais**

Para o desenvolvimento deste escrito partimos do aprofundamento na revisão bibliográfica para analisar os aspectos históricos e sociais que amparam o cenário do envelhecimento, em especial no que tange o feminino. A seguir realizamos dezoito entrevistas semiestruturadas (modelo em anexo) com mulheres estratificadas em dois grupos etários distintos: dez participantes com idade entre 20 e 35 anos e oito com idade entre 60 a 80 anos. As entrevistas visaram coletar dados sobre as histórias de vida dessas pessoas e sua relação com o fator tempo, em especial, no que se refere a renúncia e/ou ao medo de envelhecer.

Cabe aqui uma explicação sobre a escolha destes dois diferentes grupos etários que compõem esta pesquisa. A primeira faixa etária, entre 20 e 35 anos, foi eleita pois é justamente neste intervalo etário que os primeiros sinais do envelhecimento começam a aparecer corporalmente, não à toa o uso de cremes anti-idade é recomendado a partir dos 20 anos de idade.

Para além desta constatação, ainda temos a passagem para a vida adulta que se estabelece também neste período etário, acarretando a imposição de papéis sociais especialmente para as mulheres. O casamento, a maternidade, as escolhas profissionais devem, segundo ditames sociais e culturais, ser estabelecidas durante esta fase etária.

Quanto ao segundo extrato etário, entre 60 a 85 anos, a pesquisadora optou por selecionar mulheres que tenham passado pela experiência do envelhecimento. São elas que já chegaram lá e podem falar com propriedade acerca do seu processo de envelhecer, seus gozos, suas dores, suas delícias, seus pesadelos, entre tantos outros afetos que apenas o experienciar propicia.

A partir dos discursos verbais destes dois grupos etários será possível descrever um panorama do envelhecimento feminino contemporâneo e responder a algumas questões que estão em consonância com os objetivos desta pesquisa. Como é envelhecer como mulher nesta sociedade em que, além da valorização dos preceitos juvenis, ainda é extremamente machista e patriarcal? De que formas este envelhecer é ou foi experienciado? Quais seus desafios e potências? A união de falas de tempos tão distintos colaborarão para elaborar e

compreender sobre o envelhecer feminino como ato de rebeldia, como trás o título deste escrito.

No projeto inicial desta pesquisa indicamos que o primeiro grupo de voluntárias, formado por mulheres mais jovens, seria recrutado entre as graduandas da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, de diferentes cursos oferecidos no campus. Para alcançar essas estudantes foi postado em dois grupos, “Unesp/ Assis” e “Juntas somos mais”, no sítio eletrônico *Facebook* chamadas para as entrevistas. O interesse em participar foi expressivo: obtivemos 76 respostas positivas de mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa, contudo, nem todas eram graduandas da universidade supracitada. Entendemos que o material recolhido de mulheres que não fossem apenas universitárias seria rico para elaboração do escrito, assim foi decidido não restringir apenas a este público.

No caso do segundo grupo, foram recrutadas mulheres que participaram do grupo intitulado “Encontros com a Terceira Idade”, oferecido pela UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade) na UNESP – Assis, nos anos de 2017 e 2018. A pesquisadora inseriu-se no grupo junto aos alunos estagiários de Psicologia que coordenam os encontros que acontecem no formato de oficinas semanais, com uma hora e meia de duração, a fim de estabelecer um vínculo com as participantes. Foram desenvolvidas atividades com as idosas por meio de oferecimento de encontros sobre as mais diferentes temáticas, como por exemplo, solidão, corporeidade, morte e luto, entre outros. Da mesma maneira como com o primeiro grupo, foi realizado um levantamento sobre as possíveis interessadas em participar da pesquisa, obedecendo ao critério etário proposto.

As entrevistas com cada uma das colaboradoras deste escrito, foram individuais e orientadas com questões abertas. No início de cada entrevista, agendada segundo a disponibilidade da participante e no local onde a entrevistada se sentisse mais confortável, foi apresentado o termo de consentimento com o objetivo da pesquisa, conforme preconizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 73348117.3.0000.5401). A pessoa foi consultada sobre a autorização para que o áudio da entrevista fosse gravado, a fim de proporcionar uma transcrição fidedigna ao conteúdo enunciado. A partir das gravações foram feitas as transcrições das entrevistas e o áudio foi apagado posteriormente. Tais entrevistas ocorreram no período de Março a Junho de 2018.

A fim de manter o anonimato e ao mesmo tempo preservar uma certa pessoalidade para com as colaboradoras desta pesquisa, foi perguntado a cada uma das participantes sobre o desejo de serem identificadas por algum nome que não o seu, nos relatos que compõem este

escrito. Apenas uma entrevistada manifestou o desejo de ser chamada de “Cassandra”, assim sendo, para as demais esta pesquisadora tomou a liberdade de nomeá-las com prenomes de mulheres que foram de grande importância para a luta feminista sul-americana.

### **1.3 Objetivos**

#### **Geral**

O objetivo geral desse estudo consiste em investigar e compreender os sentidos dados ao processo de envelhecimento na sociedade ocidental contemporânea para mulheres adultas de diferentes faixas etárias (20 a 35 anos e 60 a 80 anos), diante das mudanças psicológicas, corporais e sociais em uma sociedade em que a juventude é um valor.

#### **Secundários**

Os objetivos secundários consistem em:

- a) Identificar, descrever e analisar os sentidos atribuídos ao envelhecimento feminino e os efeitos do envelhecer para a subjetividade contemporânea.
- b) Averiguar como é viver o envelhecer numa sociedade caracterizada pelo primado estético, que cultua valores como a beleza do corpo, a produtividade, o dinamismo, a força, o novo e o mito da juventude eterna.
- c) Analisar se as mulheres conquistaram, dentre tantos êxitos da luta feminista, o direito ao envelhecer no contemporâneo.



## **CAPÍTULO 2- SOBRE A(S) VELHICE(S): A SINGULARIDADE E PLURALIDADE DO ENVELHECER.**

*“A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer.  
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer  
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer  
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer  
Não quero morrer pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pra o que vai acontecer”*

*(Compositores: Ortinho / Arnaldo Antunes/ Marcelo Jeneci Da Silva)*

Nós estamos envelhecendo, a todo o momento, desde o dia em que nascemos até o dia em que morremos e em nenhum outro momento histórico vivemos e envelhecemos tanto. Resultado da transição demográfica de sociedades anteriormente formadas por uma população juvenil para um progressivo aumento do contingente de idosos. E não apenas os mais jovens estão envelhecendo e alcançando a terceira idade: a população idosa segue envelhecendo cada vez mais, atingindo expectativa de vida mais elevada.

O processo de envelhecimento populacional teve início nos países desenvolvidos no começo do século XX. Já nos países em desenvolvimento apenas em 1950 o envelhecimento se intensificou, tornando-se contínuo em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), a transição demográfica será única e irreversível. De acordo com esta entidade, um indivíduo é considerado idoso quando atinge a marca dos 60 anos de idade em países em desenvolvimento, como o Brasil. Já em países desenvolvidos é classificado como idoso aquele com 65 anos ou mais.

Para compreendermos a dimensão do fenômeno descrito acima, tomemos alguns dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU) em seu relatório “Perspectivas da população mundial: uma revisão”, divulgado em 2017. Em 1800 a população mundial atingia 1 bilhão, atualmente somos quase 8 bilhões de habitantes no planeta, ou seja, em pouco mais dois séculos octuplicamos a marca que demoramos milhões de anos para atingir. E ainda, segundo projeções, em 2050 seremos 9 bilhões; e 10 bilhões em 2100.

Percebe-se que durante a maior parte da história da humanidade o crescimento populacional se deu em ritmo lento. Apesar de as taxas de natalidade serem elevadas, a ocorrência de mortalidade em massa era frequente devido às condições de vida precárias que colaboraram para eventos como epidemias e até mesmo inanição, além das guerras. A Revolução Industrial possibilitou diversos avanços científicos, que culminaram na descoberta de antibióticos e vacinas para o controle ou mesmo eliminação de doenças endêmicas. Com o passar dos séculos, outros aspectos contribuíram para o declínio da mortalidade como o

desenvolvimento de saneamento básico, os avanços das legislações sociais e o próprio desenvolvimento econômico.

A influência desses fatores é demonstrada pelo aumento da expectativa de vida. Enquanto no início século XX a esperança de vida ao nascer era de 33 anos, pouco mais de cem anos depois, nos anos 2000, beirava os 70 anos de idade. A perspectiva é que em 2050, os países desenvolvidos tenham atingido a marca de 87,5 anos para os homens e 92,5 para mulheres, enquanto nos países em desenvolvimento a expectativa será de 82 anos para os homens e 86 para as mulheres (FELIX, 2007). Nas Américas a expectativa é que 81% das pessoas que nascem hoje viverão até os 60 anos ou mais, e ainda, desse total, 42% ultrapassará os 80 anos (ONU, 2017).

Alcançamos a longevidade ou a velhice. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (2017) em 1950 eram aproximadamente 204 milhões de idosos no mundo, apenas 5 décadas depois em 1998, eram 579 milhões, um aumento de 8 milhões de idosos por ano. E estes números só tem aumentado, em 2017 atingimos a marca de 1 bilhão de idosos e ao alcançarmos 2050 teremos 2,1 bilhões pessoas acima dos 60 anos de idade, deste contingente 400 milhões serão de pessoas com 80 anos ou mais. No momento atual, uma em cada dez pessoas tem idade igual ou superior a 60 anos de idade e estima-se que em 2050 essa proporção será de uma para cada 5 pessoas em grande parte do mundo, enquanto nos países desenvolvidos a relação chega a ser de 1 para cada 3 pessoas (ONU, 2017).

Cumprir notar que apesar de ser um fenômeno que acomete o mundo todo, o envelhecimento populacional dispõe de peculiaridades entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. As políticas implementadas por cada país a fim de adequar-se à sua condição demográfica variam de acordo com suas possibilidades. Podemos considerar, portanto, que os avanços tecnológicos e médicos foram mais determinantes para a mudança do perfil populacional nas sociedades em desenvolvimento, do que o aumento na qualidade de vida dos cidadãos (FREITAS, 2004). Atualmente 64% das pessoas idosas vivem em países em desenvolvimento, e essa porcentagem tende a alcançar 80% no ano de 2050 (ONU, 2017).

O Brasil, apesar de ser sempre referido como um país jovem, atravessa um período de transição demográfica intenso. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgados em maio de 2018, a população idosa brasileira cresceu 18% entre 2012 e 2017. No ano de 2012 o grupo etário formado pelos mais velhos era de 25,4 milhões, e em apenas cinco anos o país ganhou 4,8 milhões de novos idosos, somando 30, 2 milhões de velhos, o que corresponde a 13% da população total do Brasil. Segundo projeções, o grupo de pessoas com

60 anos ou mais será maior que o grupo de crianças com até 14 anos já em 2030 e, em 2055, a participação de idosos na população total será maior que a de crianças e jovens com até 29 anos. De acordo com Minayo e Coimbra Jr (2002), na década de 20 deste milênio, dos 1,2 bilhões de idosos no mundo, 34 milhões serão brasileiros, o que resultará na sexta população mais velha do mundo. A expectativa de vida do brasileiro aumentou consideravelmente ao longo do século passado, nas primeiras décadas era de 33 anos e 7 meses, alcançou 43 anos e 2 meses na década de 1950, ampliando significativamente até que em 2013 conquistamos a marca de 75 anos, e em 2060 atingiremos os 81 anos (IBGE, 2016).

O município de Assis (SP), local onde foi realizada nossa pesquisa, de acordo com o Censo Demográfico do ano de 2000, sofre uma forte tendência ao envelhecimento. Na década de 1960, 5,3 % da população total do município era composta por idosos, no ano de 2000 passa dos 11,6%. A média para a população idosa no Estado de São Paulo no mesmo período era de 9,0% e para a Federação 14,5%, demonstrando, portanto, o crescimento exponencial dessa população no município palco deste estudo (MENDES, 2005).

Como explorado até aqui, o envelhecimento populacional é uma nova realidade e o futuro, portanto, é de velhos. Mas se estamos vivendo mais, de que forma essa geração está alcançando a velhice? Será que os velhos de hoje têm os mesmos costumes, tradições e vivem a velhice da mesma forma que os velhos de outrora? Afinal que velhice contemporânea é essa?

Para iniciarmos o debate que as perguntas acima suscitam, lançaremos mão da historicidade. Nas sociedades pré-industriais, as delimitações e separações funcionais que demarcavam cada etapa de vida não existiam, assim a definição de velhice também não. Da mesma forma com que a invenção da infância eclodiu com a chegada da modernidade (ARIÈS, 1981), neste mesmo período a velhice também ganhou seu espaço entre as categorias etárias que hoje regem nossas experiências com o tempo.

Essa nova forma de relação temporal favoreceu a formação das identidades etárias que passaram a orientar as expectativas, os projetos, as condutas, os hábitos corporais e sociais, as crenças determinando o “habitar” determinado nicho etário (SILVA, 2008). Ao longo de todo o século XIX as faixas etárias foram se estabilizando por meio de um processo lento e gradual, no qual ritos de passagem demarcavam as transições entre as diferentes fases da vida. Exemplos desses ritos seriam a entrada na escola que delimitava a infância, o ingresso na universidade que relacionava-se com a adolescência, o casamento ou a entrada no mundo do trabalho que associava-se com a vida adulta e a aposentadoria que determinava a chegada da velhice (op.cit)

A regulamentação da vida em sequência cronológica acarretou o surgimento de categorias etárias definidas em infância, vida adulta e velhice. Sobre o curso de vida cronológico Debert (2004) aponta que:

A consideração inicial é que as idades cronológicas são, nas sociedades ocidentais, um mecanismo básico de atribuição de status (maioridade legal), de definição de papéis ocupacionais (entrada no mercado de trabalho), formulação de demandas sociais (direito a aposentadoria) (DEBERT, 2004, p. 46)

Esta ideia moderna de vida dividida em etapas ainda está presente em nosso dia a dia. Catarina Lloret (1998) em seu texto “As outras idades ou as idades do outro”, discorre acerca dos papéis sociais pré-determinados pela idade cronológica de cada um de nós. Aquela vela a mais que apagamos no nosso bolo de aniversário nos dá a ilusão de que ganhamos um ano, quando, na verdade, é o ano que nos ganha. Segundo a autora, com o avançar do tempo, nos tornamos reféns da nossa idade que molda as nossas identidades em função do que nos é esperado socialmente, nos dando privação ou autorização sob as nossas condutas de acordo com determinada idade.

Esta forma de organização da vida nos estereotipa e nos normatiza de acordo com os anos vividos. Assim, o velho é caracterizado pela decadência, decrepitude física e mental, assujeitado e desvalorizado. Este movimento de qualificar a velhice pelo viés negativo teve início a partir do século XVIII, por meio do saber médico que difundiu a ideia da ligação entre o corpo velho e a doença, como se um fosse prerrogativa para o outro. Este discurso higienista aliado à produção de mais valia típica do capitalismo, induziu o idoso a exclusão social (GROISSMAN, 2002; CORREA, 2009). Assim, o velho sábio de outrora perde espaço para a inutilidade e senilidade. Para Goldfarb (1998, p.11) “os valores tradicionais vão se perdendo em favor de uma sociedade individualista onde o velho, por não ser reprodutor de vida nem produtor de riqueza, nada vale”.

A forma com que a sociedade hoje enxerga a velhice ainda acarreta a aversão ao ser idoso. O velho, em especial o pobre, é o representante atual da decadência, da dependência, da incapacidade física e da espera pela morte (CORREA, 2009), ou ainda, exerce apenas função adjetiva quando nos referimos a algo ultrapassado ou antigo. A própria literatura científica sobre a temática do envelhecimento corrobora para a difusão de preconceitos e estereótipos. De acordo com Regina Simões (1998, p.27):

a característica principal da velhice é o *declínio*, geralmente físico, que leva a alterações sociais e psicológicas. Os teóricos classificam esse *declínio* de duas maneiras: a senescência e a senilidade. A senescência, que é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificada pela idade cronológica, pode ser considerada um envelhecimento sadio, onde o *declínio físico e mental* é lento [...]. Já a senilidade caracteriza-se pelo *declínio físico* associado à *desorganização mental*

[...] pois se identifica com uma *perda* considerável do funcionamento físico e cognitivo [...], além de uma considerável *perda* da memória. **(grifos nossos)**

Impossível não recorrermos a analogia da vida como a subida em uma montanha. Durante a infância e adolescência estamos em uma virtuosa e comemorada caminhada rumo ao topo, o desenvolvimento de habilidades, os desafios, a evolução, a aprendizagem, os ganhos habitam este momento de vida. A partir dos nossos 40, 50 anos iniciamos uma jornada ladeira abaixo, ao encontro da involução, do detrimento, da deterioração, das perdas.

o processo de envelhecimento [...] apresenta uma *involução* psicológica ocorrendo uma perda normal da inteligência e uma *deterioração* fisiológica das capacidades intelectuais, diferindo da deterioração das demências; estas são *gratuitas* e responsáveis pela desestruturação da personalidade (grifos nossos). (VARGAS apud SIMÕES, 1998, p. 41)

Outro fator relevante que colabora para a exclusão do velho é a morte. A velhice carrega consigo o estigma das mais diversas finitudes, entre elas a da vida, por se tratar do último estágio dos seres vivos. Temos a falsa impressão que de a morte é privilégio da velhice quando, na verdade, ela é concernente a todos, independentemente da faixa etária. Por isso é mais fácil esconder essa velhice, enclausurar e isolar para encobrir a face que tanto teimamos em esconder, mas que a velhice faz questão de mostrar, a nossa própria terminalidade.

Esta construção estigmatizada da velhice recai também sobre as relações de poder estabelecidas entre os grupos sociais, o qual impera a classificação e a hierarquização. Para nos ajudar a elucidar tal questão recorreremos a Peixoto (1998) em seu texto “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...” que escreve sobre os termos associados a velhice como “velho”, “velhote”, “terceira idade”, entre outros. Para a autora até pouco mais da metade do século XX, tais terminologias não diziam apenas sobre determinada faixa etária como também definiam um lugar de subalternidade ou privilégio. Os longevos pobres, despossuídos ou até mesmos os indigentes eram referidos como “velhos” ou “velhotes” enquanto o designativo “idoso” circunscreviam aqueles indivíduos estabilizados financeiramente ou que cumpriam atividades laborais valorizadas socialmente.

Nos anos 1960, na França, devido a uma nova política social implantada no país, que refletiu sobre o aumento das pensões e aposentadorias o que conseqüentemente garantiu certa notoriedade a população velha em geral, surgiu uma nova expressão para designar este nicho etário a “Terceira Idade” (PEIXOTO, 1998). O termo “idoso” passa a ser utilizado em documentos oficiais em detrimento do “velho” ou “velhote” usual, assegurando maior

respeitabilidade para com as pessoas envelhecidas. No final da mesma década o Brasil passa a adotar a mesma terminologia em seus textos oficiais. (op.cit)

Não devemos perder de vista que a expressão “Terceira Idade” também foi cunhada pelas forças do capitalismo, que enxergou um novo mercado aberto à infinitas possibilidades de consumo, e que carrega consigo a imagem de uma velhice revigorante que está alinhada com a “busca pela auto realização, no corpo saudável, produtivo e ativo” (CORREA, 2009, p.136). Para Debert (1999) o termo “velhice” está intrinsicamente ligado a pobreza, a dependência e a passividade. Enquanto “Terceira Idade” nomeia o idoso ativo tanto sexual quanto mentalmente, com poder aquisitivo suficiente para propiciar novos desafios e experiências em seu processo de envelhecimento. Estas novas nomenclaturas surgiram na tentativa de abarcar as novas formas de vivenciar o envelhecer, mas também evidenciam diferentes realidades sociais dentro de um extrato cronologicamente semelhante.

Vale lembrar que neste trabalho utilizaremos as mais diferentes terminologias, contudo, por questões de posicionamento ético, estético e político optaremos, em especial, pelas palavras velho e velhice a fim de contribuir para a dissociação entre a nomenclatura e a marginalização. Afinal, como diz Goldenberg (2016, p.7): “a única categoria social que inclui todo mundo é velho. Somos classificados como homem ou mulher, homo ou heterossexual, negro ou branco. Mas velho todo mundo é: hoje ou amanhã”.

Não se envelhece mais como antigamente. Hoje existem diversos serviços, projetos, clubes que atendem exclusivamente a terceira idade, tanto de iniciativa privada quanto pública, que propiciam um avanço para o estabelecimento do idoso como cidadão de direito. A produção científica sobre a temática tem tido um aumento considerável desde a década de 70 do século passado (GROISMAN, 2001). No Brasil, o assunto começou a ser pautado em pesquisas durante o VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ocorrido em 1998. A partir de então, houve um crescente número de estudos acerca do tema velhice. A oferta de cursos de graduação e pós-graduação em saúde do idoso, as especializações em Geriatria e Gerontologia, impulsionaram o interesse na área. (BEZERRA; ALMEIDA; NOBREGA-THERRIEN, 2012).

Ainda dentro da universidade se faz importante destacar o programa Universidade Aberta a Terceira Idade, mais conhecido como UNATI ou UATI, a terminologia varia de acordo com o campus universitário no qual o serviço é oferecido. Este projeto tem como objetivo contribuir para a qualidade de vida pós 60 anos de idade, ofertando os mais variados cursos e a oportunidade de aproximação entre a população idosa e a comunidade universitária, ocasionando assim trocas intergeracionais (HADDAD,1986).

A Universidade Aberta a Terceira Idade surgiu na França no ano de 1973, advinda de um movimento nacional que propunha melhores condições de vida e cidadania à pessoa idosa (PACHECO, 2006). No Brasil, a iniciativa se deu em 1982, com a abertura do NETI- Núcleo de Estudos da Terceira Idade, localizado na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. O principal objetivo deste primeiro programa brasileiro foi promover encontros e estudos sobre a temática do envelhecer e a partir daí, difundir conhecimentos técnicos e científicos sobre o envelhecimento humano.

No caso da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), os projetos UNATI despontaram em 1993 (VIDOTTI, 2009). A unidade que colaborou para a realização desta pesquisa está localizada no campus de Assis e surgiu na década de 1990. O programa idealizado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual Paulista (PROEX), ficou conhecido na época como Projeto Universidade Sênior. Seu objetivo era dar visibilidade social a velhice, propondo o idoso não como problema mas sim como patrimônio com potencialidades a serem ainda desenvolvidas e aprendidas, além de promover a integração intergeracional por meio de cursos oferecidos pela comunidade acadêmica dentro do ambiente universitário (MARTINS, 1997). Tais propósitos permanecem até o ano da realização desta pesquisa.

Os avanços sobre o tema envelhecimento não ficaram resguardados nas universidades. Políticas públicas vêm sendo construídas em benefícios dos mais velhos. O marco inicial para elaboração de políticas sociais de assistência e saúde aos idosos se deu com a I Assembleia Mundial sobre Envelhecimento organizada pela ONU, em 1982, na cidade de Viena. O evento contou com a participação de 124 nações, entre elas o Brasil, e houve a elaboração do Plano de Ação para o Envelhecimento que discorria acerca de recomendações e estratégias que envolviam o envelhecimento humano (SANTOS e SILVA, 2013).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 foi o primeiro documento ao qual o idoso aparecia como cidadão de direitos. A partir daí surgiram: a Política Nacional do Idoso (1994); a Política Nacional de Saúde do Idoso (1999); o Estatuto do Idoso (2003); a Política Nacional de Assistência Social (2004); a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006); Contudo, apesar de maior visibilidade social, ainda existem muitos desafios a serem sobrepostos na busca de novos protagonismos (ROZENDO, JUSTO, CORREA, 2010). Se faz urgente a necessidade de ampliação de políticas públicas que potencializem o ser idoso, fomentando sua autonomia e participação nas mais diversas atividades sociais.

Ainda que a realidade social dos velhos não seja ainda a ideal, para muitos a velhice é uma fase especial da vida a qual os prazeres e os sonhos se concretizam, buscando assim, aproveitar intensamente esse momento. De acordo com Silva:

O surgimento da categoria ‘terceira idade’ é considerado, pela literatura especializada, uma das maiores transformações por que passou a história da velhice. De fato, a modificação da sensibilidade investida sobre a velhice acabou gerando uma profunda inversão dos valores a ela atribuídos: antes entendida como decadência física e invalidez, momento de descanso e quietude no qual imperavam a solidão e o isolamento afetivo, passa a significar o momento do lazer, propício à realização pessoal que ficou incompleta na juventude, à criação de novos hábitos, hobbies e habilidades e ao cultivo de laços afetivos e amorosos alternativos à família. (SILVA, 2008, p. 161)

Podemos afirmar, portanto, que não existe apenas uma velhice, mas sim velhices. A maneira como cada um alcança este período dependerá de suas experiências e vivências com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Neste trabalho pretendemos atuar nas diferentes possibilidades de envelhecer, considerando o agir no tempo de cada um, a produção de sentidos e as novas formas de existir no mundo. Queremos explorar a imprevisibilidade diante do que se é esperado do sujeito face à sua idade cronológica. A seguir trataremos sobre o medo de envelhecer ou a negação do envelhecimento tão presentes no contemporâneo.



### CAPÍTULO 3 - ESPELHO, ESPELHO MEU: EXISTE ALGUÉM MAIS JOVEM DO QUE EU?



“Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida”. Esta é a trilha sonora que nos acompanha ano após ano na nossa jornada rumo à velhice. Mas observe quanta ambiguidade possui nestas tão poucas palavras: desejamos muitos anos de vida, quer dizer, desejamos que a pessoa viva tantos anos forem possíveis, afinal, o maior prêmio que ganhamos da vida é o próprio viver. Mas se a velhice é associada a doença, perdas, solidão, dores, depreciação e invisibilidade, por que desejamos que tais circunstâncias acometam quem amamos? É quase impossível encontrar alguém que queira envelhecer em nossa cultura ocidental na atualidade. Certa ocasião ouvi de uma senhora no auge dos seus 80 anos: “*Se eu soubesse que ficar velho era tão bom, teria ficado velha antes*”. Percebe-se que, apesar do elogio à velhice, também há uma negação da mesma a priori. A realidade é que queremos morrer jovens o mais tarde possível.

Infelizmente sou portadora de más notícias para você que espera viver a juventude eterna: os anos de maturidade são numericamente maiores do que os anos em que você viverá em juventude. Em pesquisa realizada pelo Datafolha em 2017, o brasileiro acredita que a juventude acaba em média aos 37 anos<sup>6</sup>, quando algumas pessoas nessa idade nem alcançaram a metade de suas vidas. Em compensação, a maioria acredita que a velhice tem início aos 64 anos de idade (PINTO, 2017). Sobre isto, Magdalena Léa nos reserva a seguinte lição:

A mocidade é curta. A idade madura, que se prolonga na velhice, é a fase de maior duração da vida, e por que havemos de comprometê-la com falsos conceitos, preconceitos e tabus? Devemos quebrar esta cadeia de erros enraizados, de ideias nefastas, condicionadas secularmente. Elas são a causa de nossa incompreensão, da nossa cegueira com respeito a esta fase existencial, que é a mais longa, e nem por ser a última será a mais infeliz” (LÉA, 1989, p. 25)

<sup>5</sup> Autoria de Fabiane Langona – Chipsland. Disponível em: <https://www.instagram.com/chipsland/>. Acesso em Julho de 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938234-brasileiro-diz-que-juventude-acaba-aos-37-e-velhice-comeca-aos-64.shtml> Acesso em Julho de 2018

A juventude hoje é um valor cultural e o corpo é seu capital (GOLDENBERG, 2011), mas nem sempre foi assim: ousamos dizer que ser velho já foi moda. Fazendo um resgate histórico, retornamos ao século XVIII quando o rei Luís XVI, monarca francês conhecido como Rei Sol, lançou tendência ao fazer uso de enormes e pomposas perucas brancas durante seu reinado, acompanhado de sua esposa Maria Antonieta. O uso deste acessório estava associado ao disfarce da calvície e ao status de respeito que a velhice obtinha no período, por isso a cor branca. Este estilo caiu juntamente com as cabeças cortadas nas guilhotinas durante a Revolução Francesa, e o que restaram foram as obras de arte que retratam os monarcas e suas voluptuosas perucas brancas (LIPOVETSKY, 1989).

Avançando para o século XX o padrão dominante relacionado a aparência era o da velhice, que estaria associada a sabedoria, respeitabilidade, autoridade e tradição. A paisagem era composta por jovens que aparentavam ser velhos, seja por meio da indumentária, como Maria Rita Kehl (2004, p.90) relata: “um homem de 25 anos já portava bigode, roupa escura e o guarda-chuva necessário para identificá-lo entre os homens de 50, e não entre os rapazes de 18”. Ou pelo uso de diversos produtos disponíveis no mercado para mentir a idade, sempre para mais:

Tônicos para encorpar e ganhar peso, corantes para barbas e bigodes ralos, óculos e monóculos de vidros grossos e até uma sinistra pomada para amarelar dentes e unhas! Um vasto arsenal, cujo efeito cumulativo deveria somar a mais avançada idade possível para o portador. Novas fortunas se fizeram, do dia para a noite, vendendo pacotes de velhice instantânea (SEVCENKO, 1998, p. 5).

A idade almejada, tanto por homens quanto por mulheres, era a que mais se aproximasse da velhice. Enquanto os primeiros eram reconhecidos pelo seu poder de produção, as segundas eram valorizadas por sua reprodução. Claro que os padrões obedeciam ao machismo em vigor na época, não que seja tão diferente atualmente – mas este é assunto para o próximo capítulo deste trabalho. Assim, era esperado que as mulheres se casassem muito cedo e preferencialmente com homens mais velhos, que lhes traria um ar mais “de senhora”. Se acaso a solteirice se prolongasse por mais tempo que o almejado, a aparência, ainda assim, deveria ser de mulher mais velha. Aquelas que porventura não alcançassem o matrimônio caíam em vexatória, sob a alcunha de solteironas ou raparigas.

Nelson Rodrigues, em sua crônica “O septuagenário nato”, de 1968, faz menção a esta época de valorização da velhice vivida durante seus anos de infância:

Ah, no antigo Brasil era uma humilhação ser jovem. Só me lembro de uma meia dúzia de rapazes. Os rapazes escondiam-se, andavam rente às paredes e, para eles, a velhice era uma utopia fascinante. Por toda a parte, havia uma paisagem de velhos em flor. A palavra do velho parecia soar numa acústica de catedral. Bem me lembro de um de oitenta anos, nosso vizinho. Muitas vezes, por cima do muro, eu o espiava. Ainda por cima, hemiplégico. Pois eu achava linda essa hemiplegia. Com meus sete

anos, gostaria de tremer como ele e de ter a mão entrevada, os dedos recurvos (RODRIGUES, 1993, p.90-91).

O primeiro passo para a mudança de mentalidade, que culminaria na valorização cultural da juventude, ocorre por meio da indústria cinematográfica e o surgimento do *close up* por David Wark Griffith (SEVCENKO, 1998). O rosto cobijado para ampliação do cinema deveria ser jovem, os mais velhos que se aventurassem a expor suas faces nas telas faziam uso de um velho dispositivo que até no nome carrega o disfarce da idade, “a maquiagem que, em francês, significa “*maquile-âge*”, maquiar a idade” (MUCIDA, 2004, p.82).

Mas o grande revés para que o imperativo de juventude se instaurasse como ideal na indústria cultural ocorreu pós Segunda Guerra Mundial. Os anos 1950 foram marcados pela rebeldia jovem diante da inércia do *status quo* estabelecido pelas gerações passadas. No cinema, os filmes como “Juventude Transviada” e “O Selvagem” apresentavam uma nova juventude em busca de autenticidade e de uma nova forma de ser e agir. Na música, o *rock and roll* com Elvis Presley e a Jovem Guarda no Brasil embalaram o movimento jovem ao se desvencilhar das amarras sociais que os prendiam às tradições (SAVAGE, 2009).

A juventude era representada em som e imagem, ganhava voz, e o mercado encontrava um novo nicho de consumo. A mídia, notando este movimento de valorização do juvenil, passou a explorar questões de interesse desta população que, por sua vez, a utilizava para propagar seus hinos como “*faça amor, não faça guerra*” ou ainda “*é proibido proibir*”. Como Jon Savage declarou em seu livro “A criação da Juventude”, “O futuro seria *teenage*” (SAVAGE, 2009, p.498). Assim, o capitalismo, o mercado e a publicidade foram os maiores difusores do ideal de juventude que se mantêm até os dias atuais.

A mídia cotidianamente reverbera o imperativo de juventude, seja por meio da publicidade ou até mesmo por produtos tradicionais da televisão brasileira, como as novelas. Associando a negatividade ao envelhecer e veiculando padrões a serem seguidos, acaba por exaltar aqueles que não aparentam a idade que tem, desconsiderando as condições econômicas, culturais, condicionantes genéticos entre tantos outros fatores que influenciam o envelhecer de cada um, e exclui o corpo velho de suas páginas e folhetins.

Desde Simone de Beauvoir (2018), em seu livro “A velhice”, a reflexão sobre o envelhecer e a exclusão social dos mais velhos ganhou espaço, e ainda é atual sua visão de que, apesar do curso natural da vida, envelhecer não é tarefa fácil, ao menos para a maioria das pessoas. A maior prova do “medo de envelhecer” é o cada vez mais intenso movimento para adiar o processo de envelhecimento, buscando, por meio de procedimentos estéticos, dietas e atividades físicas, manter a aparência jovial tão valorizada nos dias de hoje em

detrimento do que parece ser negativo, o velho. Diante de tal cenário, Rougemont (2016, p. 91) considera que “o envelhecimento ideal é aquele que mais se afasta da ideia de velhice e mais se aproxima da ideia de juventude”. E ainda, segundo Beauvoir (2018, p. 17), “Mudar é a lei da vida. É um certo tipo de mudança que caracteriza o envelhecimento: irreversível e desfavorável – um declínio”.

Somos marcados na pele pelo tempo como tatuagem, portanto, a derrocada do envelhecimento se mostra pelo corpo. Mas por que esta lógica corporal se faz tão relevante nos dias de hoje?

Com o advento da chamada “pós-modernidade” (HARVEY, 1998; BAUMAN, 1998), a plasticidade e pluralidade dos modos de viver afetaram diretamente o curso de vida dos indivíduos, não havendo mais critérios universais capazes de estabelecer em que fase da vida esses sujeitos se encontram e, da mesma forma, quais são os papéis sociais atribuídos para cada etapa da vida (NOVAES, 2011). Com a passagem do século XX para o século XXI, a manipulação da idade cronológica se manifesta a partir da adoção de estilos de vida e por gostos característicos de determinados grupos etários. Além disso, a constante interferência nos corpos, por meio de uso de tecnologias como cirurgias plásticas, cosméticos, medicamentos, exercícios físicos, dietas alimentares, entres outros, objetiva retardar cada vez mais o envelhecimento. Seguindo esta lógica, o corpo serve como comunicador social com o mundo, é o agenciador das subjetividades contemporâneas (op.cit.).

Não se deve perder de vista que o corpo é fabricado pela cultura. Os padrões estéticos seguem a uma lógica que está sempre de acordo com o período sócio histórico vigente, ou seja, para nos integrarmos à sociedade construímos uma “estética” corporal que tende a estar sintonizada com a imagem que nos é exigida culturalmente (BORIS, CESÍDIO, 2007). Para Novaes:

Da moda do corpo ao corpo da moda, o corpo natural se desnaturaliza ao entrar em cena, conforme as exigências impostas pelos modelos vigentes ou pelo poder das normas organizadoras do ethos sociocultural. Mas esse corpo não é apenas passivo: ele transgride, cria, rebela-se porque fala (NOVAES, 2011, p. 478).

Ainda segundo Foucault (1986), o corpo é por onde perpassa as formas de poder e controle. Os saberes do mundo humano, sejam sociais ou individuais, se inscrevem nos corpos, pois a história é experimentada e vivida nos corpos daqueles que vivem ou viveram. É no corpo que estão escritas as histórias não apenas individuais, mas também a história social humana.

O corpo, na atualidade, é investido de significação. Por um lado temos o corpo biológico que nasce, se desenvolve, envelhece e morre. Por outro há o corpo simbólico,

resultado da cultura em concordância com o período histórico vigente, que hoje sinaliza para o midiático, o estético e o fugaz, cuja imagem ideal é a saúde, a jovialidade e a beleza inatingível e eterna (GOLDENBERG, 2008).

Para Mirian Goldenberg (2011) o corpo é visto não apenas como físico, mas também como veículo de ascensão social. Dessa forma, “o corpo é um capital simbólico, um capital econômico e um capital social” (GOLDENBERG, 2011, p. 49). O corpo capital o qual a autora se refere “não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser sempre sexy, jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício.” (op.cit.). Assim, quanto mais belo e jovem, mais valor lhe é agregado. Nos dizeres de Novaes:

O corpo orgânico – a carne – torna-se objeto de mercado (...). Seu status é adquirido por meio de sua jovialidade, de sua beleza, da aparência de felicidade, de seu poder de atração sexual e, finalmente, do quão longo parece ser, isto é, tentativa desenfreada em retardar os efeitos do envelhecimento- medicina/ tecnologia aliadas no combate a morte (NOVAES, 2011, p. 482; 484).

O envelhecer na sociedade atual, imagética e consumista, agregada a mudanças cada vez mais rápidas de conhecimentos e valores culturais, em que objetos, relações e pessoas estão cada mais se tornando descartáveis e mutáveis (BAUMAN, 1998), não parece ser uma experiência muito acolhedora. Moraes (2011, p. 433) complementa: “envelhecer passa a ser visto como um processo manipulado pelo sujeito, gerando discursos que valorizam o autocontrole individual sobre o corpo”.

O esforço por manter-se jovem se conjuga entre as mulheres, cujo corpo é o mais regulado, docilizado e medicalizado, a fim de satisfazer a um ideal social construído, acarretando diversas consequências a elas. Para não ser excluída e invisibilizada, a mulher se pinta, se agulha, se corta e se machuca com o aval de uma sociedade que se propõe a manter esta lógica do envelhecimento não saudável, sofrível e aterrorizante. Segundo Novaes (2011, p. 447):

em uma sociedade imagética, em que o sujeito é definido por sua aparência, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que incidem sobre o corpo - sobretudo o feminino [...] mulher e beleza são historicamente associadas, e a feiura, hoje intimamente ligada a gordura e ao envelhecimento, é a maior forma de exclusão socialmente validada.

Somos ensinadas, desde a infância, a odiar os nossos corpos e o nosso envelhecer. A literatura infantil, que posteriormente ganhou as telas do cinema e da tv, é uma grande colaboradora para exacerbar tal sentimento. A maior representante da velhice feminina nestes contos é a bruxa má e inescrupulosa, capaz de tudo por seu desejo de juventude eterna,

diferentemente dos representantes masculinos, cujo velho é o rei ou o grande sábio. A vilania, por via de regra, fica a cargo de algum personagem feminino.



Imagem do clássico infantil “Branca de Neve e os Sete Anões”<sup>7</sup>

A narrativa de “*Branca de Neve e os sete anões*” é um exemplo clássico da busca pela juventude levada às últimas consequências. A madrasta encarna a bruxa má e invejosa, que a todo custo tenta manter-se bela e jovem. Ao notar que sua beleza está se esvaindo com o passar do tempo e, principalmente, ao ser denunciada como a não mais bela do reino pelo espelho mágico, a bruxa decide por matar a mais nova detentora da beleza que tanto deseja, a Branca de Neve.



Imagem do filme “Enrolados”<sup>8</sup>

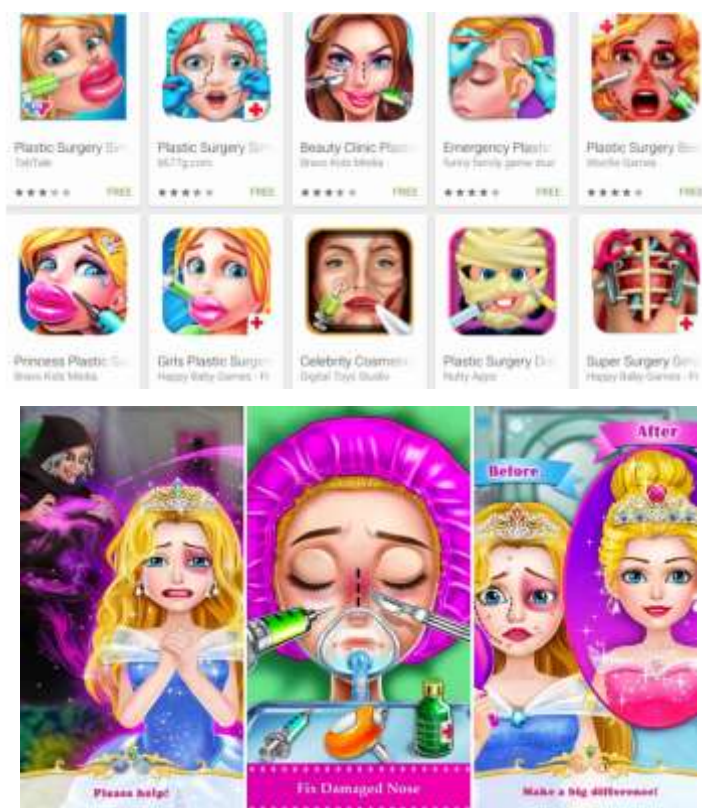
Outro exemplo é Gothel, a bruxa do filme “*Enrolados*”, conto contemporâneo para a história de Rapunzel. Na ficção cinematográfica, a velha bruxa é a única a perceber que uma gota da pura luz do sol atinge o solo criando uma flor com poderes mágicos de cura. Gothel a utiliza para manter-se jovem por centenas de anos, até que a rainha do reino adoece enquanto espera uma criança. A flor misteriosa se torna a fonte de cura para esta última, que toma uma poção feita do vegetal e dá a luz a uma menina dos cabelos dourados como o sol, chamada Rapunzel. A bruxa descobre, então, que o cabelo da princesa possui a mesma habilidade de cura que pertencia à flor, desde que não seja cortado. Gothel sequestra Rapunzel, mantendo-a

<sup>7</sup> Imagem disponível em <http://www.lendoescrevendo.com.br/2013/08/top-3-desenhos-disney-inspirados-em.html>. Acessado em Agosto de 2018.

<sup>8</sup> Imagem disponível em [https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Mam%C3%A3e\\_Gothel](https://disneyprincesas.fandom.com/pt-br/wiki/Mam%C3%A3e_Gothel). Acessado em Agosto de 2018.

isolada em uma torre, criando-a como filha, a fim de continuar a utilizar dos poderes de cura que a mantem jovem.

Outro exemplo contemporâneo são os aplicativos de jogos, especialmente desenvolvidos para celulares *smartphones* e *tablets*, os quais a criança pode “brincar” de cirurgia plástica. Novamente o prelúdio para o jogo consiste na velha má que causou algum dano a bela e jovem princesa, e que precisa ser reparado as custas das intervenções cirúrgicas. Há ainda outros jogos que apenas apresentam uma jovem com impasses estéticos faciais como espinhas, cravos, hematomas e rugas. Os procedimentos apresentados nos jogos, passíveis de execução, vão de rinoplastia à aplicação de toxina botulínica, o famoso *botox*<sup>9</sup>.



Interface dos aplicativos de cirurgia plástica para crianças disponíveis em telefones celulares<sup>10</sup>

É importante salientar que ao digitar as palavras “jogos meninas” nas lojas online, disponíveis em qualquer aparelho celular, estes jogos supracitados são facilmente indicados para meninas, bem como aqueles com temáticas que envolvam maquiagem, culinária, moda, maternidade e *fitness*. Enquanto ao operar o mesmo procedimento, mas utilizando as palavras “jogos meninos”, os temas são corrida, dinossauros, quebra cabeças, super heróis, entre

<sup>9</sup> Botox- Designação dada a uma substância derivada da botulina, usada para tratamentos terapêuticos e cosméticos, em especial para tratamento de rugas. Disponível em :<https://dicionario.priberam.org/botox> . Acessado em novembro de 2018.

<sup>10</sup> Imagens disponíveis na “Play Store” em celulares com sistema operacional *Android*. Acessado em Agosto de 2018.



outros. Observa-se, portanto, que quando se trata de angústias a serem criadas diante do corpo e do tempo, a categoria de gênero faz toda a diferença.

Não é á toa que o Brasil ocupa a segunda colocação no ranking mundial de cirurgias plásticas, isto considerando a população geral. Se apenas nos direcionarmos ao extrato juvenil, o país se encontra na primeira colocação<sup>11</sup>. Ainda segundo o Censo 2016 Situação da Cirurgia Plástica no Brasil<sup>12</sup>, elaborado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), entre os anos de 2014 a 2016 a realização de procedimentos estéticos não cirurgicos tiveram um aumento de 390%, passando de 17,4% para 47,5%. Os tratamento mais procurados são: aplicação de toxina botulínica; peeling; laser e suspensão com fios. Justamente recursos utilizados no combate ao envelhecer.

Além dos métodos mais invasivos, embora não cirúrgicos, estarem em crescimento, o Brasil se encontra na terceira colocação no ranking mundial no consumo de produtos de higiene e beleza. A difusão de tais produtos transcorre por meio da propaganda de cuidados com a pele e o corpo que aparecem estampadas em revistas e, mais recentemente, propagadas por blogueiras em seus sites ou canais na internet. Falemos em especial dos cremes anti-idade ou *anti-aging*, que são indicados para uso a partir dos 20 anos de idade. No entanto, segundo a ABIHPEC (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoa, Perfumaria e Cosméticos), já existe uma forte procura por esses produtos por jovens a partir dos 16 anos de idade.<sup>13</sup>



Anúncio Renew Avon +25 (2013)<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Disponível em <https://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/brasil-lidera-ranking-de-cirurgia-plastica-entre-jovens/>. Acessado em Julho de 2018.

<sup>12</sup> Disponível em <http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2017/12/CENSO-2017.pdf> . Acessado em Julho 2018.

<sup>13</sup> Disponível em <https://abihpec.org.br/abihpec-aumenta-procura-por-produtos-para-pele/>. Acessado em Julho de 2018.

<sup>14</sup> Disponível em [https://www.imgrumweb.com/post/BoMZ\\_h\\_n6OD](https://www.imgrumweb.com/post/BoMZ_h_n6OD). Acessado em Julho de 2018



Os *anti-aging*, tão em voga nos dias atuais, se debruçam na busca da solução de um “problema”: o envelhecimento. Envelhecer, muitas vezes, acaba sendo considerado um processo biológico que se resume a conjuntos de efeitos colaterais do metabolismo que alteram a composição do corpo com o passar do tempo, e por isso, gradativamente sua manutenção e sua funcionalidade ficam comprometidas. Por esta visão, o envelhecer adquire um sentido de declínio que obstrui o progresso e, por esta razão, o *anti-aging* seria uma luta contra sua própria decadência (ROUGEMOUNT, 2016). Portanto, lutar contra o envelhecimento não é somente possível, mas se concretiza em uma realidade científica, uma vez que se compreende que “só é velho quem quer”, desconsiderando diversos outros fatores que interferem neste processo, como as realidades de vida diferentes de cada indivíduo, o contexto social, familiar e econômico de cada um.

Mas será que o creme vale a pena? Diversos autores (LIPOVETSKY, 1989; GOLDFARB, 1998; GOLDENBERG, 2007; DEBERT, 2010; LE BRETON, 2012) versam sobre a indústria do combate ao envelhecimento que responsabiliza o próprio sujeito sobre este processo impossível de ser interrompido. Se algo está envelhecendo, deve ser consertado por meio de cirurgias plásticas, procedimentos estéticos mais variados, dedicação maior à atividades físicas e esportivas, entre outros. Como justificativa para essas mudanças surge o discurso do saudável, no qual todos os processos de *body modification* são respaldados pela busca e cuidado com a saúde. No entanto, esta cultura do corpo não tem nada de saudável, pois utilizam de um dispositivo repressivo, que corrobora para a crescente insatisfação da população, em especial a feminina, com seus corpos, levando à depressão, à medicalização e à violência contra si mesmas.

O mercado, compreendendo que apesar do império da juventude ainda estar em vigor, também visualizou um novo nicho que desponta no horizonte: os novos velhos. Um movimento recente tem marcado a indústria cosmética, no qual algumas revistas e marcas têm abolido o termo “anti-idade” de suas páginas e propagandas e utilizando expressões como “tratamento antissinais”, “*age perfect*”, “*slow age*”, “*age intelligence*”. A ideia vendida é a de que existe beleza no envelhecer, no entanto, a mudança de terminologia apenas denota uma nova maneira de se aproximar e atrair um novo mercado consumidor, uma vez que a indústria continuará produzindo medicamentos e cosméticos que se destinam a retardar o envelhecimento.



Anúncio Avon Renew Platinum (2011).<sup>15</sup>



Anúncio Natura Chronos (2015)<sup>16</sup>

Não podemos deixar de observar que as propagandas dos produtos cosméticos anti-idade prometem não apenas modificar a aparência camuflando a idade (ou mentindo a idade, como na propaganda da Avon), como também assegurariam uma nova atitude diante da vida, mais positiva e feliz. Interessante observar que um dos produtos carrega o nome de *Chronos*, mesmo nome do deus do tempo na mitologia grega, trazendo a alusão de que os usuários de tal produto seriam “senhores” ou “senhoras” do tempo. Mas Magdalena Léa (1989, p. 11) nos lembra que “a marcha do tempo é inexorável. Ninguém pode pará-la, como ninguém pode fazer com que ela retroceda ou se acelere e a ninguém é concedida a possibilidade de fugir de nenhuma de suas etapas”.

<sup>15</sup> Disponível em <https://jzanollo.wordpress.com/2011/05/16/renew/> . Acesso em Julho de 2018

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.leticiabeauty.com/advertising.html> . Acessado em Julho de 2018

Outro fato recente que demonstra o temor ao envelhecimento se traduz nas imagens estampadas nas embalagens de cigarros em circulação no Brasil. A ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) promove uma campanha para conscientização da população em relação aos malefícios trazidos pelo uso dos cigarros por meio de imagens, muitas vezes, chocantes nos invólucros dos mesmos. Na campanha em vigor desde o final de 2017, os avisos fazem menção ao câncer, à cegueira, o parto prematuro e ao aborto, à trombose e à gangrena, ao infarto, à impotência sexual e ao envelhecimento. Assim, o comunicado da ação publicitária evidencia que o envelhecer estaria no mesmo patamar de males oferecidos pelo uso de cigarros como o câncer por exemplo. Reforçando novamente a associação entre o envelhecimento e a doença, além de demonstrar o tamanho apelo negativo do envelhecimento capaz de influenciar a escolha do sujeito em relação ao fumo.



*Anúncio para embalagens de cigarros (2017)<sup>17</sup>*

A associação entre velhice e doença não é recente, a gerontologia e geriatria nasceram a partir desta premissa. A primeira surge em 1903, por Elie Metchnikoff, que reúne a expressão *gero* (velhice) e *logia* (estudo). Portanto, a gerontologia sugeria um campo de investigação multiprofissional e multidisciplinar que atendesse ao estudo exclusivo da velhice, que abarcaria os processos biológicos, psicológicos, sociais e culturais do envelhecimento (PEREIRA, et al, 2009). Já a geriatria foi criada por Ignatz Leo Nascher, em 1909. Esta prática clínica médica se voltava aos processos de senescência e de decadência física, considerando que “a velhice é a etapa necessária da vida na qual o corpo se degenera” (SILVA, 2008, p.158).

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.diarioonline.com.br/noticias/brasil/noticia-473353-embalagens-de-cigarros-ganham-novas-imagens-de-advertencia.html> Acesso em Julho de 2018

Durante um longo período a velhice foi considerada uma doença a ser tratada, e a partir daí surgiram diversas teorias para explicar e assim tentar retardar este processo: “Teoria do desgaste”, que associava o corpo humano a uma máquina que, quanto maior o uso, maior o desgaste; “Teoria do tempo de vida”, baseava-se na ideia de que todos os animais nasciam com certa quantidade de energia vital e alguns a consumiriam com maior rapidez que outros; “Teoria da mutação genética”, explicava que a causa do envelhecimento se dá por meio da mutação genética; “Teoria da não compensação homeostática”, na qual a velhice se apresentaria de acordo com a eficiência do mecanismo homeostático; “Teoria do acúmulo de resíduos”, em que envelhecimento seria provocado pela intoxicação celular; “Teoria das ligações cruzadas”, na qual a velhice é interligada com a função do colágeno no organismo; “Teoria da auto-imunidade”, envelhecimento causado pela diminuição da produção de anticorpos pelo sistema imunológico e a “Teoria dos radicais livres”, na qual o envelhecer é provocado por dano celular causado pela atuação de radicais livre (MASCARO, 1996).

Nenhuma dessas teorias conseguiu o feito de explicar totalmente o envelhecimento e muito menos encontrou uma forma de reverter-lo ou impedi-lo. Assim, é possível afirmar que o envelhecer não se resume a apenas um fator. Envelhecimento implica em componentes biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais e ambientais, trabalhando em conjunto e relacionados entre si (op. cit.). Sobre tais aspectos Simone de Beauvoir escreve:

Ela (a velhice) é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, o estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence. O que torna a questão complexa é a estreita interdependência desses diferentes pontos de vista (BEAUVOIR, 2018, p. 13).

O foco das ciências da saúde em relação ao envelhecimento, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), esteve voltando durante muito tempo ao aumento da esperança de vida. Hoje, o brasileiro, por exemplo, tem a expectativa de viver até os 75 anos aproximadamente, algo impensável há cem anos atrás. Mas atualmente, segundo a mesma organização, a ideia é trabalhar para desenvolver a qualidade de vida neste prolongamento alcançado, a considerada vida ativa. Mais uma vez tomamos a exemplo o Brasil, em que 40% do contingente de pessoas acima dos 60 anos vivem com a saúde comprometida<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> Disponível em <http://portalms.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/44451-estudo-aponta-que-75-dos-idosos-usam- apenas-o-sus>. Acessado em Agosto de 2018

Este novo desafio da medicina e demais ciências da saúde não é tão simples quanto aparenta, pois não basta apenas implementar políticas públicas no campo da saúde ou buscar o controle ou mesmo a cura de certas enfermidades próprias da velhice. O principal obstáculo é compreender e respeitar o que para cada um significa qualidade de vida. Como Costa (2006, p.52) aponta sobre o assunto: “convém frisar que tal condição é valorativa, dependendo, preferencialmente, do julgamento que a própria pessoa faz sobre o seu estado, sendo ela, em determinadas circunstâncias, a única criatura autorizada a opinar sobre o seu real bem-estar”.

Ao passo em que a medicina tradicional se ocupa com as questões supracitadas, existe e persiste uma outra linha científica de pesquisa que traz em seu bojo a abordagem de luta contra o envelhecimento em si, a Biogerontologia – estudo da biologia do envelhecimento. A ideia que orienta os biogerontologistas está presente no conceito, cunhado por Gerald Gruman, de “*prolongevity*”, que se baseia na possibilidade de “significativa extensão da expectativa de vida humana média e/ou esperança de vida sem prolongar sofrimento e enfermidade.”<sup>19</sup> (FISHMAN et al, 2008, p. 295). No entanto, a forma com a qual tais estudiosos pretendem alcançar este objetivo é o que gera desconfiança do meio científico: “curar” o envelhecimento. Os biogerontologistas acreditam que enfrentar as comorbidades advindas do processo de envelhecimento não são totalmente válidas, uma vez que o principal agente causador dessas doenças é o próprio envelhecer.

Eis que entra em cena a Bioética, que pode ser definida como o estudo sistêmico dos princípios morais das ciências e cuidados de saúde e vida, de cunho multidisciplinar, abarcando uma variedade de metodologias éticas (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 2006). Sua aplicabilidade reside em referenciar ou respaldar discussões acerca dos avanços científicos e tecnológicos que tem por objetivo prevenir, promover, tratar e cuidar da saúde dos seres humanos (op. cit). No tocante às questões do envelhecimento, a *Encyclopedia of bioethics*, obra referência neste campo de saber, em sua última edição publicada em 2003 reservou um verbete chamado “*Aging and the aged*”, que contempla os seguintes assuntos: Teorias do envelhecimento e extensão da vida; Expectativas de vida e ciclo vital; Envelhecimento societário; Questões ligadas aos cuidados de saúde e pesquisa; Idosos; Intervenções antienvelhecimento: questões éticas e sociais (POST, 2003).

Repare que uma das preocupações bioéticas revela-se nas atuações médicas antienvelhecimento. A biogerontologia, apesar do exponencial crescimento, especialmente nos últimos anos, ainda é considerada “*forbidden knowledge*” – conhecimento proibido –

---

<sup>19</sup> “*prolongevity*” — a significant extension of average human life expectancy and/or maximum life span without extending suffering and infirmity. (FISHMAN et al, 2008, p. 295)

pois faz parte de áreas de investigação científicas fora dos limites éticos e morais, devido a periculosidade envolvida por seus avanços científicos diante da própria natureza (FISHMAN et al, 2008). Para além disso, as consequências caso os biogerontólogos atinjam seus objetivos impactarão diretamente em diferentes aspectos da vida cotidiana como: políticas públicas, leis laborais e, conseqüentemente, nos processos de aposentadoria, mercado consumidor, gastos em saúde, entre tantos outros. E principalmente, como ocorreu no passado também com respaldo da ciência, igualar velhice à doença apenas acarreta denominações e classificações que delimitam a velhice e não reconhecem as potencialidades que advém com a passagem do tempo.

Há um consenso na medicina que considera o envelhecimento um processo comum e suscetível a qualquer ser vivo. Reimaginar, reinventar e vislumbrar uma nova forma de envelhecer que seja saudável e agradável a todos é de suma importância. Mas tudo o que foge da perspectiva do aceite do processo de envelhecimento pode cair facilmente nas concepções do conceito de Idadismo, também conhecido como Ageísmo ou Etarísmo. Que nada mais é do que o “preconceito baseado na idade que ocasiona a discriminação contra as pessoas vistas como idosas e contribui para a sua marginalização e eventual exclusão social.” (CASTRO, 2015, p.41).

O Idadismo, ainda que pouco discutido no meio acadêmico, é muito disseminado nas relações sociais cotidianas. Novamente recorreremos ao aparato midiático para demonstrar os efeitos ou ainda as formas com as quais o Idadismo está impregnado em nossa sociedade. Frequentemente nos deparamos com notícias ou falas de pessoas ligadas ao meio artístico que expõem a dificuldade em lidar com o envelhecimento em tempos de desvalorização da velhice. E não apenas os mais velhos são atingidos por este ditame, mas também os jovens frequentemente são cobrados ou exaltados por manterem a aparência jovial. Um sinal significativo disso é que um dos maiores elogios que se pode dar a alguém é dizer que o sujeito não aparenta a idade que tem, enquanto ao primeiro sinal de rugas o apontamento é feito de imediato. Especialmente neste momento em que as redes sociais ganham força, este registro da velhice é acompanhado de perto e, muitas vezes, com requintes cruéis.

*“Que velhice? Não chegou e nem sei a que horas vai chegar. Para mim, o maior xingamento é ser chamada de velha. Há muito preconceito no Brasil. É como ser chamada de vagabunda, ladra” - Susana Vieira, 76 anos, para Veja Rio<sup>20</sup>*

*“Velha baranga, sem espelho, e outras ofensas que, passada a raiva, me fizeram pensar na burca. Então querem que eu vá à praia de burca, que eu me esconda, que me envergonhe de ter envelhecido? E a minha liberdade? Depois de tantas*

<sup>20</sup> Disponível em <https://vejario.abril.com.br/cidades/prima-dona-da-tv-a-atriz-susana-vieira-estreia-o-musical-barbaridade-espetaculo-sobre-a-terceira-idade-no-teatro-oi-casagrande-no-leblon/>. Acesso em Julho de 2018

*restrições alimentares, remédios para tomar, exercícios a fazer, vícios a evitar, todos próprios da idade, ainda preciso andar de burca? E o prazer, a alegria, meu humor?" – Beth Faria, 77 anos, para revista Lola.<sup>21</sup>*

*"Elas têm mais de 50 anos! Christine Fernandes e mais famosas que arrasam" – Notícia do portal UOL.<sup>22</sup>*

O combate ao Idadismo é uma das pautas levantadas pela ONU (Organização das Nações Unidas) em relação ao processo de envelhecimento, e está incluído no Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento, também conhecido como "Plano de Madrid", elaborado durante a Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento que ocorreu na cidade de Madrid no ano de 2002. O documento traz diversas recomendações que buscam incentivar a inclusão social do velho, que auxiliaria na construção de uma sociedade mais igualitária, a partir de três direções prioritárias: a) processo de desenvolvimento e a participação dos idosos; b) fomento à saúde e bem estar na velhice; c) concepção de ambiente propício e favorável ao envelhecer. Dentro desta última orientação um conjunto de medidas são propostas a fim de motivar a difusão de imagens positivas do envelhecimento nos meios de comunicação midiáticos, como podemos conferir a seguir:

- a) Elaborar e promover amplamente um marco normativo onde haja responsabilidade individual e coletiva de reconhecer as contribuições passadas e presentes dos idosos, procurando resistir a mitos e ideias pré-concebidas e, conseqüentemente, tratar os idosos com respeito e gratidão, dignidade e consideração;
- b) estimular os meios de comunicação de massa a promover imagens em que se destaquem a sabedoria, os pontos fortes, as contribuições, o valor e a criatividade de mulheres e homens idosos, inclusive de idosos com incapacidades;
- c) estimular os educadores a que reconheçam e incorporem em seus cursos as contribuições feitas por pessoas de todas as idades, inclusive as idosas;
- d) estimular os meios de comunicação a transcender a apresentação de estereótipos e ilustrar a diversidade plena da humanidade;
- e) reconhecer que os meios de comunicação são precursores da mudança e podem atuar como fatores de orientação na promoção do papel que toca aos idosos nas estratégias de desenvolvimento, inclusive nas zonas rurais;
- f) facilitar as contribuições de mulheres e homens idosos na apresentação de suas atividades e preocupações por parte dos meios de comunicação;
- g) estimular aos meios de comunicação e os setores público e privado a evitar a discriminação por razões de idade no emprego e apresentar imagens positivas de pessoas idosas;
- h) promover uma imagem positiva das contribuições das mulheres idosas a fim de aumentar sua auto-estima. (ONU, 2002, p.73)

Durante estes dezesseis anos após a elaboração dessas medidas, pudemos observar algumas peças publicitárias que propuseram utilizar modelos velhas para promover marcas ou produtos em campanhas. Acostumados a serem alvo de chacota ou inconvenientes na mídia, o idoso passou a ter sua imagem valorizada, principalmente pela moda. Claro que este

<sup>21</sup> Disponível em <https://celebridades.uol.com.br/noticias/redacao/2013/07/04/querem-que-eu-va-a-praia-de-burca-diz-betty-faria-apos-ser-chamada-de-velha-por-usar-biquini.htm> . Acesso em de Julho de 2018

<sup>22</sup> Disponível em <https://tvefamosos.uol.com.br/listas/christine-fernandes.htm> . Acesso em Julho de 2018



movimento é ainda recente e discreto, mas talvez pela publicidade compreender que existe aqui um novo nicho de mercado a ser explorado, os idosos têm ganhado visibilidade como nunca antes.



Primavera/ Verão 2015 da Dolce & Gabbana<sup>23</sup>



Capa da Vogue Itália Outubro de 2017<sup>24</sup>

Os avanços devem ser comemorados, porém temos um longo caminho a ser percorrido. Alguns tabus que persistem em se relacionar com o envelhecer ainda não foram superados, e por mais que a intenção seja refletir uma imagem positiva do idoso, por vezes alguns assuntos “proibidos” se tornam maiores que a intenção inicial. A exemplo temos a

<sup>23</sup> Disponível em <https://www.lilianpacce.com.br/e-mais/dolce-gabanna-campanha-senhora/> Acessado em julho de 2018

<sup>24</sup> Disponível em <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2017/10/aos-74-anos-lauren-hutton-e-cover-girl-da-vogue-italia.html> Acessado em Julho de 2018



propaganda televisiva dos chinelos Havaianas, na qual uma avó orienta sua neta sobre casamento e sexo. O vídeo de trinta segundos recebeu tantas críticas que acabou sendo retirado do ar. A problemática desta peça publicitária não envolveu a imagem da idosa, mas sim o assunto ao qual o velho é interdito, o sexo.



*Comercial Havaianas 2009<sup>25</sup>*

Apesar de todos esses esforços, o medo de envelhecer se encontra cada vez mais em pauta. Talvez a explicação para a busca incessante pela fonte da juventude esteja intrinsicamente coadunado por um pavor ainda maior, a nossa finitude. Afinal, se não envelhecemos, então, não morremos. Segundo o levantamento da Datasus – sistema do Ministério da Saúde – entre os anos de 1996 e 2015, dois milhões e setecentos mil pessoas morreram até 39 anos, das mais diversas causas, e não tiveram a chance de se autoproclamarem velhos. Estes dados revelam que a morte não está apenas à espreita da velhice, ela é inerente a todos e independe da idade.

Não ignoramos o fato de que morrer aos 40 anos é bem menos frequente do que morrer aos 80 anos, mas este fato apenas nos apresenta uma realidade que queremos manter distante: de que a morte é um processo natural. Se todas as histórias têm começo, meio e fim, por que a nossa história seria diferente? Dentre todos os animais, o homem é o único que tem

<sup>25</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KxgTJMZo8Kg> . Acessado em Julho de 2018

consciência de sua morte, é isto que nos aproxima da crença na imortalidade e nos afasta de tudo o que é relacionado a morte no cotidiano. Como afirma Nibert Elias:

podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível — encobrindo e reprimindo a ideia indesejada — ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade — ‘os outros morrem, eu não. (ELIAS, 1983, p. 6)

Antes da nossa morte concreta, passamos por processo de mortes simbólicas durante toda a nossa vida. A perda da juventude é uma delas, e se a morte é considerada um fracasso, reprimimos ao máximo o que nos coloca próximo a ela. Assim, utilizamos toda e qualquer ferramenta para suprimir os efeitos do tempo, e mergulhamos na ilusão de que ao menos a morte se encontra distante. No próximo capítulo discorreremos sobre o feminino neste mundo ditado pelos imperativos juvenis e o que se espera de uma mulher em processo de envelhecimento.

## **CAPÍTULO 4 - AMÉLIA É QUE ERA MULHER DE VERDADE? DA CONSTRUÇÃO E DOMINAÇÃO PATRIARCAL À RESISTÊNCIA FEMININA NO CONTEMPORÂNEO.**

*Triste louca ou má  
 Será qualificada  
 Ela quem recusar  
 Seguir receita tal  
 A receita cultural  
 Do marido, da família  
 Cuida, cuida da rotina  
 Só mesmo rejeita  
 Bem conhecida receita  
 Quem não sem dores  
 Aceita que tudo deve mudar  
 Que um homem não te define  
 Sua casa não te define  
 Sua carne não te define  
 Você é seu próprio lar  
 Ela desatinou  
 Desatou nós  
 Vai viver só  
 Eu não me vejo na palavra  
 Fêmea: Alvo de caça  
 Conformada vítima  
 Prefiro queimar o mapa  
 Traçar de novo a estrada  
 Ver cores nas cinzas  
 E a vida reinventar  
 E um homem não me define  
 Minha casa não me define  
 Minha carne não me define  
 Eu sou meu próprio lar  
 Ela desatinou  
 Desatou nós  
 Vai viver só  
 (Composição: Juliana Strassacapa)*

Ser uma pesquisadora em Psicologia tem suas delícias, pois esta ciência nos permite adentrar aos recantos daquilo que nos toca. Este processo quase arqueológico, e porque não dizer terapêutico, requer escavações tão intensas quanto minuciosas, em busca de descobertas talvez doloridas, talvez apaixonantes, talvez revoltantes. Parafraseando Castañeda (2006, p.13) “o machismo não é apenas algo que conheço, mas algo que experimentei”, me debruço nesta escrita cheia de afetos e trago, neste capítulo, as experimentadoras e principais vítimas do machismo estrutural, as santas, as deusas, as bruxas, as loucas, as jovens, as velhas, elas, eu, nós mulheres.

Diversos autores apontam a dificuldade de versar sobre a relevância do feminino na História da Humanidade (MURARO, 1993; NUNES, 2000; MARTINS, 2004; EMMERICK, 2007; TEDESCHI, 2012), visto que o olhar masculino sempre predominou na construção dos mais diversos saberes e, assim, restou à mulher apenas o espaço da desqualificação,

submissão e inferioridade. Duby e Perrot, no livro “História das Mulheres no Ocidente”, apontaram este inconveniente historiográfico e se perguntam: “voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história?” (DUBY e PERROT, 1990, p. 07).

Inspirada por Donna Haraway em seu texto Saberes Localizados (1995), rastreei pelos caminhos de alguns dos diferentes discursos como o religioso, o filosófico, o médico, o psicológico, em busca deste feminino que existe e que resiste em uma sociedade patriarcal que serve a normativa masculino-heterossexual-classe média- religioso- capitalista- ocidental.

#### 4.1 Os discursos do silenciamento

“O mundo sempre pertenceu aos machos” decretou Simone de Beauvoir (2016, p.95). O feminino sempre foi marcado por seu papel inferior e secundário nas relações sociais e culturais ocidentais. Somos, como explicitado no título da famosa obra feminista da autora supracitada, o Segundo Sexo. O fato é que o feminino nunca foi ignorado na história, mas sua importância e seu papel como participante fundante da construção da humanidade sim. Afinal, a perspectiva dos escritos sempre foram do masculino, textos escritos por homens e que a estes lhes serviam (MURARO, 1993).

A História sempre foi uma profissão de homens que escreveram a história dos homens, apresentada como universal, na qual o “nós” é masculino e a história das mulheres desenvolve-se à sua margem. Estes homens descreveram as mulheres, foram seus porta-vozes, e com esse procedimento as enclausuraram, tornando-as invisíveis. (COLLING, 2014, p. 12).

Tedeschi (2012) na obra “As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica” aborda o discurso filosófico como uma das primeiras representações históricas a renegar e inferiorizar o papel do feminino na história. A começar por Platão (427- 347 a. C.), que afirmava que as mulheres seriam reencarnações de homens indignos, uma vez que, em suas primeiras existências não teriam assumido as condições de poder e saber destinadas ao masculino. Covardes ou incapazes de assumir os rumos de suas vidas, conforme os princípios éticos, além de não colaborarem com a produção de conhecimento na época, retornaram como inferiores, isto é, como mulheres.

Ainda segundo Tedeschi (2012), Hipócrates (460-377 a. C.) considerado o pai da medicina, debruçou-se sobre as diferenças corporais entre o feminino e o masculino, constituindo “verdades” acerca da constituição biológica de cada um. Para o filósofo, o corpo da mulher era úmido e frio por sua estrutura assemelhar-se a um tecido de lã, enquanto o

corpo masculino era seco e quente por abrigar uma trama mais densa e apertada, não permitindo a retenção de líquidos.

Hipócrates também desenvolveu a teoria do útero animal ou útero errante, considerando que este percorria todo o corpo, até fixar-se a outro órgão o que causaria grande incômodo as mulheres. Se o útero prendia-se ao fígado a mulher perdia a voz, se o útero fosse para a cabeça os sintomas eram dores no nariz e abaixo dos olhos, o quadro mais grave seria do útero ir em direção ao coração ou vísceras pois provocaria sufocamento. Para que estes males não ocorressem a mulher teria que procriar, a fim de manter o útero em seu devido lugar (STIGGER, 2015). Esta foi a primeira tentativa de reduzir a mulher à reprodução. Todos estes deslocamentos estão relatados no texto “Na Natureza da Mulher” de Hipócrates que serviu como base de estudos para a histeria, palavra esta que “deriva do grego *hystéra*, conexo ao latino *utērus*, de onde vem útero em português” (STIGGER, 2015, p.12).

Tedeschi (2012), Nunes (2000) e Martins (2004) trazem, ainda, as contribuições de Aristóteles (384- 322 a. C) que, aproveitando-se dos pensamentos desenvolvidos anteriormente por Hipócrates, afirma que os corpos dos seres vivos estariam em consonância com uma ordem organizadora cósmica natural, classificatória e hierárquica. Todo o corpo terrestre seria produzido a partir de quatro elementos básicos: fogo (quente e seco), terra (fria e seca), ar (quente e úmido) e água (fria e úmida). A hierarquia se propagava a partir destes elementos da seguinte forma: substâncias quentes e secas simbolizavam a perfeição, portanto, eram superiores. Já as frias e úmidas eram inferiores, pois lhes faltaram o precioso calor vital na sua composição

Deste modo, o topo da cadeia dos seres vivos era ocupado pelo homem, dada sua natureza quente e seca, em seguida vinha a mulher, a qual, por sua natureza fria e úmida, era considerada inferior. Para Aristóteles o homem seria o responsável pela geração da vida, uma vez que seu calor vital seria o único capaz de esquentar o sangue necessário para a formação da vida, ao contrário da mulher, que por sua natureza fria e úmida, seria ela elemento passivo, o solo a germinar a semente masculina (NUNES,2000).

A fêmea sempre fornece o material, o macho fornece o que molda, pois esse é o poder que nós dizemos que eles possuem, e isso é o que faz deles macho e fêmea... enquanto o corpo é da fêmea, a alma é do macho. Os princípios de macho e fêmea podem ser desconsiderados, primeiro e antes de tudo quanto às origens da geração; o primeiro contém a causa eficiente da geração e o último a causa material. (ARISTOTELES, apud TEDESCHI, 2012, p. 52)

Cumprir notar que há semelhanças entre este modelo de pensar a mulher como criatura do homem, uma vez que ele seria o responsável pela geração da vida, com o mito religioso judaico-cristão de Adão e Eva. Em *Gênesis* a criação do mundo e da própria mulher são atos

masculinos - “Então o homem exclamou: ‘Essa sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher porque foi tirada do homem’” (BÍBLIA, GÊNESIS, 2-23).

Um Deus poderoso, de acordo com os princípios das religiões de base judaico-cristã, teria criado o mundo, com todas suas maravilhas e riquezas, além de ter feito o homem à sua imagem e semelhança (Adão). Para minimizar a solidão do homem, Deus retirou uma de suas costelas e concebeu a mulher (Eva). Viveriam felizes no paraíso, em harmonia com a natureza, mas com uma ressalva: a de que não comessem o fruto de uma única árvore dentre todas, a árvore do conhecimento. Persuadida pela serpente maligna, Eva não apenas comeu do fruto como ofereceu a Adão que também o provou. Foram expulsos do paraíso como castigo pela desobediência cometida. O homem, a partir de então, foi obrigado a semear e ganhar o pão por meio do suor de seu trabalho – “Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado” (BÍBLIA, GÊNESIS, 3- 19) - e a mulher foi condenada a submissão do marido e a parir na dor – “Vou fazê-la sofrer muito em sua gravidez; entre dores, você dará à luz a seus filhos; a paixão vai arrastar você para o marido e ele a dominará (BÍBLIA, GENESIS, 3 – 16).

Retornemos ao discurso filosófico a versar sobre o feminino. Galeno, seguindo a leitura de Aristóteles, formulou um modelo a partir da natureza anatômica dos órgãos reprodutores. Para o autor, as genitálias femininas e masculinas não eram substancialmente divergentes, pois a diferença residia na localização do aparelho em si, na mulher internamente e no homem externamente. Assim, a inferioridade feminina, no jogo hierárquico dos seres terrenos, estava na sua incapacidade de produzir calor o suficiente para exteriorizar seu órgão sexual como ocorria nos homens (NUNES, 2000). A mulher então seria a versão imperfeita do homem, tomado como parâmetro de perfeição para todos os seres vivos. Em alinhamento com esta ideia de perfeição masculina e o subjugo de imperfeição feminina, São Tomás de Aquino (1225-1274), também ávido leitor de Aristóteles, afirmava que a mulher não passava de um macho deficiente:

Na sua natureza particular, a fêmea é um ser deficiente e falho. Porque a virtude activa, que está no sêmen do macho, tende a produzir um ser perfeito semelhante a si, do sexo masculino. Mas o facto de ser a fêmea a gerada provém da debilidade da virtude activa, ou de alguma indisposição da matéria; ou ainda, de alguma transmutação extrínseca, p. ex., dos ventos austrais, que são úmidos, como diz Aristóteles. (AQUINO apud TEDESCHI, 2012, p. 73)

Novamente podemos traçar uma analogia dos pensamentos filosóficos explicitados e o escrito de *Gênesis*, pois apesar de homem e mulher terem desobedecido à ordem de Deus e comido o fruto proibido, a culpa da transgressão recaiu sobre a mulher, que se tornou a grande culpada pelas dores da humanidade. Eva simboliza a traição, a tentação, a desobediência, os

desejos e pecados da carne, isto é, a mulher é a imperfeição encarnada (PINHEIRO e ÁLVARES, 2017). Estes predicados que perseguem o feminino através dos tempos, respaldados pela ciência e santificados pelos escritos bíblicos, serviram de justificativa para a morte de muitas mulheres durante a Idade Média pela inquisição e ainda hoje resultam em um crescente número de casos de violência contra a mulher, pois sua imagem se associa como ser inferior ao homem, subordinada à figura masculina, pecadora, culpada e desobediente.

Segundo o livro sagrado dos inquisidores *Malleus Maleficarum*, traduzido para o português como O Martelo das Feiticeiras, de Heinrich Kraemer e James Sprenger publicado em 1487 e que ainda hoje pode ser facilmente encontrado nas livrarias, apropriando-se desta leitura sobre imperfeição inata da mulher, a relaciona com a criação de Eva. A falha repousa sobre a escolha de uma costela recurva como obra prima para a criação da mulher, assim, a falha de caráter se instaura como ingênita, ao contrário da retidão do homem, portanto “a mulher seria um animal imperfeito, que decepciona e mente sempre” (KRAEMER e SPRENDER, 1991, p.116).

A caça às bruxas ocorrida entre os séculos XIV e XVIII não passou de um instrumento de controle social, que ligava a transgressão sexual à transgressão da fé, validada por Eva no mito de Gênesis explorado até aqui. A arte da cura era ofício feminino na Idade Média, praticada por meio de conhecimentos empíricos, aperfeiçoados de geração em geração por mulheres e para mulheres. No entrando, a medicina era função do masculino, treinado nas universidades para exercê-la. Curandeiras, parteiras, cirurgiãs, farmacêuticas foram pouco a pouco sendo proibidas de realizarem tais trabalhos sobre a acusação de estarem praticando atos de bruxaria (MURARO, 1993, 2009).

Para descreditar o trabalho das mulheres no campo médico, com ajuda do Estado e da Igreja, associou-se as práticas de curadoria femininas com o maligno afirmando que “seu saber e seus misteriosos poderes só podiam ter sido adquiridos por meios ilícitos, pactuando com o demônio” (TOSI, 1998, p. 375). Para além dessa associação, fortalecia-se o estereótipo de inferioridade dado à mulher e a repressão de sua sexualidade foi intensificada. Este seria um dos primeiros passos na constituição do corpo dócil, conforme constata Michel Foucault (1984) em sua obra A História da Sexualidade. Sobre tais colocações Tosi (op.cit) afirma: “dada sua fraqueza física e moral, sua limitada inteligência, sua carência de raciocínio, sua sexualidade incontrolável e sua lubricidade, a mulher era a vítima privilegiada de Satã”.

A velhice entra como demarcador desse feminino perseguido. As mulheres velhas e pobres eram as principais portadoras destes saberes curadores proibidos, por isso foram as primeiras acusadas e mortas por atos de bruxaria. A imagem estereotipada da bruxa velha e

má foi sendo forjada desde a Idade Média e perdura até os dias atuais, vide as histórias infantis. Conforme o passar dos séculos qualquer mulher era suspeita em potencial, especialmente aquelas “sem donos”, isto é, sem pai ou marido (TOSI, 1998; MURARO, 2009).

A partir do século XII o paradigma proposto de Aristóteles e Galeno com relação ao feminino começava a ser questionado, culminando no surgimento da “ciência sexual” no século XVIII. Neste período a separação entre masculino e feminino pelo calor corporal cai por terra e, inspirados pelo pensamento cartesiano, os filósofos da época afirmavam que homens e mulheres compartilhavam da mesma razão, mas a diferença sexual entre eles residia nos órgãos reprodutores. Diante de um novo pensamento libertário e supostamente igualitário que emergia no horizonte devido ao momento histórico recheado de transformações políticas, sociais, e econômicas típicos da entrada para modernidade, não havia maneira de sustentar a subordinação da mulher amparados pelas teorias anteriores. O feminino passa a ser estudado com exatidão a fim de arquitetar uma “nova” estrutura social, o que, em realidade, significava encontrar uma nova explicação para a hierarquia que orientava e continuaria a orientar homens e mulheres (NUNES, 2000; MARTINS, 2004; EMMERICK, 2007; TEDESCHI, 2012)

A filosofia iluminista voltou-se primeiramente à natureza para explicar as diferenças humanas. Sobre tal aspecto Martins (2004) versa:

Se por um lado, a filosofia defendia a dignidade natural dos seres humanos, sustentando os argumentos em favor da liberdade e da igualdade; por outro, utilizava-se das mesmas leis naturais para justificar as desigualdades sociais ao afirmar que a Natureza não era uniforme e que a existência de diferenças naturais entre os seres humanos podia explicar o motivo pelos quais alguns eram aptos a assumir responsabilidades, a explicar as coisas e a comandar, enquanto outros, por um impedimento natural, estavam destinados a obedecer, a serem explicados e a se subordinarem. (MARTINS, 2004, p. 30)

Percebe-se que o caráter ideológico estava expresso na nova concepção filosófica acerca do feminino. As leis inexoráveis da Natureza passaram a servir como álibi na manutenção hierárquica do masculino como superior. A inferioridade e subordinação política da mulher diante do homem passou a ser explicada pelas características “naturais” da primeira, como estrutura física menor, a passividade, a sensibilidade, a delicadeza, assim as mulheres ficaram conhecidas como o sexo frágil, estereótipo ainda tão presente atualmente. Rousseau (1712-1778) foi o principal colaborador desta nova perspectiva baseada na diferença sexual que permearia e moldaria as subjetividades de homens e mulheres. De acordo com Nunes:



Para Rousseau a mulher não seria nem inferior, nem imperfeita, ao contrário, ela seria perfeita para sua especificidade, dotada de características biológicas e morais condizentes com as funções maternas e a vida doméstica, enquanto os homens seriam mais aptos à vida pública, ao trabalho e as atividades intelectuais (NUNES, 2000, p.38)

O que Rousseau constrói com este pensamento é um discurso que legitima a ligação entre a feminilidade, a maternidade e a esfera doméstica como algo inerente e natural no feminino. Assim, qualquer comportamento que escapasse desta norma deveria ser repreendido. A maternidade não apenas solidificou um destino dito “natural” para as mulheres, como também as aprisionou em ambientes domésticos, enclausuradas em casamentos, dependentes de seus maridos. A autora Mary Del Priore (1993, p.195) atesta que “a domesticação da mulher passara inelutavelmente pela maternidade dentro do casamento normatizado. Fora dele, era tida como um ser disposto a provar todas as irregularidades decorrentes de fluxos internos e não organizados para a procriação”. Isto posto, consuma-se o controle principalmente sobre a sexualidade feminina, devido a regras impostas como a castidade, a virgindade e a fidelidade (NADER, 1997).

Eis novamente a religião entrelaçando os discursos. Desta vez podemos relacionar este destino materno e doméstico com a bendita entre as mulheres Maria, que encarna a figura feminina ligada a maternidade ao dar à luz a Jesus Cristo no cristianismo. Ela reconhece seu destino materno como natural, apesar de todo o sofrimento que iria lhe recair ao carregar em seu ventre o filho de Deus. Além de mãe zelosa, era livre do pecado original por engravidar de maneira assexuada e permanecendo nesta condição, apesar de casada com José, por sua fidelidade a Deus. Assim Eva é o pecado e a agente de Satã, enquanto Maria é a virtude e a docilidade.

No cristianismo, podem ser identificados dois paradigmas do feminino que, ao longo do tempo, vêm enquadrando a percepção social das mulheres, contribuindo para a criação dos seus modelos de auto-representação. Estes paradigmas são “encarnados” por duas mulheres centrais na tradição católica, Eva e Maria, que, curiosamente, possuem características antagônicas. De fato, estas figuras são tipos que se destinam a expressar de forma oposta para as mulheres. (TEDESCHI, 2012, p. 60)

Esta dicotomia serviu de base para a construção de mecanismos regulatórios sobre a identidade feminina. Compactuando com a moral cristã, representada em Maria e Eva, reforça uma dupla imagem da mulher: a primeira carrega a ideia do ser frágil, passivo, dependente do outro, em especial dos homens, primeiro o pai, depois o marido, a seguir o filho, nunca questionadora, sempre obediente; a segunda é tentadora e extremamente sexualizada, sendo um risco ao modelo familiar burguês (MURARO, 1993; NADER, 1997; TEDESCHI, 2012).

Entra em cena o discurso médico a exercer esta função de classificador entre o normal e o anormal brilhantemente destinando ao feminino um saber especializado: a ginecologia.

Sob a escusa de gerenciar o bom desempenho de suas funções reprodutivas, a medicina transformou o corpo da mulher em objeto passível de análise e mensuração, capaz de categorizar e separar as puras das impuras, as libidinosas das recatadas, as putas das santas, as Marias das Evas (EMMERICK, 2007). A finalidade última para tal ato recai sobre a pretensão de repressão, dominação e controle da mulher, a fim de minimizar os riscos à ordem social vigente. Estes mecanismos de domínio sobre o corpo e sexualidade femininas por meio dos saberes científicos higienistas e educacionais é chamado de biopoder por Foucault (1984).

As consequências desses ditames sociais foram extremamente violentos na composição das subjetividades femininas, pois moldou-se um padrão de mulher casta, perfeita e frágil. Seu único destino repousava sobre o casamento e a maternidade, que incluía severa vigília sobre seus desejos sexuais para não sucumbirem aos seus estigmas negativos, degenerativos e ameaçadores (NUNES, 2003). Logo, não é surpreendente que Freud tenha dado os primeiros passos na criação da teoria psicanalítica a partir de experiências femininas. Alguns autores acreditam que o pai da psicanálise comunga com a ideia da medicina do século XVIII de imperfeição e subalternidade próprias do feminino, como é o caso de Nunes (2003, p.5) que afirma: “Marcadas por uma masculinidade excessiva que tem de ser abandonada ou por uma falta que as deixa eternamente inferiorizadas e invejosas, as mulheres teriam dificuldades em ajeitar-se com seus corpos e sua sexualidade sempre problemáticos”.

O legado de toda esta produção sob o olhar masculino, portanto misógina, está exposto nos diversos modos de violência contra as mulheres presentes no contemporâneo. O 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2018) apresenta dados alarmantes com relação às violências sofridas pelas mulheres em diversos âmbitos. Seguem alguns dados: no ano de 2017 houve aumento de 6,1% no número de homicídios de mulheres. Foram registrados 4.539 assassinatos, sendo que 1.133 foram relacionados ao feminicídio.<sup>26</sup> No que concerne à violência doméstica, no mesmo ano foram apontados 221.238 casos de lesão corporal dolosa enquadrados na Lei Maria da Penha<sup>27</sup>, sendo que este número representa um

---

<sup>26</sup> “O feminicídio é a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante.” Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (Relatório Final, CPMI-VCM, 2013) Disponível em <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/feminicidio/>. Acessado em Agosto de 2018

<sup>27</sup> (Lei nº 11.340) Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação

total de 606 casos por dia. Sobre o estupro, houve aumento de 8,5% em relação a 2016, contabilizando 60.018 estupros em 2017. Estes dados colocam o Brasil na 5ª posição entre os países que mais matam mulheres no mundo todo.

É importante lembrar que estes dados são subnotificados, uma vez que muitas mulheres não se sentem à vontade para denunciar às violências sofridas. O ditado popular “*em briga de marido e mulher não se mete a colher*” ainda impera devido a ideologia patriarcal imposta. Se tomarmos como perspectiva o exemplo do Estados Unidos, o qual apenas 15% dos casos de estupro são notificados, a prevalência deste abuso no Brasil ficaria entre 300 mil a 500 mil casos por ano. O que choca neste retrato não são apenas os números, mas os locais e quem pratica tais atos de violência contra as mulheres. Segundo dados do “Mapa da Violência: Homicídio de Mulheres no Brasil”, de 2015, em 27,1% dos casos notificados, o local no qual decorreu a violência foi o próprio domicílio da vítima e em 67,2% das ocorrências o agressor era algum familiar, parceiro ou ex-parceiro. No caso das mulheres velhas, que são o escopo deste nosso estudo, em 34,9% os autores das agressões foram os filhos.

Para dimensionar a gravidade da situação de violência a qual as mulheres brasileiras são expostas foi criado um site chamado Relógios da Violência<sup>28</sup> pelo Instituto Maria da Penha, que utiliza dados da pesquisa DataFolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, realizada em 2017, em 130 municípios brasileiros. A partir desses dados, o site quantifica por tempo as violências sofridas pelas mulheres no Brasil, o que resultou nos seguintes números: a cada 2 segundos uma mulher sofre violência verbal ou física; a cada 6.9 segundos uma mulher é vítima de perseguição; a cada 16.6 segundos uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo; a cada 22.5 segundos, uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento; a cada 1.4 segundo, uma mulher é vítima de assédio; entre outros dados.

Ainda falando sobre situações de abandono e violências, não podemos ignorar outra agressão sofrida pelas mulheres, devido à ligação natural do feminino com a maternidade: o abandono paterno. Nos dias atuais, podemos assistir aos resultados deste pensamento difundido, pois segundo o Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística estamos vivendo uma epidemia de abandono paterno. Estima-se que 5,5 milhões de crianças não teriam o nome

---

contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm))

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.relogiosdaviolencia.com.br/>. Acessado em outubro de 2018

do pai em seus registros de nascimento, forçando a mulher a arcar com todas as despesas na criação dos filhos às custas de seus desejos, sonhos e vontades.

O que autoriza tamanha violência contra as mulheres no decorrer dos séculos e que se perpetua até o contemporâneo, como descrito nos dados acima, as amarras delimitadas por diversos nuances do patriarcado, com grande contribuição científica. A começar pelo controle da mulher por seu corpo e sexualidade, reverberando sobre a feminilidade e maternidade como destinos para mulheres guiadas pelo biológico que limitam sua atuação social e, ainda, contemporaneamente aos imperativos da beleza que servem como ferramenta de controle não apenas do homem sobre a mulher, mas da mulher sobre ela mesma. Sobre tais aspectos discorreremos a seguir neste capítulo.

## 4.2 A ditadura da beleza

Umberto Eco, na introdução de seu livro “História da Beleza”, publicado em 2010, associa a beleza ao bom. Nas palavras do autor: “aquilo que é belo é igual aquilo que é bom” (ECCO, 2010, p.8). Contudo, no que se refere a beleza feminina não é bem assim. “*Beleza não se põe à mesa*”; “*Não há rosa sem espinhos*”; “*Por fora bela viola, por dentro pão bolorento*” são alguns dos ditados populares que retratam os tempos em que a beleza feminina era tida como perigosa, malévola e profana.

Sedução e beleza caminhavam juntas durante a Idade Média e continham conotação negativa, bem como o próprio feminino desqualificado e inferiorizado. Assim, a mulher possuidora de tais atributos era a personificação completa da maldade. Sobre esse aspecto Lipovetsky (2000, p. 108) assinala: “se a mulher é um mal, ela o é ainda mais porque é bela e sedutora”. Retornemos aos textos bíblico, os quais exemplificam as figuras femininas belas, como Sara, Salomé, Judite, coadunadas com a mentira, a perspicácia e a malícia. Também deixa implícita a sedução exercida por Eva ao convencer Adão de provar o fruto proibido em *Gênesis*. Assim, em tempos de caça às bruxas, tema já explorado anteriormente, a Igreja reforçou a associação entre beleza, sedução e o feminino com o maligno. Portanto, a fogueira era o destino das belas. Evocamos aqui a arte que traduz esta ligação entre mulher e o mal na era medieval:



Luca Signorelli - *The Damned (Inferno ou local dos danados)* (1499-1502).<sup>29</sup>



Jacques le Grant – *Le livre des bonnes moeurs* (c.1470)<sup>30</sup>

Vê-se que nas obras acima a figura feminina desnuda envolta a vultos diabólicos, indicando a fragilidade e fraqueza feminina diante da sedução do maligno que, por sua vez, a utiliza como arma para espalhar o pecado pela humanidade. Com o passar dos séculos está imagem de associação da mulher ao demônio se modifica radicalmente. Dos textos poéticos, dos hinos prolixos, da poesia que dá vida ao amor romântico, surge a encarnação da beleza na forma de mulher e o segundo sexo é elevado a condição de “anjo”. O *Cântico dos Cânticos* foi o primeiro texto a compor elogios ao feminino sob forma de metáforas e que,

<sup>29</sup> Disponível em: <https://smarthistory.org/signorelli-the-damned-cast-into-hell/> Acessado em outubro de 2018

<sup>30</sup> Disponível em: <https://artmirrorsart.wordpress.com/2012/01/17/mirror-disclosure/> Acessado em outubro de 2018

posteriormente, inspirou os letrados aristocratas a exaltação de forma explícita a beleza e a graça do feminino. A mulher, antes considerada “arma do diabo”, passa a ser cantada em verso e prosa como possuidora do artifício de elevação à Deus, a própria beleza outrora tão rechaçada (LIPOVETSKY, 2000; ECCO, 2010). Surge então, na Renascença, o “belo sexo”.

O humanismo Renascentista foi o principal colaborador para esta mudança de perspectiva em relação ao feminino que concatena a beleza como algo bom. A partir de então, a frase de Umberto Ecco (2010) proferida no início deste tópico faz todo sentido. As artes novamente expressam este momento de consagração da beleza do feminino como perfeição moral e espiritual. As representações de Vênus, por exemplo, incorporam tais atributos, separando o pecado e a malignidade relativa a mulher, as aproximando da benevolência de Maria, mãe de Jesus (LIPOVETSKY, 2000).



*O Nascimento de Vênus – Sandro Botticelli (1486)<sup>31</sup>*

A beleza feminina do século XVI beirava o intangível, pois apesar da conotação divina, transcendental e perfeita deveria acima de tudo ser “natural”, tanto que o uso de artifícios externos para se embelezar eram condenáveis. Também ficava claro que atrativos obedeciam a um certo padrão aristocrático. É possível afirmar, portanto, que para além das letras e das artes, a valorização da beleza feminina provém igualmente de outra condição, a divisão de classes. A brancura da pele, as formas corporais mais volumosas, o tempo despendido aos rituais de beleza, as roupas luxuosas denotavam que a beleza advinha do ócio e do poder, privilégio das mulheres nobres (LIPOVETSKY, 2000; VIGARELLO, 2006).

Não apenas a mulher, como visto no tópico anterior, mas também a beleza feminina passam a ser objetos de estudo e reflexão, com isso despontam novos termos e classificações

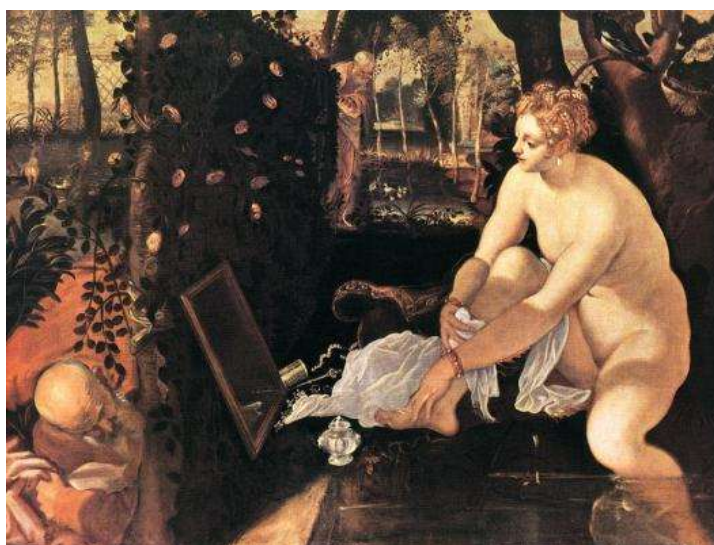
---

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.infoescola.com/pintura/o-nascimento-de-venus/>. Acessado em outubro de 2018



para definir e dizer sobre a beleza. A cultura do belo revela-se na obediência de uma lógica e normatização sistemática, ocasionando o pensamento de uma ordenação dos gêneros a favor da aparência física, o homem forte e racional, a mulher fraca de espírito e bela. Apesar de as mulheres ocuparem o topo da hierarquia da beleza, o que colaborou para as impulsionar social e simbolicamente, isso não representou nenhuma mudança quanto à sua posição de subordinada ao masculino. Ao contrário, reforçou-se o estereótipo de fragilidade, passividade e inferioridade da mulher diante do homem, a dependência das primeiras para com os últimos era cada vez mais fortalecida. O feminino cantado em verso e prosa era tão perfeito e inatingível que se tratava apenas de personagens fictícios que serviam ao prazer e a glória dos literários da época.

Avançando um pouco no tempo histórico, o advento da modernidade demarca o nascimento do indivíduo e das padronizações físicas. A beleza valorizada não era mais a natural e intangível da Renascença, mas aquela que respeitasse os padrões culturais vigentes. Um ponto marcante da criação do “belo sexo” e que reverbera até os dias atuais com a vigilância dos corpos, é que a mulher ganhou a autorização de olhar-se e admirar-se, até então apenas os homens poderiam apreciar a imagem feminina. Neste período diversas obras de artes demonstram mulheres a admirarem-se em frente à espelhos. Assim, “porque encarna por excelência a beleza, a mulher é mostrada como “para ver”, espetáculo contemplado narcisicamente por ela própria ou avidamente pelos homens” (LIPOVETSKY, 2000, p. 119). A modernidade elevou o sentido de olhar-se a outro patamar, o observar-se apenas não era o suficiente, era necessário cuidar-se, fiscalizar-se, mensurar-se, padronizar-se.



*Suzana e os velhos – Tintoretto (1555-1560)*<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/imagePopUp.php?id=8122> Acessado em outubro de 2018

Na imagem acima vê-se uma mulher encantada com sua própria imagem refletida no espelho enquanto um homem também a admira as escondidas. Esta pintura demonstra claramente que o corpo e os encantos da mulher, a partir de então, não estão apenas a serviço do homem, mas também de si mesma. Incia-se nessa época a regulação da mulher sobre seu corpo, suas medidas, sua vaidade.

Essa regulamentação do corpo em função da beleza ganha um instrumento poderoso: as revistas femininas. Embora seu início, no século XVII com a publicação *Lady's Mercury* seguindo de *Lady's Magazine* já no século XVIII, ambas na Inglaterra, tenha sido marcado pela literatura e logo em seguida pela moda (BUITONI, 1990), com o passar dos tempos a imprensa feminina foi abrindo espaço para conteúdos como culinária, trabalhos manuais, conselhos de saúde, etiqueta, sexo, entre outros. Cada um desses temas eram elaborados e disponibilizados como um código de conduta a ser seguido pelas mulheres de acordo com seu tempo, definindo seu ser e agir. Esta técnica é utilizada até os dias atuais, tal como se pode notar logo abaixo, nos excertos de publicações com “conselhos” revelados pelas revistas femininas às mulheres de diferentes décadas:

– *O lugar de mulher é no lar. O trabalho fora de casa masculiniza. (Revista Querida, 1955)*

- *Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve dobrar seu carinho e provas de afeto. (Revista Claudia, 1962)*<sup>33</sup>

- *O sucesso profissional muitas vezes desperta nas mulheres características muito masculinas, como a austeridade, a competitividade e a ambição. A base da nossa sensualidade, porém, está na feminilidade: resgate a meiguice, a doçura e o afeto no trato com o parceiro. Com ele, você é fêmea. (Revista Cláudia, 2011)*<sup>34</sup>

- *Bela, recata e “do lar””: A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos, sonha em ter mais um filho com o vice. (Revista Veja, 2016)*<sup>35</sup>

Apesar de ser uma imprensa destinada e criada para atender ao público feminino, se torna inegável a presença masculina, de maneira subliminar, nas páginas das revistas. Essas publicações muitas vezes trabalham em função da manutenção do *status quo* machista vigente. “Há uma centralização em torno da mulher; o texto é dirigido a ela, [...] no entanto, as ações sugeridas são sempre em função dele. Ela vai fazer as coisas para ele, para agradá-lo. Mais uma vez, apesar de toda aparência em contrário, o eixo principal é a passividade” (BUITONI, 1981, p. 114).

<sup>33</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult528u42.shtml>. Acessado em novembro de 2018

<sup>34</sup> Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materia/como-se-abrir-ao-amor-e-ao-sexo-3988/?p=amor-e-sexo/relacionamentos>. Acessado em novembro de 2018

<sup>35</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/> Acessado em novembro de 2018



A publicidade viu nos periódicos femininos um divulgador de produtos em potencial em que, ao mesmo tempo em que impulsionava o consumo, também talhavam um discurso que condescendia ao que era esperado da mulher socialmente: reservada, submissa, mantenedora do lar e cuidadora dos filhos, além de bela. As indústrias cosméticas e farmacêuticas foram por muito tempo os principais anunciantes devido gradativa valorização corporal (BUITONI, 1990). Juntou-se a busca pelo corpo perfeito, o patriarcado e a publicidade, o resultado foi:

*Os homens  
as preferem  
**SADIAS!***

Ao chegar o momento de escolher a sua companheira para toda a vida, nessa acidentada viagem do matrimônio, o homem moderno não se impressiona como o de outrora pela riqueza de aspecto romântico, pallida e anêmica.

Não! O homem de hoje prefere a mulher que reúne a graça e a beleza os atractivos de uma radiante saúde.

Por isto as moças em idade de casar tratam com carinho da própria saúde: se lhes falta o appetite, se estão pallidas e debilitadas recorrem immediatamente ao TONICO BAYER.

Este poderoso reconstituinte restaura as forças vitais do organismo, porque enriquece o sangue, revigora os músculos, tónica os nervos e o cérebro.

**TONICO BAYER**  
BOM PARA TODOS

*Que é o Tónico Bayer.  
O Tónico Bayer contém vitaminas, extractos de algas, phosphatos, cálcio e outros elementos de grande valor nutritivo. Sua fórmula resulta de longas annas de estudo nos laboratórios da Bayer.*

*Para que serve o Tónico Bayer. — Contra debilidadade, exaustão, despesa nervosa, falta de appetite, dyspepsia, anemia, neurasthenia, enfraquecimento. É também ideal para preparar a convalescença depois das enfermidades debilitantes.*

“Os homens preferem as sadias”<sup>36</sup>- Tónico Bayer

A desvalorização feminina por meio das propagandas publicitárias, apesar dos avanços e conquistas feministas, ainda ocorrem com certa frequência. Alguns anúncios recentes servem como prova da insistência em representar a mulher segundo estereótipos criados e divulgados culturalmente:

<sup>36</sup> Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/focas/tanto-remedio-para-que/checkup-3.php> Acessado em novembro de 2018



Propaganda cerveja Skol (2005)<sup>37</sup>



Propaganda sopas Vono (2015)<sup>38</sup>

Vê-se que a exploração do corpo feminino se torna uma constante na publicidade. Este fato não ocorre ao acaso, pois o século XX é marcado pelo corpo, palco da cultura, submetido a ditadura da beleza. No início do século passado a ginástica passa a ser evocada pelas revistas femininas, sob a justificativa do saudável, um novo modelo cultural se instaura, o

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.adforum.com/talent/22085-eduardo-lima/work/56454> Acessado em outubro de 2018

<sup>38</sup> Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2015/02/skol-e-vono-retiram-do-ar-campanhas-consideradas-machistas.html> . Acessado em outubro de 2018

adelgaçamento se valoriza e o mercado da beleza cresce. Um objeto em especial ganha os lares: o armário com espelhos (VIGARELLO, 2006). O móvel possibilitava a vigilância do indivíduo sobre seu corpo, e, investigando ponto por ponto a silhueta, inicia-se, ainda que discretamente, a busca por modelos corporais ideais (algo tão presentes no momento contemporâneo).

A beleza corporal passa a definir as posições dos atores sociais, dessa forma, portanto, considera-se o corpo como revelador do indivíduo em sua totalidade: “Essa mistificação em torno da imagem como reveladora da personalidade, cria um novo estatuto do corpo, a crença na subjetividade revelada na corporalidade” (BRANDINI, 2007, p. 7). É neste cenário que surge a profissão de modelo, em que mulheres e homens dispõem de seus corpos a serviço da moda e da publicidade. Assim, os padrões estéticos são personificados e disseminados pela sociedade, reproduzindo estereótipos que têm por finalidade propagar o mito da beleza, de estar sempre jovens e belas, constituindo uma condição mercantil que em nada representa a realidade. Até mesmo as maiores *top models* reconhecem este fato: Cindy Crawford, supermodelo, declarou em certa ocasião: “mesmo eu, quando acordo de manhã, não me pareço com Cindy Crawford” (LIPOVETSKY, 2000, p. 182).

A beleza finalmente se revela em formas fotográficas nas páginas das revistas, encarnadas em mulheres modelos ou atrizes que dispõem seus corpos em favor de ideais construídos culturalmente. A suposta “democracia da beleza” que, todavia, não se faz tão democrática assim, propaga o belo acessível desde que os artifícios corretos sejam utilizados, como cremes, maquiagens, certos adornos como joias e roupas até procedimentos estéticos mais invasivos, como cirurgias. A autora Denise Mattar escreve sobre estes artifícios do alcance do belo:

Para seduzir é preciso ser bela ou tornar-se bela, (...) o ritual inclui artifícios como os cosméticos – cremes, perfumes e maquiagem; os adornos – penteados, joias, flores, fitas, tatuagens, piercings; os trajes – roupas de baixo, vestidos, saias, blusas, calças; os acessórios – chapéus, bolsas, sapatos, leques, sombrinhas, entre outros. A sedução custa caro, e as mulheres sempre pagaram o preço sem discutir, chegando às vezes até ao ridículo. As armas do arsenal feminino variam de acordo com a beleza de cada época, da musa a top model, do espartilho ao silicone. (MATTAR, 2004, p.3)

Buitoni (1990) também contribui ao elucidar o poder que as fotografias das revistas femininas, seja em seus editoriais de moda ou em peças publicitárias, tomam em relação a nova representação feminina. A beleza da mulher antes pintada em tela, agora é capturada por um clique, assim, as fotos tratadas com todos os mecanismos tecnológicos mais sofisticados para a fim de desenhar um ideal e não o real, “seriam persuasivas – ou sugestivas; recheadas

de ilusão e imaginação, elas estimula, induzem, conduzem” ( BUTTONI, 1990, p. 19). Abaixo dispomos fotos das mulheres que personificavam o ideal de beleza em cada década desde 1950:



Marylin Moroe - 1950



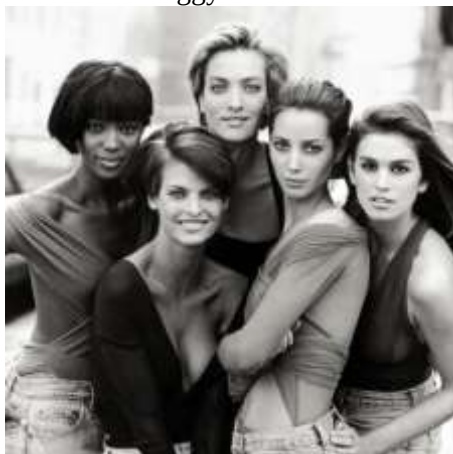
Twiggy -1960



Farrah Fawcett -1970



Madonna - 1980



Supermodels- 1990



Gisele Bundchen-2000



Kim Kardashian- 2010

Naomi Wolf, escritora e antropóloga norte-americana, em seu livro “ O mito da beleza: Como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres”, lançado na década de 1980 e reeditado no ano de 2018, critica veemente o que ela nomeia como Mito da Beleza. Que nada mais é do que contenção feminina diante de sua própria emancipação, que teria ganhado forças com o movimento feminista tão presente durante todo o século passado. Assim, o mito da beleza atende a interesses políticos e econômicos, forjados sobre a criação da insegurança da

mulher sobre sua própria aparência física que, por sua vez, alimenta o desempoderamento feminino: “Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens de beleza feminina como arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (WOLF, 2018, p. 26). Para a autora, os destinos da mulher que seriam a domesticidade, maternidade, castidade e passividade foram perdendo sentido conforme o feminismo foi avançando. Porém, para que o controle sobre a mulher ainda permanecesse, o mito da beleza surgiu e “o modelo da jovem esquelética tomou o lugar da feliz dona de casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida” ( op. cit, p. 27).

Wolf explica de que forma o mito trabalha.:

A “beleza” é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam. (WOLF, 2018, p. 29)

Em suma, o mito da beleza serve, antes de mais nada, como sedativo político para controle do comportamento feminino que utiliza eficientemente da aparência como ferramenta. A tática utilizada é dividir para conquistar e, para tal, diversas situações são criadas, como a competição feminina ou mesmo o pavor da velhice. “Como a beleza acompanha a moda, e o mito determina que, quando alguma coisa feminina amadurece, ela sai de moda” (WOLF, 2018, p.107), assim o envelhecer feminino é considerado socialmente como feio, degradante, fora de moda e deve ser combatido com todas as armas que o mercado pode oferecer.

No entanto, se sairmos dessa lógica mítica da beleza é possível compreender que o envelhecer, na verdade, garante poder às mulheres, sobre seus corpos, sobre suas subjetividades, sobre suas experiências e é aí que reside o perigo. Imagine se as jovens compreendessem tão cedo, a partir das velhas, o poder que elas carregam sobre si. Este laço entre as mulheres vem sendo cortado periodicamente desde a caça às bruxas. Já mencionamos anteriormente que as mulheres consideradas bruxas tiveram seu fim nas fogueiras da santa inquisição e que boa parte delas eram mulheres mais velhas, cujos crimes eram o conhecimento e os saberes que passavam de geração para geração. Seria portanto o envelhecer feminino um ato revolucionário?

### 4.3 A mulher velha

Um fenômeno interessante no processo de envelhecimento populacional diz respeito à feminização da velhice. Dados demográficos apontam um número exponencialmente maior de mulheres idosas do que de homens idosos no mundo. A expectativa de vida da mulher, ao nascer, é sete anos a mais que o homem, e quando avançam para a maturidade a mulher tem, em média, quatro anos a mais de vida (NERI, 2007). Dados de 1996 apontam que um homem, ao chegar aos 60 anos, tinha como expectativa a possibilidade de viver mais 16,3 anos, enquanto uma mulher, nas mesmas condições, poderia viver mais 20,4 anos. A população idosa brasileira, segundo pesquisa realizada pelo Sesc/ FPA, no ano de 2007, era composta por 57% por pessoas do sexo feminino ante 43% pelo sexo masculino. Dessa forma, é possível afirmar que a velhice é feminina.

Outro dado importante é que há muito mais mulheres viúvas do que o contrário, ou seja, homens idosos viúvos. Este fato se dá porque, além de as mulheres viverem mais, elas se casavam mais cedo e, por consequência, muitas dessas idosas se tornaram chefes de família ao chegarem à velhice. Na população em geral, a porcentagem de homens chefes de família ainda é exponencialmente maior que de mulheres: são 81,9% contra 18,2% de mulheres. No entanto, no total de chefes de família 9,8% são idosos, enquanto no total das famílias chefiadas por mulheres idosas é de 22,7% (NERI, 2007).

Ainda que o número de idosos esteja aumentando exponencialmente no cenário contemporâneo e que essa população tenha alcançado algumas conquistas importantes em nosso país, como o Estatuto do Idoso (2003, a sociedade ainda promove em uma intensidade muito maior imagens que valorizam a juventude, utilizando as mais diferentes ferramentas, como a publicidade, literatura, os meios de comunicação como a televisão, a internet, a moda e outros. O corpo jovem é prestigiado socialmente enquanto o corpo velho é descartado e/ou preterido. As mulheres são as principais vítimas desse modelo contemporâneo de valorização corporal, imperativo da sociedade patriarcal e machista vigente (CASTAÑEDA, 2006).

Com o avanço da idade “a mulher é considerada menos atrativa e, portanto, desvalorizada (enquanto o homem ganha prestígio com a idade), o que leva a uma menor autoestima”. (SALGADO, 2002, p. 10).

A mulher idosa perde socialmente uma sedução que ela devia essencialmente ao seu frescor, a sua vitalidade, a sua juventude. O homem pode ganhar com o tempo uma força de sedução crescente, porquanto se valoriza nele a energia, a experiência, a maturidade. Fala-se de “sedutor de têmporas cinzas”, de “belo velhinho”; esses qualitativos, porém, nunca são associados a uma mulher [...]. A velhice marca desigualmente, no juízo social, a mulher e o homem. (LE BRETON, 2012, p. 233)



Desde o discurso filosófico de Immanuel Kant (1724-1804), que trazia uma perspectiva outra acerca das questões relativas ao gênero baseadas na estética, a velhice seria uma tragédia para o feminino, uma vez que “poder e inteligência são atributos eróticos masculinos, beleza e juventude atributos eróticos femininos” (BORGES, 2005, p. 669). A mulher perderia seu valor na velhice sendo que a beleza é pensada por Kant como jovialidade, isto posto, evitar o envelhecimento seria uma tentativa de valorização da mulher (TIBURI, 2002).

As artes também expressam esta desvalorização da velhice feminina. Na obra de “As três idades da mulher” de Gustav Klimt, pintada em 1905, demonstra como as idades da mulher são representadas em nossa sociedade. A imagem traz uma mulher de rosto plácido com um bebê envolto em seus braços, estas figuras parecem estar envolvidas por um manto, enquanto ao lado há a anciã desprotegida, com a cabeça inclinada. Não é possível ver seu rosto, pois seus cabelos o encobrem. A beleza ilusória reside na mulher e bebê, enquanto a velha é retratada com realismo juntamente com os efeitos da passagem do tempo, como rugas, flacidez, barriga saliente. É possível interpretar que a tristeza e abandono estão na velhice, enquanto beleza e a plenitude habitam a juventude.



*As três idades da mulher – Gustav Klimt – 1905*<sup>39</sup>

Como vimos no capítulo anterior deste texto, a publicidade compreende a lógica de que o envelhecimento é visto como desvalorizado socialmente, mas, acima de tudo, enxerga um nicho de mercado potente tanto na decadência como na possível ascensão da velhice. Se notarmos que as imagens de publicidade que compunham o capítulo anterior eram todas de mulheres, este fato não foi proposital. A publicidade, quando diz respeito à velhice, tem como nicho principal de consumo as mulheres: a desvalorização da mulher velha gera lucro. Desde

<sup>39</sup> Disponível em <http://virusdaarte.net/klimt-as-tres-idades-da-mulher/>. Acessado em novembro de 2018

o começo do século passado imagens que propagavam o suposto combate ao envelhecer eram divulgadas por anunciantes e isso apenas se intensificou com o passar dos anos.



*Revista Careta- 1928<sup>40</sup>*



*Linha Anti- Idade para cabelos AVON (2010)<sup>41</sup>*

Tais imagens afetam nossos corpos e subjetividades em benefício do consumo e de ideais corporais e de beleza inatingíveis. A imagem valorizada socialmente no contemporâneo é a jovem, como dito no segundo capítulo deste escrito, que em consonância com a sociedade do espetáculo credita àquelas que lutam com afincos contra as ações irreversíveis do tempo. Envelhecer é um destino traçado e com sorte concretizado, mas parecer velha é uma escolha do próprio sujeito (DEBERT, 2004).

<sup>40</sup> Disponível em <http://infograficos.estadao.com.br/focas/tanto-remedio-para-que/checkup-3.php> . Acessado em novembro de 2018

<sup>41</sup> Disponível em <http://alineavon.blogspot.com/2010/02/lancamentos-avon-para-campanha-062010.html> Acessado em Julho de 2018.



A mulher e seu corpo muitas vezes são diminuídos apenas à fertilidade, construto social este que demarca a dominação masculina sobre o feminino e que determina um papel bem definido para a mulher: ser mãe. Uma vez que esta função foi realizada e os filhos seguem vida própria, a mulher pode se tornar descartável, sendo vista como assexuada e, por vezes, invisível, erroneamente igualando a sexualidade feminina e sua própria subjetividade com capacidade reprodutiva (CASTAÑEDA, 2006). Considera-se que a mulher apenas faz relevante sua existência a partir do momento em que serve ao homem, faceta já explorada nos tópicos anteriores.

As representações da mulher na velhice também não colaboram para a aceitação dessa fase da vida. A maior parte das imagens são bastante negativas, como a bruxa que nos assombra desde a infância nas histórias infantis, feia, velha e malvada ou mesmo a idosa surda ou incapaz utilizada como fonte de humor, sempre revelado como grotesco e inapropriado. Simone de Beauvoir (2018) afirma que o corpo da mulher, que outrora era desejado, ao alcançar a velhice, se torna feio, causando repulsa e até mesmo medo.

Falar sobre a dimensão corporal nos faz retomar a algumas questões já mencionadas neste capítulo, no entanto, lançaremos mão das contribuições da psicanálise para nos ajudar a compreender a relação entre corpo e tempo. Para Freud (1923/2007, p. 38) o Eu “é, sobretudo, um Eu corporal”. O corpo pulsional e escravo do desejo, tal como concebido por Freud, inicialmente é um corpo fragmentado em zonas erógenas, que vai se transformando por meio das identificações com outros objetos (pai e mãe por exemplo), até construir uma imagem corpórea de si. Assim, o corpo é o receptor do olhar e das palavras do outro antes mesmo de se reconhecer como próprio sujeito, e para além, mesmo antes de compreender-se como um ser corporal.

Para Lacan, esta etapa da vida de fragmentação e construção corpórea é denominado “estágio do espelho”, que é compreendido pela experimentação do corpo como unificado por meio do que o Outro lhe reflete e fala. A primeira identificação se dá pelo olhar da mãe, ou seja, o olhar do Outro que, para o psicanalista, “tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante” (LACAN, 1975/1986, p. 148). Portanto, forjamos nosso corpo narcísico à imagem e semelhança do Outro.

Os pais ou adultos mais próximos são as primeiras referências identificatórias as quais a criança vai se “espelhar”. Porém, esses modelos de identificação atravessam o sujeito por toda a vida e, por serem construídos histórica e culturalmente, são comumente aqueles valorizados e aceitos pela sociedade. Por exemplo, as mulheres normalmente são associadas à

maternidade e subjugadas ao patriarcado (BORIS, CESÍDIO, 2007), o que contribui para a ideia de que “as identificações moldam a ideia de quem somos e para quem somos” (LIMA e VIANA, 2015, p.463).

Com a entrada na velhice essas identificações são confrontadas pelas transformações do tempo. Rugas, cabelos brancos, menopausa, flacidez são alguns dos sinais da maturidade que rivalizam com a imagem de si constituída ao longo da vida. O reflexo no espelho e o olhar do outro causam uma sensação de estranheza no idoso e a imagem de si é colocada em xeque por uma outra imagem marcada pelo tempo. Em Freud (1919/1996, p. 265) o estranho é a “categoria do assustador e que nos remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”. É como se houvesse um “um duplo” de si mesmo, um eu tão igual, mas tão diferente de si, um eu envelhecido. Isto somado ao fato de que o inconsciente é atemporal, isto é, que não reconhece a passagem do tempo (MUCIDA, 2004), faz com que esse descompasso entre a imagem de si/corpo e do inconsciente entrem em conflito.

A maturidade traz a sensação como se algo de si fosse se perdendo com o passar do tempo (LIMA e VIANA, 2015). O olhar do Outro fundante no *infans* ainda se mantém, entretanto, se outrora o sujeito era objeto de desejo do Outro, na velhice o sujeito deixa esse papel e passa a ser objeto de respeito. Logo, a imagem de si mesmo vai sendo modificada, em especial, pelas relações valorizadas pela sociedade entre jovialidade e beleza. Assim “o ser humano é, na velhice, confrontado pela desqualificação do corpo envelhecido marcado no social pelos estigmas do declínio, feiura e doença.” (LIMA e VIANA, 2015, p. 468). O deixar de ser objeto de desejo recai com muita força sobre as mulheres, uma vez que os valores sociais hegemônicos referentes a beleza e jovialidade são mais relacionados ao feminino, como já mencionado anteriormente.

Contudo, apesar de todo o caráter negativo do envelhecimento feminino explicitado, a literatura científica apresenta diversos aspectos do envelhecimento favoráveis à mulher. Nesses estudos, as mulheres idosas relatam que, na maturidade, ocorre uma espécie de libertação das amarras sociais que as controlaram por toda a vida regressa, diferentemente dos homens que associam o mesmo período do envelhecer com perdas e solidão (CORREA, 2009; GOLDENBERG, 2008, 2016; MORAES, 2011).

As mulheres enxergam seu próprio envelhecimento como um momento em que é possível a conquista de mais liberdade e autonomia em relação a outras fases da vida, ao passo que os homens valorizam menos essa etapa, considerando-a como uma época na qual predominam as perdas e reclusão. (MORAES, 2011, p.436)

A velhice garante a muitas mulheres algo que sempre lhes foi negado: oportunidade de olhar o mundo com seus próprios olhos. Não mais preocupadas com os ditames de beleza que

as escravizam e do masculino que as inferiorizam, conseguem finalmente dar-se a atenção devida, usufruindo como nunca antes da vida e do tempo que lhe resta. Emma Bombeck (1927-1996), humorista americana, escreveu um breve poema intitulado “O chapéu violeta” que traduz as fases da vida da mulher de forma simples, objetiva e aparentemente divertida embora as dificuldades estejam bem explícitas, ao final do texto declara todo poder do empoderamento feminino na velhice:

*Chapéu Violeta*

*“Aos 3 anos, ela olha pra si mesma, e vê uma rainha.*

*Aos 8 anos, ela olha pra si mesma, e vê Cinderela.*

*Aos 15 anos, ela olha pra si mesma, vê uma bruxa e diz: - 'Mãe, eu não posso ir pra escola desse jeito!'*

*Aos 20 anos, ela olha pra si mesma, e se vê: 'muito gorda/muito magra, muito alta/muito baixa, com cabelo muito liso/muito encaracolado'. Mas decide que vai sair assim mesmo...*

*Aos 25 anos, ela olha pra si mesma e se vê: 'muito gorda/muito magra, muito alta/muito baixa, com cabelo muito liso/muito encaracolado'. Mas decide que agora não há tempo para consertar essas coisas. Então, sai assim mesmo...*

*Aos 30 anos, ela olha pra si mesma e se vê: 'muito gorda/muito magra, muito alta/muito baixa, com cabelo muito liso/muito encaracolado', mas diz:*

*'Sou uma boa pessoa', e sai mesmo assim....*

*Aos 35 anos, ela olha pra si mesma e se vê como é. Sai e vai para onde bem entender...*

*Aos 40 anos, ela olha pra si mesma, e se lembra de todas pessoas que não podem mais se olhar no espelho. Sai de casa e conquista o mundo...*

*Aos 50 anos, ela olha para si mesma e vê sabedoria, risos, habilidades... Sai para o mundo e aproveita a vida...*

*Aos 60 anos, ela olha pra si mesma e se lembra de todas as pessoas que não podem mais se olhar no espelho. Sai de casa, e conquista o mundo...*

*Aos 70 anos, ela olha pra si mesma e vê sabedoria, risos, habilidades. Sai para o mundo e aproveita a vida...*

*Aos 80 anos, ela não se incomoda mais em olhar pra si mesma. Põe simplesmente um chapéu violeta, se sente como alguém que não depende mais da idade cronológica, e vai se divertir com o mundo...*

*Talvez devêssemos pôr o chapéu violeta mais cedo... ”*

*(Emma Bombeck)*

Como fechamentos destes capítulos sobre esta temática que me é tão cara, deixo o desejo de que minha escrita, que por vezes me doeu tanto, tenha movimentado em você leitor ao menos a curiosidade sobre o que está por vir. Afinal, a pesquisa em si começa agora. Deixo claro que este texto parte de uma mulher habitada por construtos misóginos historicamente arquitetados, mas que ao mesmo tempo em que me aprisionam também subsidiam o meu grito de liberdade, deixo claro que em nossos corpos, nossas vivências, nossas escolhas, nossas histórias e nosso tempo mandamos nós, por mais que insistam em dizer o contrário

## **CAPÍTULO 5- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Esta sessão dedica-se à exposição dos resultados e análise de dados deste estudo apurados a partir das entrevistas coletadas. A Análise de Conteúdo foi aplicada como técnica de pesquisa e buscou explorar, de forma prática e objetiva, as inferências do conteúdo das entrevistas replicáveis ao contexto social, histórico e cultural contemporâneo. Conforme Caregato e Mutti (2006, p.682) “na Análise de Conteúdo o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem”.

A partir deste exercício de análise buscaremos responder aos objetivos norteadores desta pesquisa que consistem em: investigar como o envelhecimento é percebido e experienciado pela mulher do contemporâneo, em diferentes extratos etários (20 a 35 anos e 60 a 80 anos), diante das mudanças psicológicas, corporais e sociais em uma sociedade em que a juventude é um valor.

E posteriormente:

- a) Identificar, descrever e analisar os sentidos atribuídos ao envelhecimento feminino e os efeitos do envelhecer para a subjetividade contemporânea.
- b) Averiguar como é viver o envelhecer numa sociedade caracterizada pelo primado estético, que cultua valores como a beleza do corpo, a produtividade, o dinamismo, a força, o novo e o mito da juventude eterna.
- c) Analisar se as mulheres conquistaram, dentre tantos êxitos da luta feminista, o direito ao envelhecer no contemporâneo.

Para tal, primeiramente realizamos uma leitura inicial a fim de identificar possíveis categorias em conformidade com os assuntos que emergiram dos discursos das colaboradoras desta pesquisa. Acerca de cada tema utilizamos trechos que se mostraram significativos nas falas das participantes.

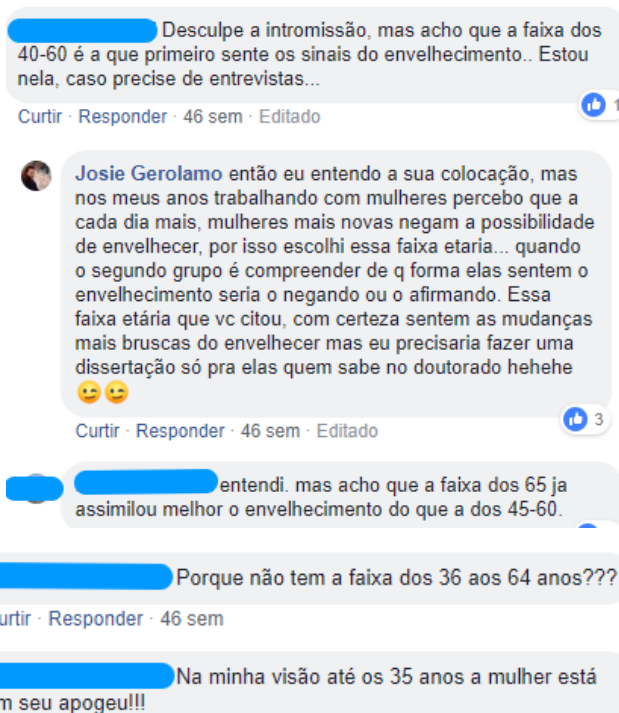
### **5.1 ENVELHECER É UM PROCESSO SILENCIADO/INVISIBILIZADO**

Logo na introdução deste escrito, deixamos clara a nossa intenção de atender a um pedido feito por Simone de Beauvoir (2018) colaborando para quebrar a “conspiração do silêncio”, a qual a velhice está envolta. Ao iniciarmos o processo de busca por voluntárias a entrevistas percebemos o quanto este silêncio é, na verdade, ensurdecador.

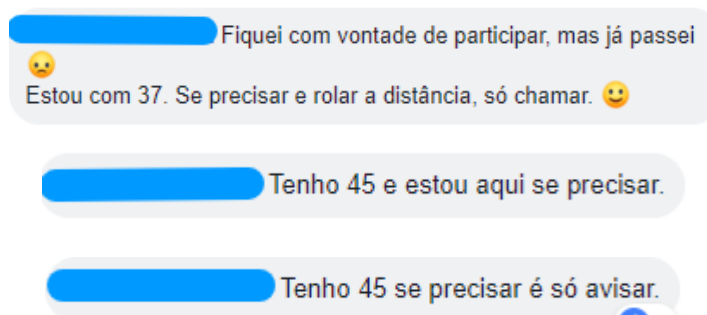
O recrutamento de mulheres do grupo etário entre 20 e 35 anos deu-se via rede social, o “Facebook”, que por meio de um post publicado em dois grupos: “Unesp/Assis” e “Juntas

somos mais”. Conforme descrevemos anteriormente, recebemos 76 respostas positivas de mulheres que se dispuseram a ceder uma entrevista e também diversas mensagens em particular sobre o interesse em voluntariar-se.

Assim que demos início ao trabalho de coleta de dados, outras mulheres vieram nos procurar a fim de discutir a possibilidade de uma entrevista, uma vez que conheciam alguma participante que lhes havia relatado sobre a experiência, despertando o desejo de também falar sobre a temática. Cumpre notar que dentre as diversas mensagens recebidas, algumas nos chamaram a atenção. Nas redes sociais por exemplo, mulheres questionaram o extrato o qual a pesquisa se propôs a estudar:



Outras, apesar de não pertencerem ao extrato etário especificado, manifestaram interesse em participar.



E ainda tiveram aquelas que se queixaram do sofrimento envolvido no processo de envelhecimento que, por muitas vezes, é negligenciado.

Tb posso participar. Tenho 31 e admito que estou numa fase dos "envelhecimento dos 30" vendo os traços do rosto e o corpo mudar. Nem sempre é fácil. Meu e-mail para o

Fiz 31 ontem e tá sofrido, rs. Me disponibilizo pra pesquisa

Entendemos estas mensagens como manifestações da urgência em falar abertamente sobre o envelhecer, ou seja, a conspiração do silêncio em torno da velhice não existe apenas para os velhos, mas as jovens já sofrem com a falta de espaços de discussão acerca da temática. Como podemos observar claramente na fala de Christina, uma das nossas entrevistadas, que aos 32 anos procura por espaços para tratar do assunto sem sucesso.

***“Quando eu comecei a me deparar com essas questões do envelhecimento e do corpo assim, eu já me deparei com mil ideias, de como articular espaços que tratem isso, porque não existe, pelo menos no meu meio, onde eu convivo não consegui encontrar.” (Christina, 32 anos)***

O sofrimento advindo do processo de envelhecer recai fortemente sobre as mulheres, reflexo das cobranças para estarem de acordo com os padrões de conduta e aparência, por vezes inalcançáveis. Estes são dispositivos de controle sobre o feminino na sociedade patriarcal. Ana Bassit (2004) discute em seu texto “Na condição de mulher: a maturidade feminina” acerca dos impasses femininos vivenciados nas diferentes fases da vida como: a puberdade na adolescência; o trabalho, o casamento, os filhos que atravessam a maturidade; e finalmente, a menopausa que serve como apagador de uma identidade feminina pautada em um modelo médico-farmacêutico centrado.

Para a autora, as identidades femininas são construídas tendo por base um ciclo biologicamente demarcado. Neste sentido, o corpo da mulher é “produto de seu sistema reprodutivo, que tanto é a base de sua função social como também sugere características comportamentais” (BASSIT, 2004, p. 130). Nesta lógica, podemos compreender que o ser mulher no contemporâneo ainda se limita a reprodução, assim ao alcançar o climatério, que é o período de transição entre a vida reprodutiva e a velhice, inicia-se uma fase de apagamento da condição de mulher.

Arelado a estes apontamentos, todo o período da vida da mulher também é demarcado por mudanças físicas que implicam em grandes impasses para o feminino. O corpo velho vale menos que o corpo jovem, portanto, a velhice requer negação e ocultação mesmo que seja por meio de artifícios dolorosos. Sobre tais aspectos Sibilia (2011) aponta que há um descompasso entre os valores contemporâneos e a velhice, esta última não seria possível

diante de uma sociedade que preza pelo superficial e efêmero, materializado em capital corporal.

Todas essas cargas são extremamente custosas para as mulheres, baseadas em um modelo que favorece o sistema patriarcal vigente que resume a mulher a procriação e ao deleite masculino. É compreensível a comoção por uma entrevista acerca desta temática. Se não existem espaços, pelo menos existe alguém com quem é possível expressar as mazelas, as alegrias, as dores, as cores e os sabores do envelhecer sentido. Uma oportunidade breve porém, talvez, única.

Enquanto as mulheres mais jovens procuraram espaços para poderem vivenciar uma experiência mais rica com relação ao seu próprio processo de envelhecimento, a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) é uma alternativa para as mulheres velhas como local para discussões, aprendizados e trocas intergeracionais. Este aparato é bastante elogiado pelas colaboradoras mais velhas desta pesquisa:

*“[...]a Unati, está sendo vida para mim faz 8 anos. Eu voltei a viver porque eu estava numa depressão profunda depois que eu perdi meu pai, depois de três anos perdi meu marido. Então eu entrei no fundo do poço e eu digo que essa pessoa me pegou pela mão e me trouxe, uma me orientou assim: “Você vai lá fazer alguma oficina porque lá é legal e é bom para você por causa dessa sequência de percas, vai lá” e eu “Tá bom qualquer hora eu vou”. Ouvi aquela pessoa que me pegou pela mão e trouxe, então a partir desse dia eu nunca mais sai daqui. “(Domitila, 71 anos)*

*“Agora aqui na faculdade é tudo maravilhoso, faz uns quatro anos mais ou menos que eu faço as oficinas aqui na Unati e me sinto acolhida, é o meu passeio. Eu nem lembro da idade que eu tenho aqui.” (Violeta, 70 anos)*

A UNATI propõe-se ao oferecimento de atividades didáticas, culturais, artísticas e a promoção de saúde aos idosos, inserindo esses indivíduos no convívio com a comunidade acadêmica, promovendo um novo olhar para a velhice por meio de um espaço de convivência de trocas de experiências intergeracionais, distanciando assim os velhos dos estereótipos ligados a esse segmento etário como a deterioração física e a solidão social. Nossa experiência de alguns anos junto à UNATI parece mostrar que esse seria um espaço possível de quebra da conspiração de silêncio em torno da velhice quando vemos, por exemplo, a circulação de pessoas mais velhas em um ambiente universitário, tipicamente jovem. É um lugar de visibilidade para a população idosa. As oficinas oferecidas dentro da UNATI são estratégias de promoção de saúde, tanto física como mental, que auxiliam o processo do envelhecer tanto em relação aos desafios quanto em descobrir potencialidades dos indivíduos desse grupo etário (DEBERT, 2004). Não podemos perder de vista que esta é uma realidade das

entrevistadas que têm a oportunidade de participar de um projeto como o da UNATI de Assis e, infelizmente, essas iniciativas não alcançam a maioria dos velhos, que geralmente permanecem invisibilizados e despontecializados.

## **5.2 ENVELHECIMENTO E REGULAÇÃO ETÁRIA**

Esta é uma categoria que se fez central neste estudo e que permeará algumas outras categorias subsequentes. As entrevistas, em especial a das mais jovens, nos mostraram que o quesito etário é um organizador e modulador de permissões e proibições de vivências que regulam nossas subjetividades. Segundo as colaboradoras, o nicho etário ao qual pertencem deve estar em sintonia com determinada conduta social esperada.

Atentamos que esta divisão da vida em fases cronológicas surgiu com o advento da modernidade e a necessidade de estabelecer limitações e separações de atividades funcionais e laborais. A partir deste novo pensamento surgiram as categorias etárias: infância, idade adulta e velhice. Esta separação da vida em fases etárias foi se firmando gradativamente por todo o século XIX. Para cada nível etário certos padrões de conduta, de vestimenta, de status, de hábitos, de linguagem, entre outros, foram sendo estabelecidos. Portanto, atualmente, a cada etapa da vida somos convidados a nos portar social e culturalmente de uma forma padronizada e normatizada. Na elocução abaixo Minerva (24 anos) relata sobre este sentido de adequação a ações de determinadas faixas etárias.

*” Eu sempre tive essa dificuldade de pertencer a algum lugar, quando eu era criança tudo bem, mas na adolescência eu não me identificava com meu grupo, eu não fazia coisas da adolescência, coisas da minha idade, eu sempre fazia coisas com gente mais velha, então parece que agora eu estou entrando numa idade que eu sempre estive, do adulto, do responsável, do fazer coisas que eu sempre fiz então está começando a ficar melhor.”  
(Minerva, 24 anos)*

Os trechos “coisas da adolescência” ou “coisas da minha idade” referem-se a comportamentos que são designados as pessoas que estão no período etário que compreende, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), entre 10 e 19 anos de idade. Estas condutas podem variar desde a maneira de se portar até os espaços que ocupam. Este enunciado de Minerva denuncia o pertencimento ao extrato etário, tal afirmação vai ao encontro com o escrito de Catarina Lloret, (1998) “As outras idades ou as idades do outro”, acerca da pertença no tempo que contraria a noção de que nós temos os anos e atesta que, em realidade, são os anos que nos tem, como a autora expõe: “mais do que ter uma idade, pertencemos a uma



idade. Os anos nos têm e nos fazem com que sejamos crianças, jovens, adultos ou velhos” (LLORET, 1998, p.14).

As dificuldades em se ajustar aos moldes estabelecidos para cada idade podem ser agravados pelas cobranças externas e internas causando frustração e angústias. Como podemos observar nos relatos de Ramona aos 32 anos:

*“E também tem as cobranças sabe, tipo na época em que eu estava no segundo, terceiro ano diziam: “ Nossa você é louca de fazer outra faculdade, a gente já está velho” e tem muito essa questão, muito mesmo, e eu converso com pessoas que estão infelizes, eu falo: “Gente faz, larga a mão de ficar pensando essa coisa de idade, quando você vê já foi”... Mas é impressionante como as pessoas pensam em seguir aquela coisa da vida: “Você tinha até não sei quando anos para fazer faculdade, agora não, agora você é velha” e olha que eu nem sou tão velha, imagina uma pessoa de 40 ou 50 anos.” (Ramona, 32 anos)*

*“[...] eu tenho 24 anos mas eu não sinto como se tivesse 24 anos, então isso é um problema as vezes. Parece que eu parei nos 17 anos e eu só percebo que não tenho mais 17 quando eu encontro pessoas de 17, aí eu: “Tá eu não tenho mais essa idade, mas eu também não consigo me encaixar nesse padrão mulher feita, nossa sou mulher adulta e isso tem um visual né.” (Minerva, 24 anos)*

O “*estar velha*” presente na primeira fala da entrevistada revela-se como um interdito, isto é, o quesito etário determina as proibições a dada ação. No caso descrito por Ramona seria o retorno a universidade, signo este relacionado com a adolescência. Na sentença de Minerva, representa a dimensão estética que deve ser apresentada em concordância com a idade cronológica, portanto, a vestimenta é uma ferramenta utilizada por este dispositivo regulatório etário. Aqueles famosos ditos “*você não tem mais idade pra isso*” ou “*você não acha que está velho demais pra isso*” que utilizamos ao fazer piadas entre amigos, denotam a internalização deste impeditivo etário. Perante esta realidade algumas situações evidenciam o sofrimento que advém desta regulação etária, como as das falas abaixo:

*“Eu ainda estava solteira e rolava toda uma cobrança familiar, e assim, eu olhando outras pessoas eu acho que essa questão da comparação que a gente se perde muito com isso, porque eu pensava: “olha fulana já tá casada, já está estruturada financeiramente” (Ramona, 32 anos)*

*“Pra mim as vezes é difícil olhar pra minha mãe sabe, porque ela não tinha uma aceitação muito boa de eu parar de trabalhar, voltar pra faculdade: “Você já tem 30 anos, você não vai trabalhar”. Eu vivo no perrengue, eu me viro, justamente por já me achar numa idade que não contempla minha mãe me ajudando, isso eu tenho assim, e as vezes eu tenho vergonha assim de ela me olhar e ela me ver como uma pessoa velha que ainda está estudando.” (Christina, 32 anos)*

Nos dois enunciados acima os familiares são os responsáveis pela demanda de ajustamento social perante a idade cronológica. Lloret (1998) nos alerta sobre tal fato. Para a autora a família e/ou ambientes comunitários se constituem como equipamentos de garantia de que as classificações, segundo a normativa etária, sejam respeitadas. Afinal, a obediência etária também certifica hierarquia de possibilidades e de papéis sociais. Outra particularidade dos relatos de nossas colaboradoras é que, nos dois casos, a estabilidade financeira e o trabalho foi o estopim para tais cobranças. Na primeira fala ainda está presente a questão do matrimônio que se inscreve como um atravessamento tipicamente patriarcal, uma vez que o discurso dominante é de que a mulher ao atingir determinada faixa etária deve estar casada ou no mínimo encaminhada para tal. Continuando no quesito trabalho, ainda nos deparamos com falas que descrevem o planejamento do futuro profissional demarcado fortemente por esta questão etária:

***“Eu planejei entrar na graduação, terminar a graduação depois entrar no mestrado, terminar o mestrado, entrar no doutorado e terminar o doutorado e isso vai ser mais ou menos até os 30 anos, daí pra lá eu tenho um sonho, que se ele se realizar vai ser mais estático que é vontade de passar em um concurso [...]” (Dandara, 20 anos)***

***“Uma coisa que eu penso assim por exemplo eu estou no doutorado com 26 anos, eu ficava pensando muito nisso e eu fiz isso: vou fazer graduação, depois mestrado e doutorado. E eu não quis parar porque eu tinha essa coisa de terminar antes dos 30 porque eu tô organizando a minha vida pensando numa questão etária né, porque eu pensava vou perder tempo ficar fazendo outra coisa, então essa coisa etária não passou por uma questão do corpo assim mas o modo como a gente se organiza socialmente, a gente tá marcado muito por essa coisa da idade mesmo, de um corpo envelhecendo e para a gente está sempre perdendo tempo e perdendo tempo. Nossa eu nunca tinha pensando sobre isso” (Cassandra, 26 anos)***

O tempo nestes dois relatos acima mostra-se como dominador de nossas escolhas, de nossos projetos e com data de validade para expiração, “até os 30 anos”. O autor Byung-Chul Han em seu livro “A sociedade do cansaço”, publicado em 2017, versa sobre a sociedade, que outrora caracterizava-se pela disciplina, pela proibição, pela negatividade, e hoje se utiliza do desempenho como aparelho de dominação contemporânea, ajustada a positividade, a iniciativa, a motivação. Une-se a toda esta nova mentalidade coadunada ao ritmo cada vez mais acelerado das vivências, a valorização da juventude e a vida cronologizada, e temos esta busca incessante pelo “não perder tempo”, um tempo produtivo carrasco que precisa ser preenchido rapidamente, do contrário, se esgota, se acaba, se esvai, se envelhece.

O primeiro relato acima, de Dandara, ainda revela a sobreposição do tempo aos sonhos, isto é, a normatização da vida cristalizada no tempo cronológico tem maior importância do que os desejos e vontades da entrevistada. A segunda colaboradora ao elaborar seu pensamento acerca de suas escolhas pela carreira acadêmica, compreende como este mecanismos organizacional se desenrola. Fica muito evidente sua consternação quanto a constatação de que o norteador etário também é um componente subjetivante, como as autoras como Catarina Lloret (1998), Guita Grin Debert (2004) problematizaram em seus textos.

Fechamos esta categoria com uma fala que nos pareceu muito significativa e que exemplifica a maior característica dada ao tempo atualmente: poder.

*“Eu acho que quando a gente é jovem, quando tem a minha idade, a gente tem um poder muito grande nas mãos o que você pode fazer o que você quiser e as pessoas não vão estar de julgando, então se eu quiser terminar essa faculdade e começar outra eu posso porque tem sempre alguém para falar calma você ainda tem 20, você vai terminar logo a faculdade, dá para você fazer outra coisa, dá para desistir no meio do caminho e tentar outra coisa porque eu ainda sou muito nova. Mas é como se fosse um recado assim, daqui a pouco você não vai ter tanto controle sobre sua vida, daqui a pouco as coisas vão ficar mais sérias e aí a gente te corta as asas, e quando você tiver mais velho a gente corta mais ainda” (Ana, 26 anos)*

Pela fala de Ana é possível perceber que a juventude tem em suas mãos o poder do tempo. Esta elocução nos remete a canção “Tempo Perdido” do compositor Renato Russo que diz: *“todos os dias quanto acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas temos muito tempo, temos todo o tempo do mundo [...] Somos tão jovens”*. Ana da mesma forma, compreende que a juventude, pelo vislumbre de ter todo o tempo do mundo, está autorizada a errar, voltar, começar de novo. A juventude permite tais experimentações. No entanto, conforme o tempo caracterizado pela areia na ampulheta vai se esvaindo, o poder, à medida com que vamos envelhecendo, também vai se acabando. A velhice transforma-se no tempo das não possibilidades, das não experimentações, do não poder e talvez, até mesmo, do não viver.

### **5.3 SIGNIFICADO SOCIAL DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO**

A velhice é uma realidade que cresce estatisticamente a cada dia. Para se ter uma ideia da dimensão do crescimento de velhos, no ano de 2019, pela primeira vez temos mais avós do que netos no mundo. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas) existem 680 milhões de crianças de zero a quatro anos enquanto o número de pessoas acima de 65 anos atingiu a marca de 705 milhões. Ainda segundo o órgão é provável que no ano de 2050 a proporção

comparativa dessas populações seja de dois para um, isto é, dois idosos para cada criança de zero a quatro anos.<sup>42</sup>

Com relação ao Brasil, em estudo divulgado pelo IBGE, as estimativas são de franco crescimento da população idosa. Em 2039 o país poderá perder o título de país jovem pois o número de velhos superará o número de crianças menores de quinze anos. E ainda, se atualmente a proporção de idosos no Brasil é de um para cada dez, em 2060 será de um longo para cada quatro brasileiros.<sup>43</sup>

No entanto, apesar de todos esses dados e de sabermos que a velhice é o futuro, se não de todos nós, de uma maioria, ela ainda é marginalizada. A velhice está envolta de tabus e proibições, típicos desses tempos em que a idade é um marcador de interdições e permissões sociais como exposto na categoria “Envelhecimento e regulação etária” deste estudo. O imaginário social propõe a velhice como um tempo de decadência física e psíquica, de se curvar as restrições familiares, de aceitar as imposições culturais e sociais, de retirar-se da vida aos poucos. Foram estes predicados que fizeram a artista Bibi Ferreira proferir a dura frase: *“A velhice é a maior prova que o inferno existe”*<sup>44</sup>. E convenhamos ninguém quer se sujeitar a tal destino. Os relatos de nossas colaboradoras afirmam estas circunstâncias:

***“Infelizmente a questão do velho eu enxergo muito aquela coisa do cabelo branco, de a pessoa estar beirando a morte, penso em velho e já vem aquela imagem de asilo na cabeça, uma coisa bem assim voltada pra morte.” (Ramona, 32 anos)***

***“Acho [ser velho é] que quando você abdica de fazer as coisas, de estar no controle da sua vida” (Ana, 26 anos)***

***“É aquela pessoa que não tem mais condições de fazer nada, está isolada até da própria família. Isso é ser velho e até muito triste.” (Domitila, 71 anos)***

***“Velho para mim é uma pessoa confinada numa cama, uma pessoa já doente, mais debilitada, que já depende do outro.” (Marta, 74 anos)***

***“Essas pessoas que ficam impossibilitadas, sempre precisar da ajuda dos outros. Precisar de alguém para morar com você, para cuidar de você, para dar banho em você, alguém pra por fralda. Acho que você depender dos outros é ficar velho, é ser velho.” (Nisia, 64 anos)***

<sup>42</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47799778>. Acessado em Abril de 2019

<sup>43</sup> Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>. Acessado em Abril de 2019

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/velhice-e-maior-prova-de-que-o-inferno-existe/>. Acessado em Abril de 2019

As elocuções de Ramona, Ana, Anita e Domitila demonstram o que autores como Peixoto (1998), Dias (1998), Debert (1999) afirmavam em seus escritos, de que a palavra “velho” permanece conectada a prerrogativas negativas que acabam por estigmatizar os longevos. Ao utilizarmos o termo “velho” estamos nos referindo não apenas a uma pessoa que viveu muito mas também a subalternidade, a dependência, a decrepitude, a doença, a proximidade com a morte que estão social e culturalmente impregnadas nesta condição. Desde a segunda metade do século XIX a velhice é reconhecida como a etapa da vida em que o sujeito perde seu valor social, que está intrinsicamente atrelado ao modo capitalista de produção, e a decadência física firma-se como condição *sine qua non*. Estes status foram firmados graças a influência científica, tanto pela medicina e seu modelo biomédico que destaca os processos biofisiológicos e as funcionalidades físicas e mentais, quanto pelas teorias sociológicas que tratam a velhice como um problema social (NERI, 2006; BIRMAN, 1997). No entanto algumas mudanças ocorreram de lá para cá e que lentamente estão pondo estas colocações à prova, como afirma Birman (1997, p.197) “a velhice passa a receber um olhar e um início de um reconhecimento social que não existe na memória social da modernidade”.

***“Mas eu não me considero ainda velha, eu me considero idosa assim.”  
(Anita, 78 anos)***

***“Mas por exemplo meus pais, meu pai tem 64 e minha mãe tem 56, eu não consigo ver eles velhos, meu pai já é considerado idoso, mas não consigo ver ele velho.” (Ramona, 32 anos)***

Estas falas apresentam uma realidade contemporânea do envelhecimento, que diz respeito a utilização de determinados vocábulos para designar tal população, que por sua vez, também a adjetivam negativamente ou positivamente. O termo “Terceira Idade” foi cunhado em 1962 na França, devido a necessidade de uma política de integração social, a fim de promover uma mudança sobre como a sociedade francesa enxergava seus velhos. As expressões “velho” e “velhote” eram utilizadas para falar desta velhice tradicional no imaginário social, despossuída, indigente e excluída. Enquanto a designação “idoso” era exclusiva a velhice privilegiada social e financeiramente. Com a implantação desta nova política, a França passou a utilizar a palavra “idoso” em textos oficiais, substituindo os termos “velho” e “velhote”, para todas as pessoas envelhecidas que, por sua vez, passaram a obter maior respeito social. Devido a repercussão positiva, o Brasil também aderiu ao uso de “idoso” em seus documentos oficiais no final da década de 1970. Assim, a Terceira Idade

passou a significar uma etapa da vida, pós 60 anos, na qual o envelhecimento se faz ativo e independente (PEIXOTO, 1998).

*“Mas assim no Brasil eu vejo que a gente está muito atrasado nessa história de velhice, o velho é muito explorado, o velho não tem voz. Não é o meu caso mas eu vejo isso. E outra coisa eu nunca tive a velhice como uma coisa pesada, um fardo porque meus avós eram assim super pra frente e dinâmicos. Então eu não convivi com esse tipo de velho que é sofrendor, que é amargo então eu acho que eu tenho uma visão meio distorcida. Mas eu acho que hoje no Brasil o velho precisa ser mais amparado, eu sei que sou privilegiada, essa outra velhice mais sofrida é muito triste.” (Dorcelina, 73 anos)*

O relato de Dorcelina é interessante pois apresenta a existência do múltiplo envelhecer. A velhice dinâmica e a velhice sofrida, o envelhecer privilegiado e o envelhecer desamparado. Dias (1998) colabora para o entendimento desta colocação de nossa colaboradora ao fazer um paralelo entre o significado social da “Velhice” e da “Terceira Idade”. Como podemos perceber os dois termos, apesar de se referirem a um mesmo extrato etário, possuem definições opostas, esta ambiguidade só é possível devido a compreensão da multiplicidade do envelhecer (MORAES, 2011). Não há, portanto, uma única forma de envelhecer, visto que, este processo varia de pessoa para pessoa de acordo com suas condições de vida, experiências individuais, contextos sociais, culturais e históricos, entre outros (NERI, 2008b; NERI, 2013). Isto posto, o “idoso” é o representante da Terceira Idade pois se trata daquele que vive a velhice ativa e independente, enquanto o “velho” é reservado a aquela velhice debilitada, frágil e dependente. Como Castro e Camargo (2017, p.886) afirmam: “representação social da velhice é possível indicar que há uma distinção entre o velho e o idoso, em que o velho é considerado aquele que se sente velho e o idoso é o que tem idade avançada, mas que não sente os sinais da velhice”

*“Ser velho é ser impossibilitado. Para mim quanto você está andando, conversando, se alimentando sozinho isso é velho mas não velho entende. Porque velho é aquela pessoa que não tem mais nada, não tem prazer com nada, parece que fica lá sentado o tempo todo esperando a morte chegar, por enquanto eu vejo isso. Na nossa família tem muitos velhos né, o caçula da parte da minha mãe tem 85 anos, uma tia, e ela tá boa de cabeça mas ela já anda devagar já não pode comer qualquer coisa, outra tia está acabadíssima, já está impossibilitada de fazer um monte de coisa, teve um AVC. Essas já considero velho. Agora tem um marido dessa minha tia que ele tem a mesma idade que ela e eu não considero ele velho, ele é mecânico, ainda fuça lá na oficina dele, não consegue ficar parado, conversa normalmente, é super ativo então ele não é velho. Tem quem tem 80 e aí velho e tem quem tem 90 e não é velho.” (Anita, 78 anos)*

Da mesma forma como Dorcelina expressa-se anteriormente, a fala de Anita também denota a diferenciação clara entre velho e idoso, apesar de a mesma não verbalizar esta

segunda terminologia. Nossa entrevistada compreende que existe uma velhice privilegiada, considerada ativa e independente é o que ela chama de ***“é velho mas não é velho”*** enquanto o velho é aquele que se encontra em situação de dependência, impossibilidade e debilidade. Pela colocação da entrevistada também podemos considerar que a nomenclatura “velho” designa uma atitude diante da vida que independe da idade. Esta nova forma de conceber o “velho” também está presente em diversos outros relatos de nossas colaboradoras:

*“Ser velho, eu acho que é mais subjetivo, estou pensando nas pessoas que considero velha, tem mais a ver com quando elas perdem o gosto pela vida, do que propriamente pelo seu envelhecimento físico assim. É claro que se ela aparecer na minha frente e eu não a conheço eu vou levar mais pela aparência, pelos cabelos brancos, pelas rugas. é inevitável que você acabe dizendo pelo o que é aparente, mas quando você conhece a pessoa mais de idade minha percepção do envelhecimento dela ou não é a partir do desejo de vida dela, cada teoria chama isso de uma coisa, não me lembro os termos, tem pessoas que com 50 já jogaram as cartas, ah já vivi demais, já sofri demais, não quero aprender mais nada, estou cansado, então subjetivamente eu vejo o envelhecimento desse modo, objetivamente pela aparência, subjetivamente acho que por esse cansaço de vida, esse desejo de aprender.” (Leila, 27 anos)*

*“É mais o pensamento de velho do que o ser velho. Por exemplo quem fica reparando muito nos outros, que fica julgando os outros isso é ser velho.” (Violeta, 70 anos)*

*“Ser velha é aquela pessoa chata, ranzinza, implicante, que nada está bom, que tá sempre reclamando. E ser velho não tem idade[...]. Então ser velho é mais uma atitude do que aparência, às vezes a pessoa está lá com 90 anos mas tem uma cabeça ótima, maravilhosa melhor do que aquele de 20 ranzinza e chato.” (Dorcelina, 73 anos)*

*“[...] é mais uma atitude do que a velhice do corpo. Uma pessoa de 30 anos pode ser tão velha quanto uma pessoa de 90.” (Maria Esther, 73 anos)*

O velho deixa de ser uma apenas condição e se torna uma atitude, fortificando ainda mais os estereótipos relacionados a velhice. O chato, o ranzinza, o implicante, o julgador, o insatisfeito, o cansado, aquele que não quer aproveitar tudo o que a vida pode proporcionar como faria o idoso. Tanto é que, ao constataremos alguma mudança negativa em nossos corpos ou mesmo em determinadas atitudes utilizados o dizer *“Estou ficando velha(o)”* ou você, leitor, já ouviu alguém dizer *“Estou ficando idoso”*? Assim o velho deixa de ter função substantiva e passa a ter função adjetiva, passível a qualquer sujeito independentemente da idade, como presente claramente na fala de Dorcelina de 73 anos ao se referir ao filho: ***“Tenho um filho que nossa, é velho, quando ficar velho vai piorar porque ele sempre foi chato, não aceita o moderno, sempre está tudo errado”***. Podemos perceber que o alcance do estigma e preconceito sobre o velho não se delimita apenas as questões físicas, mas também

desbrava os aspectos psicológicos e subjetivos dos indivíduos. E que isso, infelizmente, é associado de forma negativa, conforme constatamos nas falas de nossas entrevistadas de diferentes idades, mas em especial das mais velhas. Talvez este seja um mecanismo utilizado por elas para negar a própria velhice.

Nota-se que velho beira o insulto e expressões cunhadas como Terceira Idade, Melhor Idade, Juventude Tardia cumprem a função de suavizar a condição do sujeito na velhice (SIBILIA, 2012). Não podemos ignorar que estes eufemismos servem convenientemente ao vislumbre capitalista de um mercado em ascensão. Afinal, um nicho populacional que só tende a crescer em conjunto com capital disponível todo o mês, a aposentadoria, é a receita ideal para um negócio e tanto a ser explorado, e não seria educado e muito menos lucrativo chamar seus consumidores de velhos, palavra esta tão impregnada de estigmas. Por isso desde o início deste escrito optamos, sempre que possível, pelo uso da palavra velha(o) a fim de colaborar com a aceitação de tal termo tão negligenciado.

No entanto, é impossível ignorar que assistimos nos últimos tempos a uma transformação progressiva acerca de lugar social dos velhos (BIRMAN, 1997). Impulsionada pelo aumento da longevidade e o protagonismo dos mais velhos na cena cultural, “a velhice acaba por receber um reconhecimento simbólico referente ao seu lugar social e cultural, que não lhe foi atribuído nos últimos duzentos anos” (BIRMAN, 1997, p. 199). Desponta uma velhice transgressora, que não aceita sair de cena e que enxerga esta fase da vida como um período de possibilidades e potencialidades. Os discursos positivos diante do envelhecimento e da velhice vista como potência também tiveram seu espaço nas elocuções de nossas entrevistadas. Entre as jovens:

***“Em contrapartida tem essa história do amadurecimento, eu não queria estar com a cabeça que eu estava há 10 anos atrás, eu estou bem melhor, bem mais feliz, então vale a pena as rugas em contrapartida, só não queria morrer mas fazer o que...” (Ramona, 32 anos)***

***“Eu acho que eu vejo muita potência nas minhas experiências, mesmo essa questão da faculdade quando eu fiz a primeira e nessa sabe. Nossa, são duas perspectivas totalmente diferentes e eu tenho certeza que se tivesse feito psico naquela idade, naquele momento, não teria o mesmo proveito que eu sinto que está tendo agora sabe e me contempla o modo como as coisas estão encaminhando.” (Christina, 32 anos)***

***“Mas ao mesmo tempo o envelhecimento tem essa potência também de questionar um pouco esse lugar mesmo da juventude, velocidade também porque parece que eu envelhecer traz essa coisa de parar um pouco. Não de parar, mas de questionar essa velocidade que a gente tem que viver o tempo todo.” (Cassandra, 26 anos)***



*“[...] a coisa da experiência, e falar “fulana já é macaca velha” então traz essa coisa de alguém que já sabe o que tá fazendo, já manja, já tá ali, então essa coisa da velhice como alguém que já circula no espaço com uma experiência, uma tranquilidade” (Cassandra, 26 anos)*

E entre as mais velhas:

*“Mas sabe eu acho que a cabeça da gente melhora tanto depois de um tempo, coisas que a gente dava importância e não dá mais, os valores são outros, o que você perde no corpo você ganha na cabeça, mas não tem rascunho para vida você vai aprender vivendo”. (Celina, 66 anos)*

*“Eu participo de 11 oficinas na Unesp, participo de um coral na minha religião, e mais um coral no CPP (Centro Professorado Paulista). O corpo envelhece mas o espírito da gente não pode envelhecer tanto quanto o corpo. Temos que procurar coisas para fazer, para estar sempre se comunicando, se relacionando com as pessoas. Porque eu estou em 13 grupos e eu tenho chance de conhecer muitas pessoas, de conversar de brincar, de dar risada.” (Maria Esther, 73 anos)*

*“Eu acho que eu sou melhor hoje do que na juventude, porque eu tinha preconceitos e conceitos que hoje eu não tenho. Eu era muito medrosa e hoje eu não sou mais. Eu não me relaciono bem com a água mas com 38 anos eu decidi que eu sou maior que o medo, então eu fui aprender a nadar. Fui aprender a dirigir também mais velha porque apesar de eu ter carta eu não dirigia porque morria de medo. Fui enfrentando os medos e hoje eu não tenho medo de nada” (Dorcelina, 73 anos)*

*“Mas a velhice tem muita coisa boa e hoje nada impede a gente, por exemplo pular corda, eu nunca gostei de pular corda, mas hoje nada me impede. Eu comecei a fazer caminhada a longa distância com 60 anos, agora com 70 anos eu quero pular de asa-delta, é uma proposta de vida.” (Dorcelina, 73 anos)*

Dedicar-se a novos estudos, procurar um outro trabalho, aprender a nadar, a dirigir, a pular corda, a pular de asa-delta são algumas das alternativas que se abriram para nossas entrevistadas na velhice. Portanto, podemos destacar que, para além da potência da maturidade, o envelhecimento trouxe para estas mulheres velhas diversas possibilidades de experimentação da vida. Este envelhecer outro pautado em novas experiências e vivências são destaque nas narrativas acima. Celina, Dorcelina e Maria Esther trazem à luz o que alguns autores, como Miriam Goldenberg (2015) em seu livro “A Bela Velhice”, tem discutido sobre a temática do envelhecer que é: o projeto de vida. Sinalizando que a velhice é sim um período que pode ser muito bem aproveitado, potencializado e planejado, por mais que digam o contrário. A autora supracitada conceitua o projeto de vida como a Bela Velhice, título de seu escrito:

A bela velhice é o resultado natural de um “belo projeto de vida”, que pode ser construído desde muito cedo, ou mesmo tardiamente, por cada um de nós. A beleza de velhice está, exatamente, na sua singularidade, nas pequenas e grandes escolhas

que cada indivíduo faz ao buscar concretizar seu projeto de vida. (GOLDENBERG, 2015, p. 18)

Compreende-se assim que o projeto de vida pode ter início na mais tenra infância como na velhice. O que realmente está em jogo é a liberdade, a autonomia e a responsabilidade sobre as escolhas feitas a fim de

buscar o significado da existência, conquistar a liberdade, almejar a felicidade, cultivar a amizade, viver intensamente o presente, aprender a dizer não, respeitar a própria vontade, vencer os medos, aceitar a idade e dar muitas risadas (GOLDENBERG, 2015, p.20).

Este projeto de vida é pessoal e intransferível porque é singular e único de cada sujeito, são suas particularidades e seus valores que irão definir o papel e os objetivos deste empreendimento vital como nossa entrevistada Leila verbalizou:

*“Eu acho que pra eu conseguir pensar um pouco sobre envelhecimento eu tive que fazer um retorno a mim mesma, de valorização mesmo, de compreensão de tempo, eu acho que o melhor modo [de envelhecer] é um retorno a si mesma e levantar mesmo aquilo que se pretende, aquilo que se quer” (Leila, 27 anos)*

Notamos que a utilização da palavra morte que foi um dos descritivos mais marcantes na relação com a velhice nas falas de nossas entrevistadas. Entende-se a vetustez como a eminente inexistência de futuro, ter um projeto de vida nesta fase é no mínimo transgressor. Assim, esta “bela velhice”, proposta por Goldenberg (2015), é um assumir o que se é, suas verdades, seus sentidos, suas convicções, seus desejos e vontades, e ainda colabora para a derrubada dos preconceitos e estereótipos ligados a velhice pois trata-se do não aceite as convenções sociais. Não à toa a maioria de nossas entrevistadas almejam um envelhecimento em que viagens, trabalhos, danças, passeios e aprendizagens se fazem presentes:

*“Eu consigo me ver viajando, trabalhando, talvez até fazendo algo mais social, que me dê prazer assim com o ser humano, com a minha vida ativa mesmo, fazendo minha atividade física, vivendo mesmo.” (Ramona, 32 anos)*

*“Então uma velhice ideal pra mim é essa que meu corpo desse conta minimamente de fazer essas coisas, fazer atividade física, dançar, passear” (Minerva, 24 anos)*

*“[...] eu gostaria de tentar manter essa rotina de aprendizagem, de sempre estar querendo fazer algo novo, conhecer gente, mas principalmente aprendendo, lendo, sempre uma mente ativa né. Porque o corpo, pode ser que eu não possa ter uma mobilidade tão grande, então o principal seria ter uma mente ativa. (Leila, 27 anos)*

*“Com saúde e feliz consigo própria. Um envelhecimento ativo assim, eu sou muito ativa assim, quando eu não estou bem nossa parece que vai tudo*

*por água abaixo, então acho que com saúde e sempre ativa. (Juana, 20 anos)*

*“[...]a velhice ideal seria ter condições financeiras mesmo para lidar com as questões mais próprias da velhice, até de mobilidade assim, de ter uma autonomia que passa por uma questão financeira, de poder também não estar isolada porque eu acho que isso é uma coisa que pega muito outras pessoas nesse processo mesmo se aposentar, de perder o vínculo de trabalho e acaba ficando muito solitário então encontrar formas de estar em outros espaços que me fizesse também estabelecer vínculos e dar sentido para minha vida de alguma forma.” (Cassandra, 26 anos)*

Finalizamos esta categoria com um breve escrito de Antônio Cândido (2006) que, a nosso ver, concatena as ideias aqui expostas e reivindica a posição de protagonistas que devemos exercer sobre o nosso tempo vivido:

*Acho que uma das coisas mais sinistras da história da civilização ocidental é o famoso dito atribuído a Benjamim Franklin, ‘tempo é dinheiro’. Isso é uma monstruosidade. Tempo não é dinheiro. Tempo é o tecido da nossa vida, é esse minuto que está passando. Daqui a 10 minutos eu estou mais velho, daqui a 20 minutos eu estou mais próximo da morte. Portanto, eu tenho direito a esse tempo. Esse tempo pertence a meus afetos. É para amar a mulher que escolhi, para ser amado por ela. Para conviver com meus amigos, para ler Machado de Assis. Isso é o tempo. E justamente a luta pela instrução do trabalhador é a luta pela conquista do tempo como universo de realização própria. A luta pela justiça social começa por uma reivindicação do tempo: ‘eu quero aproveitar o meu tempo de forma que eu me humanize’. As bibliotecas, os livros, são uma grande necessidade de nossa vida humanizada. (Antônio Cândido)<sup>45</sup>*

#### **5.4 O MEDO E A CORAGEM DE ENVELHECER NO CONTEMPORÂNEO**

Nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer. Estes verbos que conduzem a nossa existência escondem um fator fundamental que por muitas vezes nos é esquecido: o envelhecer é um processo que perpassa toda a nossa vida e não se configura em apenas um momento. A impressão passada pela contemporaneidade é que apenas nos tornamos velhos ao apagarmos as velinhas aos 60 anos de idade, como Ana, uma de nossas entrevistadas, explicita de forma simples e objetiva ***“Quando ser velho chega” (Ana, 26 anos)***. No entanto, a velhice nos atravessa durante todas as épocas de nossas vidas, sempre seremos o velho e o jovem de alguém (GOLDENBERG, 2016) como outra colaboradora bem colocou: ***“E isso é muito relativo né, para uma criança de dois anos eu sou velha, pra mim uma pessoa de 40 anos as vezes é velho” (Minerva, 24 anos)***.

Nesta lógica, aliada ao fato de que os limites etários se fazem cada vez mais elásticos, não faz muito sentido o medo de envelhecer, mas este pavor se faz presente cada vez com

<sup>45</sup> CANDIDO, A. Antonio Candido inaugura biblioteca do MST e fala da força da instrução. Rio de Janeiro: Carta Maior, 2006. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Antonio-Candido-inaugura-biblioteca-do-MST-e-fala-da-forca-da-instrucao/2/11075>. Acessado em julho de 2018.

maior intensidade no contemporâneo. Esta ambivalência é notada por Py et al (2011, p. 1353) “no momento da história em que os indivíduos ganham sempre mais anos de existência, envelhecer deixou de ser um projeto humano”. Para as nossas entrevistadas, ao serem questionadas se teriam medo de envelhecer, as mulheres jovens em maioria responderam que sim ou não conseguiram nomear, enquanto apenas uma respondeu categoricamente que não. Contudo, os motivos dados por elas foram bem destoantes:

- Morte

*“Eu não sei se é medo ou receio, estaria nesse contexto, mas não é só medo de envelhecer, é um pouco... morte. É uma coisa muito ligada o medo, o envelhecer e o medo da morte” (Ramona, 32 anos)*

*“Eu acho que mais pela questão de não viver a vida, não fazer tudo o que eu quero, de ter uma vida longa assim, a gente não para pra pensar na morte e aí eu tenho medo de não dar tempo de fazer tudo o que eu quero. Essa aproximação com a morte, acho que nem tem tanto a ver com o tempo assim, porque o tempo eu vou levando um dia de cada vez, mas essa coisa da morte assim, a gente se depara com alguma coisa que leva a isso, eu fico desesperada e penso: “Eu não vivi tudo ainda, eu preciso viver mais””. (Patria, 24 anos)*

*“Talvez, eu acho que é um receio, receio de como vai ser o futuro assim, de como seja estar velha [...]A cada idade me traz a perda de algumas coisas, por exemplo aos meus 50 anos eu não tenho a garantia de que meus pais estarão vivos [...]. Para mim a perda é um problema então o envelhecimento é um problema porque se aproxima da morte.” (Dandara, 20 anos)*

- Estética

*“Por ser algo novo, algo que a gente não sabe como vai acontecer. A mídia tem uma carga pesada nisso, principalmente pela aparência então você tem que ter uma aparência e aquela coisa né, você tem que estar dentro da sua idade” (Minerva, 24 anos)*

*“Porque eu acho que a questão da aceitação, eu acho que me pega muito... Na verdade esse é um tema que tem sido muito conflitante ultimamente para mim porque eu acho que eu intensifico muito essa questão sabe, sem necessidade assim as vezes [...]Eu tenho 32 anos e para mim parece que, as vezes, eu me olho e eu me vejo com aparência mesmo sabe, é uma coisa louca, não é sentir-se, não sei se dá para a gente separar o dentro e o fora. Na verdade, parece mais conflitante ainda porque parece que eu sou uma pessoa por dentro e a hora que eu me olho no espelho parece que eu estou me tornando uma outra pessoa por fora. Parece que não condiz assim sabe aquela aparência com aquilo que eu costumo ser, com o que sempre costumei ser, com o que eu sempre costumei ver” (Chistina, 32 anos)*

*“Tenho medo de envelhecer pela questão estética e a questão de crescer e amadurecer, ter mais responsabilidade, isso é um pouco assustador porque chega uma hora em que você vai ter que se virar sozinho pra fazer suas*

*coisas. Então tem esse medo de envelhecer e o medo estético.” (Ana, 26 anos)*

*“Então ...isso não é uma coisa que eu penso e conscientemente assim eu acho, mas eu acho que eu tenho medo sim um pouco dos sinais do envelhecimento, da coisa do corpo mesmo, principalmente dessa coisa de flacidez, de ruga, mas não é uma coisa que eu vejo que eu me preocupo conscientemente sabe.” (Cassandra, 26 anos)*

- Físico

*“Na verdade eu não tinha essa dimensão até pouco tempo atrás, eu percebi porque eu estava tendo alguns sintomas de problemas de saúde, eu não aceitei ir ao médico, foi quando as pessoas começaram a me sinalizar dessa minha dificuldade, eu mesma não me dava conta disso, foi desse modo que eu percebi meu medo de envelhecimento.” (Leila, 27 anos)*

*“Difícil isso, é uma questão eu penso bastante, a pessoa velha precisa de cuidados, precisa de apoio, é frágil e também ela vai perdendo algumas coisas tipo no caminhar, ela não consegue correr mais, ela caminha muito devagar, faz as coisas muito devagar, essa pró atividade, essa agilidade que eu tenho aos 22 sabe eu vou perder” (Carmen, 22 anos)*

Ramona, Patria e Dandara levantaram a questão da velhice e sua proximidade com a finitude, enquanto Minerva, Christina, Ana e Cassandra atentaram-se para as mudanças estéticas em conformidade com o passar do tempo. E Leila e Carmen ponderaram acerca das debilidades físicas acarretadas pelos anos vividos. Em suma, estes relatos dimensionam que o envelhecer está envolto de perdas: perdas físicas, perdas psíquicas, perdas sociais, perdas afetivas como Concone (2010), em seu texto “Medo de envelhecer ou de parecer?”, também havia constatado. Portanto, se o destino reservado a velhice é o de perdas, já não nos parece tão estranho o medo de alcançarmos este estágio da vida.

Um fato interessante que emergiu nos discursos de nossas entrevistas é que antes da velhice em si, o medo é alcançar e encarar as mudanças presentes em uma faixa etária especial: os 30 anos.

*“[o envelhecer] nunca foi [uma preocupação] até quando eu fui beirando os 30 anos. [...] quando eu fiz 30 anos eu tive uma crise assim uma semana chorando, meu pai até falava: “Qual a diferença da semana passada pra essa semana? Não mudou nada” ... eu não sei se era muito pra mim a questão do estar envelhecendo ou pelo contexto, nesse período da minha vida. Considero que as coisas mudaram depois dos 30” (Ramona, 32 anos)*

*“34 anos eu já vou estar velha, nossa quase 40 anos” (Patria, 24 anos)*

*“Eu acho, eu acho que fazer 30 dá uma crise eu imagino. Mas as minhas amigas aqui estão entre 30 e 32 e todas elas me falam isso assim de como fazer 30 foi difícil, foi triste porque você já está numa idade adulta mesmo, você não é mais jovem” (Cassandra, 26 anos)*

*“Eu consigo me ver com 35 porque acredito que a partir dali é que começam as grandes mudanças” (Ana, 26 anos)*

*“Tipo eu tenho uma alimentação péssima, eu me alimento muito errado e as pessoas falam assim, quando você chegar nos 30 teu organismo já não vai mais responder, e nesse sentido de que os trinta é um marco de que teu organismo já vai começar a declinar mesmo, como se aos 30 você começasse a envelhecer. Como se o corpo biológico vai chegar no ápice ali e aí só vai decair assim. Parece que as pessoas me colocam nesse lugar e falam isso para mim e isso tem impacto na forma como eu penso” (Cassandra, 26 anos)*

*“[...]esse discurso de depois dos 30 tudo começa a decair, não que não tenha um efeito, que existe é um corpo humano que passa por um processo, mas ainda assim eu vejo que é uma coisa vendida muito forte, que depois dos 30 você tem que se preocupar com uma série de coisas porque agora você não é mais jovem, e não ser mais jovem implica em uma série de outras coisas que você agora tem que dar tempo.” (Cassandra, 26 anos)*

Para estas jovens o envelhecer tem data marcada, ou melhor, idade marcada, os 30 anos. Não podemos desconsiderar que este período etário é biologicamente marcante. A desaceleração do metabolismo e consequentemente o ganho de peso se faz inevitável, bem como a redução da produção de colágeno e a diminuição dos hormônios, que corroboram para o envelhecimento da pele, são fenômenos fisiológicos típicos desta época da vida. Ainda há uma condição exclusiva do feminino, que é atingido em cheio pelas mudanças corporais advindas do passar do tempo: a gravidez. A gestação passa a ter limite para ser saudável, os 35 anos, após esta idade é considerada tardia.<sup>46</sup>

Além de todos estes elementos, ainda há uma expectativa posta sobre as mulheres que culminam nestas preocupações com os 30 anos. Segundo os ditames sociais e culturais contemporâneos, que são fortemente marcados pelo patriarcado, esta é a idade em que a mulher já deve estar com a vida nos trilhos, isto é, satisfeita e realizada profissionalmente, financeiramente e amorosamente. Não há mais espaço para as aventuras típicas da juventude, afinal, como disse nossa entrevistada Cassandra (26 anos): *“você não é mais jovem”*. Na verdade, a tal “crise dos 30”, que os relatos acima se referem, evidenciam a realidade que preferimos negar, o tempo passa e somos suscetíveis a ele. A percepção da impossibilidade de viver uma eterna juventude é evidenciada com a chegada dos 30 anos.

Entretanto, enquanto a grande maioria das jovens manifesta algum desassossego quando o assunto é envelhecer, as mais velhas parecem ter uma outra visão sobre o processo

<sup>46</sup> Disponível em <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Saude/noticia/2014/06/ser-mae-apos-os-35-anos-quais-os-riscos-e-beneficios.html>. Acessado em abril de 2019

de envelhecimento. Para as nossas colaboradoras longevas, ao serem questionadas sobre o medo de envelhecer, a maioria respondeu negativamente ou que nunca tinham pensado sobre isso:

***“De jeito nenhum. Nunca tive medo, nunca pensei nisso. É consequência da vida né, se você não morrer jovem você vai ter que chegar na velhice, ninguém escapa.” (Violeta, 71 anos)***

***“Não, nunca tive. Eu acho que o envelhecimento faz parte do processo da vida, tem adolescência, juventude, a idade madura” (Dorcelina, 73 anos)***

***“Não, eu já estou envelhecendo. Nunca me preocupei com a idade, de falar idade.” (Maria Esther, 73 anos)***

***“Não, eu já estou envelhecendo há bastante tempo. Mas eu nunca pensei mesmo sobre envelhecer nem pensava envelhecer nem quando era mais jovem, não era uma preocupação” (Celina, 66 anos)***

***“Não, já estou velha mesmo.” (Marta, 74 anos)***

Apenas Nisia de 64 anos, a integrante com menos idade entre as mais velhas, expôs certo receio acerca do avançar dos anos: ***“Acho que no fundo eu tenho [medo de envelhecer].”*** E expõe em seguida os motivos que a levam a sentir tal amedrontamento como: a perda dos atributos estéticos ***“O meu medo de perder a minha beleza, porque eu me acho bonita.”***; perda da mobilidade física ***“Então eu comecei a sentir envelhecimento para mim quando eu me quebrei porque eu parei de ir para academia, eu sou ligado no 220 e eu tive que parar um pouco e isso me deixou muito triste.”***; a possibilidade da perda psíquica ***“Outra coisa que eu penso é como que eu vou ficar quando eu ficar velhinha, se eu vou ficar gagá igual a minha mãe ficou.”*** Nada muito diferente do que foi apresentado nos relatos das mais jovens.

Assim, diante do comparativo entre as falas das jovens e das velhas, há a percepção de que o medo de envelhecer é algo advindo dos tempos contemporâneos que estamos atravessando, como outra entrevistada expõe:

***“Eu vejo que poucas pessoas aceitam a idade que têm sabe, essa geração agora sabe acha que tem que ficar novo sabe, com a cara nova e corpo novo. Não a minha geração mas a sua geração, mas tem a gente hoje com 60, 70 fazendo plástica eu fico perguntando para quê” (Marta, 74 anos).***

***“Eu acho que essa questão é da minha geração e minha própria também, mas não é que alguém me pressiona diretamente a isso e não é uma pressão real parece uma coisa meio de fachada.” (Ana, 26 anos)***

Não podemos nos esquecer que o medo de envelhecer é lucrativo, especialmente nesta sociedade midiática em que ***“cada vez mais, corpo- e tão somente corpo- é tudo o que somos”***

(SIBILIA, 2012, p.93) e o que valem os. É o “corpo capital” que Miriam Goldenberg (2011) conceitua em seu texto “Afinal, o que quer a mulher brasileira?” como o corpo monetizado que transpõe os limites da carne, ascendendo ao simbólico, que carrega e traduz em si os valores culturais contemporâneos como a jovialidade, a tonicidade, a beleza, a felicidade, os atrativos sexuais e a longevidade. Assim, para a manutenção e valorização de tal adereço é despendido tempo, energia e muito dinheiro, isto posto, hoje “o sujeito serve ao corpo em vez de servir-se dele” (NOVAES, 2011, p. 485). Nesta dinâmica, o discurso do saudável por intermédio da prevenção ganham espaço na luta contra o envelhecimento:

*“[...] um creminho tudo bem. Dizem que é bom usar pra prevenir né” (Juana, 20 anos).*

*“Eu tenho uma prima que é dermatologista e a gente sentada na mesa: “Ó aqui assim você já podia esticar um pouquinho por prevenção...”. (Ramona, 32 anos)*

*“[...] e de uns tempos pra cá eu comecei a usar creme com colágeno, e foi bem aquela coisa: “Ah você está na idade de se cuidar”, porque não adianta nada você chegar lá com 50 anos e falar: “Tá agora eu preciso me cuidar” e isso me despertou um pouco agora.” (Minerva, 24 anos)*

*“[...] aí eu penso “nossa verdade, eu tenho que me preocupar com isso, daqui a pouco eu vou estar nos 30, meu organismo vai começar a não mais responder, tem que me preocupar com a minha saúde”, essa coisa da idade mesmo. Que pira né...” (Cassandra, 26 anos)*

Os relatos acima demonstram esta lógica do prevenir como forma de cuidado e saúde. A tecnociência cosmética e farmacêutica, em conjunto com mídia e o mercado, entendem e atendem como ninguém a esta demanda contemporânea e prometem soluções alternativas e sempre temporárias, embora classificadas pelos seus produtores como totalmente eficazes, para os males do envelhecer (SIBILIA, 2012). Inicialmente as mulheres são convidadas a precaver as ações do tempo sob a premissa da saúde, como explicitado por nossas colaboradoras, com o uso de técnicas de rejuvenescimento corporal como cremes, peelings e/ou aplicações de substâncias intracutâneas como *botox*, entre outros. Dessa forma, prevenção é a palavra de ordem e quanto mais cedo ela começar, melhores são os resultados e também os lucros.

No entanto de convite avançamos para a obrigação, como se as mulheres tivessem a responsabilidade de manterem-se jovens, consequentemente “a fugacidade do belo e a sua submissão a modelos e interesses de massa agravam a dor das pessoas- sobretudo das mulheres- que fazem do corpo um calvário” (NOVAES, 2011, p. 491). Ainda sobre tais aspectos Novaes (2011, p.493) afirma: “De dever social (se conseguir, melhor), a beleza



tornou-se uma obrigação moral (se realmente quiser, eu consigo). O fracasso não se deve a uma impossibilidade mais ampla, mas uma incapacidade individual”.

Este mecanismo perverso acarreta consequências físicas e/ou psicológicas, podendo desencadear, inclusive, quadros patológicos. “A ansiedade que o envelhecer gera, pode ser acentuada pela mídia e a preocupação com o entardecer da vida evolui para um transtorno de ansiedade mais específico, como uma fobia, chamada de gerascofobia.” (DELBONI et al, 2013, p. 204) Este distúrbio é alimentado por uma sociedade pautada na valorização excessiva do jovem e seus atributos em detrimento do velho e todos os seus estigmas. E não apenas este transtorno tem origem nesta ansiedade diante do envelhecer, ainda contamos com o despontar de outras alterações como a ortorexia e a vigorexia. Estes últimos caracterizam-se pela obsessão pelo saudável. Enquanto a primeira obstina-se na compulsão pela alimentação salubre restringindo excessivamente ou mesmo eliminando da dieta alimentos que contenham açúcares, incluso frutas devido a frutose, glúten, lactose, sódio e alimentos não orgânicos. A segunda dedica-se a execução superabundante de exercícios físicos, a ponto de mesmo em casos de lesão a atividade física não cessar. Em ambas as situações os sujeitos se isolam para manter a disciplina diante das exigências impostas por si próprios.

A intencionalidade por trás do cuidar-se, que pode ser pensada em um primeiro momento como uma oportunidade de dar atenção a si, está relacionada, na verdade, ao aprisionamento feminino em uma jornada sem fim ao inalcançável. A mulher luta contra si mesma modificando-se, maltratando-se, mutilando-se, e ainda paga excessivamente caro para se torturar, a fim de encontrar um espectro aperfeiçoado de si que nunca será perfeito. Os relatos de Nisia e Anita expressam tal realidade:

***“Fiz no rosto. Fiz um peeling profundo e tirei as pálpebras. E assim as pálpebras até adiantou, agora peeling eu não senti resultado embora muitas pessoas acharam o efeito bom, eu não porque foi horrível, você fica transformada, é dolorido e eu me senti lindinha enquanto eu estava inchada logo depois eu não senti diferença [...] Ah deixa assim mesmo já sofri demais e não vi resultado e não vou me expor novamente ao sofrimento para não sentir resultado nenhum”.*** (Anita, 78 anos)

***“Eu também coloquei ácido hialurônico para rejuvenescer a pele e para eu que sou magra e morena melhorou muito mas o efeito é muito rápido e tem que ter dinheiro porque a cada seis, sete meses, a médica liga que tem que voltar lá para colocar mais, você até tenta enrolar um pouquinho mas oitavo mês não tem jeito. Preenchimento dura até mais ou menos 1 ano. Mas para se cuidar tem que ter grana porque é bem caro”*** (Nisia, 64 anos)

Estes relatos elucidam que apesar de as mulheres velhas afirmarem, em maioria, o não temor ao envelhecimento, as mesmas não estão imunes a esta lógica do cuidado corporal

mesmo que constatem a ineficácia de certos produtos e procedimentos cosméticos, como Domitila e Dorcelina complementam:

*“Uso o creme anti ruga, passo um e vejo que não dá resultado, porque difícil dá resultados, passo para outro. Vou mudando, eu uso Natura não deu resultado eu passo para outro, uso um Avon não deu resultado, vou para outro.” (Domitila, 71 anos)*

*“Como diz um amigo meu “não adianta nada mas passa o creme”.” (Dorcelina, 73 anos)*

Outro fator relevante é que ao serem questionadas sobre a realização de intervenções estéticas, as velhas demonstraram interesse em fazer algo neste sentido, contudo há certa desconfiança sobre os procedimentos cirúrgicos indicados pela medicina e pela cosmetologia as suas faixas etárias. Se aos 25 anos os tratamentos intracutâneos já são indicados, aos 70 anos as prescrições como intervenções cirúrgicas são corriqueiras e, portanto, mais invasivas. Está latente em seus discursos o receio de que estes procedimentos estéticos mais as prejudiquem do que as beneficiem:

*“Não faria plástica, porque você faz uma plástica não consegue mais fechar a boca e nem olho” (Domitila, 71 anos)*

*“Não eu nunca fiz mas se eu tivesse condições financeiras eu faria. Tirava a papinha aqui, tirava essa bolsinha do olho, diminuiria um pouco meu seio. Acho que só, porque do resto ia ficar desproporcional, porque você tira daqui sobre ali, você corta lá e sobra acá, então não adianta, fica parecendo uma palhaça.” (Violeta, 70 anos)*

*“Assim quanto a envelhecer, eu queria fazer uma coisinha mas não esse negócio de ficar esticando aí, porque eu acho horrível mas queria dar uma amenizadinha. Mas daí eu vou lá ver o preço e é o preço da viagem, aí eu prefiro viajar.” (Dorcelina, 73 anos)*

*“Quando eu era mais nova o médico falava: “Quer fazer uma barriga?” e eu falava “Não, tá bom para que isso?! Quem tinha que ver já viu”, não vou ficar lá fora mostrando, para mim então não faz diferença. Esse médico ele é muito amigo do meu marido, ele falava “vem cá, eu faço as coisas eu não cobro nada”, ele fala “vem aqui vamos tirar o código de barras” e eu falo “acha que eu vou tirar o código de barra e ficar com aquela cara de sapo com aquele olho estalado, não não não” (Marta, 74 anos)*

Cumpramos notar que a crítica despendida ao “cuidar-se” não se refere a condenação de todos os procedimentos estéticos. Cremes anti-idade, toxina botulínica, preenchimentos, cirurgias reparadoras são uma realidade e devem servir as interessadas por seu uso. O que criticamos é a intencionalidade mercadológica e vil que age por trás deste pensamento que transforma as mulheres em vilãs de si mesmas. Não podemos perder de vista que esta relação entre cuidado e idade é intermediada pela condição financeira privilegiada. A mulher que luta

contra os efeitos do tempo, mesmo que em vão, paga um preço alto tanto financeiro quanto subjetivo. A pergunta que fica é: será realmente desejo ou imposição?

*“Com certeza um certo zelo assim com a aparência com a saúde eu acho bom, acho saudável mas não tanto desse lado que a coisa tá indo. Você não pode ter uma ruga, você não pode ter uma gordura caindo, que daí as pessoas já te olham diferente.” (Ramona, 32 anos)*

Ramona expressa sua compreensão diante deste dispositivo cruel de regulação corporal e toda a pressão social diante de um corpo que segue seu curso normal. A colaboradora ainda traz à tona um ator importante neste jogo de aparências: o olhar do outro. Como Simone de Beauvoir (2018) nos ensina que é pelo olhar de um ou vários outros que, normalmente, percebemos o nosso envelhecimento, pois “em nós o outro que é velho” (BEAUVOIR, 2018, p.302). Em suma, a velhice só é reconhecida em terceira pessoa. Ela, ele, elas, eles são velhos, nunca nós, nunca eu. Nos nossos dois grupos de entrevistadas há relatos que expressam o reconhecimento do envelhecer pelo verbalizar do outro:

*“...fui agora à dermatologista e ela falou: “Porque você não faz um laser?” Se fosse antigamente isso nem ia passar pela minha cabeça, a questão do botox, mas eu comecei a prestar atenção quando os outros falaram, eu não via antes. Depois eu comecei a prestar atenção e realmente tem uma marquinha que não tinha antes, mas não é algo que me incomoda, assim muito” (Ramona, 32 anos)*

*“... que uma pessoa ficava acentuando muito isso assim sabe, as marcas de expressão que começaram aparecer. “Nossa olha essa marca no seu rosto”, “Olha essa marca em tal lugar”, “Olha essa pele mais flácida”. Aquilo parece só vai aumentando, só vai tomando proporção. Desculpa se chorar. [...] Parece que desde quando eu tive esse relacionamento a cada dia eu me olho no espelho e parece que eu vejo uma coisa nova sabe, uma marca que eu não tinha visto, uma mancha que eu não tinha visto, uma pelinha sobrando.” (Christina, 32 anos)*

*“E tem muito também dos outros apontarem né, por exemplo a minha mãe me olha e fala “nossa você tá acabada hein”. Assim não me incomoda porque o que importa é o que eu estou sentindo, eu não me importo muito com o que o outro fala para mim ou pensa de mim. Mas existe muito, é difícil dia que você não recebe uma dessas assim, só se você não sair de casa, eu não sei se é maldade, acho que é do ser humano né.” (Domitila, 71 anos)*

*“E também agora todo mundo ficava falando “nossa você está muito magra”, “olha a tua boca cheia de ruga e murcha”, “nossa como você envelheceu”. (Nisia, 64 anos)*

Este outro aponta, julga, palpita e por meio destas “sutilezas” vamos tomando conhecimento de uma realidade que sempre esteve conosco, mas nunca gostamos de encará-

la: envelhecemos. As velhas ainda relatam que o olhar do outro julgador, por vezes, surge sob a capa do elogio e não pelo apontamento da velhice explícito:

*“E tem aquele outro também que tenta te agradar para não te mostrar que você tá horrível, lá no fundo no fundo você sente que aquele elogio não é para que elogiar é simplesmente para dizer “nossa como você tá horrível” mas fala “ficou linda essa roupa para você”. Tem muito disso, falsidade. Tem pessoas que falam de coração e você sente isso, mas tem aquele que está com espinho por trás.” (Domitila, 71 anos)*

*“Os jovens são bem cruéis, aquela falsidade sabe, ‘nossa como você tá linda’ mas a gente sabe que é mentira, a gente tem espelho em casa” (Violeta, 70 anos)*

Este veredicto da velhice proferido pelo outro colabora ainda mais para a pressão e descontentamento individuais acerca do envelhecimento e suas consequências tendem a ser perniciosas, uma vez que “o corpo da mulher é um objeto que se compra; para ela, representa um capital que ela é autorizada a explorar” (BEAUVOIR, 2016, p.190). Desse modo, recorre-se aos diferentes dispositivos, eficientes ou não, doloridos ou não, perigosos ou não, adoecedores ou não, em busca de, ao menos, não aparentar o passar dos anos. Afinal, parecer velha é porque não se cuidou o suficiente. A velhice à mostra revela-se como sinônimo de desleixo, ostentá-la beira a obscenidade (SIBILIA, 2012). As velhas ainda acrescentam que, para além do olhar julgador, ainda existe o olhar comparador:

*“Assim eu acho que eu sou meio que modesta porque eu vejo as pessoas que estão mais acamadas e eu penso “nossa como essa pessoa está velha será que eu estou assim?!?”. Agora há pouco eu acabei de falar isso de uma pessoa para minha irmã: “Nossa como ela está velha era tão bonita né”. (Anita, 78 anos)*

Por fim, outra questão que merece ser ressaltada, e conversa com as percepções de terceiros sobre o nosso envelhecer e o medo do envelhecimento, são as das relações parentais. As falas abaixo demonstram o quanto não estamos preparados para a velhice daqueles que nos criaram, talvez pela proximidade da perda ou ainda por anunciarem um possível reconhecimento de que estamos envelhecendo também:

*“Mas meu filho outro dia falou: “Nossa mãe como você está velha olha esse cabelo branco”, eu respondi para ele: “Não é a que eu estou ficando velha, eu sou velha”. (Dorcelina, 73 anos)*

*“O cabelo branco eu queria deixar mas minha filha que não quer, ela fala “não, pelo amor de Deus tira esse cabelo aí”, mas aí eu falo “eu queria deixar para usar uma faixa assim ó, aí eu corto bem curtinho já fica todo grisalho”, aí ela fala “pelo amor de Deus mãe, eu não quero ver você grisalha”. Mas eu estou grisalha, eu sou grisalha, então ela fala “aí mãe quando você puder pintar, pinta vai”. Ela fala assim “não mãe, cabelo grisalho não fica legal” e minha neta mais velha também fala para não*

*deixar branco não. Mas eu acho que isso é mais coisa delas do que minha porque para mim não vai influenciar muita coisa não.” (Marta, 74 anos)*

Marta é precisa ao explicitar em seu relato a seguinte frase *“isso é mais coisa delas do que minha”*. A proximidade da nossa velhice é exposta ao envergarmos vetustez de nossos pais. Os cabelos que branqueiam hoje, disparador do incomodo nas falas acima, evidenciam que amanhã serão os nossos a sofrer tal efeito. Somos os próximos na fila do tempo. As elocuções também demonstram a tentativa dos filhos em influenciar as vivências na velhice dos pais, este é o caminho que se abre para que uma possível tutela que se disfarça de cuidado. Esta problemática da velhice parental, apesar de relevante, ainda é pouco explorada pela literatura científica, em um momento em que no mundo existem mais avós do que netos, se faz urgente o debate sobre tais questões.

## **5.5 O ENVELHECIMENTO MEDIADO PELA QUESTÃO DE GÊNERO**

“Não é fácil ser velho no mundo contemporâneo – ser velha, então, pior ainda!” (SIBILIA, 2012, p.85). Esta é a frase que a autora Paula Sibilia (2012) inicia seu texto “O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice” que versa sobre a árdua tarefa de ser mulher e velha no mundo atual. O envelhecimento feminino beira o proibido, cercado de cobranças e julgamentos como declaram Ramona (32 anos) *“Lógico que depende do contexto em que você está, mas eu como mulher me sinto muito julgada.”* e Patria (24 anos) *“É sempre isso né, envelhecimento é uma cobrança 24 horas por dia”*. A afirmação de Sibilia e de nossas entrevistadas convergem com o escrito de outra autora, Carmem Salgado:

As mulheres, portanto, têm sido socializadas e treinadas para temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento, pretende-se escapar das penalidades impostas a velhice. Sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que mulher, ser jovem que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado (SÁNCHEZ, 1998, apud SALGADO, 2002, p. 12)

É possível afirmar, portanto, que o processo de ciclo de vida é fortemente perpassado por uma questão de gênero que consequentemente demarca também o envelhecer. Para tal debate nossas colaboradoras afirmam:

*“ahhh porque a mulher envelhece muito mais rápido do que o homem, e como é que vai ficar essa aparência, será que vai continuar sendo bem quista pelo parceiro, fica essas questões né, aí entra numa questão de gênero também né, sempre tem que dar mais de nos mesmas nos espaços, seja de comportamento, seja de aparência física, seja de competência no trabalho, a gente sempre tem que dar mais do que eles pra se equiparar a uma ideia de qualidade, acho que eu bato muito nessa tecla de questão de gênero também no envelhecimento.” (Leila, 27 anos)*

*“Você está entrevistando só mulheres né para essa questão do envelhecimento, você é mulher e tal e eu acho que para gente é uma coisa muito vinculada com a estética, que me parece muito diferente do processo dos homens assim. Que para a gente envelhecer tem a ver com ficar feia, com o você não corresponder a esse modelo de beleza que nos é imposto. E é imposto de um jeito tão violento que não é só uma questão de estética no sentido de você se sentir bonita, mas a gente é muito avaliada pela aparência, avaliada a competência profissional. Por exemplo: se você não usa maquiagem, se você não está vestida dentro daquilo que se espera, você é incompetente. Eu acho que a mulher tem muito esse peso de que se você não está dentro de um padrão estético que passa por um corpo de jovem, você não é boa mesmo no âmbito profissional e eu acho que isso tem muito a ver qual o lugar que a gente ocupa, com as pessoas, o ambiente que a gente tá.” (Cassandra, 26 anos)*

Leila e Cassandra afirmam em seus discursos que o envelhecimento feminino é divergente do envelhecer masculino em diversos aspectos. Mas que, principalmente, perpassa o estético, a aparência, o físico que, por sua vez, influenciam em diversos outros âmbitos como a competência profissional. Dentro desta perspectiva o ditado popular *“Sou como o vinho, quanto mais velho melhor”* tende a se referir ao envelhecer masculino. Enquanto o envelhecimento feminino é marcado pela invisibilidade e incapacidade, como traduzido pela fala de Christina (32 anos): *“Parece que as mulheres mais velhas estarão sempre ultrapassadas e não terão com que contribuir sabe”*.

Sobre tais particularidades, Carmen Salgado (2002) no texto “Mulher Idosa: a feminização da velhice”, cita exemplos de como a sociedade utiliza de estereótipos a fim de proclamar que, com o passar dos anos, a mulher perde seu status atrativo e consequentemente seu valor enquanto o homem ganha prestígio com a idade. Para a autora, ao passo que o feminino é o “enrugado”, o masculino é o “charmoso”. A medida que os cabelos brancos denotam “decadência” para a mulher, são considerados “atrativos” para o homem. Enquanto a velhice feminina é representada pela maldade, humor e chacota, a velhice masculina é representada pelo sábio. A mulher é velha mesmo que possua idade inferior ao homem. Salgado alega, portanto, que o problema de gênero no interior da temática do envelhecimento reflete o sexismo presente na sociedade que, por sua vez, é escancarado como gerofobia<sup>47</sup>. Pelas palavras da autora,

não é errado assinalar que essa discriminação para com a mulher idosa está intimamente ligada ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem. A sobrevivência da mulher, tanto física quanto psicológica, tem sido vinculada à habilidade de corresponder ao homem e aos padrões sociais estabelecidos que reforçam constantemente o poder que emana do patriarcado. (SALGADO, 2002, p. 12).

<sup>47</sup> Gerofobia: termo utilizado para descrever preconceitos e estereótipos relacionados as pessoas idosas, estabelecidos exclusivamente com base na idade (BUTLER; LEWIS; SUDERLAND, 1991)

## **5.6 ENVELHECIMENTO FEMININO E OS RIGORES DO TEMPO BIOLÓGICO**

Simone de Beauvoir (2016) dedica um tópico em seu livro “O Segundo Sexo” para tratar da questão da maturidade à velhice feminina e sua visão é bem pessimista. Logo no início de seu texto a autora considera que os rituais de passagem, aos quais as mulheres são submetidas durante a vida, são abruptos e muitas vezes brutais, a começar pela menstruação, que marca a entrada para a puberdade, seguida de todo o tabu enfrentando por elas em sua iniciação sexual e, por fim, a menopausa. O envelhecer sentencia a mulher à clausura da inutilidade outrora depositada em sua fecundidade:

a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; e perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade : cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida adulta (BEAUVOIR, 2016, p.385)

Esta delimitação fisiológica a qual a mulher é submetida, reflete em diversas preocupações com o passar dos anos, as inquietações quanto ao envelhecer que perpassam a possível maternagem são um exemplo. A nossa colaboradora Ramona expressou sua preocupação quanto ao tema maternidade frente ao corpo envelhecendo

*“Aliás, envelhecer e maternidade é algo que me preocupa bastante, essa é uma das maiores questões pra mim, de peso do envelhecimento, de não estar com alguém e estar envelhecendo.” (Ramona, 32 anos)*

*“Conversei com meu ginecologista que eu fui, tá pra fazer um mês, e eu perguntei qual a idade que ele acha...e ele falou assim: “Até uns 35” e eu estava contado até uns 40 né, aí ele falou: “Não, pra você ter uma gestação sem risco, tranquila, eu te aconselharia até 35”. Eu pensei “Nossa mas eu estou com 32”. Então é uma preocupação sim pra mim.” (Ramona, 32 anos)*

*“Eu não tenho a pretensão de casar, mas tem uma coisa assim entre os 35 e os 40 anos que, aí meu Deus e aí? Filhos?” (Ana, 26 anos)*

A medicina é categórica ao afirmar que a gravidez saudável é aquela que se concretiza até os 35 anos, a partir daí a mulher fica exposta a uma gestação de risco<sup>48</sup>, este é o receio expresso nos relatos de Ramona e Ana. A decisão sobre a maternidade tem data de validade, assim as mulheres são induzidas a lidar com seu tempo de forma cronometrada. O crivo do norteador etário é mais forte no feminino, pois além de atender as demandas sociais e culturais impostas, elas também necessitam responder ao chamado da natureza fisiológica.

<sup>48</sup> Disponível em <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Saude/noticia/2014/06/ser-mae-apos-os-35-anos-quais-os-riscos-e-beneficios.html>. Acessado em maio de 2019

## **5.7 ENVELHECIMENTO FEMININO E A PRÁTICA DO CUIDADO**

As mulheres tendem a viver mais que os homens, sete anos a mais em média, este fato reflete nos dados que indicam que 56% da população brasileira com 60 anos ou mais é composta por mulheres, evidenciando assim que a velhice é um fenômeno majoritariamente feminino, alguns autores se referem a esta ocorrência como feminização da velhice (SALGADO, 2002; NERI, 2007; LINS; ANDRADE, 2018). A viuvez é maior entre a população idosa feminina bem como os divórcios, o que ocasiona, muitas vezes, o assumir a responsabilidade de chefes de família. (SALGADO, 2002).

Além desta perspectiva demográfica, é importante destacar que as mulheres enfrentam diversos desafios, resultado de leis e políticas sociais pautados por ideários sexistas e gerofóbicos. Entre estas adversidades estão: violência, salários inferiores, baixa escolaridade, discriminação, dupla jornada, dependência financeira, dedicação exclusiva ao lar e aos filhos, entre outros (SALGADO, 2002; LINS; ANDRADE, 2018). Nossas entrevistadas trazem à tona ainda, o cuidado como responsabilidade feminina:

*“Nossa, a vida foi f\*\*\* comigo, sabe, porque a vida toda eu só passei cuidando das pessoas, eu tive acho que um carma na vida, é um é o outro, sogra, sogro, mãe, pai, é irmão, todos ficaram na dependência e eu cuidando. O último encargo eu entreguei dia 14 de abril, faz dois anos...”  
(Marta, 74 anos)*

Marta relata que toda sua vida foi dedicada ao cuidado de outrem e que, além de ultrapassar os limites do núcleo familiar integrados pelo marido e filhos, também excedeu balizas etárias. Hirata e Guimarães (2012) nos lembram que tradicionalmente, tem sido confiado às mulheres o encargo do trabalho domiciliar junto as pessoas idosas, as crianças, aos deficientes e aos doentes. Esta premissa facultada a mulher advém dos reflexos da divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres ficaram destinadas ao confinamento dos lares enquanto os homens habitavam as esferas públicas.

Lins e Andrade (2018) complementam que este cuidado excede questões etárias, como é o caso de nossa entrevistada. Segundo as autoras, as mulheres idosas são tanto “aquelas que demandam cuidados, tanto do ambiente doméstico quanto do Estado, mas também como aquelas que continuam a se responsabilizar pelas tarefas de cuidado” (LINS; ANDRADE, 2018, p.441). Durante a conferência magna intitulada “O século do envelhecimento: qual sociedade queremos construir?” oferecida por Alexandre Kalache na 2ª Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, ocorrida em 2010, alguns dados foram expostos quanto ao tempo despedindo pela mulher ao cuidado com o passar dos anos:



Quando analisamos a idade que tem essa mulher que está prestando esse cuidado, subsidiando o Estado e a sociedade, veremos que uma mulher muito jovem passa uma média de 23 minutos por dia cuidando de alguém; a mulher de 30 a 49 anos passa 50 minutos; a mulher de idade média de 50 a 64 anos, 154 minutos; a mulher idosa, de 64 a 75, vai passar muito mais horas, 201 minutos; e a mulher velha, essa mulher que nós achamos que é uma recipiente de cuidados, é, na verdade, de todas, a que mais minutos passa cuidando de alguém: 318 minutos. Até as muito idosas, de 85 anos ou mais, passam três vezes mais tempo cuidando do que as mulheres muito jovens (BRASIL, 2010, p. 12).

Outra de nossas entrevistadas, Nisia de 64 anos, complementa sobre esta associação da mulher e o cuidado, ao relatar as expectativas depositadas sobre sua filha:

***“[...] eu falava que queria ter uma filha mulher para ela não me colocar no asilo e a minha filha fala olha a responsabilidade dela, mas aí eu falo para ela que é só ela pôr cuidadores que fica tudo bem, ela não precisa ficar morando aqui, mais nada.” (Nisia, 64 anos)***

Apesar da mudança de pensamento ao ser indagada pela própria filha sobre os anseios depositados por Nisia quanto a seus possíveis cuidados no futuro, é possível notar que ainda permanece intrínseco o estereótipo do feminino e a responsabilidade sobre o zelo aos familiares próximos.

## **5.8 TRABALHO FEMININO E PROCESSO DE ENVELHECIMENTO**

A divisão social do trabalho baseada no sexo foi uma medida de controle feminino, a qual impôs a mulher que sua atividade laboral permanecesse no âmbito doméstico. Esta norma acarretou diversas consequências que são sentidas pelas mulheres até hoje. Estes efeitos são motivos de manifestações e lutas por parte do movimento feminista.

[...] funções iguais, salários e direitos iguais; igualdade de oportunidades no acesso ao mercado de trabalho e à ascensão e aprimoramento profissional. Todas essas bandeiras são parte do processo de conscientização da mulher de seu próprio valor e da necessidade de que ela se coloque como agente da sua liberação (ALVES E PITANGUY, 2007, p. 65).

Birman (1999) afirma que o feminismo foi o grande responsável pela plasticidade dos papéis de gênero atualmente. A mulher que outrora fora destinada ao lar, cumpridora dos afazeres domésticos e servidora da família, aos poucos, vai dando lugar para a mulher independente, que busca sua autonomia financeira e emocional. No entanto, um caminho foi sendo trilhado e nossas colaboradoras mais velhas foram personagens dessa história de luta feminina.

***“A minha vida foi assim muito atribulada, muito trabalho, desde os 7 anos de idade trabalhando na roça, casei e continuei na roça. Aí depois de 7 anos de casada eu tive minha primeira menina, aí quando meu marido morreu, minha menina com 15 anos e meu filho com 5 anos de idade, eu fiquei sozinha, quer dizer eu e meus filhos Então você imagina a batalha.***

*Morava no sítio depois as crianças precisaram de escola e eu tive que vir para cidade por eles, porque na época não tinha essa facilidade que tem hoje de ônibus e van, na época não existia, então larguei da roça e vim para cidade. Para mim não foi legal, eu prefiro a vida no campo eu não gosto muito da cidade.” (Domitila, 71 anos)*

*“[...] trabalhei 18 anos de secretária em consultório, era faxineira e secretária ao mesmo tempo em consultório. Então foi uma correria tão grande na vida, acordar de madrugada para fazer lanche, deixar roupa pronta, acordado às 3 horas da manhã para estender roupa, passar roupa, para dar conta porque eu sair às 6:30 às 7 horas de casa. Então eu nunca tive tempo de parar e pensar “Nossa vou ficar velha um dia”.” (Domitila, 71 anos)*

Os relatos de Domitila nos mostram diversas facetas que o trabalho teve em sua vida. Desde a infância foi impelida a trabalhar, algo comum entre as crianças de seu tempo. Ao alcançar a fase adulta viu-se cumprindo os deveres de esposa e devota aos cuidados com os filhos. Iniciou-se uma nova relação com o trabalho para Domitila e que se estendeu por toda sua vida, a sacrificante e tão conhecida por tantas outras mulheres: a jornada dupla.

A maternidade cumpre um papel definitivo no destino dito “natural” na vida das mulheres. Este foi o mecanismo biológico encontrado pelo patriarcado para promover a domesticação feminino. A função da maternagem era a única que escapava da desvalorização sistemática das incumbências destinadas as mulheres (GRANT, 2002). Ainda hoje o papel de mãe é socialmente valorizado e apesar da abertura e acolhimento da mulher no mercado, a mesma deve alinhar as duas funções: profissional e mãe. De acordo com Lipovetsky (2000, p.289) "a dinâmica pós-moderna da emancipação feminina não significa homogeneização dos papéis dos dois gêneros, mas persistência do papel prioritário da mulher na esfera doméstica, combinado com as novas exigências de autonomia individual". Este novo modelo acarreta a soma de responsabilidades e certa dose de conflito e culpa. Particularidades estas expostas nos relatos de Domitila:

*“Eu vivi pelos meus filhos, eu me anulei, eu deixei de viver minha vida e vivi para os meus filhos até ele se casarem, se bem que eu vivo por eles até hoje. Eu sei que nem é bom para eles porque eu sou muito grudenta, sou muito apegada, se sai eu fico ligando, eu sei que eu até atrapalho um pouco, eu tenho consciência disso, às vezes quando a mãe é muito assim chega até atrapalhar” (Domitila, 71 anos)*

Domitila admite que sua vida foi vivida pelos filhos e para os filhos. Renunciou a vivência no campo que lhe era tão cara para realizar-se pelas conquistas deles. A maternidade se faz tão forte na vida das mulheres que toda sua existência é ressignificada em favor dos filhos. Como fez Dorcelina:

***“[...] eu trabalhei, aí eu casei e continuei trabalhando, aí com dois filhos ficou complicado e eu quis parar, e parei. Em nenhum momento me arrependi porque era o que eu queria, cuidar da minha casa, dos meus filhos, do meu marido.” (Dorcelina, 73 anos)***

Todas essas questões trabalhistas em conjunto com a maternidade compõem uma íntima questão de gênero. A expressão “trabalhar fora” é um dos dispositivos que podemos utilizar para compreendermos essa relação. Tal elocução é utilizada ao referenciar a mulher que exerce função profissional fora do âmbito doméstico. Trabalhar fora é trabalhar fora do lar. Ao homem apenas dizemos que ele foi trabalhar, não utilizamos o “fora” neste caso. É possível perceber a nuance de que a dedicação do homem deve estar voltada ao trabalho e, assim, prover sustento ao lar. Enquanto para a mulher, a diligência deve ocorrer em via dupla, a ocupação profissional e responsabilidade pela criação dos filhos e cuidados com o lar.

Esta injunção do feminino ao lar, muitas vezes, é posta em xeque na entrada da mulher a velhice. Por motivos vários, diversas mulheres têm buscado a volta aos estudos, a realização de cursos ou mesmo uma ocupação profissional. Uma de nossas entrevistadas é um exemplo deste experienciar na maturidade:

***“Quando eu me separei eu voltei a estudar, fiz um colegial, consegui meu primeiro emprego com 55 anos, fui gerenciar uma adega de vinho que eu não entendia nada e fui aprendendo me tornei uma pessoa muito importante na cidade devido a essa função. Lógico que eu estudei, eu me preparei, é muito difícil porque vinho é difícil, hoje na cidade eu sou conhecida com a mulher do vinho. Também fui hostess em um restaurante da cidade durante oito anos.” (Violeta, 70 anos)***

Violeta abriu-se para novas experiência após uma separação conjugal, que lhe ofereceu um novo olhar sobre suas vivências e possibilidades. Nossa colaboradora encontrou nos estudos e no trabalho uma forma de ressignificar sua existência, adquirindo liberdade e autonomia sobre suas escolhas. Debert (1998) aponta que as mulheres são mais abertas a enxergar a experiência do próprio envelhecimento como um período repleto de experimentações e oportunidades, ao passo que os homens consideram essa etapa da vida sob o prisma negativo ligado a perdas e exclusão.

Mulheres como Violeta fazem parte de uma geração para a qual o trabalho fora do âmbito doméstico foi uma conquista. Muitas delas foram submetidas a moral predominante de julgamento direcionado aquelas que se aventuravam em atividades laborais remuneradas. Ainda era habitual a vigilância e obediência à figuras masculinas, primeiro o pai, depois o marido e por fim os filhos. Esta última instância culmina em uma geração de mulheres que experimentam a alfabetização ou o primeiro emprego após os 50 anos, reflexo da liberdade conquistada pela ausência dessas figuras em seu cotidiano, seja pela morte do pai e/ou

marido, seja pela separação conjugal, como é o caso de nossa entrevistada, seja pelo filho que saiu de casa.

Outro ponto relativo ao trabalho que emergiu nos discursos de nossas entrevistadas mais velhas foi a aposentadoria:

***“Continuo trabalhando ainda hoje porque eu tenho energia para isso, me aposentei por conta da necessidade de aposentar no funcionalismo com 70 anos mas eu me sinto inteira ainda.” (Anita, 78 anos)***

***“Mas eu acho que a gente tem que envelhecer trabalhando, fazendo as coisas. E eu infelizmente fui aposentada muito nova, fui forçada a sair do banco muito nova, aí eu fui demitida e me aposentei.” (Nísia, 61 anos)***

Os dois relatos apresentam as dificuldades envolvidas em deixar de exercer uma atividade laboral remunerada. No primeiro caso, devido a um cargo público, a aposentadoria compulsória efetiva-se aos 70 anos de idade, muitos idosos utilizam de um trocadilho para referir-se a este acontecimento, chamando-a de “aposentadoria expulsória”. O segundo caso apresenta uma situação comum em instituições privadas, a demissão de funcionários antigos devidos aos encargos trabalhistas e salariais elevados e a reposição de mão de obra mais barata, os jovens.

Dados da literatura demonstram que a aposentadora recai de forma mais negativa sobre os homens. Segundo Pacheco (2004) os homens

aposentados, sem o trabalho a que se dedicaram durante longos anos de suas vidas, quase sempre, desenvolvem sintomas depressivos em face das dificuldades de refazerem seus projetos de vida de uma maneira produtiva e socialmente útil. (PACHECO, 2004, p.219)

Para o mesmo autor, as mulheres se comportam de maneira diferente, logo procuram se ocupar de outras maneiras, seja por meio de um outro trabalho, atividades culturais e sociais ou ainda, retornando ao trabalho doméstico que lhe era socialmente esperado (PACHECO, 2004). Das similaridades entre os gêneros:

Mas, mulheres e homens aposentados que não tiveram oportunidade de construir ao longo de suas vidas outras alternativas que os tornassem capazes de exprimir sua humanidade, de se sentirem úteis, marcam seus dias de não-trabalho pelas lembranças do tempo em que produziam, eram reconhecidos, podiam consumir e se manter independentes”. (PACHECO, 2004, p. 220)

A temática trabalho, no discurso das mais velhas, surgiu a partir das dimensões em que o tema influenciou em suas vidas como os percalços com a maternidade, a liberdade que o trabalho proporciona e a aposentadoria. As mais jovens, por sua vez, não trouxeram a temática em seus discursos, houve uma aproximação com o tema ao citarem a preocupação com suas situações financeiras na velhice.

*“Aposentada, que eu pudesse me aposentar que eu acho que não vai acontecer hahaha. Mas enfim a velhice ideal seria ter condições financeiras mesmo para lidar com as questões mais próprias da velhice” (Cassandra, 26 anos)*

Talvez esse desassossego tenha vindo à tona devido a reforma da previdência proposta pelo então governo em exercício.

## **5.9 RELACIONAMENTOS, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO**

A convergência entre os temas sexualidade e envelhecimento decorreram de relatos sobre relacionamentos por parte de nossas entrevistadas. Quando se trata de relações amorosas, em especial os afetivos, as diferenças entre as jovens e as velhas são evidentes.

*“[...] ano passado eu fiquei com um menino mais novo e eu não sabia. Quando eu soube que ele tinha 18 nossa, eu com 24 anos e ele com 18 anos, como assim??. Eu sempre procurei nunca ficar com mais novos, porque assim eu, madura, independente, tendo que trabalhar. Quando eu fiquei com ele de 18 anos eu pensei nossa como assim, socorro...” (Patria, 24 anos)*

*“Assim eu nunca me interessei por pessoas mais novas, quando a pessoa é muito mais nova eu penso nossa é uma criança, tipo um ano assim de diferença, até mesmo da minha idade mas dependendo do jeito que se comporta sabe”. (Dandara, 20 anos)*

*“Até uns 15 anos para cima de mim eu me relacionaria, agora com pessoas 3 anos mais novas eu já fico meio cabrera. Acho que esse lance da experiência sabe, da maturidade eu acho que eu viso isso, pensamento por esse lado.” (Carmem, 22 anos)*

*“Olha tem uma coisa que eu não gosto de ficar com pessoas mais novas que eu” (Cassandra, 26 anos)*

Em todos os enunciados acima podemos perceber que relacionar-se com alguém mais novo causa certo incômodo entre as mulheres jovens. Curioso notar que mesmo aquelas que mantêm relacionamentos com pessoas mais novas não estão livres de tais incômodos:

*“[...]e eu estou namorando, mas estou namorando um menino que é seis anos mais novo que eu então isso é uma questão que agora não faz tanta diferença mas eu fico pensando: “Ai gente imagina, eu tenho que me cuidar eu não posso envelhecer” ...” (Ramona, 32 anos)*

*“Tem, começando pelo meu relacionamento porque eu namoro um cara mais novo e isso foi um problema pra mim no começo. Porque ele é 3 anos mais novo e quanto a gente começou a namorar ele tinha 17 então isso era uma coisa que pesava pra mim.” (Minerva, 24 anos)*

Para Ramona e Minerva namorar com alguém mais novo é motivo de preocupação. Para a primeira entrevistada a questão tem relação com a vigilância sobre seu próprio

envelhecer, enquanto para a segunda é a diferença etária entre ela e seu parceiro que lhe causava estranhamento. Todos estes discursos proferidos por nossas entrevistadas sobre os relacionamentos evidenciam o julgamento social e moral para com mulheres mais velhas que se relacionam com pares mais jovens. Ao contrário dos homens que são valorizados por suas relações com mulheres mais jovens. Como bem expressa Minerva (24 anos):

***“Porque socialmente a gente tem isso né, tudo bem um cara de 30 anos namorar uma menina de 15, mas uma mulher mais velha com um menino mais novo, as pessoas estranham mais e nem era uma idade tão diferente, eram só três anos e isso pesou um pouco, então essa coisa da idade faz diferença sim.” (Minerva, 24 anos)***

A autora Concone (2010) colabora para a compreensão destes elementos trazidos por nossas entrevistadas ao afirmar que relações entre homens mais jovens e mulheres mais velhas ainda não são totalmente aceitas e, muitas vezes, tais relações são postas sob suspeita pois supõe-se que a parte mais jovem é movida por interesses escusos. No entanto, a autora observa que existem certas situações, em especial movidas por mulheres famosas auxiliadas pela grande visibilidade midiática, que parecem reverter esta lógica. Tanto é que, para as idosas entrevistadas, ao verbalizarem sobre essas diferenças etárias em relacionamentos afetivos, dispõem do pensamento oposto ao das jovens. Para elas relacionar-se com alguém mais novo não é motivo para qualquer incomodo.

***“Pode acontecer ainda quem sabe, mas assim eu não gosto de muito velho não, vou ser sincera, eu sou velha mas eu não gosto de pessoa muito mais velha que eu não, então teria que ser ou na minha faixa ou um pouquinho mais novo que eu. Quando eu casei eu tinha 25 anos e meu marido tinha 17, eu sempre fui aquela de gostar de pessoas mais jovens e hoje em dia não posso querer um garoto de 20, 30 anos mas também não muito velho. Mas a gente fala isso porque nunca aconteceu porque se acontecer pode até ser de 80, se eu achar graça nele acabou.” (Domitila, 71 anos)***

***“E afetivamente eu nunca liguei muito para idade mas apesar de ter tido muitos namorados só dois ou três eram mais velhos o resto era tudo mais novo, eu não sei porquê mas aparecem pessoas mais jovens na minha vida, meu marido por exemplo é 24 anos e meio mais novo que eu.” (Maria Esther, 73 anos)***

A condição etária para as mais velhas não é impeditivo para um possível relacionamento amoroso. Ao contrário das mais jovens, as mulheres idosas têm preferência por homens mais novos. Esta peculiaridade talvez esteja relacionada ao papel do cuidado o qual a mulher se dedica durante a vida. Na velhice há a possibilidade de abdicar desta função, em favor de desejos individuais ou ainda a conquista da autonomia lograda na velhice:

***“Afetivamente para mim isso daí não é muito complicado porque desde que eu fiquei sozinha eu nunca mais quis. Tem gente aí com 80 anos que***

*tá casando mas eu nunca mais quis. Eu nunca mais tive relação nenhuma porque eu gosto de me divertir, eu gosto de ir em festa, amo estar no meio de bastante gente. E ter uma relação para você dizer só que tem um companheiro eu não quero para mim” (Domitila, 71 anos)*

*“Quanto afetivamente eu não quero saber, depois que eu me separei eu não me vejo mas junto com outra pessoa, essa sensação de sozinha que eu adoro eu não consigo ter outra pessoa ao meu lado. Sempre fui essa pessoa que gosta de ficar sozinha e depois que cada filho seguiu com a vida dele e aí que eu vim a ficar sozinha mesmo, eu amei.” (Violeta, 70 anos)*

*“E afetivamente também não viú, não quero mais nada, cobaia a gente é uma vez só na vida. Tudo na vida é ser cobaia, porque você vai fazer a primeira vez você não sabe o que vai acontecer então é cobaia, filho um só então cobaia uma vez só, casamento uma vez só então cobaia uma vez só. [...] eu não vou querer ninguém para encostar em mim né. Porque os velhos querem moça novinha e eu vou pegar um de 90 se eu tenho 70, vou começar a minha vida de enfermagem de novo, já cuidei muito na vida não quero mais nada.” (Marta, 74 anos)*

As elocuições de Domitila e Violeta referem-se a emancipação feminina na velhice muitas vezes advinda da morte ou separação do cônjuge. Esta descoberta da liberdade configura-se em um interesse maior por outras vivências individuais que não sejam de cunho amorosas. Dados demográficos demonstram que as mulheres idosas são, em maioria, viúvas ou separadas, ao contrário dos homens idosos que procuram por uma nova companheira (SALGADO, 2002). Marta ainda traz à tona o papel do cuidado, já relatado no tópico “Envelhecimento feminino e a prática do cuidado”, que o feminino carrega em seu íntimo. Para a entrevistada permanecer sozinha na velhice, sem vínculos afetivos conjugais, representa a possibilidade de abdicar deste papel de cuidadora em favor dos desejos individuais.

Ainda sobre as relações gênero e o patriarcado, surge a narrativa de Dorcelina, que demonstra de que forma o machismo intrínseco em nossa sociedade subjulga a mulher aos homens de sua vida:

*“A minha filha até brinca que vai arrumar um namorado para mim e meu filho fica mordido de ciúmes mas eu deixo bem claro que eu não arrumo por mim e não por ele, eu não arrumo porque eu não quero não porque ele não quer.” (Dorcelina, 73 anos)*

Nossa colaboradora, segundo seu relato, no alto de seus 73 anos ainda têm que impor suas vontades e desejos sobre as tentativas de interferência por parte do filho em suas relações. Algumas conseguem firmar suas posições diante desses familiares, como é o caso de

Dorcelina, outras ainda vivem a sombra destes homens que as impedem de enxergar a si mesmas como capazes e potentes.

Sobre a vivência de relacionamentos na velhice, nossas entrevistadas idosas abordam um componente marcante: a sexualidade.

*“Mas nesses 26 anos sozinha eu nunca quis relação com ninguém. Lógico que tiveram interessados, ainda tem inclusive. Tem muita gente que liga vamos sair, vamos conversar, vamos nos conhecer melhor, isso tem sim. O envelhecimento não alterou essa parte dos interesses sabe, isso sempre vai existir, se você quiser você vai tentar um relacionamento mas é que eu nunca me interessei.” (Domitila, 71 anos)*

*“Mas assim nunca apareceu e eu também nunca procurei, e também sabe de uma coisa não quero compromisso, eu quero sair, quero viajar e se a gente começa o relacionamento tem que se dedicar e eu não estou afim não. Não que a gente não tenha necessidade assim sexual mas eu jamais iria para cama com alguém se eu não amasse muito, eu não relaciono vida sexual sem amor.” (Dorcelina, 73 anos)*

*“Claro que a parte libido também influencia porque o homem continua ainda mas a mulher muda porque ela começa a se interessar por outras coisas, mais o seu carinho e o contato, outros estímulos” (Celina, 66 anos)*

Domitila, Dorcelina e Celina nos lembram de algo que a sociedade tenta a todo custo esconder, a existência da sexualidade na velhice. Atualmente o erotismo ao envelhecer é diminuído a apenas gestos de ternura e carinho. Se, porventura, as condutas extrapolarem o socialmente aceitável, os estereótipos como “tarado”, “safado”, “velho babão” dão conta de taxar estes velhos. No caso das mulheres o estranhamento é ainda maior e rótulos jocosos são facilmente destinados a estas. Tais atributos minam as possibilidades do exercício da sexualidade na velhice (IACUB, 2007). A assexualidade domina o imaginário social quando se trata da vetustez. Vemos pelas falas de nossas velhas que esta não é a realidade de quem vive este período da vida, segundo as mesmas, a eroticidade não se perde com o passar dos anos, a libido não esvazia-se no tempo, portanto, sexo, interesses e novos estímulos podem e devem fazer parte da velhice.

## **5.10 A INFLUÊNCIA MÍDIÁTICA NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO FEMININO**

A mídia cumpriu um papel fundamental no despontar da juventude como valor social e cultural e colabora até hoje na manutenção deste status, como explorado no terceiro capítulo deste escrito. As imagens e os textos midiáticos são ferramentas utilizadas em prol de uma ideia a ser colocada em prática, seja a favor do consumo, do controle, da passividade, da alienação, entre outros. Segundo nossas entrevistadas a mídia colabora para a manutenção e



fortalecimento dos discursos acerca dos estereótipos de beleza e velhice contemporâneos. Maria Esther, 73 anos, aponta que:

*“A grande mídia para eles interessa ter pessoas mais jovens, mas belas, mais brancas. Eu acho que as pessoas mais de idade são muito pouco aproveitadas na mídia, não tem muita chance, é uma luta.” (Maria Esther, 73 anos)*

A partir desta fala podemos analisar a mídia como uma grande propagadora de um ideal de beleza a ser seguido e que não apenas obedece a um padrão corporal como também subordina-se a um quesito etário, no caso, a juventude. A feiura atualmente está intimamente atada a velhice e também “é a maior forma de exclusão socialmente validada” (NOVAES, 2011, p.478). O velho é o gasto, o decadente e principalmente, o feio. Enquanto o jovem é o valorizado, o admirado e, acima de tudo, o belo. Coletamos algumas notícias, divulgadas na mídia recentemente, que respaldam a fala de nossa colaboradora e reforçam este estigma etário da beleza:

**Musa polonesa de 36 anos diz que não vai mais posar sexy para calendários por estar 'velha demais'**

PUBLICADA EM 05/11/2018 - 10h05



49

**Charlize Theron reclama que aos 40 anos só a querem no cinema no papel de mãe**

por CARAS Digital



50

<sup>49</sup> Disponível em <https://revistamonet.globo.com/Celebridades/noticia/2018/11/musa-polonesa-de-36-anos-diz-que-nao-vai-mais-posar-sexy-para-calendarios-por-estar-velha-demais.html> Acessado em abril de 2019.

<sup>50</sup> Disponível em <https://caras.uol.com.br/cinema/charlize-theron-reclama-40-anos-querem-no-cinema-papel-de-mae-mulher-maravilha-machismo.phtml> Acessado em abril de 2019

Madonna desabafa sobre peso da idade: "Estou sendo punida por ter 60 anos"

Renata Nogueira  
Do UOL, em São Paulo  
04/05/2019 14h51



51

As notícias dispostas acima reforçam a ideia de que mulher conforme envelhece deixa de ser aceita no exercício de alguns papéis sociais, destinando-as a outros de acordo com seu nicho etário ou simplesmente excluindo-as e/ou invisibilizando-as. O envelhecer sentencia a mulher à clausura da inutilidade outrora depositada em sua eroticidade e fecundidade, como Simone de Beauvoir (2016) já nos alertava:

a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; e perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade : cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida adulta (BEAUVOIR, 2016, p.385)

A escolha por uma notícia que trouxesse a cantora Madonna como personagem não foi aleatória, pois até pouco tempo atrás a mesma era considerada referência em termos de envelhecimento saudável, pois sua aparência física em nada nos remetia ao envelhecer. Pereira e Penalva (2011) inclusive dedicaram um capítulo no livro “Corpo, Envelhecimento e Felicidade” justamente para tratar da persona Madonna e a juventude no pós 50 anos, mas, como vemos pela notícia, nem ela foi capaz de enganar o tempo e consequentemente a mídia. No entanto, é justamente este não aparentar a idade que se faz presente nas elocuções de Ana e Cassandra:

*“... as marcas nunca usam pessoas mais velhas, a menos que seja para falar de um produto para pessoas mais velhas, mas são pessoas mais velhas maravilhosas. Ou aquelas dão muita aparência de serem mais novas e todo mundo fica “uau olha só, ela tem 60 mas parece que tem 40, que incrível”. (Ana, 26 anos).*

*“E também sempre essas imagens que aparecem são de uma forma muito natural, como se fosse natural até aquele tipo de corpo, você é um corpo jovem sempre ou uma pessoa mais velha mas com o corpo enxuto, usando o termo que eu vejo muito usado.” (Cassandra, 26 anos)*

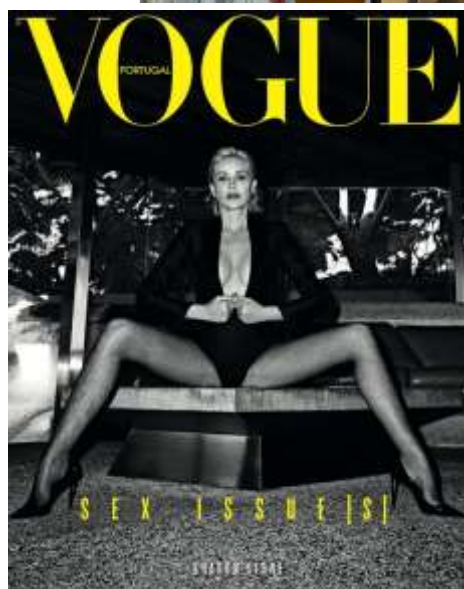
<sup>51</sup> Disponível em <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/04/madonna-desabafa-sobre-peso-da-idade-estou-sendo-punida-por-ter-60-anos.htm> Acessado em maio de 2019

Ana e Cassandra apresentam em seus relatos que, por vezes, não importa o dígito presente na sua certidão de nascimento, o importante é não aparentar a idade em si. Este mecanismo é muito utilizado pelos meios de comunicação midiáticos que se baseiam na via do elogio, isto é, o enaltecimento àquelas mulheres que não aparentam a idade que realmente tem, também conhecidas como “*ageless*”, que em tradução livre significa “sem idade” (GOLDENBERG, 2015). Este conceito refere-se àquelas mulheres que divergem da norma vigente, contestam qualquer rótulo ou imperativo relacionado a idade, seja comportamental ou físico. Como estamos tratando do midiático neste tópico nos atentaremos a questão física desta concepção.

Elas têm mais de 50 anos!  
Christine Fernandes e mais famosas que arrasam  
Famosas com mais de 50 que mantêm beleza e jovialidade



52



Vogue Portugal Março 2019  
Sharon Stone 61 anos<sup>53</sup>



Vogue Alemanha Março 2019  
Isabela Rossellini 66 anos<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Disponível em <https://www.bol.uol.com.br/listas/christine-fernandes.htm> Acessado em abril de 2019

<sup>53</sup> Disponível em <https://www.vogue.pt/editorial-vogue-maio-2019>. Acessado em abril de 2019

<sup>54</sup> Disponível em <https://models.com/work/vogue-germany-vogue-germany-march2019-covers>. Acessado em abril de 2019

A primeira imagem é bem direta, especialmente em seu texto, ao explicitar que o estereótipo feminino que mais se aproxima da juventude é valorizado. Percebe-se que é impossível determinar ao certo a idade de qualquer uma das mulheres da imagem, sabe-se dos 50 anos por informação da própria notícia, pois não há qualquer evidência quanto a marcas do tempo nas mulheres da imagem. As próximas fotos são ainda mais emblemáticas, pois retratam celebridades conhecidas tanto pelo reconhecido talento em suas profissões quanto por terem exercido o papel da mulher fatal, *sexy symbol*, afinal poucos não conhecem, ao menos de nome, Sharon Stone e Isabela Rossellini. No entanto, as imagens revelam uma juventude preservada, sexualidade aflorada, poses altivas e nenhuma ruga ou cabelo branco aparente. Definitivamente as imagens não foram feitas para exaltar a velhice, ao contrário, foram tomadas como parâmetros de uma possibilidade de quebra das barreiras do tempo, isto é, servem como um vislumbre de uma juventude cristalizada em corpos cujo tempo não tem efeito algum. Este mecanismo é reconhecido na fala de uma de nossas colaboradoras:

***“Mas é que assim comigo acontece ao contrário porque eu tenho 78 anos e aí acontece direto de alguém falar que eu não pareço de 78 anos e nossa eu fico cheia. Semana passada mesmo uma mulher falava que não acreditava, que não era possível de eu ter 78 anos. Mas assim modestia parte eu sou durinha, eu tenho uma bunda inteira e todo mundo acha que “imagina não pode ser uma mulher de 78 anos”. (Anita, 78 anos)***

Nesta passagem de Anita revela o quão enaltecedor é ser reconhecida como “*ageless*” ainda mais pelo olhar julgador do outro: ***“acontece direto de alguém falar que eu não pareço de 78 anos e nossa eu fico cheia”***. Para a nossa entrevistada não ser identificada como uma velha de 78 anos é um elogio e tanto. Todavia, há de se considerar que este mecanismo, ao modo como é utilizado pela mídia, é muito perigoso, pois tende a ser entendido como possível a qualquer sujeito, desconsiderando a multiplicidade do envelhecer e todas as variáveis que influenciam este processo. A propagação midiática que valoriza o semblante juvenil, faz que as mulheres acreditem que

detém o controle da ação do tempo sobre sua aparência física, o que demanda dedicação sacrifício e disciplina. O corpo é, antes de tudo, mérito seu. Magro e vigoroso, esculpido músculo a músculo, ele é parte de um “estilo de vida” que busca a autorrealização através de um conjunto simbólico de sinais distintivos conquistados por esforço próprio [...] o corpo da “mulher-madonna” está à disposição para ser renovado, reconstruído, reinventado- esportes radicais, cargas diferentes de trabalho muscular, aumentando e diminuindo volumes para que se aproximem mais ou menos de um dado modelo de juventude e feminilidade (PEREIRA; PENALVA, 2011, p. 141)

O aparato midiático, por meio do elogio ao não envelhecer, promove uma corrida contra o tempo, ou melhor, contra as ações do tempo e oferecem como ferramenta o comparativo. Como expresso nas falas de Cassandra, Leila e Dorcelina:

*“Eu acho que totalmente, eu acho que é uma das coisas que talvez mais pese assim porque quando a gente vê esses corpos tipo tanto em propaganda, quanto vendendo ideias assim, coisa que a gente acredita, coisa que enfim né, se identifica, passa muito por essa questão de você querer ter esse tipo de corpo também né, entende. Começa a se sentir mal com barriga, com flacidez, com celulite, que são coisas que tem a ver enfim com o corpo, que existe mas que também tem a ver com esses sinais do envelhecimento. Então eu acho que a mídia tem um papel muito fundamental assim.” (Cassandra, 26 anos)*

*“[...] você pensa que aquela estética que aparece na TV, que ela é alcançável, ou que ela tem que ser a todo custo, “eu tenho que” sabe, “se ela consegue porque que eu não posso ficar com uma aparência mais jovial”, mas na mídia não mostra o preço disso né, tanto no financeiro quanto no emocional pra passar por tudo isso né, pelo bisturi, por uma agulha na testa, não mostra o custo disso.” (Leila, 27 anos)*

*“Então é sempre mulher bonita, mulher jovem, mulher sarada mas a realidade não é essa então é uma ilusão. E muitas pessoas ficam atrás disso.” (Dorcelina, 73 anos)*

A comparação a qual a mídia explora desnovela em frustração constante por perseguir um ideal, mas talvez nunca o alcançar totalmente. Além disso, impõe uma vigilância tamanha sobre o corpo aprisionando-se nele na busca constante por melhorá-lo, aperfeiçoá-lo, rejuvenescê-lo. Ainda temos que levar em consideração que com o advento das mídias sociais como “Facebook” e o “Instagram”, este mecanismo de comparação tem se tornado cada vez mais perverso. Segundo nossas entrevistadas:

*“Coisas que antes você não olhava. Você começa a olhar muito pelo contexto social e a influência que você sofre assim de todo mundo mesmo. Eu mesma sigo um monte de musa fitness no Instagram e várias coisas que eu não reparava, hoje em dia eu reparo sabe ...” (Ramona, 32 anos)*

*“Nossa muito, muito mesmo, eu acho que é bom pra você refletir e se aceitar mas por outro lado te deixa muito mal e eu até tinha parado com o Instagram, porque lá tinha aquelas blogueiras famosas e tem gente comum, normal e eu fico me comparando e isso me faz muito mal. Porque realmente não tem como não ficar o dia inteiro sem conectar e é Instagram, Facebook, Whatsapp, é tudo que te deixa bem frágil.” (Patria, 24 anos)*

*“Todo mundo me fala que o Instagram é um disparador de deixar as pessoas muito frustradas e muito mal por conta desses digital influencers” (Christina, 32 anos)*

Ramona e Patria em seus relatos afirmam que se afetam com as imagens retratadas nesses espaços online em comparação com as suas realidades. Christina se junta as demais colaboradoras para afirmar o quanto estas redes sociais são prejudiciais às subjetividades femininas. Fragilidade e frustração foram apenas dois adjetivos utilizados por nossas entrevistadas para explicar o resultado desta interação tóxica com as redes sociais.

Em estudos realizados por Hogue e Mills (2019) a influência das mídias eletrônicas sobre a percepção sobre seus corpos em comparação com os expostos nestas redes, vão ao encontro com o que é relatado por nossas colaboradoras. Para as pesquisadoras, mulheres adultas engajadas nas redes sociais têm maior tendência a desenvolverem distorções negativas quanto a própria imagem. Também não podemos desconsiderar que estes espaços eletrônicos também dão voz aos julgadores que não deixam escapar a oportunidade para tecer críticas:

***“Eu até estava vendo no Instagram, eu sigo tudo, eu sigo a Xuxa daí tinha uma parte que tinha uma foto dela com o rosto enrugado e aí uma pessoa falou assim: “Nossa como você tá velha” E ela falou assim: “Como eu envelheci? Como eu estou velha? Claro que eu envelheci, claro que eu estou velha, eu estou viva, eu estou vivendo e é o que vai acontecer com todo mundo, inclusive você”. Então né, é uma cobrança, imagina pra essas pessoas assim famosas então...” (Ramona, 32 anos)***

Interessante nossa entrevistada trazer um relato de Xuxa pois desde que a apresentadora resolveu assumir seu envelhecimento, a mesma vem sendo atacada fervorosamente neste espaço virtual. Aos 56 anos, Xuxa recusa-se a fazer uso de qualquer procedimento estético que visa esconder as marcas do tempo. O julgamento não se restringe a mulheres mais maduras como Xuxa. Outra famosa, Tatá Werneck, também foi repreendida, aos 35 anos, por expor leves rugas em formação. Este tipo de ataque está se tornando cada vez mais comum nas redes sociais, envolvendo pessoas com visibilidade midiática ou não. Pela ojeriza aos atributos físicos envelhecidos, há cada vez mais cobranças por obedecer a um padrão estético pautado no juvenil, caso o sujeito não se encaixe neste ideal os julgamentos negativos e insultos se fazem constantes.





55



56

Estas mídias sociais também contribuem com a propagação da luta pelo não envelhecer por meio da divulgação de imagens e textos que, apesar de terem conotação jocosa, incentivam a utilização de procedimentos para fins estéticos. A exemplo temos imagens que fazem anedota com a toxina botulínica, também conhecida como *botox*, que paralisa os músculos faciais protelando a formação de rugas e sulcos na pele:

<sup>55</sup> Disponível em <https://mdemulher.abril.com.br/beleza/sim-a-xuxa-tambem-envelhece-e-ninguem-deveria-critica-la-por-isso/> Acessado em abril de 2019

<sup>56</sup> Disponível em <https://www.hypeness.com.br/2018/08/sem-perder-a-classe-tata-werneck-responde-criticas-por-rugas/> Acessado em janeiro de 2019



Estas imagens são conhecidas como uma linguagem da internet, também chamada de “meme”<sup>57</sup>, que visa uma replicação instantânea, possível em ambientes como as redes sociais virtuais, disseminando ou replicando ideias, valores e, muitas vezes, preconceitos. Tais imagens e frases tem forte impacto sobre as relações que estabelecemos conosco e com o mundo à nossa volta. Nossas entrevistadas relataram que sentem a mídia como grande influente no seu relacionamento com o corpo e com sua idade:

*“acho que a mídia com certeza produz muito efeito sobre a forma com que eu me relaciono com meu corpo, essa coisa da idade também e mesmo esse discurso de depois dos 30 tudo começa a decair, não que não tenha um*

<sup>57</sup> MEME:(inglês meme, redução do grego mimema, -atos, imitação, cópia) substantivo masculino 1. Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. 2. Ideia ou comportamento que passa de uma geração para outra, geralmente por imitação. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/meme> acessado em junho de 2019.



*efeito, que existe é um corpo humano que passa por um processo, eu vejo que é uma coisa vendida muito forte, que depois dos 30 você tem que se preocupar com uma série de coisas porque agora você não é mais jovem, e não ser mais jovem implica em uma série de outras coisas que você agora tem que dar tempo. Então eu acho que a mídia também provoca muito nisso na gente e nunca no sentido de colocar a gente para pensar sobre isso, como uma possibilidade, sempre o imperativo mesmo, algo que a gente tem que seguir se você quiser ser feliz, se quiser se aceita né, me parece um pouco isso assim” (Cassandra, 26 anos)*

*“Então pode ser, eu não posso afirmar, mas pode ser que eu tenha sido influenciada a ter esses planos até os 30 anos somente, porque você vai ver o protagonista da novela ele só tem 30 anos, daí pra frente não sei o que acontece na novela e eu não sei o que acontece com as pessoas. Mas tem gente que acha que ficar nessa fase de novela até os 30 anos e depois tem que fazer de tudo pra que não acabe, e aí passa momentos assim e você vê que já chegou e você nem aproveitou” (Dandara, 20 anos)*

Cassandra e Dandara afirmam que o relacionamento que se estabelece entre as expectativas corporais e de vivências é atravessado pelo aparato midiático. Novamente entra em cena, nas falas de nossas entrevistadas, os 30 anos de idade, fase etária esta já discutida na categoria “O medo e a coragem de envelhecer no contemporâneo” deste escrito. Interessante elas trazerem este dado em consonância com a mídia, pois os próprios instrumentos midiáticos divulgaram de forma massiva a história de uma jovem russa que ao completar 30 anos, organizou o funeral da juventude. Claro que a mesma foi a primeira responsável pela difusão das imagens em suas redes sociais.



58

Como já expomos neste texto, os 30 anos são uma idade significativa na vida da mulher que é reforçada pelo poderio midiático, que também transforma as já difíceis condições de aceite do envelhecimento em espetáculo publicitado. Debord (2003, p.14) dizia

<sup>58</sup> Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/03/27/mulher-encara-chegada-dos-30-com-um-funeral-da-juventude-cheio-de-humor.htm> Acessado em janeiro de 2019

que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”, assim, o importante não é a imagem em si, mas o discurso que está mesma carrega e que é propagado cotidianamente pelos veículos de divulgação em massa e que de alguma forma atinge os espectadores. A divulgação destes arquétipos corporais influenciam sobre a forma com que nos relacionamos com nossos corpos e com o nosso envelhecer. O comparativo e a expectativa pela possibilidade de alcance do padrão jovial e corporal exposto midiaticamente, movimentam uma máquina consumidora e adoecedora que influencia diretamente na subjetividade feminina.

As colaboradoras mais velhas desta pesquisas ainda explicitam o outro lado da mídia em compasso com a velhice: os estereótipos dos velhos.

***“Eles vendem uma velhice de mentira. Nas novelas sempre é a empregada, a curandeira nunca é uma poderosa. Às vezes têm a velhinha cocota e isso é uma invenção.” (Dorcelina, 73 anos)***

***“Na televisão a velha está lá só lendo jornal, não faz barulho o idoso. Põe velho junto na roda sabe, e se ele não quiser entrar na roda ele tem que se virar também sabe, dizer “eu também estou viva, eu estou aqui” (Marta, 74 anos)***



Nas imagens acima temos a esquerda a atriz Fernanda Montenegro como Dona Mercedes, a benzedeira da novela “O outro lado do paraíso” exibida pela Rede Globo no ano de 2018. E a direita, a personagem “Velha Surda” que depois de 13 anos fora do ar, voltou as telas televisivas fazendo humor grotesco sobre a velhice em 2017.

Para Marta de 74 anos:

***“Parece que mostra essa velhice excluída sabe, eu não sou assim, claro que eu vejo nos outros, eu vejo isso fora, mas não tem só essa velhice, tem que a velhice como a minha.” (Marta, 74 anos)***

A entrevistada nos atenta para a multiplicidade do envelhecer e a abertura de diversas possibilidades de viver a velhice de forma livre e não de acordo com convenções sociais, tema este que Mirian Goldenberg (2015) explora em seu livro “A Bela Velhice”. Estas outras

facetas do envelhecimento ainda são pouco exploradas e merecem espaço e destaques midiáticos. No entanto, quando se trata do tema envelhecimento o mecanismo utilizado pela mídia é o da espetacularização da negação da velhice, cujo principal alvo é a mulher. Seja pela crítica, seja pelo elogio, seja pela imagem da velha, seja pela imagem da jovem, o interdito ao envelhecer está explícito em propaganda, matérias jornalísticas, blogs e páginas da internet.

### **5.11 FINITUDE E ENVELHECIMENTO**

“O ser humano é o único de quem se pode afirmar que é consciente da morte” (RODRIGUES, 2011, p. 357). E esta consciência do morrer está substancialmente focada na velhice, como se a morte fosse particular dos velho. Sobre tal aspecto o escrito Luís Fernando Veríssimo em sua crônica “Indo”<sup>59</sup> nos atenta para certas curiosidades que remontam a velhice a morte: “Curiosa palavra. Idoso. O que acumulou idade [...]. Se é que não significa alguém que está indo, alguém em processo de ida. Em contraste com os que ficam, os ficosos...”. E finaliza “Preciso começar a agir como um idoso. Dizem que entre eles idoso não fala em quem chega à velhice como alguém à beira do túmulo. Dizem que está na zona de rebaixamento”.

Claro que a velhice se destaca como último estágio da vida, no entanto, a finitude está à espreita de todos os seres viventes. Como diz o ditado popular: “Para morrer basta estar vivo”. Em nosso estudo foi observado que falas a respeito da morte vieram à tona principalmente no grupo formado pelas mais jovens:

*“[...] mas não é só medo de envelhecer, é um pouco... morte. É uma coisa muito ligada o medo, o envelhecer e o medo da morte” (Ramona, 32 anos)*

*“Essa aproximação com a morte, acho que nem tem tanto a ver com o tempo assim, porque o tempo eu vou levando um dia de cada vez, mas essa coisa da morte assim, a gente se depara com alguma coisa que leva a isso, eu fico desesperada e penso: “Eu não vivi tudo ainda, eu preciso viver mais” (Patria, 24 anos)*

*“Para mim a perda é um problema então o envelhecimento é um problema porque se aproxima da morte.” (Dandara, 20 anos)*

Ramona, Patria e Dandara expressam que o medo de envelhecer está intrinsecamente atado ao medo da morte. O envelhecimento nos lembra de que somos seres finitos, em uma sociedade que tenta incansavelmente mascarar tal fato. Se em outras épocas a morte sempre

<sup>59</sup> Disponível em <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20060910-41235-nac-143-cd2-d14-not>. Acessado em maio de 2019

esteve presente no cotidiano social, afinal, com a expectativa de vida entre trinta e quarenta anos, à finitude apresentava-se com muito mais frequência, exposta aos olhos de todos, envolta de rituais fúnebres. Atualmente com esperança de vida cada vez mais alta, a morte foi sendo arrastada para longe do olhar dos vivos (ELIAS, 1983). Como Rodrigues (2011, p. 383) aponta: “Na sociedade talvez mais mortífera que a humanidade já produziu[...] o morrer tornou-se pouco familiar, deslocado para asilos, hospitais, afastado dos vizinhos e das crianças”. Com a morte reclusa, a juventude acreditam-se amortal, mas eis que a velhice nos recorda que o morrer faz tanto parte da vida quanto o próprio viver.

Outra fala nos chamou a atenção nas entrevistas foi a de Ana (26 anos): ***“Parece que ser velho é morrer antes da morte em alguns casos.”*** Esta elocução representa que a velhice não apenas carrega consigo o estigma da morte concreta, mas também da morte simbólica, isto é, da morte social. As percepções negativas sobre a velhice como um período de perdas de autonomia, de independência, da capacidade de trabalho, dos papéis sociais valorizados robustecem a ideia de que, por vezes, é melhor morrer do que envelhecer (GIOACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013). Afinal, viver como velho atualmente é morrer socialmente e o destino é a invisibilidade.

No grupo mais velho falas acerca da morte não emergiram de forma explícita. Os discursos sobre a temática dizem respeito, principalmente, ao medo da perda de entes queridos e não o temor pela morte de si:

***“O que eu tenho é pena por ter pouco tempo para ficar aqui, não tenho medo de morrer, já tive muito medo de morrer na juventude mas hoje eu não tenho mais.” (Dorcelina, 73 anos)***

***“Meu medo hoje é de perder um filho, para isso eu não estou preparada, até porque a morte não é privilégio do velho né, assim como a doença também não é.” (Dorcelina, 73 anos)***

As velhas que tocaram no assunto deixam bem claro o entendimento de que a morte é um processo natural inerente aos seres vivos, o que torna a velhice, em realidade, um privilégio. Afinal, apenas alcançam a vetustez aqueles que não ficaram pelo caminho, como Beauvoir afirma “Morrer prematuramente, ou envelhecer: não há outra alternativa” (BEAUVOIR, 2018, p. 297).

Apesar dessas mulheres não verbalizarem de forma direta sobre a morte, elas encontraram um outro caminho para falar sobre a finitude, ou melhor, sobre o processo de finitude em conjuntura com o medo de “dar trabalho”:

***“Quando for a hora de eu ir embora é pa puf, fui embora. Porque todo mundo vai morrer né, se nasceu tem que morrer, mas que vá sem dar trabalho.” (Marta, 74 anos)***

*“A partir da hora que eu não tiver condições financeiras de pagar uma pessoa, de manhã e à noite para cuidar de mim eu peço aqui para vocês quatro, eu não quero ficar aqui, eu quero ir para um asilo”. Porque lá existe alguém pago para cuidar de você, porque aqui se minha filha quiser cuidar de mim ela tem um marido e ele não tem nada a ver com isso, meu filho eu sei de todo o amor que ele tem por mim mas sua mulher não tem nenhuma obrigação de cuidar de mim.” (Domitila, 71 anos)*

*“Eu falei com os meus filhos sabe, porque eu gosto de planejar tudo antes, de que quando eu ficar dependente para eles me colocarem numa casa de repouso, eles falam: “mãe vai lá ficar quieta vai na sua casa quando chegar esse momento a senhora não vai poder opinar porque a gente que vai tomar conta da senhora”. (Dorcelina, 73 anos)*

As elocuções acima expressam a preocupação em “dar trabalho”, principalmente aos familiares. Domitila e Dorcelina, inclusive, manifestaram que já foi explicitado aos filhos o desejo de priorizar a estadia em casa de repouso ou mesmo um asilo, do que permanecer à mercê dos cuidados dos progenitores. Assim como nos fala Giacomini, Santos e Firmo (2013, p. 2.492) “conscientes de uma finitude cada vez mais próxima, percebida no corpo-vivido, os idosos procuram os serviços na esperança de minimizar sofrimentos próprios e alheios, sejam eles de fundo moral, espiritual, físico, psicológico e ou funcional”. O fato de necessitar dos cuidados de outrem, principalmente dos familiares, assusta mais do que a própria morte.

## **5.12 ENVELHECER COMO DESSINTONIA ENTRE O TEMPO VIVIDO E O TEMPO SENTIDO**

Um elemento que nos chamou a atenção em diversas falas nos dois grupos etários estudados foi a assintonia entre o tempo vivido e a idade cronológica. Simone de Beauvoir nos ensina que a “velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?” (BEAUVOIR, 2018, p.298). Da mesma forma, a escritora Cecília Meireles em seu poema “Retrato” questiona-se: “Em que espelho ficou perdida minha face?” (MEIRELES, 2001, p.18). Estas indagações levantadas por estas autoras também estão presentes nas falas de nossas entrevistadas:

*“Eu tenho 32 anos e para mim parece que, às vezes, eu me olho e eu me vejo com aparência mesmo sabe, é uma coisa louca, não é sentir-se, não sei se dá para a gente separar o dentro e o fora. Na verdade, parece mais conflitante ainda porque parece que eu sou uma pessoa por dentro e a hora que eu me olho no espelho parece que eu tô me tornando uma outra pessoa por fora. Parece que não condiz assim sabe aquela aparência com aquilo que eu costumo ser, com o que sempre costumei ser, com o que eu sempre costumei ver” (Christina, 32 anos)*

*“[...] aí isso é um pouco confuso porque eu tenho 24 anos mas eu não sinto como se tivesse 24 anos, então isso é um problema as vezes. Parece que eu parei nos 17 anos e eu só percebo que não tenho mais 17 quando eu encontro pessoas de 17. Aí eu: “Tá eu não tenho mais essa idade, mas eu também não consigo me encaixar nesse padrão mulher feita, nossa sou mulher adulta” e isso tem um visual né.” (Minerva, 24 anos)*

*“[...] a mente não envelhece né, o corpo sim” (Minerva, 24 anos)*

*“Eu sou uma pessoa velha, com 71 anos, eu não me sinto velha vou admitir” (Domitila, 71 anos)*

*“E até hoje assim eu não me sinto velha sabe, eu tenho que me olhar no espelho para perceber que eu tenho uma certa idade, por dentro não tenho nenhuma doença.” (Violeta, 70 anos)*

*“Mas eu não me considero ainda velha, eu me considero idosa assim. Continuo trabalhando ainda hoje porque eu tenho energia para isso, me aposentei por conta da necessidade de aposentar no funcionalismo com 70 anos mas eu me sinto inteira ainda.” (Anita, 78 anos)*

*“Eu também não sei se eu aceitei também a idade sabe, porque eu estou com 74 anos mas eu não me sinto velha, não me sinto com 74 anos, eu me sinto muito bem com essa idade.” (Marta, 74 anos)*

Todas as elocuições acima descrevem a dificuldade individual de conjunção entre a idade sentida e a idade vivida. Alguns autores (BARAK E SCHIFFMAN, 1981; EDMONDS, 2002; SILVA, 2014) versam sobre esta complexidade da percepção do sujeito entre como o mesmo se sente e como ele é visto ou se vê. Para compreendermos tal questão precisamos retornar a ideia de que o envelhecimento é um processo biopsicossocial individualizado e que, portanto, é sentido e experienciado de forma diferente por cada sujeito, isto é, “não se envelhece da mesma forma, no mesmo ritmo e na mesma época cronológica” (CARDÃO, 2009, p.32).

Esta variação sobre a forma com que o envelhecimento é experimentado influencia na autopercepção da idade que não está presa a idade cronológica, expressa imutavelmente na certidão de nascimento, mas sim a idade a qual o indivíduo, por meio de suas experiências internas e externas, sente pertencer. Para a psicologia tal questão é entendida como “idade cognitiva” ou “idade subjetiva”, conceito este desenvolvido por Tuckman e Lorge, em 1953, no campo na gerontologia (SILVA, 2014). Segundo Silva a idade subjetiva pode ser entendida como

um constructo multidimensional, já que engloba as seguintes determinantes: a idade sentida pelo indivíduo (*feel age*); a idade que corresponde aos seus interesses (*interest age*); a idade que transparece os seus atos (*do age*); e a idade da sua aparência (*appearance age*) [...]. Além disso, a discrepância entre a idade real e idade subjetiva é um fenómeno que ocorre ao longo de toda a vida, porém com

parâmetros opostos na primeira e segunda metade do ciclo vital. (SILVA, 2014, p. 48)

A autora também explica que a idade subjetiva é a única dotada de plasticidade, isto é, tem a capacidade de acelerar, desacelerar, parar ou mesmo reverter o tempo. Tal qualidade só é possível pela conjunção de vários fatores tais como as expectativas, crenças e valores sobre a perspectiva do envelhecer, nas mudanças de papéis sociais, observação das mudanças físicas e psicológicas e a comparação com demais indivíduos do mesmo grupo etário (SILVA, 2014).

Nossas entrevistadas mais velhas expressam não se sentirem com idade cronológica a qual pertencem. Suas falas expressam que, por estarem vivendo a velhice de forma positiva, não se sentem velhas. “*Sem doenças*” diz Violeta, “*com energia*” e “*inteira*” relata Anita. Para estas mulheres só se é velho a partir do momento em que o peso da idade significar decrepitude e perdas, isto é, quando as mesmas personalizarem os estereótipos negativos ligados a velhice.

Por outro lado, este não reconhecimento da velhice gera uma nova relação com a categoria etária que podemos chamar de subversiva. Se o lugar-comum da vetustez é a improdutividade, a inatividade, essas mulheres, mesmo sem o intuito para tal, rebelam-se contra esta lógica incapacitante. A inserção no meio social composta por atividades como a participação na Universidade Aberta à Terceira Idade, trabalhos voluntários, rearranjo da condição de mulher na cena cotidiana são alguns dos exemplos de que o não se sentir velha, também colabora para uma velhice revolucionária.

Não podemos perder de vista que a psicanálise também contribui pra este debate acerca da idade subjetiva, uma vez que, essa dissonância entre os tempos de vida, a partir do ponto de vista psicanalítico, diz respeito a atemporalidade do inconsciente. Como Freud (1976, p. 214) escreve: “[...]os processos inconscientes, são atemporais; isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm absolutamente qualquer referência ao tempo.”

Enquanto a psicologia do desenvolvimento, embasada por uma ideia evolutiva, traça parâmetros de comportamento a serem alcançados ou abandonados pelos sujeitos em distintas idades cronológicas e períodos da vida, a psicanálise desconstrói tal formulação. Os conceitos de inconsciente, pulsão, repetição e realidade psíquica, desenvolvidos por Freud, demonstram que as primeiras marcas deixadas pela intervenção do Outro não se dissolvem com o passar do tempo, elas permanecem e ainda servem de polo de atração para outros traços. Assim “cada sujeito vivencia tais inscrições a partir de seus traços e o particular de sua história” (MUCIDA, 2004, p. 28 e 29).

A velhice evidencia as transformações corporais ocasionadas pela passagem do tempo cronológico, as rugas, os cabelos brancos, a flacidez, entre outros. Tais atributos visíveis contrapõem uma imagem de si constituída ao longo da vida por meio das relações identificatórias com o Outro. Assim, esta imagem subjetiva construída de si é posta em xeque por outra imagem cujo tempo confirma seu curso. Nossas entrevistadas, Christina e Minerva, em suas falas evidenciam o conflito e a confusão causados pelo confronto da imagem narcísica inconsciente e àquela envelhecida refletida no espelho. Cria-se um sujeito duplo de si, como explicito na fala de Ramona: ***“parece que eu sou uma pessoa por dentro e a hora que eu me olho no espelho parece que eu tô me tornando uma outra pessoa por fora.”***

Este duplo encontra-se na teoria freudiana no texto O Estranho (1919/1996), o qual o pai da psicanálise explora o conceito de *Unheimliche* cujo significado é de estranho e familiar ao mesmo tempo. Tal concepção descreve a inquietação, estranhamento, confusão, conflito, medo e horror diante da experiência que sentimos quando algo que um dia foi familiar retorna como algo estranho. Se transportarmos este conceito para o envelhecer, compreendemos que o velho que sempre foi o outro, de repente dá as caras em nossa própria imagem refletida no espelho e lá está ela a velhice que habita em nós e que tanto nos esforçamos para não vê-la. Esta apavorante efígie especular não corresponde àquela existente em nossa memória, que por ser idealizada remete a familiaridade, nos confrontamos e nos assustamos com a revelação de que envelhecemos como qualquer outro sujeito. Goldfarb (1998) colabora para explicação deste conceito freudiano e suas implicações com o envelhecer:

Quando o sujeito que envelhece diz: ‘esse não sou eu’, evidentemente nos diz que o rosto no qual ele poderia se reconhecer tranquilamente não é aquele. [...] tanto o adolescente quanto o sujeito que envelhece sabem perfeitamente que aquela imagem lhes pertence, mas experimentam ante ela uma certa estranheza, um susto, como se a imagem fosse de outro: há uma falta de reconhecimento como imagem, não como sujeito. Não é o rosto que lhes corresponde. Aquele ali, o velho do espelho é outro, não é a representação conhecida por ele como seu próprio rosto; a representação conhecida de sua face ficou perdida, e em alguns casos, como na demência, para sempre. (GOLDFARB, 1998, p. 35)

### **5.13 FEMINISMO E ENVELHECIMENTO**

A última pergunta feita a todas as nossas entrevistas referia-se ao olhar do movimento feminista ao envelhecimento feminino. Propomos esta questão pois compreendemos o feminismo como um dispositivo potente para a emancipação feminina diante do seu próprio envelhecer e todas as particularidades que advém deste processo. Empoderar-se de seu tempo, para as mulheres, pode significar também apoderar-se de seus corpos, de suas subjetividades,



de seus reais desejos, entre tantas outras especificidades femininas ainda tão marcadas pelo patriarcado.

A grande maioria de nossas entrevistadas não poupou duras críticas quanto ao ativismo feminista, ou melhor, a falta dele, no que concerne as questões com o envelhecer. As colaboradoras Minerva, Leila, Cassandra, Carmem, Joana e Violeta pontuam a inexistência de pautas que abranjam o envelhecimento feminino.

*“[...] esse feminismo para quem? Para que mulher? Para velha que não é, e de novo elas são esquecidas pela mídia, são esquecidas pelo feminismo ... não tem quem olhem para elas e digam que vocês pertencem.” (Minerva, 24 anos)*

*“[...] na verdade eu vou ser bem sincera, das coisas que eu participei, que eu li, eu nunca vi essa discussão. Elas falam muito da auto aceitação mas ainda muito percorrendo uma jovialidade né, nunca vi colocando em pauta esse recorte da vida não sinceramente.” (Leila, 27 anos)*

*“Assim a questão da mulher velha eu vejo muito pouco pautado assim, e nas discussões que eu já vi é sempre pensando nessa questão estética mesmo, que é importante mas deveria ir para além sabe, acho que a questão é talha passa por outros lugares objetivos, de outras maneiras que não só pela questão estética, que sim é muito forte lógico né, mas existem outras questões que a gente precisava começar a pensar, mais vinculado com essa questão do tempo assim.” (Cassandra, 26 anos)*

*“Mas pensando eu acho que seria muito necessário ter uma coisa assim tipo somos mulheres, estamos envelhecendo, tem tudo isso, a mídia e tudo isso que estamos falando aqui e aí sabe o que nós como feministas podemos fazer ou não podemos fazer sabe, acho que seria necessário esse viés também.” (Carmem, 22 anos)*

*“Eu acho que tem um que por trás de todo o movimento feminista, mas eu não vejo discussão sobre isso, eu acho que se tiver são coisas bem sutis, eu não me aprofundo muito sobre mas parece ser bem sutil, falando em relação do peso, dessa autonomia de trabalhar fora, de pelos e tals, mas do envelhecer eu acho que não vi nada não mas acredita que tenha que ser falado porque a pressão é muito grande, se com 20 anos a gente é bombardeado pra fazer procedimentos estéticos com 70, 80 que a pele já está mais desgastada é pior ainda então eu penso nessa auto estima da mulher mais velha.” (Joana, 20 anos)*

*“Não, elas pensam em outros direitos, mas não envelhecer. Direito a ganhar salários iguais, direito a assumir a sexualidade, mas direito ao envelhecer não existe.” (Violeta, 70 anos)*

O distanciamento do feminismo para com a temática do envelhecer acarreta o ignorar de uma demanda feminina que provoca sofrimento a mulher, como foi identificada no primeiro tópico desta análise de dados intitulado “Envelhecer é um processo silenciado/invisibilizado”. Nossas entrevistadas Christina, Dorcelina e Minerva retomam tal

discussão e também apontam para a ausência de espaços de acolhimento para a mulher compartilhar e trabalhar suas inquietações no que diz respeito ao envelhecimento:

*“Eu acho que faltam pautas nesse sentido, porque ainda existe uma competitividade entre as mulheres nesse quesito corpo, tipo a gente vê uma menina com um corpo super definido e a gente fala: “Nossa olha aquela menina”. A gente faz esse tipo de comentário, a gente reforça isso, a gente chega perto da nossa amiga gorda e fala: “Nossa estou gorda, estou usando 40” e a gente descredibiliza as pessoas mais velhas. Parece que as mulheres mais velhas estarão sempre ultrapassadas e não terão com que contribuir sabe. Não sei, falta espaço de acolhimento ou se essas mulheres mais velhas já se sentem rejeitadas e fora desse espaço e procuram também integrar sabe.” (Christina, 32 anos)*

*“Então às vezes eu acho que é uma enganação sabe. Eu vejo nas propagandas e o feminismo está muito mais preocupado com a sexualidade, a parte intelectual da mulher não tem quase voz deixa muito a desejar. Aí eu vejo pessoas com 50 anos que não podem trabalhar e ninguém liga para isso porque já tá velha. Não nos dão espaço para falar sobre o que é ser uma mulher velha, nem no movimento feminista, nem na igreja, nem em empresas.” (Dorcelina, 73 anos)*

*“Você não vê o feminismo voltando nem para as meninas muito novas, ainda que está começando agora, com livros infantis, uma história voltada para a literatura infantil bem recente, nos últimos tempos porque eles tão pegando no pé da Disney né e essa coisa de princesas por isso que está se voltando mas também é recente. Mas para as mulheres velhas não, aí entra de novo a questão da sexualidade e desse espaço de conversa...” (Minerva, 24 anos)*

Outro aspecto levantado por nossas colaboradoras trata-se do questionamento quanto ao posicionamento majoritário feminista em levantar bandeiras e militância a favor de tópicos que referem-se a mulher produtiva e em idade fértil.

*“Eu acho que não é uma coisa pensada. Eu não sou a mais estudada no assunto, mas pelas minhas percepções é como se fosse algo à parte. Parece que o feminismo luta por mulheres até determinada idade.” (Ana, 26 anos)*

*“Feminismo pra quem? Para as mulheres brancas, aí a gente avança... feminismo para as mulheres, mas pra quais mulheres? As mulheres adultas, as férteis que eu diria que é o foco, a mulher que produz eu diria, tanto eu fico quando em questão de mercado porque o foco do feminismo táí.” (Minerva, 24 anos)*

*“Mas eu vejo que o feminismo não dá empoderamento para mulher velha, parece que não é uma causa do movimento não. Parece que é mais essa coisa da mulher poder tudo né, mas é a mulherada poder tudo enquanto ela está numa fase produtiva, depois eles não estão muito aí não. Assim o que eu leio do movimento feminista e parece que é tudo muito relacionada à sexualidade, assim parece que as mulheres podem estar em todos os lugares mas até uns 50 anos depois parece que não fala mais nada” (Nisia, 64 anos)*

Frases como "*Parece que o feminismo luta por mulheres até determinada idade.*" (Ana, 26 anos) e "*parece que as mulheres podem estar em todos os lugares mas até uns 50 anos depois parece que não fala mais nada*" (Nisia, 64 anos), para além da austera crítica explícita ao movimento feminista, tais elocuções apresentam uma forma muito violenta de tratamento a mulher velha por parte do feminismo. Como se a invisibilidade social a qual estas mulheres são submetidas ao alcançarem a velhice, pela incapacidade de compor os papéis valorizados que estão fortemente marcados pelo patriarcado, também se estendesse ao movimento feminista. O que se faz muito contraditório, pois se o feminismo luta pela emancipação da mulher, não ouvi-la também na velhice, reforça o aprisionamento do feminino as suas incumbências biológicas, como a maternidade. Sobre tal arranjo Simone de Beauvoir aponta:

Infelizmente, na história de cada mulher repete-se o fato que constataríamos durante a história da mulher: ela descobre essa liberdade no momento em que não encontra mais nada o que fazer com ela. Essa repetição nada tem de um acaso: a sociedade patriarcal deu a todas as funções femininas a figura de uma servidão; e a mulher só escapa da escravidão no momento em que perde toda eficiência. (BEAUVOIR, 2016, p. 394).

Podemos ainda compreender que se o movimento feminista insiste em não ouvir e não dar voz as mulheres velhas, ele acaba também por compactuar com a ideia de que a liberdade do feminino está sujeita a necessidade ou não do masculino. Isto é, a mulher só lhe é concedida a liberdade ao passo em que a mesma não serve mais aos interesses do patriarcado. Além deste apontamento, outros pontos merecem atenção do feminismo no que concerne o envelhecimento. Segundo levantamento realizado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, o Disque 100, também conhecido como Disque Direitos Humanos, no ano de 2018, recebeu 37.454 notificações de violência contra os idosos, sendo que, as mulheres foram as vítimas em 62,6% dos casos. As agressões, em sua maioria, foram cometidas na própria residência dos velhos por parentes próximos como filho e netos.<sup>60</sup>

A sexualidade na velhice também é outro fator a ser considerado pelo feminismo. O movimento feminista se debruça sobre o tema saúde e sexualidade a partir das demandas de mulheres em idade reprodutiva, excluindo as idosas das análises (BATISTA; BRITTO DA MOTTA, 2014). O que colabora para que a temática persista como tabu na sociedade e as velhas que se interessam por sexo sejam alvos de chacota e difamação. Não podemos ignorar também o problema de infecção pelo vírus HIV que assola a população idosa. Na última década o número de pessoas infectadas pelo HIV na faixa etária de 60 anos ou mais cresceu

<sup>60</sup> Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-06/numero-de%20denuncias-de-violencia-contra-idosos-aumentou-13-em-2018>. Acessado em junho de 2019

103%<sup>61</sup>. Entre as mulheres, verificou-se ainda, que dentre todas as faixas etárias, a única que não apresentou queda na taxa de detecção do vírus foi justamente a composta por idosas.<sup>62</sup>

A aposentadoria também se faz importante nas análises feministas. Atualmente está em tramitação no congresso nacional a proposta de reforma da previdência que pouco ou nada leva em consideração a jornada dupla gratuita a qual muitas mulheres são sujeitadas. Muito menos que as mesmas, durante toda a vida, foram submetidas ao recebimento de salários menores que os homens. Para além disso, é possível perceber que a inércia social diante das atrocidades cometidas contra a velhice, como a própria reforma da previdência, é resultado da negação do envelhecer, como se a concretização dessa fase da vida pelos sujeitos fosse inconcebível.

---

<sup>61</sup> Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2018/03/25/interna\\_ciencia\\_saude,668253/numero-de-idosos-com-hiv-no-brasil-cresce-103-na-ultima-decada.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2018/03/25/interna_ciencia_saude,668253/numero-de-idosos-com-hiv-no-brasil-cresce-103-na-ultima-decada.shtml) Acessado em maio de 2019

<sup>62</sup> Disponível em [www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018](http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018). Acessado em maio de 2019

## CAPÍTULO 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A velhice, com sua agruras, chega para todos. Eu não me rebelo contra a ordem universal. Afinal, mais de setenta anos. Tive o bastante para comer. Apreciei muitas coisas – a companhia de minha mulher, meus filhos, o pôr do sol. Observei as plantas crescerem na primavera. De vez em quando tive uma mão amiga para apertar. Vez ou outra encontrei um ser humano que quase me compreendeu. Que mais posso querer?"  
(Sigmund Freud)<sup>63</sup>*

Antes de mais nada é importante destacar que os dados coletados e analisados desta pesquisa provêm de um ambiente específico, não podendo ser generalizado tanto para o conjunto total da terceira idade quanto para as jovens. A maioria das velhas, por exemplo, são participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade, da UNESP- campus de Assis, que por sua vez, fomenta uma vivência outra deste período da vida, mais rica e menos dolorida. Assim, as participantes idosas desta pesquisa não podem ser tomadas como representantes do conjunto da população deste segmento etário em sua completude, pois a velhice é diversa e plural. Da mesma forma as jovens que, por se tratar de uma amostra em que a maioria eram universitárias, pós-graduandas ou que já tinham formação universitária, as mesmas tendem a ter um esclarecimento maior sobre certos funcionamentos sociais e culturais entre outras idiossincrasias, não podendo, portanto, refletir as opiniões de todas as mulheres desta faixa etária.

Entendemos também que algumas especificidades não foram devidamente contempladas como distinção de raça, orientação sexual e classe social em compasso com o feminino e o envelhecer. Tais marcadores sociais poderão ser contemplados, quiçá, em outra investigação. Tais singularidades merecem estudos exclusivos e com maior diligência, que não seriam alcançadas neste escrito. Igualmente compreendemos que certas vicissitudes no que diz respeito ao envelhecimento feminino não foram totalmente examinadas, por se tratar de um processo complexo, individual e repleto de particularidades, se faz tangível a impossibilidade de abarcar todos os assuntos referentes a temática.

Nossas colaboradoras foram selecionadas de modo a amparar os requisitos etários previamente determinados pela pesquisadora sendo este o único critério estabelecido pela proponente, a saber, primeiro grupo mulheres de 20 a 35 anos e segundo grupo mulheres de 60 a 85 anos. Esta amostra foi muito significativa para responder a proposta principal desta pesquisa que visava investigar como o envelhecimento é percebido e experienciado pela mulher contemporânea frente as mudanças psicológicas, corporais e sociais advindas com o tempo em compasso com uma sociedade valorizadora da juventude.

---

<sup>63</sup> Trecho da Entrevista concedida a George Sylvester Viereck, em 1926.

Tendo este objetivo no horizonte pudemos concluir nesta pesquisa que a velhice permanece marcada com um período negativo da vida, especialmente na visão das mulheres jovens. Além disso, foi possível compreender que as mulheres vivem e sentem os efeitos da conspiração do silêncio a qual Beauvoir (2018) citara em seu texto “A Velhice”. As jovens, por um lado, por não terem espaços de escuta e acolhida acerca de suas questões sobre o envelhecer e as idosas por terem sido silenciadas e invisibilizadas apenas por serem velhas. No entanto, estas últimas encontram em espaços como os da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) atividades que contemplem discussões, aprendizados, ou mesmo, trocas intergeracionais que colaboram pela vivência de uma velhice mais rica em oportunidades e experiências.

Outra divergência entre os grupos é a relação com a finitude. As jovens atrelaram a morte como um dos fatores que as levam a ter medo de envelhecer. Para elas a velhice surge como proximidade da morte e as assusta, como se o perecimento fosse privilégio e exclusividade deste tempo da vida. No entanto, antes da morte concreta, a velhice nos força a lidar com as mortes simbólicas, isto é, confrontaremos perdas de papéis sociais e o fim do período produtivo com a chegada da aposentadoria por exemplo. As velhas, por sua vez, manifestaram certo conformismo com a finitude, para elas a preocupação é com o trabalho que darão no processo de morte.

Em diversos momentos nos discursos das mulheres jovens foi possível notar a presença do norteador etário, isto é, nossas entrevistadas mostraram-se cerceadas pelo regulador etário, como se, para absolutamente tudo na vida, houvesse um tempo exato e imediato medido pelos anos vividos. Este organizador e modulador das subjetividades age por meio de proibições, permissões, condutas, status, hábitos que devem obedecer a uma lógica social vigente em concordância com a idade de cada sujeito. Claro que este modelo de lidar com o tempo é causador de angústias e frustrações. As cobranças pela adaptação do sujeito às práticas de cada faixa etária limitam diversas possibilidades de experiências e vivências. Da mesma forma com que fortalece a produtividade desenfreada e adoecedora típicas destes tempos contemporâneos, “*tempo é dinheiro*”, “*não há tempo a perder*”, são os grandes motivadores atuais.

A angústia dos 30 anos, tão explicitada pelo grupo jovem, talvez esteja intrinsecamente conectada a eventual impossibilidade de satisfazer os critérios sociais e culturais esperados pelos sujeitos desta faixa etária, além de claro, a própria percepção do envelhecer que não pode mais ser negado. Em realidade, este norteador etário das subjetividades nada mais é do que uma forma predominante de vivenciarmos o tempo no

contemporâneo. Este que nos marca na pele, nos nossos comportamentos, nas nossas escolhas, na nossa linguagem, até mesmo na nossa vestimenta, este tempo regido pelo deus *Kronos* na mitologia grega, que a todo custo nos captura, nos domina, nos rege. Mas não podemos nos esquecer que também existe um outro tempo, *Kairós*, que se refere ao qualitativo, que está intrinsicamente conectado aos momentos significativos vividos (FOLEY, 2010). Sanches-Justo (2012, p.26) aponta que o tempo de *Kairós* “está atado à memória, à lembrança, à narrativa e a tudo que diz respeito às circunstâncias significativas de cada indivíduo”. Talvez estejamos valorizando muito mais o tempo senhor caracterizado por *Kronos* e não aproveitando o tempo em que nós nos fazemos senhores, *Kairós*. Talvez a chave para nossa completa experiência temporal seja metamorfosear *Khronos* em *Káiros*,

Este entendimento de que podemos também ser ativos em nossas experiências temporais compreende uma nova concepção de experimentação do viver e conseqüentemente do envelhecer. E esta é justamente a colaboração de nossas entrevistadas mais velhas quanto ao quesito etário como regulador. Elas não se limitam a ele. Estas velhas estão subvertendo tais demarcações etárias e compreendendo que a velhice também pode ser um tempo a ser aproveitado.

Verificamos também que existe outra diferenciação entre os grupos estudados que diz respeito ao medo de envelhecer. Este atinge fortemente as jovens, enquanto as velhas se quer pensam no assunto, levantando a hipótese de ser um incômodo geracional advindos dos tempos atuais. Nossa pesquisa mostrou que o imaginário social atual é dominado por uma ideia de velhice cercada de negatividade, perdas, luto e dificuldades que, por sua vez, reflete nas subjetividades femininas que sofrem com uma luta contra o envelhecer que já nasce fadada a derrota. Afinal de contas, é impossível vencer a passagem do tempo. Simone de Beauvoir (2018) afirmava que o prestígio da velhice diminuiu, já não se crê na noção de experiência e sabedoria que outrora eram símbolos máximos da velhice, a ideia hoje ligada ao envelhecimento é o perecer. O avançar da idade reserva o descortinar da desqualificação e os valores associados a juventude são os apreciados e valorizados. Percebe-se que esta lógica não se modificou e ainda é fortemente alimentada pelo modo capitalista de produção que encontrou na velhice um forte nicho de consumo, seja para negá-la, seja para afirmá-la.

Alinhado aos interesses do capitalismo, surge então o discurso do saudável, fortemente explicitado por nossas entrevistadas, que faz das mulheres reféns de um sistema que valoriza um ideal jovial inalcançável. O cuidar-se incita a ideia de que a saúde feminina está intimamente ligada a juventude, assim, as mulheres são convocadas a lutar contra um inimigo impossível de ser transposto que é o tempo e, mesmo sabendo da derrota iminente, essas

mulheres são responsabilizadas e culpabilizadas individualmente por não alcançarem o objetivo de se manterem eternamente jovens. É importante salientar que esta pesquisa demonstrou que as mais velhas também são vítimas deste discurso do cuidar-se, ainda que em menor intensidade, e que mesmo sabendo da ineficácia ou malefícios de alguns procedimentos, muitas ainda recorrem a eles.

O olhar do outro tem grande participação neste mecanismo como demonstrou nossa pesquisa. Segundo nossas entrevistadas este mecanismo regulador trabalha como evidenciador, comparador, bajulador e julgador. Por vezes, este outro não apenas verbaliza a concretude de nossa velhice como também cobra por mudanças neste aspecto, isto é, o olhar do outro também ganha ares de patrulhador do envelhecimento alheio. Importante salientar que o que está em jogo não são os anos vividos mas a aparência encarnada desses anos. Assim, não importa se o sujeito é velho ou não, o que realmente interessa é o não aparentar a velhice.

Entra em cena também a mídia como regente deste olhar que, neste universo, não apenas se restringe ao outro, mas utiliza do nosso próprio olhar como fiscalizador de nossas relações com o tempo. Por meio das imagens difundidas via publicidade, chamadas jornalísticas, novelas, comerciais notamos que é terminantemente proibido envelhecer. A juventude está sempre em evidência, enquanto a velhice é estereotipada e humorizada, espetacularizando o não envelhecer. Além disso, imagens elogiando mulheres que não aparentam a idade cronológica proliferam nos meios visuais de comunicação, o que planta a ideia de que *“se ela consegue, eu também consigo”*.

Assim, o nosso próprio olhar, por intermédio da comparação da imagem conosco, passa a trabalhar como fiscalizador e aprisionador de nós mesmos. As redes sociais elevam este mecanismo ao limite. Corpos que beiram a perfeição, perante ao que é social e culturalmente valorizado, estão à disposição do olhar e consequentemente do comparar a apenas um clique de distância.

O ponto mais marcante em toda a dinâmica deste estudo é que podemos confirmar que o envelhecer perpassa uma forte questão de gênero. Optamos por direcionar nossos estudos às mulheres justamente porque existiam evidências na literatura de que o feminino vivencia o envelhecer de forma diferenciada do masculino. Este estudo não apenas confirma tais proposições como ainda orienta que esta relação está fortemente marcada pelo primado estético, que extrapola diversos limites atingindo-as tanto nas esferas pública quanto na privada. As mulheres são incitadas a competirem entre si e consigo próprias, correndo contra



o tempo na tentativa de reverter cada marca que o tempo produz: em seu rosto pela ruga, seu cabelo pelos fios brancos, seu corpo pela flacidez e diminuição do vigor.

Assim, depois de todas as considerações explanadas acima, podemos discorrer sobre o sentido atribuído ao envelhecer que também faz parte dos objetivos desta pesquisa. Tornou-se possível com a leitura da dissertação constatar que as jovens internalizam preceitos patriarcais que impõem normativas sobre o ser mulher. Estas regras machistas utilizam do próprio corpo feminino para aprisioná-las, não mais pela fertilidade, mas pelo impeditivo do curso do tempo. A mulher contemporânea, segundo Germaine Greer (2001, p. 36), é aquela que “quanto mais distante da forma feminina natural, mais atraente se torna. Quanto mais distante da forma feminina natural, mais feminina”. Nossa pesquisa concorda com a autora e complementa que o sentido de envelhecer dado por essas jovens é o “não envelhecer”, pois para elas envelhecimento carrega consigo a perda irreparável do valor social e cultural concretizada em corpo envelhecido. Apesar do feminismo ter alcançado destaque no cenário contemporâneo, as mulheres ainda se rendem aos preceitos machistas e patriarcais que moldam suas relações com o mundo, com os demais e principalmente consigo mesmas.

Enquanto para as velhas a velhice representa uma fase da vida como qualquer outra, mas com um diferencial marcante: a liberdade. Uma vez que, não mais tenham que atender aos padrões impostos, estas mulheres permitem-se experimentar seu tempo. Elas subvertem a lógica do que é ser velha no contemporâneo, transformando um tempo envolto, social e culturalmente, de imperativos negativos em um período de emancipação, de diversão, de alforria dos ditames sobre o ser mulher, de empoderamento. E estes elogios são os sentidos da velhice encontrados por essas mulheres. Claro que este otimismo esbarra nas imposições sobre o que é a velhice atualmente e nossas participantes não são imunes a estes ditames. No entanto, vê-se que a maturidade dá a vida um outro sabor que nem o corpo envelhecido e a diminuição de seu vigor consegue deixar insosso.

Outro ponto levantado com os objetivos desta pesquisa diz respeito ao feminismo e o envelhecimento. Podemos afirmar que, segundo nossas entrevistadas, a luta feminista falhou em emancipar as mulheres de suas inseguranças corporais. Nunca a ditadura da magreza, da juventude e da beleza estiveram tão em alta. Nunca o mercado farmacêutico, cosmético e da medicina reparadora lucrou tanto. Vemos emergir um forte movimento que tende a responsabilizar o sujeito por suas conquistas ou derrotas diante de um ideal corporal a ser alcançado. As mulheres frequentemente são o principal alvo desta indústria manipuladora e adoecedora que as aprisiona em seus próprios corpos, transformando-as em tiranas de si mesmas. É preciso que o movimento feminista se atente para as demandas das mulheres com

relação ao seu envelhecer, uma vez que, apesar de todas as conquistas da luta feminista, ainda não foi alcançado o direito de envelhecer para o feminino.

As mulheres continuam guiadas por imperativos patriarcais que dominam a mídia e ditam sobre o ser mulher no contemporâneo. Este ideal perpassa a negação da velhice a todo custo, que transforma as mulheres em capatazes de seus próprios corpos. Desde meados da década de 1970 gritamos e continuamos a gritar que o corpo é das mulheres e somente a elas pertence, mas estamos longe de atingir essa realidade. Diante desta conjuntura, as mulheres, além de permanecerem presas em sua corporeidade, também se tornaram escravas do seu tempo.

É preciso redimensionar o envelhecer, como algo que nos acomete dia após dia, hora após hora, segundo após segundo, inicia-se no nosso nascimento e permanece conosco até a nossa morte. O envelhecimento não tem data marcada, ele caminha ao nosso lado e é parte fundamental da nossa existência, como Goldenberg (2016, p.7) afirma “velho todo mundo é”. Ao considerarmos o envelhecer como ciclo de vida e admitirmos sua presença em todas as faixas etárias conseguiremos discutir mais abertamente sobre seus efeitos, suas circunstâncias, suas delícias e seus sabores e, acima de tudo, nos apropriemos de algo que é intrínseco à existência humana.

Assim, talvez, olharíamos para outras etapas da vida com mais respeito e possibilidades e não nos enclausuraríamos por normas e condutas sociais e culturais esperadas. Talvez valorizaríamos cada etapa de maneira igualitária. Talvez não nos limitaríamos as proibições sociais que advêm do marcador etário. Talvez não nos submeteríamos as ditaduras estéticas. Talvez não teríamos tanto medo de envelhecer. Talvez não permitiríamos que nos cortassem as asas, mas alçaríamos voos mais altos.

No entanto, se continuarmos a omitir a velhice, que mais cedo ou mais tarde se revelará seja na imagem refletida no espelho, seja nos pronomes de tratamento que seremos chamados. Seja pelas gentilezas que receberemos, seja pelos insultos e ofensas que ouviremos. Seja pelo olhar do outro ou pelo nosso. Estaremos por negligenciar a nós mesmos. Por isso mais uma vez recorremos a Beauvoir que sabiamente escreveu:

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados. (BEAUVOIR, 2018, p. 11)

Também acreditamos na urgência da convivência entre as mulheres de diferentes faixas etárias, lançamos mão, portanto, da intergeracionalidade. Afinal, em uma sociedade

fortemente marcada por questões etárias, consideramos esse um caminho para o rompimento dos estereótipos de uma geração impostos sobre uma outra. A experiência desta pesquisadora que vos escreve e que há cinco anos trabalha com a população idosa, é prova viva da potência deste dispositivo que mudou, de fato, meu olhar sobre a velhice e meu próprio envelhecer.

Lembremos ainda que o patriarcado insiste no estímulo a rivalidade feminina, que desde a caça às bruxas desempenha seu papel de romper os laços geracionais do feminino. O poder e a sabedoria que apenas o tempo é capaz de proporcionar tem sido escamoteado pela sociedade em favor da dominação e tirania sobre as mulheres. A sororidade<sup>64</sup> ligada a intergeracionalidade não apenas combate esta lógica impositiva como garante uma visão outra sobre o próprio feminino e seu processo de envelhecer. Temos muito o que aprender com as velhas, temos muito a lhes ensinar, mas acima de tudo temos muito a compartilhar e nos fortificar.

Por fim, como disse a atriz e roteirista Fernanda Young "Nada mais indigesto para o mundo dominador que a liberdade de uma mulher"<sup>65</sup>. Imagine o quão inoportuno para o patriarcado a mulher que ousa aproveitar seu tempo, sem se deixar influenciar pelas maledicências sobre os efeitos deste mesmo tempo. O feminino deixar-se envelhecer plenamente concretiza-se atualmente como um posicionamento ético, estético, político e libertário que afirma a existência e potência de todas as fases da vida da mulher e apenas agindo dessa forma atingiremos o protagonismo que tanto se faz necessário, em todas as faixas etárias. Talvez essa seja mais uma das vias possíveis para uma transformação cultural nos sentidos atribuídos à velhice. E respondendo à pergunta que fizemos ao final do subtópico “a ditadura da beleza” localizado no quarto capítulo deste texto e que também dá nome a este escrito. Sim, o envelhecer feminino é um ato revolucionário.

---

<sup>64</sup> so·ro·ri·da·de (larim soror, -oris, irmã + -dade) substantivo feminino. 1. Relação de união, de afeição ou de amizade entre mulheres, semelhante à que idealmente haveria entre irmãs. 2. União de mulheres com o mesmo fim, geralmente de cariz feminista. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/sororidade>. Acessado em julho de 2019.

<sup>65</sup> Disponível em <https://www.uol/estilo/especiais/fernanda-young.htm#tematico-1>. Acessado em julho de 2019.

## BIBLIOGRAFIA

- ABIHPEC. **Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos**. Disponível em: <<https://abihpec.org.br>>. Acesso em: 16 Abril 2018.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Desfiz 75 anos**. Campinas: Papirus, 2009.
- ANDRADE., C. D. D. **O avesso das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ANVISA. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/>>. Acesso em: 10 janeiro 2018.
- ARIÈS, P. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BARAK, B.; SCHIFFMAN, L. G., "Cognitive Age: A Nonchronological Age Variable," in **Advances in Consumer Research**, Vol. 8, Ed. Kent B. Monroe, Ann Arbor: Association for Consumer Research. p. 602-606, 1981
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Coimbra: Edições 70. 2009
- BASSIT, A. Z. Na condição de mulher: a maturidade feminina. In: PY, L. et al. (org.). **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU Ed. 2004, p.137-157
- BATISTA, C.G.; BRITTO da MOTTA, A. Velhice é uma ausência? Uma aproximação aos feminismos e à perspectiva geracional. **Revista Feminismos**, vol.2, n.1, jan-abr, 2014.
- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 3°. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016.
- \_\_\_\_\_. **A Velhice**. 2°. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BEZERRA, F. C.; ALMEIDA, M. I.; NOBREGA-THERRIEN, S. M. Estudos sobre envelhecimento no Brasil: revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-167, 2012.
- BÍBLIA. Gênesis. In: **Bíblia Sagrada** Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2013. p. 13-64.
- BIRMAN J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: BIRMA, J. **Estilo e modernidade em psicanálise** — São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 191-210.
- BIRMAN, J. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- BORGES, M. L. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 667-676, dez. 2005.

BORIS, G. D. J. B; CESIDIO, M. H.. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza , v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007 .

BRANDINI, V. Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricada pela moda: o corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. **Revista Contemporânea**, vol. 5, n 1 e 2. Dez. 2007

BRASIL. **Lei n. 8842**, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. São Paulo: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, v. 58, 1 ° trimestre de 1994.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal: Subsecretária de Edições Técnicas, 1997.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 1395**. Política Nacional de Saúde do Idoso. Brasília: Senado Federal, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Brasília: Estatuto do Idoso, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome**. Política Nacional de Assistência Social. Brasília, DF, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério de Saúde. **Portaria n. 2528/GM**, de 19 de outubro de 2006. Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa [Internet]. Brasília; 2006. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528\\_19\\_10\\_2006.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html)

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos. **Anais da 2ª CNDPI - Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

\_\_\_\_\_. DataSUS. **Portal da Saúde**, 2018. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205>>. Acesso em: 23 agosto 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico – HIV Aids 2018**. Julho de 2017 a junho de 2018. Disponível em [www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018](http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018). Acesso em: 18 de maio de 2019

BUITONI, D. H. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática , 1990.

BUTLER, R.; LEWIS, M.; SUNDERLAND, T. **Aging and Mental Health**: positive psychosocial and biomedical approaches. New York: Macmillan, 1991.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35-63, dez. 2003.

CARDÃO, S. **O idoso institucionalizado**. Lisboa: Coisas de ler. 2009

CAREGNATO, R.C.A e MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.** [online]. vol.15, n.4, p.679-684. 2006.

CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

CASTRO, G. G. S. Precisamos discutir o idadismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, v. 20, n. 2, p. 101-114, 2015.

CASTRO, A; CAMARGO, B. V. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: Revisão da literatura. **Psicologia em Revista**, [S.l.], v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2014.

COLLING, A. M. **Tempos diferentes discursos iguais**: a construção histórica do corpo feminino. Dourados: UFGD, 2014.

CONCONE, M. H. V. B. Medo de envelhecer ou de parecer? **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 10, n. 2, p. 19-44, jan. 2010.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

COSTA, S. Bioética clínica e Terceira Idade. In: COSTA, S; FONTE, M.; SQUINCA, F. **Tópicos em Bioética**. Brasília: Letras Livres. p.49-62. 2006

DEBERT, G. G. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In. **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Belo Horizonte- MG. pp. 537-556. 1998

\_\_\_\_\_. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. p. 41-68.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A dissolução da vida adulta e a juventude como valor**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 16, n. 24, p. 49-70, jul-dez 2010.

DEBORD, G. E-book. **A sociedade do espetáculo**, 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: 11 setembro 2017.

DELBONI, B.; JOAQUIM, S.; PLONER, K.; RANGEL CYRINO, L. Gerascofobia – o medo de envelhecer na contemporaneidade. **Revista Brasileira De Ciências Do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 10, n. 2, p. 203-214, maio/ago. 2013.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: Edunb, 1993.

DIAS, A. C. G. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade. In: CASTRO, Odair P. (Org.). **Velhice, que idade é esta?** Porto Alegre: Edit. Síntese Ltda., 1998.

DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**: a antiguidade. Porto: Edições Afrontamento, v. 1, 1990.

ECCO, U. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EDMONDS, A. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: Goldenberg, M. (ORG). **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

EMMERICK, R. **Corpo e poder**: um olhar sobre o aborto à luz dos direitos humanos e da democracia. Rio de Janeiro: PUC. Departamento de Direito, 2007. V., 199. Dissertação (mestrado)

ESTÉS, C. P. **A ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

FBSA.(Fórum Brasileiro de Segurança Pública). **12º Anuário de Segurança Pública**. 2018.

FPA. (Fundação Perseu Abramo). **Idosos no Brasil** - Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade. SESC- SP. 2007. Disponível em: [https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Idosos\\_no\\_Brasil\\_Graficos.pdf](https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/Idosos_no_Brasil_Graficos.pdf)

FEARTHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. **Textos Didáticos**. 13. ed. Campinas: [s.n.], v. 1. p. 49-71, 1994

FELIX, J. S. Economia da Longevidade: uma revisão da bibliografia brasileira sobre o envelhecimento populacional. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECONOMIA DA SAÚDE**. Anais. São Paulo: PUC, 2007.

FISHMAN, J. R.; BINSTOCK, R. H.; LAMBRIXC, M. A. Anti-aging science: The emergence, maintenance, and enhancement of a discipline. **Journal of Aging Studies**, Amsterdã, n. 22, p. 295-303, Maio 2008.

FOLEY, P.B. **Palimpsest and the architecture of time**. Dissertação (Mestrado) – Virginia Polytechnic Institute and State University – Alexandria, Estados Unidos da América, 2010.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREITAS, E. V. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, L., et al. **Tempo de envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau, 2004. p. 19-38.

FREUD, S. O inconsciente. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915), 1976

\_\_\_\_\_. O estranho. In **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (J. Salomão, Trans.) (vol. 17, pp. 234-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919). 1996

\_\_\_\_\_. O ego e o id. In **Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud**. (Vol. 3, pp. 13-102). (L. Hanns, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923), 2007.

GIACOMIN, K. C.; SANTOS, W. J.; FIRMO, J. O. A. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2487-2496, 2013.

GOLDENBERG, M. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. **Afinal, o que quer a mulher brasileira?**. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, v. 23, p. 47-69, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Bela velhice**. Rio de Janeiro: Record. 2015

\_\_\_\_\_. **Velho é lindo**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOLDFARB, D. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRANT, W. H. A maternidade, o trabalho e a mulher. In: **COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 2002, São Paulo. Publicação online. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032001000300008&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300008&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 05 Maio 2019.

GROISMAN, D. Velhice e História: perspectivas teóricas. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, n 10, 3 ed. p. 43-56, 2001

\_\_\_\_\_. **A velhice: entre o normal e o patológico**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro , v. 9, n. 1, p. 61-78, Abril de 2002 .

HADDAD, E. G. D. M. **O ideologia da velhice**. São Paulo : Cortez, 1986.

HAN, B. **Sociedade do cansaço/** Byung- Chui Han; tradução Enio Paulo Giachini. 2 ed. Ampliada- Petropolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 5, p. 07- 41, 1995.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo : Loyola, 1998.

HECKER, A. Uma História da longevidade no Brasil. In: HECKER, A. **Uma História da longevidade no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora. p. 216. 2014



HIRATA, H.; GUIMARÃES, N. A. (Org.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do care. São Paulo: Atlas, 2012.

HOGUE, J.V; MILLS, J. S. The effects of active social media engagement with peers on body image in young women. **Journal Science Direct**- Elsevier- Amsterdã – Holanda. v. 28, p. 1-5. 2019

IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico 2012**: Rio de Janeiro: IBGE; 2012.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD 2018)**, 2018.

\_\_\_\_\_. **Projeção da População**: IBGE: Comunicação Social, 2016. Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/9905-ibge-divulga-retroprojecao-da-populacao-de-2000-a-1980.html>>.

IACUB, R. **Erótica e velhice**: perspectiva do Ocidente. São Paulo, Vetor (Coleção. Gerontologia, v. IV). 2007

ISAPS. Internacional Society of Aesthetic Plastic Surgery (Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética). **Pesquisa Estética Global anual de procedimentos realizados em 2017**. Nova York, 2018. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf>

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. p. 89-114. 2004

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O Martelo das Feiticeiras**: Malleus Maleficarum. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In **Escritos**. (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1949). 1998

LÉA, M. **Quem tem medo de envelhecer ?** São Paulo: Salamanda, 1989.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2°. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIMA, P. M. R., VIANA, T. C. O velho e seu corpo: um estudo da velhice à luz da literatura e da psicanálise. In: Conceição, M. I. G, TAFURI, M. I., CHATELARD, D. S. (orgs.). **Psicologia clínica e cultura contemporânea 2**. (Pp. 458- 489) Brasília: DF: Technopolitik, 2015.

LINS, I. L; ANDRADE, L.V. R. A feminização da velhice: representação e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas idosas. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v.23, n.3. p. 436-465, Dez, 2018.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **A terceira mulher:** permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. In: LARROSA, J.; LARA, M. P. **Imagens do outro.** Petrópolis: Vozes, 1998. p. 13-23.

MARTINS, E. J. S. **De volta à escola:** Investindo em uma Proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade. Marília, 1997, 236p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista.

MARTINS, A. P. V. **Visões do Feminino:** a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MASCARO, S. A. **O que é Velhice** - Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MATTAR, D. **O preço da sedução.** Do espartilho ao silicone. São Paulo: Itaú Cultural, 2004.

MENDES, B. C. **Envelhecimento populacional:** desafios de uma nova conjuntura demográfica para o Município de Assis – SP. 2005. viii, 198 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2005.

MEIRELES, C. **Antologia poética.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR, C. E. A.. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: (ORGS.), MINAYO, M. C. S. & COIMBRA JR, C. E. A.. **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011

MONTEIRO, P. P. **A beleza do corpo na dinâmica do envelhecer.** Belo Horizonte: Gutenberg, v. 2, 2008.

MORAES, A. **O corpo no tempo:** velhos e envelhecimento. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. História do corpo no Brasil. São Paulo: Unesp, 2011. p. 427-452

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece** - psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MURARO, R. M. **A mulher do terceiro milênio:** uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 3º. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

\_\_\_\_\_. Breve introdução histórica. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras:** Malleus Maleficarum. 20º. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2009. p. 5-17.

NADER, M. B. **Mulher:** do destino biológico ao destino social. Vitória: EDUFES, 1997.

NERI, A. L. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, E.V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2006. p. 58-75

\_\_\_\_\_. Feminização da velhice. In: NERI, A. L. et al. (Org.) **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 47-64.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Editora Alínea, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papiru. 2008b

\_\_\_\_\_. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOYDINIZ, L et al. (Eds.), **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**. Porto Alegre: Artmed. 2012 . p. 17-42.

NOVAES, J. V. Beleza e feiura : corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, M.; AMANTINO, M. . **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 477-506.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **De menina a mulher, impasses da feminilidade na cultura contemporânea**. Estados Gerais da Psicanálise, Rio de Janeiro, 2003.

OMS. (Organização Mundial da Saúde). **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. 2015.

ONU. (Organização das Nações Unidas). **Plano de ação internacional sobre o envelhecimento**. Brasília: Secretária Especial dos Direitos Humanos, 2002.

\_\_\_\_\_. **Health in the Americas + 2017**. 2017.

\_\_\_\_\_. **World Population Prospects: The 2017 Revision, Key Findings and Advance**. New York: Department of Economic and Social Affairs, 2017.

PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In PY, L. et.al. (org) **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, p. 201-223, 2004.

\_\_\_\_\_. As Universidades Abertas à Terceira Idade como Espaço de Convivência entre Gerações. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas: Editora Alínea, 2006. p. 223-250.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, N. N. L. ( . ). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

PEREIRA, C.; PENALVA, G. **Mulher-Madonna e outras mulheres: um estudo antropológico sobre a juventude aos 50 anos**. In M. Goldenberg (Org.), **Corpo Envelhecimento e Felicidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 2011

PEREIRA, A. M. V. B.; SCHNEIDER, R. H.; SCHWANKE, C. H. A. Geriatria, uma especialidade centenária. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 154-161, 2009.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. **Bioética e longevidade humana**. São Paulo: Loyola, 2006.

PINHEIRO, I.; ÁLVARES, M. L. M. Mitos: pilares que sustentam o patriarcado na perspectiva de Simone de Beauvoir. **Gênero na Amazônia**, Belém, jul/dez 2017.

PINTO, A. E. D. S. **Brasileiro diz que juventude acaba aos 37 e velhice começa aos 64 anos**. Folha de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938234-brasileiro-diz-que-juventude-acaba-aos-37-e-velhice-comeca-aos-64.shtml>>. Acesso em: 29 Setembro 2018.

POLETO, L. S. **Literatura infantil: velho e velhice na obra de Monteiro Lobato**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2013.

POST, S. G. **Encyclopedia of bioethics**. 3°. ed. MACMILLAN REFERENCE USA, v. 5, 2003.

PY, L ET AL. O tempo e a morte na velhice. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011, p. 1350-1358.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, N. O septuagenário nato. In: **O óbvio ululante: primeiras confissões crônicas** : Nelson Rodrigues ; seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 90-92.

ROUGEMONT, F. R. A longevidade da Juventude. In: GOLDENBERG, M. **Velho é Lindo!** Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2016. p. 79-106.

ROZENDO, A. S.; JUSTO, J. S.; CORREA, M. R. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas. **Revista Kairós**. São Paulo p. 35-52 Junho 2010.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 4, p. 7-19, 2002.

SALVAREZZA, I. **Psicogeriatria: teoria clínica**. Buenos Aires: Paidós, 1993.

SANCHEZ-JUSTO, J. **Olhares que contam histórias: a fotografia como memórias e narrativas de família**. Dissertação de mestrado, (139 págs.). Assis (SP): Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. 2008

SANT'ANNA, D. B. D. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, N. F.; SILVA, M. R. F. As políticas públicas voltadas ao idoso: melhoria da qualidade de vida ou reprivatização da velhice. **Revista Faculdade Santo Agostinho**, Teresina, v. 10, n. 2, p. 358-371, 2013

SAVAGE, J. A **Criação da Juventude** – Como o conceito de teenage revolucionou o século 20. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SEVCENKO, N. **Adullescência**: O grande motim. Folha de São Paulo, São Paulo, Junho 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099805.htm>>. Acesso em: Agosto 2018.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**- São Paulo, v 01, n. 26, p. 83-114. Nov. 2012

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, Rio de Janeiro, v 15, n.1, p. 155-168. Jan-Mar 2008.

SILVA, M. F. S. “**Tenho a idade das minhas artérias ou a idade do meu olhar?**”: Autopercepção da idade, do envelhecimento e imagens da velhice junto de idosos. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Bissaya Barreto. Coimbra- Portugal. 188 p. 2014

SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**: a marginalização do corpo idoso. Piracicaba: Editora Unimep, 1998.

SPRENGER, H. K. E. J. **O martelo das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

STIGGER, V. O útero errante. **Revista Palavra**, Rio de Janeiro, n. 06, p. 12-16, 2015.

TEDESCHI, A. L. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados: UFGD, 2012.

TIBURI, M. Toda beleza é difícil. Esboço da crítica sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. In: TIBURI, M.; MENEZES, M.; EGGERT, E. (Org.). **As mulheres e a Filosofia**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002, p. 23-46.

TOSI, L. Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 369-397, outubro de 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIDOTTI, S. A. B. G. et al. Inclusão digital para os alunos da UNATI – UNESP/Marília. **Revista Ciência em Extensão**, v. 5, n. 2, p. 42-59, 2009.

VIGARELLO, G. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015**: Homicídio de mulheres no Brasil. 1º. ed. Brasília: Flacso Brasil, 2015. Disponível em: <[https://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_mulheres.php](https://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_mulheres.php)>. Acesso em: 10 Outubro 2018.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

## ANEXOS

### **Anexo A: Roteiro de Entrevista**

**Nome:**

**Idade:**

**Profissão:**

**Estado Civil:**

|     |                                                                                                                                                                        |
|-----|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1.  | Você tem medo de envelhecer?                                                                                                                                           |
| 2.  | Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?                                                                               |
| 3.  | Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?                                                                  |
| 4.  | Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?                                              |
| 5.  | Qual seria a melhor forma de envelhecer?                                                                                                                               |
| 6.  | Qual seria a velhice que você consideraria ideal?                                                                                                                      |
| 7.  | Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?                                                                                           |
| 8.  | Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?                                              |
| 9.  | Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?                                              |
| 10. | Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?                                                   |
| 11. | Na sua opinião, o que é ser velho?                                                                                                                                     |
| 12. | Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?                                            |
| 13. | Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê? |
| 14. | Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?                                                            |
| 15. | Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?                                                                                          |

**Anexo B- Transcrição das Entrevistas**

**Nome:** Ramona

**Idade:** 32 anos

**Profissão:** Formada em Direito, mas atualmente cursa Psicologia

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**R:** Tenho, não sei se a palavra seria essa, mas tenho...

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**R:** Eu não sei se é medo ou receio, estaria nesse contexto, mas não é só medo de envelhecer, é um pouco... morte. É uma coisa muito ligada o medo, o envelhecer e o medo da morte. Eu não tenho medo de não ficar saudável, da minha cabeça mudar, como eu tenho uma vida equilibrada eu acho que não é uma coisa que vai me afetar tanto, a não ser que aconteça uma doença, mas da forma como eu levo a vida eu acho vou manter a saúde por muito tempo. Mas pega um pouco a questão do aproximar da morte e eu me vejo hoje em dia com preocupações que eu não tinha.

Mas eu não sei até que ponto isso é meu ou os outros porque vamos supor a questão botox. Já pensei assim quando eu estiver com uns 40, 50 anos. Mas eu tenho uma prima por exemplo que é dermatologista e a gente sentada na mesa: “Ó aqui assim você já podia esticar um pouquinho por prevenção...”.

Coisas que você não olhava, você começa a olhar muito pelo contexto social e a influência que você sofre assim de todo mundo mesmo. Eu mesma sigo um monte de musa fitness no Instagram e várias coisas que eu não reparava, hoje em dia eu reparo sabe ...

**E: Então envelhecer não era uma preocupação?**

**R:** Então nunca foi, até quando eu fui beirando os 30 anos. Deixa eu explicar essa parte, mais por causa do contexto que eu estava vivendo, eu já estava na segunda faculdade, na época eu estava morando com meus pais e ainda trabalhando com alguma coisa que eu não gostava. Eu ainda estava solteira e rolava toda uma cobrança familiar, e assim, eu olhando outras pessoas eu acho que essa questão da comparação a gente se perde muito com isso, porque eu pensava: “olha fulana já tá casada, já está estruturada financeiramente” ... Era uma questão mais pela fase em que eu estava não pelo envelhecimento em si. Até aí tudo bem, fui aprender a lidar com isso, mas quando eu fiz 30 anos eu tive uma crise assim uma semana chorando, meu pai até falava: “Qual a diferença da semana passada pra essa semana? Não mudou nada” ... eu não sei se era muito pra mim a questão do estar envelhecendo ou pelo contexto.

Agora é que eu estou com 32, eu já estou preocupada com o envelhecer mesmo. Agora eu já estou pra me formar e eu estou namorando, mas estou namorando um menino que é seis anos mais novo que eu então isso é uma questão que agora não faz tanta diferença mas eu fico pensando: “Ai gente imagina, eu tenho que me cuidar eu não posso envelhecer”... Aquela coisa que é uma nóia mesmo, uma coisa muito imposta, muito de mídia na nossa cabeça, muito sociedade porque envelhecer parece que você está fazendo alguma coisa errada e não é, é uma coisa natural da vida e as vezes a pessoa pergunta: “Quantos anos você tem? Tenho isso. Mas noooooosaaa “. Considero que as coisas mudaram depois dos 30 anos. É fato que vai mudando. Quando você tem 20 anos você faz uma semana de regime e perde três quilos, agora o metabolismo muda. Em contrapartida tem essa história do amadurecimento, eu não queria estar com a cabeça que eu estava há 10 anos atrás, eu estou bem melhor, bem mais feliz, então vale a pena as rugas em contrapartida, só não queria morrer mas fazer o que...

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**R:** Tem, mas depende do ambiente em que eu estou. Eu lembro sei lá, no segundo ano na aula de estatística fazendo um gráfico pra fazer a média de idade da sala e daí só eu com 30 anos e todo mundo: “Nossa, nossa, ela tem 30 anos”. Mas só assim, se eu estou no meu contexto com os meus amigos, é todo mundo mais ou menos da minha faixa etária, meus amigos que convivo desde a infância, que eu convivo socialmente, meus primos tudo mais ou menos da minha idade, então nesse contexto eu não sinto tanto mas no que envolve a faculdade assim. Agora também tem a questão do namorado, que quando alguém pergunta já é um: “Nossa mas você tem tudo isso mas blá blá blá “

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**R:** Ah eu acho que eu estou indo bem sabe, por mais que eu tenha minhas preocupações não é nada que me pira tanto a ponto de eu adoecer por isso. Com certeza um certo zelo assim com a aparência com a saúde eu acho bom, acho saudável mas não tanto desse lado que a coisa tá indo. Você não pode ter uma ruga, você não pode ter uma gordura caindo, que daí as pessoas já te olham diferente. Lógico que depende do contexto em que você está mas eu como mulher me sinto muito julgada.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**R:** Eu tenho um pouco aquela visão, eu não me vejo como aquela vovó sabe, velhinha fazendo doces pros netos, eu não consigo me ver em casa. Eu consigo me ver viajando, trabalhando, talvez até fazendo algo mais social, que me dê prazer assim com o ser humano, com a minha vida ativa mesmo, fazendo minha atividade física, vivendo mesmo.



**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**R:** Olha eu não sou de pensar por exemplo: “Nossa como eu vou estar daqui não sei quantos anos ?!?!”. Mas eu acho que assim, eu acho que eu trabalho pra isso um pouco, em todas as perspectivas, é aquela coisa eu sei que eu vivo num mundo capitalista, não adianta, eu poderia falar que vou ter uma vida no campo, planta e colher mas não me vejo desse jeito, me vejo trabalhando e é uma forma de prevenção mesmo, de não envelhecer. A gente fica vivendo essa coisa do não envelhecer, pra mim é muito mais estar me aproximando da morte, eu tenho muito esse problema com morte, eu tenho que trabalhar isso.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**R:** Ah já fiz drenagem linfática para a celulite, mas tirando isso não.

**E: E você pensa em fazer?**

**R:** Penso, penso sim. Assim futuramente fazer um pouquinho de botox, assim nada exagerado. Se eu tiver filho eu penso em colocar silicone e acredito que só. Eu acho que tudo o que a pessoa faça pra ela se sentir bem, a auto estima assim elevada acho interessante, sem muita nóia, do tipo: “fiz uma cirurgia esse mês e daqui três meses faço outra”, aí não. Mas pequenas coisas que façam a gente se sentir bem, eu sou completamente a favor.

Mas eu achava que ia demorar um pouco mais pra eu pensar nessas coisas mas infelizmente em relação a isso minha cabeça começou a mudar um pouco. Fui agora à dermatologista e ela falou: “Porque você não faz um laser?” Se fosse antigamente isso nem ia passar pela minha cabeça. Questão do botox, eu comecei a prestar atenção quando os outros falaram, eu não via antes. Depois eu comecei a prestar atenção e realmente tem uma marquinha que não tinha antes, mas não é algo que me incomoda, assim muito. Eu me incomodo muito mais com aquela coisa: “Putz vai piorar” do que como está agora.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**R:** Não, continua a mesma coisa. Continuo a mesma pessoa, não mudei nada porque assim apesar de eu ter 32 anos mas eu levo uma vida de moratória na adolescência, porque eu não sei se vai continuar mas eu faço o que eu sempre fiz. A única coisa que muda é que as responsabilidades aumentam então durante a semana eu não dou conta de sair, mas final de semana saio com os amigos, vou pra balada, vou aos eventos sociais, faço as mesmas coisas. Claro que o fato de não ter filho e não ter casado influencia bastante, mas eu levo basicamente o mesmo estilo de vida.

Aliás envelhecer e maternidade é algo que me preocupa bastante, essa é uma das maiores questões pra mim, de peso do envelhecimento, de não estar com alguém e estar envelhecendo. Eu tenho muito certo comigo que eu vou ter um filho mas não teria que ser necessariamente, tipo eu não tenho preconceito com adotar mas eu tenho vontade de ter uma filho, assim engravidar mesmo. Conversei com meu ginecologista e perguntei qual a idade que ele acha assim bom pra engravidar...e ele falou assim: “Até uns 35 “e eu estava contado até uns 40 né, ai ele falou: “Não, pra você ter uma gestação sem risco, tranquila, eu te aconselharia até 35”. Eu pensei “Nossa mas eu estou com 32”. Então é uma preocupação sim pra mim.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**R:** Ah eu não sei. Infelizmente a questão do velho eu enxergo muito aquela coisa do cabelo branco, de a pessoa estar beirando a morte, penso em velho e já vem aquela imagem de asilo na cabeça, uma coisa bem assim voltada pra morte. Mas por exemplo meus pais, meu pai tem 64 e minha mãe tem 56, eu não consigo ver eles velhos, meu pai já é considerado idoso, mas não consigo ver ele velho. A velhice pra mim é quando a pessoa está impossibilitada de ter uma vida ativa, de uma coisa mais pro fim da vida.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**R:** É que assim é o seu ritmo de vida, agora eu vejo que eu consigo correr, que eu consigo fazer as coisas normalmente, e essas coisas vão diminuindo, o cansaço vai chegando, essa questão do metabolismo, a aparência física vai modificando, acho que são essas as questões. Claro que vejo como algo positivo, porque você vai armazenando informações, experiências de vida e melhorando realmente a sua forma de se relacionar com o mundo.

E também tem as cobranças sabe tipo na época em que eu estava no segundo, terceiro ano e diziam: “Nossa você é louca de fazer outra faculdade, a gente já está velho”. E tem muito essa questão muito mesmo. Eu converso com pessoas que estão infelizes, eu falo: “Gente larga a mão de ficar pensando essa coisa de idade, quando você vê já foi” ... Mas é impressionante como as pessoas pensam em seguir aquela coisa da vida. “Você tinha até não sei quando anos para fazer faculdade, agora não, agora você é velha” e olha que eu nem sou tão velha, imagina uma pessoa de 40 ou 50 anos.

Mas pra mim é totalmente diferente você fazer uma outra faculdade com outra idade, outra maturidade, você saber o que você quer, são os pontos positivos da velhice, essa questão de auto confiança. E não tem presente maior do que você se conhecer, lógico que você tem que se preocupar com o envelhecer, não se preocupar mas se prevenir, pra você ter uma velhice

sadia, mas agora a coisa da pessoa virar e falar: “Você tá velha” ... “ahhhh vá você também vai ser velho”, a gente se aceitar porque a velhice vai chegar e vai passar, todo mundo passa.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**R:** Então eu acho que se eu for pensar no que eu faço e no que eu não fazia antes acho que não passa nessa questão do envelhecimento. Assim atividade física faz alguns anos que eu faço, é uma coisa que eu gosto mesmo, não é por obrigação não, um pouco é pela estética, mas assim quando eu não faço eu me sinto mal. Mas o mais é o rosto mesmo, que antes eu não fazia nada e agora eu uso um creme pra olheira, um creme pro rosto e um protetor solar, que são coisas que antes eu não estava nem aí.

**E: Desde quando você faz esses cuidados?**

**R:** Ah o protetor solar faz uns dois anos, agora essa coisa de me preocupar mais com ruga faz um ano. Nessa parte eu nunca fui muito vaidosa, eu nunca usei muita maquiagem, nunca fui muito preocupada com esse tipo de coisa, então foi realmente providências que eu comecei a tomar mais por causa de que estou envelhecendo então vamos prevenir.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**R:** Com certeza. Eu até estava vendo no Instagram, eu sigo tudo, eu sigo a Xuxa daí tinha uma parte que tinha uma foto dela com o rosto enrugado e aí uma pessoa falou assim: “Nossa como você tá velha” E ela falou assim: “Como eu envelheci? Como eu estou velha? Claro que eu envelheci, claro que eu estou velha, eu estou viva, eu estou vivendo e é o que vai acontecer com todo mundo, inclusive você”. Então né, é uma cobrança, imagina pra essas pessoas assim famosas então...

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**R:** Olha eu tenho entrado em contato mais com o feminismo pela faculdade, pelo curso, que são pessoas até com a cabeça mais aberta mas eu acho que sim, falo pela questão estética mesmo e toda a pressão social em cima disso.

## ANEXO C

**Nome:** Christina

**Idade:** 32 anos

**Profissão:** Estudante

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

C: Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

C: Porque eu acho que a questão da aceitação, eu acho que me pega muito... Na verdade esse é um tema que tem sido muito conflitante ultimamente para mim porque eu acho que eu intensifico muito essa questão sabe, sem necessidade assim as vezes. Eu sei que não tem necessidade mas a hora que eu vejo, eu já tô pensando nisso assim de uma forma muito não sei.

Eu tenho 32 anos e para mim parece que, as vezes, eu me olho e eu me vejo com aparência mesmo sabe, é uma coisa louca, não é sentir-se, não sei se dá para a gente separar o dentro e o fora. Na verdade, parece mais conflitante ainda porque parece que eu sou uma pessoa por dentro e a hora que eu me olho no espelho parece que eu estou me tornando uma outra pessoa por fora. Parece que não condiz assim sabe aquela aparência com aquilo que eu costumo ser, com o que sempre costumei ser, com o que eu sempre costumei ver. Não sei definir assim exatamente porque é um todo, é uma coisa que tá sendo trabalhada no dia a dia mas me assusta sim.

Eu acho... o que ajudou muito também um relacionamento que eu tive, que uma pessoa ficava acentuando muito isso assim sabe, as marcas de expressão que começaram aparecer. “Nossa olha essa marca no seu rosto”, “Olha essa marca em tal lugar”, “Olha essa pele mais flácida”. Aquilo parece só vai aumentando, só vai tomando proporção. Desculpa se chorar. Parece que desde quando eu tive esse relacionamento a cada dia eu me olho no espelho e parece que eu vejo uma coisa nova sabe, uma marca que eu não tinha visto, uma mancha que eu não tinha visto, uma pelinha sobrando. Todo dia é uma luta assim para eu falar: “Para, olha tudo acontecendo, olha tanta coisa e você tem muito mais potência que isso”, mas é isso né são marcas que a gente não tem culpa de carregar.

Até então eu não tinha percebido isso em mim entende. Talvez não fosse uma coisa que fizesse diferença até aquele momento e coincidentemente esse relacionamento foi depois dos 30 né então ... Porque eu sempre me achei sei lá, eu nunca me olhava e me via com 30 anos, então não tinha muito essa associação da idade com a vivência, era uma coisa para mim um pouco fora e acho que depois que eu vivi essa experiência, eu acho que a pessoa começou a acentuar de uma forma que não foi legal sabe, não estava sendo respeitoso, não estava encarando aquilo como um processo do meu corpo, como um processo da minha vida, das minhas experiências, das minhas marcas. Eu acho que foi muito a partir daí que eu olho e vejo essa diferença brusca no meu pensamento e no meu modo de me enxergar sabe, de me ver.

Não que isso já não permeasse de alguma forma, claro que a gente sempre pensa assim no envelhecimento, mas eu enxergava muito mais potência em outras coisas e, de repente, isso veio assim e eu estou nesse processo de me desvencilhar disso de novo, só que era uma coisa que nunca tinha vindo e veio.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**C:** Sim. Mas por um lado sim e por um lado não. Aqui na graduação me sinto muito à vontade, apesar de conviver com pessoas muito mais novas, eu acho que rola uma troca, rola uma empatia, umas partilhas interessantes e eu não me sinto fora desse ciclo, claro que em alguns momentos sim né, tem referências que você pensa “o que?!?!? o que que está acontecendo ?!?!” Ou as vezes eu falo coisas que né mas são trocas, partilhas intergeracionais mas por outro lado também fico pensando, fazendo certas comparações tipo: “Nossa será que quando eu tinha 20 e 21 anos eu era tão f\*\*\*assim”, porque parece que todo mundo é muito mais articulado mas eu não sei se a gente não consegue se olhar. Então por um lado existe, mas isso ainda não me pesa tanto, eu vejo umas diferenças mas ainda não é uma coisa que me faz mal mas vejo que tem muita influência.

**E: Qual a melhor forma de envelhecer?**

**C:** Eu acho que aceitação, mas aceitação de verdade, mesmo que isso não seja algo pleno mas que a gente se permita enfrentar isso sabe, de formas diversas. Acho importante a questão da representatividade também. Eu fui pro JORI, os jogos regionais dos idosos, nesse final de semana passado lá na Praia Grande e foi muito interessante. Foi muito legal ver, parece me deu uma outra visão da velhice. Eles não estão nos mesmos espaços que eu porque, é óbvio, eles não são bem vindos ou não é mais aquilo que eles procuram, mas eles estão ocupando vários espaços da maneira deles e mesmo que eles quisessem ficar em casa, mas eu achei essa troca entre eles muito legal.

Então eu acho que envelhecer bem é a auto aceitação e as transformações que a gente luta todos os dias, porque tudo o que é diferente, que não é o padrão acaba sendo renegado né

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**C:** Eu acho que eu vejo muita potência nas minhas experiências, mesmo essa questão da faculdade quando eu fiz a primeira e nessa sabe. Nossa são duas perspectivas totalmente diferentes e eu tenho certeza que se tivesse feito psico naquela idade, naquele momento, não teria o mesmo proveito que eu sinto que está tendo agora sabe e me contempla o modo como as coisas estão encaminhando. Então o meu processo de envelhecimento que eu tenho reparado mais é o físico e não outro tipo de processo, ou tipo de envelhecimento, as vezes eu

me sinto com 20 anos no modo de agir, no modo de lidar, no modo de encarar as coisas, então não sei. Pra mim é uma coisa nova, até mesmo no físico, eu não sei traçar uma definição. Quando eu não estou apegada a essas marcas que me foram deixadas, eu estou sempre em experimentação, fazendo coisas que eu gosto mesmo, eu não consegui sentir ainda esse processo, eu estou no processo e estou entendendo um pouco.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética**

C: Não nunca fiz, sou contra. Eu tento ser muito coerente com aquilo que eu prego, com aquilo que eu acredito, com aquilo que eu faço. O meu processo de envelhecimento, pelo menos hoje como eu vejo, como eu estou me sentindo, se ele precisa ser árduo, ele vai ser árduo mas eu não pretendo interferir nisso. É claro que tem coisas q eu faço que eu acho que entram nessa questão, tipo eu passo babosa, argila, uns óleos essenciais, protetor solar. O que eu compro são alguns cosméticos veganos de umas meninas da favela lá de São Paulo que eu acho bem dahora.

**E: Mas eles são anti rugas...**

C: Não, ela fala que ajuda bastante na questão da pele e tal, mas não tem nada especificado, é hidratante facial, sabonete de limpeza, mas por ser produzido por ervas e produtos naturais então acaba auxiliando nisso de alguma forma...

**E: Então essa história de combate a rugas nunca foi seu objetivo...**

C: Olha eu acho que sempre foi viú, desde que eu me lembre que eu passo essas coisas na cara assim eu gosto. Se eu for parar pra pensar assim no porquê que eu passo desde os 20 anos de idade, é né é uma coisa que está incrustada em mim que eu acho que a gente nem se dá conta, que tem se cuidar e é engraçado também, porque as vezes você está no meio com pessoas e você ouve algo que você não esperava, aquilo te afeta e você pensa: “Nossa será que sou só eu que estou tentando lutar contra esse tipo de coisa “. É uma coisa muito estranha, mas a gente tem que entender que está na gente, a gente faz esse tipo de discurso sem querer as vezes sabe...

**E: Agora aplicar botox essas coisas não....**

C: Não, não tenho pretensão nenhuma.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

C: Sim, principalmente afetivamente assim você diz em relações amorosas né ?!.

**E: Sim e amizades também**

**C:** É então eu acho que.... Em relação a amizades é uma coisa que me pesa menos. Eu sinto que existe alguma coisa em amizades também, mas eu não sei se consigo te definir, porque acho que nunca chegou no ponto de me afetar de uma forma de eu ter que refletir sabe .... Eu aprendo muito com as minhas amizades mais novas, eu construo coisas muito positivas ao mesmo tempo que existe um certo estranhamento, porque não existe aquela coisa de você se sentir mal perto daquela pessoa ou de não querer estar ali, não é isso, mas as vezes parece que causa um certo estranhamento que eu não sei definir de que ordem, mas não com todas as pessoas, acho que aquelas pessoas mais “infantilizadas” eu acho que tenho mais dificuldade. Parece que não vai encaixar o assunto, eu me vejo um pouco fora da casinha, eu nunca vejo o outro fora, eu sempre me vejo fora, tipo ele está na linguagem dele, nas coisas dele e eu não vou saber me encaixar nisso ... isso acontece.

De relação amorosa assim, eu acho que essa ultimo relacionamento me f\*\*\*\*\* um pouco. Posso fumar?

**E: Pode**

**C:** Ai adoraria que no setting fosse assim. Mas então, ele nunca me cobrou diretamente, não era “Nossa você está velha”, mas era uma coisa assim: “Nossa vi umas fotos de quando você era mais nova... nossa você era maior gata né “. Essas coisas de ficar me apertando, me marcando e aí eu olhava no espelho e falava “É, isso aqui está diferente”. Porque assim eu emagreci oito quilos depois que eu parei de comer carne e foi depois dos 30 anos então, por mais não seja visível, eu sinto que aconteceram muitas transformações no meu corpo, mas começou a ficar mais evidente a partir desses apontamentos.

E por eu estar me sentindo muito sem potência sabe, porque eu olhava pra ele com 22 anos e pensava que ele tinha a vida pela frente e eu não, como se esses 10 anos era o tempo que .... E eu meio que recebia isso, mas tudo o que ele falava eu associava a isso, a idade , a questão de eu não ter os mesmos referenciais que ele, sem me respeitar mesmo, sem julgar qualquer criação minha, qualquer experiência minha como algo que pudesse acrescentar, eu via que eu estava faltando, eu sempre faltava em algo, eu nunca trazia algo pra somar.

E eu acho muito f\*\*\* falar isso sabe, porque tipo a menina que mora comigo é uma menina gorda, que passa por tanta coisa e eu sou uma menina padrão sabe, eu sei disso, eu vejo isso, e eu fico mais puta comigo mesma, mas eu não posso deslegitimar meu sofrimento também porque é só encarando ele que eu vou transformar isso. Então eu acho que é isso, eu fico pensando também nesse relacionamento, do porquê que eu encarava tudo por esse viés da idade entende, será que já não era uma coisa que estava começando a despontar em mim sabe.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**C:** O que não é jovem, acho que o parâmetro é isso. Acho que essa coisa da exaltação da juventude sabe, acho que a gente vai se achar velho a partir do momento que a gente tiver fora daquele paradigma. Mas eu acho que ainda assim, o que é encarado muito como velho é a questão física assim, pessoas olham e falam “Ahhh velho” e assim esse paradigma mais gritante assim. Essa questão do corpo porque é da nossa cultura essa exaltação do corpo mas ser velho também é ser muito potente, é ter muita história, muita experiência. Eu não acredito numa sabedoria, mas são coisas que vão somar assim, acho muito interessante conversar com pessoas mais velhas. Mas uma definição mais pontual seria o que foge desse paradigma do que é ser jovem.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**C:** Os outros, a mídia que é muito incisiva nisso e os homens. E parece uma coisa de homem cis. Parece que esse culto ao corpo e essa cobrança é muito maior. Eu vejo meninas que se relacionam, tem uma cobrança, mas parece que não pegam nesse quesito de estar sempre bonita, estar sempre cheirosa, estar sempre depilada, estar sempre gostosa... Eu sinto isso mais na relação cis, mas mesmo nos gays eu sinto bastante, não só hétero. Eu acho que homem tanto hétero quanto homo, eu não sei estender isso pra homem trans porque não tive muito contato. Eu sinto muito desse lado social, dessa cobrança.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**C:** Todo mundo me fala que o Instagram é um disparador de deixar as pessoas muito frustradas e muito mal por conta desses digital influencers. Eu não sei, eu não sou muito ligada nessas coisas, no instagram eu vejo o que eu quero, eu não fico adentrando nos universos assim. O que mais me chama atenção assim é aquele grupo LDRV, quando surgem uns questionamentos assim e muitos se referem a essa questão do estou velho, estou gordo, estou isso, estou aquilo...

A mídia é algo que eu consigo lidar melhor, é algo que eu consigo olhar e, aparentemente, não me afetar tanto, porque eu acho que eu não estou tanto em interação assim, embora isso esteja em todo lugar, parece que eu consigo olhar e pensar: “Pô photoshop de novo, cadê a veracidade disso tudo”.

Mas o social assim, esse social que nos cerca. Pra mim as vezes é difícil olhar pra minha mãe sabe, porque ela não tinha uma aceitação muito boa de eu parar de trabalhar, voltar pra faculdade: “Você já tem 30 anos, você não vai trabalhar”. Eu vivo no perrengue, eu me viro, justamente por já me achar numa idade que não contempla minha mãe me ajudando, isso eu



tenho assim, e as vezes eu tenho vergonha assim de ela me olhar e ela me ver como uma pessoa velha que ainda está estudando. O olhar de quem está ao redor é bastante influente.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**C:** Quando eu comecei a me deparar com essas questões do envelhecimento e do corpo assim, eu já me deparei com mil ideias, de como articular espaços que tratem isso, porque não existe, pelo menos no meu meio, onde eu convivo não consegui encontrar. Vejo pessoas mais velhas que estão numa vibe parecida, no mesmo corre, mas é isso aí, vida que segue. Mas já pensei em mil coisas, nunca coloquei em prática, mas é uma questão que começou a vir, como fazer essa articulação, como atingir essas pessoas e criar esses espaços.

Acho que na luta feminista, vou chamar de branca, parece que essa questão da beleza física, pela mulher branca já ser o padrão, já ser mais aceita na sociedade, parece que essa questão do envelhecer pesa mais. Claro que a mulher negra tem a solidão desde sempre que deve ser muito mais intenso do que você começar a sentir essa solidão na velhice, isso entra na sua subjetividade, não está na sua subjetividade, você não é renegada desde sempre, você começa a se sentir renegada no momento assim. Eu acho que faltam pautas nesse sentido, porque ainda existe uma competitividade entre as mulheres nesse quesito corpo, tipo a gente vê uma menina com um corpo super definido e a gente fala: “Nossa olha aquela menina”. A gente faz esse tipo de comentário, a gente reforça isso, a gente chega perto da nossa amiga gorda e fala: “Nossa estou gorda, estou usando 40 “e a gente descredibiliza as pessoas mais velhas. Parece que as mulheres mais velhas estarão sempre ultrapassadas e não terão com que contribuir sabe. Não sei falta espaço de acolhimento ou se essas mulheres mais velhas já se sentem rejeitadas e fora desse espaço e procuram também integrar sabe.

Eu também não sei se é uma questão do feminismo abordar isso, criar um segmento do feminismo que levante essas questões, não que eu acredite que segregando é vai chegar a algum lugar, mas tem aquelas pautas específicas, como o feminismo negro, o feminismo radical... Tem pautas que são específicas, seria interessante mas enquanto não se alcança todas essas interseccionalidades assim, trabalhar em grupos identitários assim, não de identidade fixa, de representação mesmo, acho que é muito interessante. Eu sinto que eu vou trocar ideia com uma amiga mais nova e ela não tem essa dimensão, ela olha pra mim e fala: “Mas nossa do que você está falando, envelhecer onde ?!? “Aí que você vê e fala: “Tá, mas isso é o que eu sinto, o que está se passando comigo e o modo como as coisas estão se transformando” e é isso.

## **ANEXO D**

**Nome:** Patria

**Idade:** 24 anos

**Profissão:** Professora

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**P:** Sim um pouco

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**P:** Eu acho que mais pela questão de não viver a vida, não fazer tudo o que eu quero, de ter uma vida longa assim, a gente não para pra pensar na morte e aí eu tenho medo de não dar tempo de fazer tudo o que eu quero. Essa aproximação com a morte, acho que nem tem tanto a ver com o tempo assim, porque o tempo eu vou levando um dia de cada vez, mas essa coisa da morte assim, a gente se depara com alguma coisa que leva a isso, eu fico desesperada e penso: “Eu não vivi tudo ainda, eu preciso viver mais”

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**P:** Eu acho que sim, ainda mais na faculdade. Depois que eu me formei e ter que lidar com isso tudo de novo. Porque eu moro com estudantes e são bem mais novos que eu, com 18 anos e 19 anos. Eu fiz história, aí agora eu faço pedagogia e sou aluna especial em letras e todo mundo que eu conheço foi embora, só tenho 3 amigos na pós e pra eles também é difícil. Também mas por estar mais focada em trabalhar e estudar, a gente já passou por tudo aquilo, e eu sinto muito assim: “Eu não sou mais estudante”. E essa vontade também de separar as coisas, não sou mais jovem, já tenho responsabilidade, já vivi muito, tem um peso maior nas costas.

**E: Então esse ambiente universitário tem mais relevância em você se achar mais velha?**

**P:** Sim. Nos ambientes, as vezes eu estou no Restaurante Universitário e ouço uma conversa assim e penso: “Ah não já passei por tudo isso, estou em outra fase”. Aí fica esse paradoxo, por um lado eu fico feliz de estar onde eu estou, por outro dá uma agonia muito horrível.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**P:** Ai aproveitar bastante, tudo o que puder, viver bem, viver feliz

**E: Qual velhice que você consideraria ideal?**

**P:** Eu acho que a dos meus avós e algumas professoras assim. Elas não casaram, não tiveram filhos, são independentes e escolheram a carreira acadêmica assim como eu e elas estão bem com isso, eu acho que continuar ativo é continuar vivo né. Porque você vai envelhecendo, aí

vai se aposentar e aí, as vezes, você viveu a vida inteira trabalhando e estudando e de repente fica sem rumo assim.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**P:** Ah tem dias que eu me acho feia assim, que eu me olho no espelho e eu não gosto falo: “Nossa eu já fui mais bonita um dia” Eu me sinto mais cansada agora, eu vou dormir mais cedo acordo mais cedo também e eu gosto disso, antes eu ficava naquela agitação agora não. Gosto dessa tranquilidade. Eu engordei muito também....

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**P:** Não por enquanto, só emagrecer mesmo, mas assim tirar a preguiça, ir pra academia, melhorar a alimentação. Estético mesmo só daqui uns 10 anos. Caso eu engravide e amamente penso em um silicone. Botox hoje não, por enquanto eu me garanto só com a maquiagem e o protetor. Ahhhh talvez daqui uns dez anos porque né 34 anos já vou estar velha, nossa quase 40 anos.

**E: Seus primeiros rituais de beleza começaram quando**

**P:** Ahhh do ano passado pra cá, com 23 anos. Eu fui morar com meninas mais novas de 18 anos, 19 anos e eu via elas assim bonitas, prontas e eu: “Ahhhh tenho que passar maquiagem, me arrumar, fazer cabelo”, eu não me sentia tão jovem quanto elas e isso pesou bastante, isso pesa muito ainda. Eu me acho feia hoje, eu já fui mais bonita como elas um dia sabe. Mas hoje eu me acho mais bonita de outros jeitos assim, de outras formas, eu me acho feia e bonita mas é difícil de explicar. O amadurecimento trouxe pra mim coisas que eu gosto, tatuagem, o cabelo que antes eu nunca tinha cortado tão curto, o jeito de vestir, ler, pensar. Tem coisas que me atraem muito mais em mim do que antes, que me acho muito mais bonita do que antes, quando eu tinha a pele bonita, quando eu era jovem, quando eu tinha 19 anos.

**E: Mas você se acha velha?**

**P:** Eu me acho, mas por uma cobrança que acho que vem da minha mãe até. Porque ela casou e engravidou muito jovem e ela sempre se cuidou, se cuida até hoje e ela que me estimula a caminhar, a passar maquiagem, cuidar do cabelo, mas é uma cobrança tão internalizada que eu me cobro também. Até hoje ela fala que eu tenho 24 anos mas pareço 30, que eu tenho que me cuidar, pintar o cabelo, então ela cobra muito de mim. Ela cobra pra eu estar magra, estar bonita.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**P:** De eu me achar menos bonita do que era antes e menos atrativa também. As minhas amizades não mudaram, eu fiz novas amizades, frequentar a pós é muito bom porque tem gente mais velha e você tem o contato, e eu me sinto mais confortável até.

Mas olha só, ano passado eu fiquei com um menino mais novo e eu não sabia. Quando eu soube que ele tinha 18 nossa, eu com 24 anos e ele com 18 anos, como assim?. Eu sempre procurei nunca ficar com mais novos, porque assim eu, madura, independente, tendo que trabalhar. Quando eu fiquei com ele de 18 anos eu pensei nossa como assim, socorro... Eu nunca tinha parado pra pensar nessa coisa de idade e a partir daí comecei a pensar nisso.

E agora eu vou começar a dar aula e eu sou mais nova, eu não sou a professora mais velha, e acho que eles respeitam mais uma professora mais velha. Tenho medo de assédio. Profissionalmente em algumas profissões quanto mais velho melhor.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**P:** É ser mais calmo, mais maduro, mais responsável. Ficar em casa, curtir um filme, ir ao teatro, ter uma casa com jardim, uma coisa mais calma.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**P:** O espelho e também hoje em dia essa coisa de selfie, foto. Às vezes você está no Instagram e quer tirar uma self e fala “ai não”.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**P:** Eu uso desde o ano passado, um protetor solar, uma base e um esfoliante, acho que isso ajuda a pele a ficar mais bonita. Mais no rosto assim e no corpo eu passo creme pelo tempo seco e pelas tatuagens que precisam. É sempre isso né, envelhecimento é uma cobrança 24 hrs por dia. Eu uso protetor por conta do sol de Assis que é muito forte e eu sinto que agride minha pele e eu tenho manchas assim. E olhando a minha mãe que tem 50 anos, ela sempre tomou sol, de passar cerveja no corpo pra ficar mais bronzeada, até hoje ela usa bronzeador e eu vejo e eu não quero ficar assim, cheia de manchas. Assim é um fator da idade mas eu não quero ficar assim.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**P:** Nossa muito, muito mesmo, eu acho que é bom pra você refletir e se aceitar mas por outro lado te deixa muito mal. Eu até tinha parado com o Instagram, porque lá tinha aquelas blogueiras famosas e tem gente comum, normal e eu fico me comparando e isso me faz muito mal. Porque realmente não tem como não ficar o dia inteiro sem conectar e é Instagram,

Facebook, Whatsapp, é tudo que te deixa bem frágil. Tipo eu não me sinto tão bonita igual tal pessoa ali, e isso me deixa bem mal.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**P:** Eu acho muito importante, eu acompanho na rede social, que foi onde eu tive mais contato com o feminismo. Eu acho que de uns dois anos pra cá começou essa preocupação, primeiro com o corpo assim, e ser magro, e ser perfeito e hoje em dia está indo mais essa coisa de se aceitar. Eu sigo muitas contas no Facebook, também no Instagram, muito livro feminista e eu consigo parar e falar que isso não é meu. Tipo essa cobrança da minha mãe, de mim mesma....

## **ANEXO E**

**Nome:** Minerva

**Idade:** 24 anos

**Profissão:** Psicóloga

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**M:** Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**M:** Por ser algo novo, algo que a gente não sabe como vai acontecer. A mídia tem uma carga pesada nisso, principalmente pela aparência então você tem que ter uma aparência e aquela coisa né, você tem que estar dentro da sua idade e aí isso é um pouco confuso porque eu tenho 24 anos mas eu não sinto como se tivesse 24 anos, então isso é um problema as vezes. Parece que eu parei nos 17 anos e eu só percebo que não tenho mais 17 quando eu encontro pessoas de 17, aí eu: “Tá eu não tenho mais essa idade, mas eu também não consigo me encaixar nesse padrão mulher feita, nossa sou mulher adulta” e isso tem um visual né.

Para trabalho é uma coisa complicada, eu estou atendendo na clínica e quando eu estou na lá é quase uma fantasia né, então aquela coisa meio social, de salto, tem que ter uma imagem de uma mulher responsável e tal. Agora quando eu vou trabalhar no outro lugar é aquela coisa assim, posso ir mais tranquila, de calça jeans e tênis e no dia a dia essa coisa de shorts e blusinha. Então existe essa coisa da imagem que a gente tem que se adequar, então essa coisa do envelhecer é muito isso, eu coloco uma roupa e digo: “Não, você está com cara de quinze anos, troca isso porque está ridículo, não dá mais”, então isso acaba pesando um pouco.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**M:** Com certeza. Meu pai é muito jovem, ele tem 40 e poucos anos, mas ele vai para as baladas. A minha mãe tem um pouco isso, de envelhecer. Minha avó também, ela tinha 73 mas dizia: “Ai eu tenho corpinho de nova, porque eu faço coisas como se tivesse 20 anos”. Então eu percebo que as pessoas ao meu redor sempre tiveram muita essa dificuldade em aceitar a idade, de aceitar esse posicionamento assim adulto e idoso. Isso dificulta para mim um pouco, é difícil me orientar, apesar de querer, porque eu não quero ser igual meu pai e minha mãe, mas eu acho que isso dificulta.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**M:** Acho que quando a gente tem consciência do nosso corpo. Porque assim eu via muito isso na minha avó, ela tinha 70 e poucos anos, mas fazia coisas que ela fazia com 20 e assim o corpo não responde mais, então ter essa consciência corporal, eu acho que isso faz diferença. Tipo eu tenho problema de coluna e agora eu faço capoeira, mas algumas coisas eu não consigo fazer e eu nunca vou conseguir então eu sei os limites do meu corpo. As vezes parece que as pessoas perdem um pouco isso quando envelhecem porque a mente não envelhece né mas o corpo sim. Você ter uma consciência corporal e saber que seu corpo não aguenta mais fazer certos tipos de coisas eu acho que isso faz diferença.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**M:** Acho que mais ou menos como era a minha avó, uma velhice ativa assim, de fazer coisas, ela cozinhava, ela passeava, ela não viajava muito porque ela não gostava mesmo, mas ela tinha essa possibilidade. Então uma velhice ideal pra mim é essa que meu corpo desse conta minimamente de fazer essas coisas, fazer atividade física, dançar, passear e algumas pessoas não tem essa possibilidade justamente por esse corpo não permitir. E é isso que eu considero uma velhice ideal pra mim assim.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**M:** É ligado muito a uma questão de maturidade, muito mais ligado ao emocional mesmo do que o físico. Porque no físico tem muito essa imagem que as pessoas te impõem e aí eu fico um pouco confusa com isso, tipo qual é a imagem e como as pessoas me veem, então eu ainda estou desenvolvendo isso porque não faço ideia de como que as pessoas me veem... Que é isso, fisicamente eu sou uma mulher mas não, eu sou uma menina então eu fico pensando muito nessa questão de maturidade, me desenvolver enquanto uma mulher adulta, pra eu dar conta de umas coisas, de resolver algumas questões passadas, mais nesse sentido.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**M:** Esse processo com meu corpo foi realmente um processo. Eu tinha uma dificuldade de me sentir conectada com meu corpo, eu olhava no espelho e não me reconhecia, não era eu, demorei muito tempo ... hoje em dia eu consigo olhar e falar:” ahh sou eu”. Eu sempre tive essa dificuldade de pertencer a algum lugar, quando eu era criança tudo bem, mas na adolescência eu não me identificava com meu grupo, eu não fazia coisas da adolescência, coisas da minha idade, eu sempre fazia coisas com gente mais velha, então parece que agora eu estou entrando numa idade que eu sempre estive, do adulto, do responsável, do fazer coisas que eu sempre fiz então está começando a ficar melhor.

O que eu falei da capoeira né, eu sempre fui pra muito além do limite do meu corpo, agora eu estou tentando entender que dá pra fazer assim, dá pra fazer assado e eu passei por esse processo com o cabelo também, porque eu sempre tive progressiva mas eu sempre gostei do cabelo cacheado, eu fiz porque eu gostava muito de mudar o estilo de cabelo e as pessoas diziam: “Ah cabelo cacheado só dá pra cortar de um jeito” e eu: “Não gente”. Mas assim quando eu alisei a primeira eu acho que cortei umas seis vezes no ano para poder mudar, mas agora eu entendi que não, que eu posso fazer o que eu quiser no meu cabelo que ele vai ficar legal. Agora fazer algum procedimento, há muito tempo atrás eu pensava em colocar silicone, mas aí eu vi no Youtube como que era feito o procedimento, aí eu desisti. Mas a gente está sempre né: “Ah hoje faz uma dieta, amanhã faz um exercício físico” muito para não perder onde você está né. Mas acho que pela primeira vez eu estou bem com meu corpo.

**E: E outros procedimentos mais agressivos como botox?**

**M:** Não, aí já é demais, tipo eu gosto de mudar meu cabelo, então pintar meu cabelo de várias formas possíveis. Até penso que quando ele começar a ficar grisalho, eu fazer como algumas pessoas fazem e deixar ele todo branco porque eu acho muito estranho, quando fica só um pouco e a outra parte preta, mas também não sei se ficar legal. Assim eu tenho quatro cores no meu cabelo agora e eu gosto dessa coisa meio colorida mas eu fico pensando que eu deixaria ficar grisalho totalmente porque eu acho muito legal. Mas seriam essas coisas mais que isso não.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**M:** Tem, começando pelo meu relacionamento porque eu namoro um cara mais novo e isso foi um problema pra mim no começo. Porque ele é 3 anos mais novo e quanto a gente começou a namorar ele tinha 17 então isso era uma coisa que pesava pra mim. Porque socialmente a gente tem isso né, tudo bem um cara de 30 anos namorar uma menina de 15, mas uma mulher mais velha com um menino mais novo, as pessoas estranham mais e nem era

uma idade tão diferente, eram só três anos e isso pesou um pouco, então essa coisa da idade faz diferença sim.

E entre os familiares também porque é difícil pra família aceitar que você cresceu porque eles te cobram responsabilidade de uma pessoa adulta mas ao mesmo tempo estranham quando você fala: “A vida é minha e eu vou fazer o que eu quiser” então isso é um pouco difícil.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**M:** Pra mim é uma pessoa que viveu muito tempo, as pessoas tem essa coisa do velho enquanto algo pejorativo né. Tipo você pode ser jovem com 70 anos, não ... você é velho e isso não ruim. Você viveu muito e ótimo... você sabe muitas coisas. Eu sempre acho que se você é velho é porque você não morreu novo então isso é ótimo, então para mim velho é apenas uma condição, não tem um valor assim, não é ruim nem é boa, é uma pessoa velha.

Como ela vai ser, aí depende dela, se ela vai ser mais ativa, mais de sair, de fazer coisas, aí é uma coisa mais pessoal. E isso é muito relativo né, para uma criança de dois anos eu sou velha, pra mim uma pessoa de 40 anos as vezes é velho.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**M:** Fisicamente eu vejo muito o rosto, no aspecto da pele, eu acho que a pele é algo que mais dá pra perceber o quanto você se transformou. Assim uma época eu tive problemas com espinhas então eu fiquei com marcas, que todo mundo olha e fala que eu não tenho marcas, mas eu vejo e me incomoda. Então a questão da pele, eu consigo ver que ela não tem mais aquele aspecto lisinho que ela tinha antes, ela tá um pouco mais flácida, é f\*\*\* né eu tenho 24 anos, mas é o que eu consigo ver que mudou nesse sentido.

O corpo muda bastante, mas assim eu sempre fui grande então não deu muita diferença. Acho que o emocional assim foi o que mais deu diferença, de eu conseguir olhar para as coisas que me faziam sofrer muito quando eu era criança, mais nova assim. Quando eu era criança eu sofria muito por não ter aquela família margarida, eu fui criada pela minha avô, embora eu tivesse contato com meus pais, mas na escolha dia das mães, dia dos pais era aquele inferno, era péssimo e me fazia sofrer muito. Hoje eu consigo olhar pros meus pais e ver que eles fizeram o que puderam, não é o que eu gostaria de fazer com meus filhos, quero fazer muitas coisas diferentes, mas eles tentaram fazer o melhor possível, tentaram fazer o melhor que eles achavam. Acho que isso é questão de maturidade e veio com a idade, de conseguir entender que as coisas não são como eu achava, peraí eles são pessoas e eles não vão dar conta, assim como eu não vou dar conta.



**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**M:** É eu faço muita atividade física, assim desde pequena, eu fiz 10 anos de natação e isso porque eu sempre tive problema de coluna, então eu não tinha dor mas porque o médico sempre dizia que tinha que fazer exercício senão eu ia sentir dor e eu fazia daquele jeito mais ou menos, mas hoje em dia eu tenho me preocupado mais com isso porque como eu disse, o envelhecer está muito ligado ao meu corpo ser capaz de fazer coisas então mesmo que ele esteja velho, que vai diminuir diversas habilidades, que ele vai conseguir o mínimo de conforto, então não ter dor por exemplo, que eu acho que é importante, então eu faço muitos exercícios, tipo capoeira, em casa eu faço alongamento esse tipo de coisa que eu faço diariamente.

E quando eu tive problema de espinha eu comecei a cuidar da pele para não ter mais espinha, então eu passo gel de limpeza, adstringente, essas coisas, e de uns tempos pra cá eu comecei a usar creme com colágeno, e foi bem aquela coisa: “Ah você está na idade de se cuidar”, porque não adianta nada você chegar lá com 50 anos e falar : “Tá agora eu preciso me cuidar” e isso me despertou um pouco agora, porque como eu te falei a pele é o que pega e eu sinto muita diferença então eu tenho esses cuidados assim, que começou por conta disso, tipo eu tenho que usar protetor solar senão eu vou ficar com a pele manchada, então eu preciso me cuidar pensando mesmo nesse futuro.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**M:** Eu até tenho Instagram, mas eu nunca entro, então nem faz parte da minha vida. O Facebook eu tenho, eu entro de vez em quando mas eu nem posto nada então não é algo que eu me dedique tanto. O Facebook traz muita coisa assim, essa coisa do cabelo cacheado, essa coisa vem muito forte assim porque aquela coisa meio que está na moda né, o cabelo que você sempre teve agora está na moda, o corpo que eu sempre tive agora está na moda porque há muito tempo era o corpo magro que estava em alta e agora não. Até pensei que é uma coisa boa e ao mesmo tempo não, porque agora outras meninas vão ter essa dificuldade de se encaixar mas está numa época fácil pra mim porque eu estou no modelo que está em alta, eu tenho cabelo cacheado, eu tenho corpo, acho que pela primeira vez eu estou meio q dentro do padrão. Mas assim no envelhecer acho que não porque essas redes eu não ligo muito.

Mas nas outras mídias com certeza, até tem uma serie da Netflix, Gracie and Frankie e elas fizeram um vibrador, aí mostra que eles não querem pessoas com cara de velha estampando a propaganda de um vibrador e é muito isso né. A mídia coloca muito isso, velho é aquela

pessoa que fica em casa tricotando, fazendo comidas gostosas, que não tem sexualidade, acho que isso pega muito, a mídia coloca que velho não transa, e aí quando você está conversando e alguém de 70 anos fala que transa você fica chocado porque a mídia cria uma ideia que velho não faz essas coisas, velho fica ali sendo fofo porque essa é a função da pessoa velha e uma supervalorização do jovem.

A melhor fase da sua vida é a adolescência, aí não gente, fase horrível, péssima, mas aquela coisa né os adultos tem que se parecer com os adolescentes, os velhos tem que se parecer com o jovem então isso é péssimo mas eu sinto isso muito da mídia, desde roupa, produto de beleza tudo muito voltando pra esse corpo, esse ideal do jovem, não sei de onde eles tiraram essa idealização de que o jovem é legal... não.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**M:** Eu acho que eles não se ligaram nisso, eu gosto muito dessa coisa do feminismo em especial do feminismo negro que eu me identifico e tal, mas agora que você mencionou ninguém fala das mulheres velhas é uma coisa que falta muito.

Feminismo pra quem? Para as mulheres brancas, aí a gente avança... feminismo para as mulheres, mas pra quais mulheres? As mulheres adultas, as férteis que eu diria que é o foco, a mulher que produz eu diria, tanto eu fico quando em questão de mercado porque o foco do feminismo taí. Você não vê o feminismo voltando nem para as meninas muito novas, ainda que está começando agora, com livros infantis, uma história voltada para a literatura infantil bem recente, nos últimos tempos porque eles tão pegando no pé da Disney né e essa coisa de princesas por isso que está se voltando mas também é recente mas para as mulheres velhas não, não existe esse espaço para as mulheres velhas, acho que isso falta no feminismo... esse feminismo para quem? Para que mulher? Para velha que não é, e de novo elas são esquecidas pela mídia, são esquecidas pelo feminismo ... não tem quem olhem para elas e digam que vocês pertencem.

## **ANEXO F**

**Nome:** Dandara

**Idade:** 20 anos

**Profissão:** Estudante

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**D:** Talvez, eu acho que é um receio, receio de como vai ser o futuro assim, de como seja estar velho. Porque pra mim a cada ano são muitas novidades que acontecem decorrentes daquela

idade e tipo cada idade é uma idade. Então tem as coisas que movimentam os 20 anos e claro que tem aquela fase dos 17 anos aos 21 anos, que é a fase da faculdade mas muita coisa acontece nesse tempo e eu estou com medo disso assim, o que as próximas fases vão me proporcionar.

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**D:** A cada idade me traz a perda de algumas coisas, por exemplo aos meus 50 anos eu não tenho a garantia de que meus pais estarão vivos. Eu sei que agora, pelo menos biologicamente, seria pra eles estarem. Então eu tenho um medo gigantesco de perder meus pais e eu sei que isso é mais propenso que aconteça quando eu tiver 60 anos do que agora aos 20. Para mim a perda é um problema então o envelhecimento é um problema porque se aproxima da morte.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**D:** Sim, por esse fato de eu ter medo de perder as pessoas, porque apenas de ter um medo das descobertas eu gosto delas, eu tenho medo, mas eu tenho medo delas darem errado, se elas darem certo vai ser uma coisa boa então eu não me importo. Assim eu fiz 20 anos faz pouco tempo, não faz nem um mês, e os 20 anos pra mim não estão sendo tão diferentes porque faz 20 dias mas eu acho diferente assim no decorrer do ano, no meu próximo aniversário aí eu consigo perceber tipo: “Ahhh esse ano eu fui muito centrada, fui um pouco mais séria” ... Essas são algumas mudanças perceptíveis pra mim de um ano pro outro e que eu não tenho tanto medo, são as que eu gosto, as que eu tenho medo são a longo prazo tipo o que eu vou fazer quando eu acabar a faculdade ou o meu plano é passar no mestrado mas e se eu não passar e aí...

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**D:** Eu não sei ainda porque eu não tenho muitos planos de como eu quero estar num futuro, assim na fase do envelhecimento. Mas eu acho que eu quero principalmente conseguir tudo o que eu planejei assim, eu planejei coisas até determinado momento da vida e depois eu meio que vou deixar a vida me levar assim.

**E: Até quando você planejou?**

**D:** Até uns 30 anos, daí pra lá eu só tenho sonhos. Eu planejei entrar na graduação, terminar a graduação depois entrar no mestrado, terminar o mestrado, entrar no doutorado e terminar o doutorado e isso vai ser mais ou menos até os 30 anos, daí pra lá eu tenho um sonho, que se

ele se realizar vai ser mais estático que é vontade de passar em um concurso para trabalhar em fórum assim, precisamente de escrevente judiciário.

Eu tenho muita vontade de fazer direito, que era meu sonho mesmo, acabei fazendo letras porque o caminho foi levando, mas eu gosto muito. Se eu tiver a oportunidade de fazer direito então depois dos 30 seria isso, fazer uma nova graduação, passar nesse concurso... Mas não é uma meta, é um plano, é um sonho... Ah nem é um plano, é um sonho mesmo pra ser realizado

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**D:** Um problema porque querendo ou não está relacionado com filhos. Por conta de estar nessa transição de querer ter uma família constituída ou não, eu penso no meu futuro, como uma senhorinha, como a minha ideia aos 18 com uma família constituída, então eu não consegui me imaginar sem uma família constituída porque agora eu não sei se esse é meu plano então eu não sei como eu quero envelhecer mais. Mas eu não levo isso como um problema, até falo para os meus amigos que eles levam as coisas como um problema, o que eu vou ter no futuro, eu não, eu vou levando. Eu vou pensando, as vezes eu conversando com você eu decido alguma coisa, eu não sou crítica, eu vou pensando no meu futuro e passa um ano e eu descubro que não quero mais isso e pra mim tranquilo lidar com isso.

**E: Você se acha velha?**

**D:** Depende de onde eu estou. Aqui na graduação, no ambiente da faculdade não, me acho até bem nova na verdade, porque eu nem tenho tantos amigos assim da graduação. Por exemplo eu não conheço ninguém do primeiro ano mas eu tenho amizade com pessoas do mestrado, do doutorado, a moça que morou comigo é um ano mais velha então eu me sinto nova perto dessas pessoas. Mas talvez eu me sentisse velha perto de pessoas que eu não lido, por exemplo no Facebook eu sempre vejo um pessoal da minha cidade e eu olho e falo: “ Nossa essa menina já tem 15 anos mas ela era um bebê e já está grande, está grávida” mas isso não faz eu me sentir velha, me faz pensar que o tempo passou muito rápido, que a sociedade evolui muito rápido, principalmente os jovens. Não que eu não seja mas eu sou de um tempo diferente do deles e eu acho muito interessante essa transição do século XX para o século XXI foi uma coisa assim de 10 anos mas que mudou muita coisa, do meu nascimento até uma pessoa que nasceu em 2005, e isso faz muito tempo, já faz 13 anos e hoje uma menina de 13 já tem o namorado dela, foi uma evolução muito grande e olha que eu nem sou tão venha assim eu tenho 20 anos.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**D:** Eu não tenho essa ideia de que para envelhecer bem, pra me sentir bem, eu precise praticar atividades físicas e comer bem. Eu acho que eu preciso me sentir bem e eu estou me sentindo muito bem assim, eu concordo com o rumo que a minha vida está tomando por enquanto. Como eu disse, se todas as minhas metas forem alcançadas até os 30 anos eu estou envelhecendo maravilhosamente bem porque eu consegui tudo o que eu queria, mas se eu chegar nos 30, antes dos 30 na verdade que é meu maior medo, chegar no mestrado e eu não passar pra mim vai ser uma frustração porque uma meta minha deu errado, provavelmente eu vou ficar desestabilizada principalmente com meu futuro e vou pensar “e agora?” aí se as coisas tomarem um caminho completamente diferente ou eu vou ficar muito triste ou eu vou ver a inovação nisso e vou buscar porque os meus planos não vão ter sido concluídos.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**D:** Não procedimento mas regime, passar em nutricionista assim, mais quando eu era criança até os 16 anos. Eu tinha problema com meu corpo, assim não era não me aceitar mas era um desconforto, se eu pudesse mudar eu mudaria, eu queria e não queria, eu olhava outras pessoas e queria mas comigo assim não estava tão mal. Eu estava mal na comparação com as outras pessoas e com a comparação que as outras pessoas faziam. Mas depois quando eu vim pra cá que começou essa nova fase, estou num processo de não me importar tanto com o que as pessoas dizem que eu seja e estar feliz com o que eu quero, volta e meia eu falo “nossa eu preciso emagrecer” daí eu olho uma pessoa muito magra que acho muito bonito eu penso isso, mas comigo eu estou feliz, eu estou bem.

**E: E para combater envelhecimento?**

**D:** Não, eu sou bem tranquila em relação a isso, eu quero aproveitar cada fase até morrer. Eu estou com 50 anos e o que eu quero fazer com isso, eu estou com 20 anos e o que eu quero fazer com isso, quero aproveitar ao máximo daquele tempo. Na graduação eu acho que não estou aproveitando ao máximo porque pra mim eu vim aqui pra estudar e eu estou abdicando de muita coisa pra estar aqui.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**D:** Assim eu nunca me interessei por pessoas mais novas, quando a pessoa é muito mais nova eu penso nossa é uma criança, tipo um ano assim de diferença, até mesmo da minha idade mas dependendo do jeito que se comporta sabe. Sempre me relacionei com pessoas muito mais velhas, aos 14 anos eu me relacionava com pessoas de 21. Agora que eu comecei a me relacionar com pessoas mais próximas a minha idade, meu namorado tem 22 por exemplo

então assim é o mais próximo que eu lido assim. Antes era muito mais difícil me relacionar com pessoas mais novas mas agora eu moro com uma moça que é só um ano mais velha mas ela é muito séria, muito centrada, e eu consegui perceber que ela só é um ano mais velha mas tem toda essa seriedade porque todas as pessoas mais novas que conhecia não tinha e aí eu comecei a ver isso e até meu namorado que é um ano mais velho não é tão centrado quanto ela aos 21.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**D:** Eu tenho várias opiniões sobre ser velho, pra mim é aquela pessoa com muitas experiências, muito bem vivido, eu não sou do tipo que vou pedir um conselho pra minha avó, até queria mudar isso porque eu não tenho tanto contato com a minha avó. Meus pais sempre falaram que entre ficar na casa de uma avó e ficar na casa sozinha, você vai aprender a ficar na casa sozinha, sempre foi assim, então por conta disso eu aprendi a ficar muito sozinha, o que eu não gosto, foi meio forçado. Meu pai tinha um bar e ele falava “Você vai ficar sozinha e vai chegar as entregas do bar e você vai contar e se tiver errado eu vou brigar com você porque eu vou perder uma caixa “e isso com 10 anos então sempre foi uma responsabilidade muito em cima de mim.

Os conselhos eu peço pra minha mãe, mas ela é de uma época diferente da minha então quando ela vai me aconselhar as vezes eu levo em consideração o conselho, mas eu não sigo. Tipo ela queria que eu fizesse faculdade lá, mas eu queria fazer aqui, eu vim mas foi mais cautelosamente. Eu confio muito na sabedoria dela, eu confio nela mesmo que eu siga o que ela falou..

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**D:** Não sei, eu acho que por enquanto eu consigo perceber no que eu faço, tipo aos 18 eu estava no primeiro ano de graduação, agora aos 20 eu estou no terceiro, então eu percebo porque isso está sendo me mostrado no tempo cronometrado, mas antes não. Antes era uma coisa natural, tipo “ahhhh eu estou na quinta série” e as coisas iam acontecendo mais naturalmente, agora eu tenho mais precaução, porque assim “agora você já está com 20 anos, não pode mais badernar, e graduação depois, mas aí você vai chegar nos 21 e não vai se formar ... e é isso o que você quer, com seus planos até os 30 ter doutorado ? não é “, então eu fico bem mais receosa, antes eu vivia muito mais no deixa a vida me levar do que hoje, mas antes assim até o primeiro ano do ensino médio que foi quando eu decidi que queria fazer graduação

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**D:** Nada, protetor solar na praia ou naquele sol gigantesco, acho que é influência da minha mãe, ela trabalhava num sol escaldante e não usava protetor solar. Então eu evito tipo “ahhh o sol está muito quente agora, eu vou mais tarde”, mas não o cuidado de me privar tipo “ah não vou sair as 3 horas da tarde, mas se eu puder sair as 8 da manhã eu vou preferir pra não sair num sol tão quente.”

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**D:** Eu acredito que sim, é porque assim a mídia seja uma mão manipuladora que a gente não percebe, ela faz muito mais do que influenciar, ela manipula mesmo, acho que até inconscientemente. Por exemplo vamos fazer uma novela e mostrar tal coisa, ganhar dinheiro com essa novela, vai ter muita audiência mas eles talvez não conseguem perceber, e nem a gente como espectador consegue, que aquilo modifica muito a sociedade em que a gente está, tem um poder muito grande. Então pode ser, eu não posso afirmar, mas pode ser que eu tenha sido influenciada a ter esses planos até os 30 anos somente, porque você vai ver o protagonista da novela ele só tem 30 anos, daí pra frente não sei o que acontece na novela e eu não sei o que acontece com as pessoas. Mas tem gente que acha que ficar nessa fase de novela até os 30 anos e depois tem que fazer de tudo pra que não acabe, e aí passa momentos assim e você vê que já chegou e você nem aproveitou, eu acho que vou chegar bem aos 30 anos sem lutar contra, eu não sei se aos 40 isso vai ser um problemão pra mim mas hoje eu acredito que não, eu lido muito bem com o fato de que vamos envelhecer, eu lidava muito melhor, eu só estou pensando nesse lado da morte assim pra mim está sendo um caso.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**D:** Eu acho que não é uma luta contra, eu acho que o feminismo usa a ascensão da mulher como mulher, eu vejo isso pro meu futuro. Eu acho uma luta importante, a minha mãe não teve as oportunidades que eu tive, a minha avó não teve as oportunidades que eu tive. Eu acho que mostra, as vezes, que a mulher nova tem mais valor que a mulher mais velha e eu não acho isso, eu acho que a mulher tem valor por ser mulher e eu não vou deixar de ser mulher aos 60 anos assim, é uma luta igualitária mas o feminismo é muito novo e aí você tem uma ideia de que o feminismo é só pra pessoas novas, mas não é, o feminismo é pra todo mundo mas as pessoas mais velhas não tiveram contato.

Mas assim como isso vai mudar daqui 50 anos, vai existir feminismo daqui 50 anos então eu acho que a sociedade vai mudar daqui até quando eu estiver velha, porque eu estou

aprendendo hoje de feminismo, eu vou passar para as outras gerações. Eu vou falar de feminismo nas minhas aulas e minhas alunas vão passar isso pra frente e assim vai. Claro que não temos feminismo desde ontem, mas eu ouvi falar de feminismo com a palavra, a terminologia, na graduação e minhas alunas vão chegar na graduação já posicionadas. Eu vou chegar aos 50 anos já feminista, diferente de uma senhora hoje de 50 anos feminista, porque eu tive mais contato do que ela com isso, eu acho que vai influenciar nesse feminismo, nesse envelhecimento, de eu começar a pensar que não vou precisar ser jovem para ser bonita, não precisar ser nova para ser mulher.

## **ANEXO G**

**Nome:** Leila

**Idade:** 27 anos

**Profissão:** Psicóloga

**Estado Civil:** Casada

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**L:** Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**L:** Na verdade eu não tinha essa dimensão até pouco tempo atrás, eu percebi porque eu estava tendo alguns sintomas de problemas de saúde, eu não aceitei ir ao médico, foi quando as pessoas começaram a me sinalizar dessa minha dificuldade, eu mesma não me dava conta disso, foi desse modo que eu percebi meu medo de envelhecimento. Me avisaram de que eu não queria fazer o tratamento, que de não queria ir ao médico, de que eu não queria olhar pra isso e eram problemas que poderiam me acarretar coisas mais sérias, então o outro que me avisou.

E o ano passado inclusive foi quando apareceram meus primeiros cabelos brancos e foi assustador, foi impactante a hora que eu vi no espelho que tinha cabelos brancos na minha cabeça então foram essas coisas que foram me mostrando da minha dificuldade que eu não percebia antes.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**L:** Eu acho que mais midiático do que do meu entorno. Se bem que tenho uma mãe que tem bastante medo de envelhecer, não vejo como algo fora do comum, mas posso estar enganada, mas não vejo dessa maneira. Mas sempre que ela aniversariava, tipo 30 anos, 40 anos agora



50 anos, ela sempre tinha umas crises de identidade, de comportamento, de vestimenta, será que isso eu ainda posso usar, será que isso é bem visto, então ela tem umas crises nesse sentido.

Dentro da família, minha mãe é mais preocupada, minhas avós são muito vaidosas, elas se cuidam. Uma é falecida, ela sempre dizia que se cuidava, unha, cabelo, ela dizia que na adolescência, década de 30, 40, ela se pintava escondida no mato, porque era coisa de puta, ela era renegada porque ela gostava de maquiagem e era uma coisa muito dela, ela saía pra trabalhar e se pintava no mato antes de ir pro serviço.

A minha outra avó tem mais aquela característica mais avozinha, roupas fechadas, mais tons pastel, mas nunca vi nenhuma das duas reclamando desse envelhecimento não. Só a que se pintava que dizia que ela queria ter nascido no nosso tempo, porque ela teria tido mais liberdade, mas ela nunca reclamou do envelhecimento não. Então no entorno, é mais a minha mãe mesmo que me influenciou um pouco sim, mas a maior influência é midiática.

É aquela coisa né... ahhh porque a mulher envelhece muito mais rápido do que o homem, e como é que vai ficar essa aparência, será que vai continuar sendo bem quista pelo parceiro, fica essas questões né. Aí entra numa questão de gênero também né, sempre tem que dar mais de nos mesmas nos espaços, seja de comportamento, seja de aparência física, seja de competência no trabalho, a gente sempre tem q dar mais do que eles pra se equiparar a uma ideia de qualidade, acho q eu bato muito nessa tecla de questão de gênero também no envelhecimento.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**L:** Eu acho que pra eu conseguir pensar um pouco sobre envelhecimento eu tive que fazer um retorno a mim mesma, de valorização mesmo, de compreensão de tempo, eu acho que o melhor modo é um retorno a si mesma e levantar mesmo aquilo que se pretende, aquilo que se quer, então nesse retorno eu decidi não pintar os cabelos, então vamos lidar com isso porque é inevitável, eu posso fazer disso um martírio ou eu posso aceitar o tempo da vida, inclusive trabalhar com cuidados paliativos me ajudou a pensar nisso.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**L:** Nossa nunca pensei nisso.... Bom eu nunca parei pra pensar nisso mas vou pensar nas pessoas que me refletem o modo que eu gostaria de tentar seguir, eu tive a oportunidade de conviver com pessoas mais velhas mas com o espírito bem jovial, um dia até eu perguntei pra ela quanto anos ela tinha e ela me respondeu 25, e ela já tem 60 e tantos. Então ela fala assim que ela aceita a condição física dela, mas que cabeça não comporta o corpo, então eu gostaria de tentar manter essa rotina de aprendizagem, de sempre estar querendo fazer algo novo,

conhecer gente, mas principalmente aprendendo, lendo, sempre uma mente ativa né. Porque o corpo, pode ser que eu não possa ter uma mobilidade tão grande, então o principal seria ter uma mente ativa.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**L:** Olha .... Fisicamente eu ainda não me vejo envelhecendo, mentalmente eu acho que eu tenho a idade que eu tenho, as vezes um pouco mais nova... me preocupa mais com relação a saúde, porque eu me senti muito velha, eu estava com suspeita de problema vascular e eu pensei nossa que coisa de velha e como que eu vou lidar com isso aos 27 anos. Então foi o momento que eu me senti muito velha, mas eu associei com esses problemas que são majoritariamente de mais velhos, mas eu tenho tentado lidar com isso, porque eu já fiz os exames e vi que não era nada do que eu pensava eu me senti mais da minha idade, pensei não, dá pra cuidar, mas eu ainda não consegui essa separação esse problema de saúde ainda me faz eu me sentir velha.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**L:** Hoje não faria nenhum tipo de procedimento, já quis mas coisa da adolescência, seio pequeno sabe, e há 15, 20 anos atrás foi o boom do silicone né, então eu vi todo o processo da siliconização das pessoas, então naquele momento pensei que com meu primeiro salário eu colocaria silicone no seio mas ainda bem que eu passei por um processo de auto aceitação então hoje eu não faria nenhum procedimento estético.

**E: E intervenções como botox?**

**L:** Não, eu quero tentar não fazer nenhuma modificação assim porque as pessoas com as quais eu conheci e que fizeram coisas perderam sua naturalidade de expressão. Um botox deixa a cara meio estática. Minha tia fez cirurgia no nariz, não muda só o nariz muda a caracterização da pessoa então pra mim está fora de cogitação qualquer procedimento estético.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**L:** Com certeza, relacionamento atualmente eu não tenho problema com relação estética mas em relacionamentos anteriores já houve incomodo com meu corpo, por parte da pessoa, do seio pequeno ou de que está engordando e isso quando você não tem uma maturidade ainda, de experiência de vida, ao invés de você se posicionar aquilo te toma, mexe com toda a sua estrutura. Você está numa fase de constituição de si, de quem eu sou, de quem eu quero ser e aquilo te influencia totalmente vindo de uma pessoa que em teoria você está apaixonado,

então eu tive uma situação dessa, só com uma pessoa que pontuou os seios pequenos e o fato de eu estar engordando.

Socialmente tem sim, porque principalmente essa coisa de estar mais magra e mais gorda, eu já tive essa altura que eu tenho com 15 quilos a menos, eu era bem magrinha e eu percebi que em alguns relacionamentos naquele peso anterior determinadas pessoas se interessavam, e agora com 15 quilos a mais essas mesmas pessoas não tem interesse então minha personalidade é a mesma, minha maturidade daquele tempo pra cá houve até uma melhora, mas esteticamente eu percebi que há uma padrão sim de preferencias nos relacionamentos.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**L:** Ser velho, eu acho que é mais subjetivo, estou pensando nas pessoas que considero velha, tem mais a ver com quando elas perdem o gosto pela vida, do que propriamente pelo seu envelhecimento físico assim. É claro que se ela aparecer na minha frente e eu não a conheço eu vou levar mais pela aparência, pelos cabelos brancos, pelas rugas, é inevitável que você acabe dizendo pelo o que é aparente. Mas quando você conhece a pessoa mais de idade minha percepção do envelhecimento dela ou não é a partir do desejo de vida dela, cada teoria chama isso de uma coisa, não me lembro os termos, tem pessoas que com 50 já jogaram as cartas, ah já vivi demais, já sofri demais, não quero aprender mais nada, estou cansado, então subjetivamente eu vejo o envelhecimento desse modo, objetivamente pela aparência, subjetivamente acho que por esse cansaço de vida, esse desejo de aprender.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**L:** Então talvez fique um pouco repetitivo mas eu voltaria naquela questão das influências porque eu comigo mesmo não me sentiria velha mas dentro de certos padrões sociais eu me sentiria, por conta do adoecimento, por conta do que a mídia o tempo inteiro fala pra gente de como a gente tem que ser, tanto que as vezes eu brinco com meu marido que nós somos velhos na nossa idade porque a gente já não tem uma rotina de balada, e eu sou nova assim socialmente para não ter essa rotina. Todo mundo fala poxa mas 27 anos já não vai mais, mas não faz mais parte das nossas prioridades então nós já somos velhos, muitas vezes ele senta aqui pra tocar violão e eu sento pra fazer crochê numa sexta-feira a noite, mas nós sabemos que não somos, mudaram as nossas prioridades então não tem porque sair aí pra beber e ficar louco né. Então o modo como lidar com essa questão das influencias ou não é mais um afastamento social mesmo, do tipo não eu posso fazer meu crochê sem me sentir velha, me sinto produtiva na verdade, podendo fazer as coisas pra casa, podendo presentear alguém, isso pra mim é movimento e não velhice, pra algumas pessoas é aquela coisa da avó ficar

crochetando, pra mim é um prazer, um movimento, uma aprendizagem, todo dia aprendendo um ponto novo, então acho que é diretamente com as influencias sociais, midiáticas sabe, então tem que ter esse desgarramento sabe da gente fazer o nosso, de acordo com nosso desejo.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**L:** Nenhum...

**E: Nem protetor solar?**

**L:** Ai nem isso, não consigo ter esse hábito, deveria na verdade. Eu era aquele branco pálido, que as pessoas achavam que eu estava sempre doente, peguei mais cor por conta de andar a pé aqui pra faculdade, mas eu era pálida e as pessoas achavam que eu era anêmica na época da escola. Na época eu até usava porque minha mãe ficava “coloca o protetor”, mas não tenho o hábito, deveria, mas mais por conta de câncer de pele essas coisas assim.

Não faço nada no cabelo, só corto a cada dois meses, não faço as unhas, me depilo, nunca usei creme anti-idade, não tenho vontade. Já tive, quando eu fiz 25 eu falei “aiiii vou usar o + 25”, mas eu olhei os preços e não está nas minhas condições financeiras, deixa quieto. Não sei futuramente acho que se houver uma dificuldade talvez eu use por um tempo até eu conseguir lidar, mas atualmente não.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**L:** Sim tem influência sim, de todo o tipo, é que de uns anos pra cá com o advento da internet e os novos modos de se relacionar com a mídia a gente consegue ter outras perspectivas, hoje em dia tem muitos grupos de mulheres na internet, páginas sobre aceitação e isso e aquilo, acho que de uns anos pra cá isso facilitou muito a auto aceitação. Mas sim ainda influencia muito porque você pensa que aquela estética que aparece na tv, que ela é alcançável, ou que ela tem que ser a todo custo, “eu tenho que” sabe, se ela consegue porque que eu não posso ficar com uma aparência mais jovial, mas na mídia não mostra o preço disso né, tanto no financeiro quanto no emocional pra passar por tudo isso né, pelo bisturi, por uma agulha na testa, não mostra o custo disso.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**L:** Olha... na verdade eu vou ser bem sincera, das coisas que eu participei, que eu li, eu nunca vi essa discussão. Elas falam muito da auto aceitação mas ainda muito percorrendo uma jovialidade né, nunca vi colocando em pauta esse recorte da vida não sinceramente. Inclusive você me colocou pra pensar numa situação, eu trabalho com um grupo sobre violência

doméstica e a gente nunca atendeu uma idosa, é sempre na faixa ali dos 20 aos 40, nunca chegou até nós, no hospital porque é feito no hospital, até dizem que a tendência é ir pessoas idosas vítimas de violência sexual, não tem um direcionamento pra isso não.

## **ANEXO H**

**Nome:** Carmen

**Idade:** 22 anos

**Profissão:** Estudante

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**C:** Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**C:** Difícil isso, é uma questão eu penso bastante, a pessoa velha precisa de cuidados, precisa de apoio, é frágil e também ela vai perdendo algumas coisas tipo no caminhar, ela não consegue correr mais, ela caminha muito devagar, faz as coisas muito devagar, essa pró atividade, essa agilidade que eu tenho aos 22 sabe eu vou perder. E esse apoio sabe, será que eu vou ter esse apoio, e se eu envelhecer sozinha como vai ser, pensando no que vai acontecer. E na aparência também, eu vou mudar totalmente ... se você comparar tipo eu tenho 22 e uma pessoa de 60, 70 anos ela muda, é a mesma pessoa, é igual, mas não é a mesma pessoa, com o tempo eu posso ir me acostumando com isso, mas me assusta um pouco essa diferença nas pessoas.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**C:** Sim porque vai passando o tempo eu fico lembrando do passado, tipo essa pessoa que estava na minha vida e agora não está, significa que o tempo passou, que eu mudei, que ela ficou pra trás e eu estou indo e estou andando e isso dá uma percepção. Mesmo que seja coisa de um ano, tipo “ahhh faz um ano que eu não falo com essa pessoa”, e nesse ano parece que eu cresci tanto, é uma diferença muito significativa sabe. E ver as pessoas também tipo eu conheci a pessoa de uma forma e agora ela está dessa, tipo “nossa olha como ela cresceu, olha quanta coisa mudou, o quanto essa pessoa aprendeu.” O ambiente também que vai mudando, ou que fica a mesma coisa, mas eu que vou mudando sabe.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**C:** Eu nunca parei pra pensar no meu próprio envelhecer porque eu tenho um pouco de medo, tipo acho que o melhor jeito de envelhecer é o melhor jeito de viver assim quanto mais eu vivo bem, eu acredito que envelheço bem e isso que me dá uma segurança assim.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**C:** Olha pensando em alguém, se eu tivesse com 50, 60... eu queria estar com uma boa saúde, eu acho que é difícil saúde num mundo como está, mas uma boa saúde pra que eu pudesse viver bem, não limitada, com pessoas que eu goste por perto e que eu não gosto bem longe. Pensando na questão financeira, no sentido de que aconteceu alguma coisa tenho um dinheiro pra me resguardar sabe porque o que eu vejo com pessoas mais velhas, a saúde vai pegando bastante né, então eu queria ter um dinheiro pra me resguardar nesse sentido. E ter feito coisas que eu gostaria de ter feito na minha vida, não chegar na velhice me arrepender de algumas coisas e pensar “ah deveria ter feito” e poder chegar lá e falar, “eu fiz o que eu queria ter feito, quero fazer um pouco mais mas eu fechei” sabe. E viver num lugar legal, calmo acho que isso.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**C:** Até os meus 18 eu não pensei “nossa estou envelhecendo”, era mais um quero envelhecer, porque nossa a adolescência aquela fase terrível né. Queria muito essa independência, eu queria muito poder ser eu sabe, sem ser dependente de alguém e quando eu vim pra faculdade mesmo porque até então eu morava com meus pais, eu vim pra faculdade com 20 anos e daí eu fui percebendo nossa aconteceu muita coisa pra chegar até aqui, como eu cresci. E até aqui na faculdade, cada ano é uma transformação louca assim então eu tenho a percepção de que eu dou atenção para o meu processo de envelhecimento, apesar de ter um pouco de medo, ficar um pouco assustada com isso, mas é aquilo eu tenho viver da melhor forma maneira pra poder envelhecer da melhor maneira então se eu estou vivendo da melhor maneira meu envelhecimento está sendo bom, se eu estou meio mal psicologicamente, fisicamente aí eu paro e vamos se cuidar melhor, porque vai vir eu mesma de 50, 60 anos e a gente precisa se cuidar desde já assim.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**C:** Não fiz, se eu tivesse dinheiro talvez eu faria, mas não tenho certeza também. É um processo de aceitação ao longo do tempo. Não sei se eu faria, não sei, envolve dinheiro né. Eu tenho a percepção de que não vou ter dinheiro para gastar com esse tipo de coisa então eu vou aceitando o que dá e melhorando meu corpo no sentido mais natural que eu posso. Um exemplo: digamos que eu engorde muito e eu comece a não me sentir bem com meu corpo a

partir daí, eu não acho que faria algo cirúrgico, eu acho que eu iria lá lutar para que acontecesse algo um forma natural.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**C:** Sim porque eu acho que eu vou escolhendo as coisas do presente pensando no meu futuro né, então eu me relaciono com as pessoas conforme meu crescimento pessoal então se eu vou crescendo e eu vejo que tais pessoas não está dando liga mais, “ai eu não concordo com esse tipo de pensamento”, “ai eu acho que ela não tem mais o que acrescentar na minha vida”, simplesmente eu vou deixando pra lá. E conforme eu vou crescendo eu vou me aproximando de pessoas que eu admiro mais e afetivamente a mesma coisa eu vou ficando perto de quem vai acompanhando esse meu crescimento pessoal assim.

**E: Você se relacionaria com alguém mais jovem?**

**C:** Não, não consigo mais isso, acho que é muito destoante o pensamento

**E: E mais velho?**

**C:** Sim, eu tenho essa brisa assim. Até uns 15 anos para cima de mim eu me relacionaria agora com pessoas 3 anos mais novas eu já fico meio cabrera. Acho que esse lance da experiência sabe, da maturidade eu acho que eu viso isso, pensamento por esse lado.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**C:** Nossa, eu acho que ser velho é ter caminhado uma estrada muito grande e ter passado por muitas coisas. É tipo uma mochila que você vai carregando com várias coisas, eu acho que ser velho é uma grande mochila carregada com várias coisas dentro, que você achou importante, que você gostou e que você quer levar dentro da memória assim e no seu fim. E isso não só no sentido positivo, mas no negativo também, todo o fardo que você carregou durante a sua vida, dependendo de como foi sua vida, suas cicatrizes sabe.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**C:** Sim acho que sim, por exemplo quando eu mais eu faço coisas mais eu ocupo meu tempo e menos tempo eu tenho de olhar pra mim assim então eu percebo que sei lá, os anos que eu me ocupei de muitas coisas, que foi correria, passou essa correia eu olho pra mim e falo “nossa passou muito rápido”, olha como eu estou, onde eu cheguei q eu nem vi. Agora quando eu vou fazendo as coisas devagar eu vou percebendo um crescimento gradual e eu gosto assim. Eu gosto de saber como eu estou indo, acho importante essa visão que a gente tem do nosso crescimento mesmo.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**C:** Tenho vários, assim de pensar agora eu passo creme no meu corpo todos os dias, passo creme no meu cabelo, eu cuido das minhas unhas todos os dias, na saúde também eu estou sempre dando atenção, a questão psicológica de ter um tratamento psicológico que eu acho que é importantíssimo, cuidados do ambiente, se estiver muito sol passar um protetor, até minha casa assim se eu não limpo eu começo a ter alergia e daí sabe, se eu não cuidar minha alergia vai atacar sempre e aí sabe o que pode acontecer então vamos precaver.

**E: Você usa creme anti-idade ou pretende usar?**

**C:** Não uso e não sei te dizer se vou usar, porque assim minha mãe usa muito creme antirruga, anti-idade e eu fico me perguntando será que tá tudo bem com ela sabe, porque será que ela faz isso porque ela tem 57 anos, será que ela quer manter essa aparência jovem ou é mais um cuidado de si. Então eu não sei dizer acho que só quando eu for mais velha para decidir.

**E: Você começou quando esses cuidados?**

**C:** Assim eu já queria desde os 15, 16 anos, mas como eu não tinha dinheiro, minha mãe nunca me ensinou esses cuidados, eu fui aprendendo tudo sozinha mesmo e foi com 18 anos quando eu comecei a trabalhar.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**C:** Nossa total, eu vejo isso porque minha mãe assiste tv aberta 24 horas assim, ela chega do trabalho e já põe na novela e quer ver a novela e tals. Aí imagina, você é uma mulher de 57 anos, você é pobre, mas daí você fica vendo um outro olhar pra uma mulher de 57 anos que aparenta ter 30, e você sabe que ela aparente ser assim porque ela é rica e ela pode fazer o que ela quiser, uma cirurgia, ela se cuida, ela tem pessoas que cuidam dela o tempo todo porque ela tem dinheiro daí. Eu fico imaginando a minha mãe o que ela pensa sabe, eu não me ligo muito, não gosto, acho ridículo, eu vejo muito bem as mídias que eu quero ver mas vendo isso, passando a vida vendo isso dentro da minha casa, vejo que tem total influencia. Meu quando eu for velha eu tenho que usar roupa dessa maneira, quando eu for velha eu tenho que estar dessa maneira sabe que está ali na tv, que os comerciais me mostram, tenho que comprar aquele creme antirruga que passou no canal tal, então influencia totalmente.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**C:** Eu acho que tem uma luta para o cuidado da mulher e eu acredito que o cuidado é o envelhecer. Eu não vi uma coisa diretamente ligada ao envelhecimento, mais ao cuidado da mulher assim, mas pensando eu acho que seria muito necessário ter uma coisa assim tipo



somos mulheres e estamos envelhecendo, tem tudo isso, a mídia e tudo isso que estamos falando aqui e aí sabe o que nós como feministas podemos fazer ou não podemos fazer sabe, acho que seria necessário esse viés também.

## **ANEXO I**

**Nome:** Cassandra

**Idade:** 26 anos

**Profissão:** Pesquisadora

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**C:** Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**C:** Então ...isso não é uma coisa que eu penso e conscientemente assim eu acho, mas eu acho que eu tenho medo sim um pouco dos sinais do envelhecimento, da coisa do corpo mesmo, principalmente dessa coisa de flacidez, de ruga, mas não é uma coisa que eu vejo que eu me preocupo conscientemente sabe. Nunca pensei em fazer algum tratamento, eu acho que é uma coisa que me passa mas num nível que eu não tomo isso como prioridade por exemplo, mas quando eu paro para pensar eu acho que atravessa como eu percebo, como quando eu estou me sentindo bonita ou feia, eu acho que passa por uma questão de um corpo jovem, deste corpo dentro desse ideal que passa por uma ideia de juventude, a pele lisinha sem marca nem sinal.

Eu acho, eu acho que fazer 30 dá uma crise eu imagino. Mas as minhas amigas aqui estão entre 30 e 32 e todas elas me falam isso assim de como fazer 30 foi difícil, foi triste porque você já está numa idade adulta mesmo, você não é mais jovem. Acho que isso passa é muito para que seja produtivo tanto de trabalho quanto estético, de se manter ativo porque tem essa ideia que depois dos 30 tem aquela coisa que as pessoas dizem que teu organismo já não responde do mesmo jeito. Tipo eu tenho uma alimentação péssima, eu me alimento muito errado e as pessoas falam assim, quando você chegar nos 30 teu organismo já não vai mais responder, e nesse sentido de que os trinta é um marco de que teu organismo já vai começar a declinar mesmo, como se aos 30 você começasse a envelhecer. Como se o corpo biológico vai chegar no ápice ali e aí só vai decair assim. Parece que as pessoas me colocam nesse lugar e falam isso para mim e isso tem impacto na forma como eu penso. Por isso que eu te falo o que eu não me preocupo muito conscientemente com isso, como eu te disse eu como muito mal e

eu nunca penso sobre, mas aí as pessoas começam a falar sobre esse peso da idade e aí eu penso “ nossa verdade, eu tenho que me preocupar com isso, daqui a pouco eu vou estar nos 30, meu organismo vai começar a não mais responder, tem que me preocupar com a minha saúde”, essa coisa da idade mesmo. Que pira né...

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**C:** Ah com certeza. Você está entrevistando só mulheres né para essa questão do envelhecimento, você é mulher e tal e eu acho que para gente é uma coisa muito vinculada com a estética que me parece muito diferente do processo dos homens assim, que para a gente envelhecer tem a ver com ficar feia, com o você não corresponder a esse modelo de beleza que nos é imposto e é imposto de um jeito tão violento que não é só uma questão de estética no sentido de você se sentir bonita, mas a gente é muito avaliada pela aparência, avaliada a competência profissional, por exemplo se você é uma pessoa gorda já pensam a se você não consegue dar conta de você, que você é uma pessoa desleixada, então passa um pouco por isso. Se você não usa maquiagem, se você não está vestida dentro daquilo que se espera, você é incompetente, eu acho que a mulher tem muito esse peso de que se você não está dentro de um padrão estético que passa por um corpo de jovem, você não é boa mesmo no âmbito profissional e eu acho que isso tem muito a ver qual o lugar que a gente ocupa, com as pessoas, o ambiente que a gente tá.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**C:** Nossa que pesado. Aquelas “ah envelhecer com saúde”. Não, olha estou brincando, eu me preocupo assim e pensar em como envelhecer tentando manter um corpo saudável nesse sentido me preocupar com alimentação, como manter um corpo ativo, ativo assim conseguindo fazer as atividades cotidianas, sem ter esse peso, na verdade, de manter um corpo ideal, dentro de uma norma. Então como conciliar esse processo de envelhecimento, porque tem uma série de questões que você perde, você perde força física, você perde músculo, então são coisas que vão acontecer que você vai ter que aprender a lidar mas como lidar com isso sem também ter que ficar adaptando o corpo a um modelo de juventude, de beleza, sem fazer disso o principal. Também não acho que isso é um problema, tipo uma pessoa de 50 anos que quer fazer uma plástica, tudo bem, eu acho que são escolhas conforme aquilo que elas dão conta, são desejos. Mas que isso não seja central para te definir, para você se sentir bem. Eu me preocupo um pouco com isso porque eu sei que isso vai me pesar daqui alguns anos, quando eu for percebendo que eu estou perdendo capacidade de coisas que eu faço muito tranquilamente por exemplo: comer as coisas que eu gosto sem me senti mal, sem acordar

mal depois de beber, esse tipo de situação que vai acontecer com mais frequência assim. Mas envelhecer bem para mim passa por isso um pouco, conseguir conciliar essas exigências que a gente tem com a gente mesmo, que as pessoas têm com a gente com um corpo que seja possível de ser vivido e de a gente habitar também tranquilamente.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**C:** Aposentada, que eu pudesse me aposentar que eu acho que não vai acontecer hahaha. Mas enfim a velhice ideal seria ter condições financeiras mesmo para lidar com as questões mais próprias da velhice, até de mobilidade assim, de ter uma autonomia que passa por uma questão financeira, de poder também não estar isolada porque eu acho que isso é uma coisa que pega muito outras pessoas nesse processo mesmo se aposentar, de perder o vínculo de trabalho e acaba ficando muito solitário então encontrar formas de estar em outros espaços que me fizesse também estabelecer vínculos e dar sentido para minha vida de alguma forma. Acho que é isso consegui ter pessoas próximas, que me fazem bem, e consegui ter uma estabilidade financeira para dar conta da minha vida acho que mais por isso.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**C:** Eu acho que ter feito 26 anos começou a me despertar um pouco para isso, de pensar estou envelhecendo, estou chegando em uma certa idade que meu corpo vai começar a apresentar sinais de envelhecimento, porque até os 30 ( aquelas ) a gente sente o corpo mudando, mas no sentido como se você tivesse mesmo crescendo e desenvolvendo, e eu já não estou mais me sentindo e desenvolvimento então eu percebo que isso me faz sentir que é uma questão para mim, que pode ser uma questão a enfrentar mesmo, lidar com as questões e os sinais do envelhecimento que por mais que a gente pense sobre isso aqui por exemplo, que a gente discuta sobre os padrões estéticos e tudo mais, o fato da gente falar sobre isso não muda o lugar que a gente vive, as coisas que a gente sente assim. Claro que tem o efeito, a gente começa problematizar, a gente sente uma série de coisas que até entram em conflito com que a gente acredita, então eu acho que o meu processo de envelhecimento vai passar por isso também de aprender a lidar com meu corpo, com a minha aparência, e corpo não só no sentido estético mais daquilo que ele é capaz de fazer, potencialidades e limitações, então eu acho que é passar um pouco por aí.

Mas ao mesmo tempo o envelhecimento tem essa potência também de questionar um pouco esse lugar mesmo da juventude, velocidade também porque parece que eu envelhecer traz essa coisa de parar um pouco, não de parar, mas de questionar essa velocidade que a gente tem que viver o tempo todo. Até no momento que a gente vive as pessoas mais velhas, tipo 60 a 70 anos, a maioria assim tem muita dificuldade com essa coisa de tecnologia, tudo é

muito rápido então eu acho interessante por um lado pensar assim uma parada, uma coisa assim nos colocar um pouco nessa questão também que eu acho que o envelhecer traz de dar uma segurada no tempo mesmo, dessa velocidade então eu acho que envelhecer tem essa potência de nos colocar pensar sobre isso, será que a gente precisa viver nesse ritmo, ficar lutando contra envelhecer o tempo todo, mas eu não sei se eu vou conseguir hahaha.

**E: Você disse que com 26 você começou a ter essa preocupação né, como envelhecer. Antes você não tinha essa preocupação com imagem, aparência??**

**C:** Não, eu sempre tive mas eu acho que não para que passava assim, pelo menos tão conscientemente, do envelhecer. Preocupação estética sempre tem, até porque é isso, todo tempo avaliada, eu sempre me vesti muito, ainda mais quando era criança, muito próximo do que aquilo que as pessoas veem com uma roupa masculina, eu sempre fui muito menino, muito moleque assim nesse sentido e sempre foi uma cobrança no estilo ou se por exemplo eu vou apresentar alguma coisa em algum seminário, alguma mesa que eu for participar e quando minha mãe vê uma foto minha ela fica putíssima, ela fala “você foi com essa roupa, eu não acredito, eu não te compro mais roupa”. Então essa questão da estética, do modo como você se apresenta sempre está presente, só que essa questão de chegar aos 25, e dos 25 para os 26 tem esse peso “olha o corpo já não é o mesmo”, aí vai para além da estética, eu percebo assim que eu começo a me preocupar mais com meu corpo mesmo assim do que só com uma questão de como eu me visto, assim o meu corpo está envelhecendo, essa coisa assim.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**C:** Eu já fiz depilação a laser uma vez, não sei se é um procedimento estético. Mas contra o envelhecimento eu nunca pensei nisso, nunca pensei em fazer nada, até hoje não, nunca foi um desejo assim. Eu nunca pensei em fazer nenhuma cirurgia estética assim.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**C:** Olha tem uma coisa que eu não gosto de ficar com pessoas mais novas que eu, mas eu tenho uma hipótese, apesar de que eu fiquei como as pessoas mais novas mas enfim, eu comecei a namorar com 20 anos, foi a primeira namorada sim, de namoro assim e antes disso eu nunca fiquei com pessoas mais novas, sempre pessoas mais velhas ou da minha idade tudo mais porque eu acho que eu tenho uma pira porque eu não tinha uns 14, 15 anos e foram falar para minha mãe que eu tinha ficado com uma menina da minha cidade, daí foi aquele caos, a minha mãe descobrindo achando que eu era sapatão coisa e tal e eu nem tinha ficado com a menina, coitada de mim, era apaixonada por ela mas nunca tinha rolado nada. E essa menina

era maior de idade, minha mãe queria processar ela, só que aí ela acreditou de fato que eu não tinha ficado e desistiu, mas eu acho que eu fiquei com isso tão forte dentro de mim que eu falei “nossa quero nunca ficar com alguém mais nova que eu”. E como eu tinha 20 anos qualquer pessoa que era mais nova que eu era menor de idade né então talvez passasse um pouco por aí, e eu fiquei namorando até agora pouco né, então talvez passa um pouco por isso, eu não fico confortável em ficar com pessoas mais novas que eu mas com pessoas mais velhas eu gosto.

E socialmente assim eu acho que os meus amigos e minhas amigas sempre foram mais ou menos da minha idade, aqui agora que tá assim um pouco mais velho, coisa de 4 ou 5 anos nada de muito diferente.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**C:** Nossa o que é ser velho !?! Que pesado né, a gente não para muito para pensar sobre como conceituar as coisas. Eu acho muito complicado pensar isso porque são questões assim como eu trabalho com feminismos e tudo mais, a gente fica o que é ser mulher né? Quando a gente pergunta isso a gente precisa definir e é muito complicado, porque você percebe que assim não existe um modelo de ser mulher enfim, ou critérios que você possa definir assim todas as mulheres são assim, por exemplo todas as mulheres têm vagina, todas as mulheres sei lá nasceram mulheres, se consideram mulheres então assim você para pra pensar o que é ser velho, qual que é o critério para definir, é acima de tal idade. Então para mim é uma pergunta difícil dar uma resposta assim, porque eu acho que passa um pouco por onde você tá falando, como definir, de que lugar você está falando porque essa coisa da velhice passa por contextos né, o que é ser velho no vc, o que é ser velho sei lá morando no sítio, morando na cidade.

Mas quando eu penso nessa coisa da velhice me parece que tem a ver mais com processos de um corpo que começa a sentir os efeitos do tempo passando, isso tem a ver com envelhecer, não velho necessariamente mas sempre me remete a isso assim, um corpo que já sente os efeitos do tempo nesse sentido e já tá percebendo que tem algumas coisas que fazia com tranquilidade, com facilidade que agora começa a repensar. O que não é necessariamente uma coisa que venha como uma experiência é ruim né, às vezes muito pelo contrário, muito interessante isso daí ou a coisa da experiência, e falar “fulana já é macaca velha” traz essa coisa de alguém que já sabe o que tá fazendo, já manja, já tá ali, então essa coisa da velhice como alguém que já circula no espaço com uma experiência, uma tranquilidade. Acho que passa por esses dois extremos o corpo que sente o efeito do tempo e um corpo que já experimentou muita coisa.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**C:** Então essa coisa das festas para mim sempre foi o marcador porque eu sempre fui muito essa que não aguenta os rolês, galera que está no lugar e quer ir para outro lugar eu não vou, eu estou velha coisa assim. Acho que isso sempre foi uma coisa minha, não foi uma coisa que eu percebi que parou, que eu mudei sabe.

Quando você fez essa pergunta eu fiquei pensando na figura da minha mãe assim, porque minha mãe é alguém que marca muito isso do corpo, então quando eu fiz 25 ela quis que eu usasse Renew, “ah porque veja bem tem que cuidar da pele”, nesse discurso do cuidado, da saúde, mas assim o que tá marcado por quero uma pele jovem, sem marcas. Então eu acho que nas minhas relações a pessoa que mais traz essa coisa de manter o corpo jovem, saudável entre aspas, é a minha mãe.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**C:** Então uma coisa comecei a me preocupar foi como usar protetor, que eu não usava e não uso direito ainda. Quando eu fiz 25 que minha mãe veio com a história do Renew, eu até cheguei a usar esse creme mas eu não gostei, não me habituei, daí eu parei e falei vou começar me habituar passar o protetor todo dia mas eu não faço isso ainda mas é uma coisa que eu comecei e eu estou preocupada com essa coisa da pele mesmo e para mim passa mais por uma questão de envelhecimento, eu tenho noção disso que eu quero usar protetor porque eu quero tentar manter minha pele com menos sinais de envelhecimento possível, então estou usando protetor.

**E: E você iniciou isso com 25 e antes?**

**C:** Antes só creme para o corpo, antes eu quase não usava mas agora eu uso quase todo dia. Depois do banho eu passo o creme.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**C:** Eu acho que totalmente, eu acho que é uma das coisas que talvez mais pese assim porque quando a gente vê esses corpos tipo tanto em propaganda, quanto vendendo ideias assim, coisa que a gente acredita, coisa que enfim né, se identifica, passa muito por essa questão de você querer ter esse tipo de corpo também né, entende. Começa a se sentir mal com barriga, com flacidez, com celulite, que são coisas que tem a ver enfim com o corpo, que existe mas que também tem a ver com esses sinais do envelhecimento. Então eu acho que a mídia tem um papel muito fundamental assim. E também sempre essas imagens que aparecem são de

uma forma muito natural, como se fosse natural até aquele tipo de corpo, você é um corpo jovem sempre ou uma pessoa mais velha mas com o corpo enxuto, usando o termo que eu vejo muito usado.

Eu acho que a mídia com certeza produz muito efeito sobre a forma com que eu me relaciono com meu corpo, essa coisa da idade também e mesmo esse discurso de depois dos 30 tudo começa a decair, não que não tenha um efeito, que existe é um corpo humano que passa por um processo, eu vejo que é uma coisa vendida muito forte, que depois dos 30 você tem que se preocupar com uma série de coisas porque agora você não é mais jovem, e não ser mais jovem implica em uma série de outras coisas que você agora tem que dar tempo. Então eu acho que a mídia também provoca muito nisso na gente e nunca no sentido de colocar a gente para pensar sobre isso, como uma possibilidade, sempre o imperativo mesmo, algo que a gente tem que seguir se você quiser ser feliz, se quiser se aceita né, me parece um pouco isso assim.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**C:** Que pesado. Eu acho que o feminismo tem uma potência muito grande para questionar isso porque nas discussões feministas sempre passa por essa questão de desconstruir modelos de existência que nos são impostos, desde essa analogia que eu estou usando essa aproximação estética com o envelhecimento mas não sei a gente não trabalha com essa questão do envelhecimento como o processo de subjetivação como a gente pensa gênero, raça, sexualidade. Eu acho que a questão etária a gente discute meio que pulverizado, como eu estou fazendo, eu penso na questão estética e eu penso no envelhecimento, mas me parece que mesmo para mim isso fica muito diluído, eu não consigo pensar isso como algo, não independente porque tá tudo conectado não tem como pensar em algo fora essas outras relações, mas eu acho que a questão etária tem um peso sobre o modo como a gente subjetiva e mesmo como no modo como a gente organiza nossa vida, essa coisa de você tem que estudar até tal idade.

Uma coisa que eu penso assim por exemplo eu estou no doutorado com 26 anos, eu ficava pensando muito nisso e eu fiz isso: vou fazer graduação, depois mestrado e doutorado. E eu não quis parar porque eu tinha essa coisa de terminar antes dos 30 porque eu tô organizando a minha vida pensando numa questão etária né, porque eu pensava vou perder tempo ficar fazendo outra coisa, então essa coisa etária não passou por uma questão do corpo assim mas o modo como a gente se organiza socialmente, a gente tá marcado muito por essa coisa da idade mesmo, de um corpo envelhecendo e para a gente está sempre perdendo tempo e perdendo tempo. Nossa eu nunca tinha pensando sobre isso.

Então dentro do feminismo a gente não pensa muito sobre como essa questão etária ela subjetiva e organiza nossa vida, e nossa relação com o nosso corpo também parece que fica um pouco diluída nessa questão da estética. Mas apesar disso eu acho que o feminismo tem uma potência muito interessante assim, é um ponto como qualquer outra discussão, de pensar na questão da sexualidade, da raça. O feminismo precisa se reaver e precisou se reaver porque quando a gente vai fazer uma discussão a gente acaba partindo do ponto de início, corpos mais dentro de uma norma, então a gente ao pensar no feminismo, teoria da mulher mas a mulher branca, classe média, mulher jovem, mulher hétero. Então são questões que a gente precisa pautar sim, e eu acho que o feminismo tem potência para dar conta, se reinventar para propor outras possibilidades de existência também. Assim a questão da mulher velha eu vejo muito pouco pautado sim, e nas discussões que eu já vi é sempre pensando nessa questão estética mesmo, que é importante mas deveria ir para além sabe, acho que a questão passa por outros lugares, de outras maneiras que não só pela questão estética, que sim é muito forte lógico né, mas existem outras questões que a gente precisava começar a pensar, mais vinculado com essa questão do tempo assim.

## **ANEXO J**

**Nome:** Ana

**Idade:** 26 anos

**Profissão:** Estudante

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**A:** Sim

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**A:** Tenho medo de envelhecer pela questão estética e a questão de crescer e amadurecer, ter mais responsabilidade, isso é um pouco assustador porque chega uma hora em que você vai ter que se virar sozinho pra fazer suas coisas. Então tem esse medo de envelhecer e o medo estético.

**E: Esse medo estético compreende o que?**

**A:** O corpo, como a mulher é vista, como uma mulher se vê porque a gente vive em uma sociedade que cultua a juventude. Eu acho que para mim vai ser difícil lidar com um outro corpo sem ser meu corpo de 20 anos.

**E: Essa insegurança surgiu faz quanto tempo?**



**A:** Acho que me dar conta de verdade faz pouco tempo, acho que de um ano e meio para cá, é que antes quando você é mais nova, você não percebe muito isso porque não é algo que faz muita diferença e aí depois, quando você entra na vida adulta, até esquisito eu falar que entrei na vida adulta, mas quando você entra na vida adulta você se dá conta que isso é alguma coisa.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**A:** Acredito que sim, mas não de uma maneira negativa, nunca foi uma maneira negativa e isso eu acho muito interessante. Uma coisa que eu lembro de conversar com a minha mãe é sobre o corpo dela hoje, porque ela disse “eu usava o mesmo que você” e aí ela engordou e um dia ela falou assim “incomoda tanto meu corpo?! Porque é meu e não é uma coisa que me incomoda, e tá tudo bem, eu me sinto à vontade com o meu corpo jeito que está, do mesmo jeito que eu me sentia bem quando usavam seu número, eu fui amadurecendo isso, eu sou mãe de três filhos e tá tudo bem”. Então é um jeito de ver o envelhecer de uma forma muito delicada e madura da parte dela, eu acho que influencia de maneira boa apesar da minha resposta ser um pouco estranha, diferente disso. Eu acho que essa questão é da minha geração e minha própria também, mas não é que alguém me pressiona diretamente a isso e não é uma pressão real parece uma coisa meio de fachada. Então por exemplo quem são as pessoas bonitas: as pessoas bonitas são assim assado, jovens, que praticam atividade física e são pra essas pessoas que a gente sempre volta a nossa atenção e aí que não é que falam que são essas pessoas mas de tanto que a gente vê a gente naturaliza, esse é o modo como que as coisas nos pressionam diretamente mas de uma maneira sutil. Acho que é isso.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**A:** Eu acho que eu consigo me ver até certa idade

**E: Você consegue se ver até qual idade?**

**A:** Nossa meu deus... Isso é muito sério porque eu estou fazendo um esforço muito grande para eu enxergar até daqui a pouco assim, mas eu acho que eu consigo me ver com uns 35anos.

Eu consigo me ver com 35 porque eu acredito que a partir dali é que começam as grandes mudanças. Eu não tenho a pretensão de casar, mas tem uma coisa assim entre os 35 e os 40 anos que, ai meu Deus e aí? Filhos? aí para não lidar com isso eu acho que eu só vou até a parte de “aí tá tudo bem eu só tenho 34 anos”. Mas o ideal de envelhecer seria como eu estou agora conseguindo me alimentar bem, fazendo coisas que eu gosto, não engordar muito.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**A:** Eu acho que tentar não se privar das coisas, essa é a principal coisa que acontece assim quando a velhice chega, engraçado falar isso. Quando ser velho chega, você fica privado de várias coisas, pela questão do seu corpo mas também pela questão da sua mente também, é importante que você consiga levantar da cadeira sem fazer muito esforço e quando você fica velho você precisa fazer muito esforço para levantar da cadeira então alguém pode fazer algo por mim já que é muito difícil levantar da cadeira. Isso não se resume a situação da cadeira, mas outras coisas também que te impossibilita. Parece que ser velho é morrer antes da morte em alguns casos.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**A:** Eu acho que é um pouco do que minha mãe falou para mim, vai passando os anos e você não deixa de se amar, você não se transforma em outra pessoa, você continua sendo a mesma pessoa e você vai aprendendo a lidar com as novas questões que vão aparecendo. Eu acho que eu estou indo bem no meu envelhecimento porque quando você vai vivendo, você vai percebendo que essas novas coisas também são capazes de ser superadas então eu acho que está tudo bem. Olha só eu estou menos desesperada do que eu pensava.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**A:** Eu nunca fiz, mas faria. Colocaria botox. Mas eu não sei se eu pudesse fazer eu faria hoje por exemplo, mas se eu tivesse condições financeiras eu acho que eu faria.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**A:** Eu acho que não, mas por conta de como eu já me relacionava com as pessoas, de como funcionavam as minhas relações. Pelo menos quando eu cheguei aqui na faculdade, é um julgamento isso, eu sentia que as pessoas eram muito diferentes de mim assim, na questão da idade tipo a gente tem a mesma idade mas pensa de maneira totalmente diferente e eu acho que isso tem a ver com como foi o meu ensino médio por exemplo, eu fui morar numa escola e as pessoas que moravam lá tinham a minha idade, estava todo mundo numa vibe parecida, se implicando mais ou mesmo se importando com coisas mais importantes, eu não sei parece meio bobo falar isso mas sei lá. Quando eu cheguei na faculdade eu senti essa diferença mas as minhas relações não foram problema passar por isso, as minhas relações anteriores se mantiveram e foram amadurecendo conforme a gente foi crescendo.

O afetivo que mudou com a idade, mas eu acho que são outras questões eu tenho ainda que descobrir o que é isso mas eu comecei a me relacionar com pessoas mais velhas do que eu.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**A:** Acho que quando você abdica de fazer as coisas, de estar no controle da sua vida.

**E:Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**A:** Eu não sei responder, mas eu acho que quando eu chegar numa fase da vida em que eu falar para outra pessoa “vai chegar uma fase da vida em que você tal coisa”, acho que aí eu vou perceber que o tempo tá passando. Eu nunca tinha reparado nisso, eu nunca tinha pensado nisso, eu já usei frase como “na minha época” por exemplo.

**E:Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**A:** Eu não sei se com envelhecer em si. Eu nunca fiz por esse motivo, eu nunca fiz pensando nisso, mas eu tenho rituais diários como passar hidratante todos os dias, sabonete para o rosto, protetor solar sempre, fazer atividade física. Mas nunca pensei por exemplo protetor solar eu passo todos os dias, mas eu não passo pensando “ai meu deus eu posso ter câncer de pele no futuro”, eu faço porque eu sei que é importante passar e tem que passar.

**E: Quando você começou com esses rituais?**

**A:** Nossa eu acho que desde sempre, desde o início da puberdade porquê sempre vi a minha mãe sei lá passando hidratante, coisa no rosto então foi muito natural assim. Ela é uma grande influência em todos os aspectos.

**E: Você acha que a passagem dos 19 para os 20 anos mudou alguma coisa? Te pegou de alguma maneira?**

**A:** Claro que pegou não tem como pensar de outro jeito, eu fico pensando eu tenho 21 mas eu já vou fazer 22 e eu ainda não acabei a faculdade mas logo eu vou acabar e eu preciso de um emprego. Então questões de envelhecimento dessa ordem, de que agora eu preciso tomar conta de mim. É mais uma questão do que se espera de uma pessoa nos 20 anos. Eu acho que eu tenho que ter em mente o que eu vou fazer depois da faculdade e eu não tenho ainda, mas eu estou realmente pensando sobre isso. A única coisa que eu sei assim, embora eu não tenha plano, mas eu sei, é que eu quero morar sozinha e sem depender de ninguém.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**A:** Ah com certeza, as marcas nunca usam pessoas mais velhas, a menos que seja para falar de um produto para pessoas mais velhas, mas são pessoas mais velhas maravilhosas. Mas uma coisa engraçada que eu estava vendo, e não sei se responde, mas eu acho que é interessante eu comentar, eu estava vendo o Instagram da Marina Ruy Barbosa “ nossa como ela é linda maravilhosa” e aí eu não sei por qual motivo eu estava vendo o Instagram da diretora da

Vogue Brasil. E aí começou a surgir em mim uma coisa muito estranha enquanto eu via as fotos, tipo um constrangimento não sei exatamente, mas como aquela mulher que deve ter uns 50/55 anos não é tão bonita quanto a Marina Ruy Barbosa, se elas usam as mesmas roupas, estão no mesmo padrão de mulher branca, magra e loira e ela não é bonita. Ela não é bonita e é uma coisa que eu estava olhando mas eu imagino que as outras pessoas do mesmo jeito sabe, ela não é uma mulher bonita, ela pode ter sido mas agora assim, não que ela não é mais porque ela pode continuar sendo bonita para ela para outras pessoas perto dela e tal, só que em comparação com a Marina Ruy Barbosa ela não é mais uma mulher bonita, ela pode ter sido bonita assim como hoje é a Marina Ruy Barbosa.

Eu lembro que eu já reparei na vida de alguém assim eu não lembro agora, mas era menina bem novinha. Eu pensei “nossa ela tem a minha idade e olha a vida dela que resolvida”. Mas aí na hora em que eu me incomodei, pensei “loucura eu querer acreditar que o mundo real é assim então tá tudo bem”.

**E: Você acha que as mulheres mais velhas são bem representadas na mídia?**

**A:** Não, até porque quando elas estão ali dão muita aparência de serem mais novas e todo mundo fica “uau olha só, ela tem 60 mas parece que tem 40, que incrível” e fica aquela coisa que horrível seria se ela aparentasse 60 mesmo.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**A:** Eu acho que não é uma coisa pensada. Eu não sou a mais estudada no assunto, mas pelas minhas percepções é como se fosse algo à parte. Parece que o feminismo luta por mulheres até determinada idade.

**E: Quando você era mais jovem existia essa preocupação e cuidado com aparência?**

**A:** Não porque na adolescência não é uma coisa que eu me preocupava. Às vezes você até quer é isso. E às vezes você envelhecendo, porque hoje eu tenho essa preocupação, mas daqui há alguns anos quando eu entender melhor isso que eu estou passando, sentindo uma ansiedade que não faz sentido por que vai acontecer, então entender qual é essa ansiedade talvez não se preocupe mais com o fato de envelhecer já que é uma coisa natural.

Eu falo isso mas eu penso que eu vou querer ser aquela mulher de 60 que parece 40, mas eu também acho que essa mulher tem papel de mostrar exatamente aquilo “olha só a idade não me parou”, não é porque eu tenho 60 que eu sou incapaz eu não posso fazer as coisas, 60 hoje nem conta mais vai, mas não é porque eu tenho 75 que eu não posso fazer as coisas. Também não quero ser aquela mulher cheia de plástica, mas eu vou usar creme anti-idade embora não faça muita diferença, mas é melhor alguma coisa do que nada.

Eu acho que quando a gente é jovem, quando tem a minha idade, a gente tem um poder muito grande nas mãos o que você pode fazer o que você quiser e as pessoas não vão estar de julgando, então se eu quiser terminar essa faculdade e começar outra eu posso porque tem sempre alguém para falar calma você ainda tem 20, você vai terminar logo a faculdade, dá para você fazer outra coisa, dá para desistir no meio do caminho e tentar outra coisa porque eu ainda sou muito nova. Mas é como se fosse um recado assim, daqui a pouco você não vai ter tanto controle sobre sua vida, daqui a pouco as coisas vão ficar mais sérias e aí a gente te corta as asas, e quando você tiver mais velho a gente corta mais ainda.

## **ANEXO K**

**Nome:** Juana

**Idade:** 20 anos

**Profissão:** Estudante

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**J:** Não, eu nunca parei para pensar nisso realmente.

**E: Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?**

**J:** Eu acho que eu penso tanto no agora, no que eu tenho que fazer, ou no que eu vou fazer depois de me formar que eu acabo não pensando mais para a frente.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas as quais você convive tenham relevância na percepção do seu próprio envelhecer?**

**J:** Eu acho que sim, eu acho que numa roda de amigos que os assuntos vão mudando, as preocupações são outras e eu acho que vai mudando nisso e você começa a perceber que é aquela tia chata do priminho mais novo, e você vê já passou tantos anos, eu segurei no colo e agora está correndo, falando sozinho.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**J:** Com saúde e feliz consigo própria. Um envelhecimento ativo assim, eu sou muito ativa assim, quando eu não estou bem nossa parece que vai tudo por água abaixo, então acho que com saúde e sempre ativa.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**J:** Ai eu vejo muito a dos meus avós, eu tenho avós bem diferentes na velhice então dá pra comparar. Meu avô faleceu há um ano mas eu ainda tenho uma avó que também é muito ativa então os dois, meu avô tinha 82, e minha avó tem 84 mas ela se vira super bem sozinha, claro

que tem as limitações do corpo mas ainda consegue morar sozinha, cuidar da sua vida, cuidar das suas contas, conseguir ir no mercado, ter uma autonomia.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**J:** Eu acho que as vezes não cai a ficha, você espera tanto os 18 para ser maior de idade que parece que parou ali sabe. Eu sinto que é isso, eu penso nossa quantos anos eu vou fazer esse ano “23 então tá”, parece que eu não me dou conta assim.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**J:** Eu nunca fiz, mas eu faria silicone. Eu me preocupo muito com meu corpo com flacidez, com definição, já é uma coisa sabe, eu faço academia e eu já sinto q me incomoda com 22 anos, eu queria ter o corpo mais definidinho, e eu sei que a tendência né é piorar, por conta do metabolismo.

**E: E outros procedimentos como botox?**

**J:** Ai eu acho que depende muito assim porque eu fico muito com medo do artificial.

**E: E cremes?**

**J:** Ahhh eu acho que usaria, um creminho tudo bem. Dizem que é bom usar pra prevenir né, mas eu acho que usaria quando tiver me incomodando, deixaria pra última hora. Uso óleo de coco pra hidratar.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**J:** Eu acho que a questão do amadurecimento por si só, a mentalidade vai mudando, o nosso direcionamento vai mudando, mas eu acho que a essência mesmo não.

**E: Você se relacionaria com alguém mais jovem?**

**J:** Acho que não, eu procuro me relacionar com homens mais velhos ou da minha idade assim.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**J:** Eu penso mais em espírito de velho, meu avô que faleceu tinha mais pique que eu assim, eu penso mais como uma atitude, as vezes eu tenho uma atitude de velho, tipo fiquei deitada o dia inteiro e penso “nossa como você está velha”. Então é mais questão de atitude, minha avó mesmo tem problema no joelho mas nossa ela limpa a casa, mexe todos os móveis, no final do dia está cheia de dor mas está feliz.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**J:** Eu acho que no meu corpo não, eu acho que em relação a lugares que eu frequentava mudou, com 18 você quer ir em todas as baladas todo o final de semana e hoje em dia eu prefiro mais um barzinho, não também é a mentalidade que vai mudando. Há duas semanas atrás eu fui numa festa e a festa acabou as 8 horas da manhã e eu fiquei até o final assim, então eu acho que é muito do momento, acho que não percebi nenhuma grande mudança.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**J:** A questão da academia, eu procuro cuidar da minha pele, passo protetor solar pra não marcar assim as linhas de expressão, esse cuidado assim com creme, mas eu uso hidratante normal, não uso creme antirruga.

**E: Você acredita que as mídias têm influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**J:** Total, pelo corpo da mulher em si, já é estereotipado de certa maneira, até o silicone, tudo o que a gente quer fazer né, o quanto a mídia não influencia. As blogueirinhas fitness, acho que eu fico mais tempo no celular, então acho que hoje as mídias sociais tomaram mais conta, acho que pra minha geração que fica muito mais no celular acho que as mídias sociais é muito mais forte do que a tv por exemplo. Mas eu também penso no dinheiro, com dinheiro todo mundo vai estar com a pele brilhando, com o corpo do jeito que quiser, eu não sei o nome de nenhuma blogueira, não sigo, é uma forma de trabalho essa exposição então ela tem que estar o que é dito perfeito.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**J:** Olha nunca tinha pensando nisso, mas eu acho que não. Eu acho que tem um por trás de todo o movimento feminista, mas eu não vejo discussão sobre isso, eu acho que se tiver são coisas bem sutis, eu não me aprofundo muito sobre mas parece ser bem sutil, falando em relação do peso, dessa autonomia de trabalhar fora, de pelos e tals, mas do envelhecer eu acho que não vi nada não mas acredito que tenha que ser falado porque a pressão é muito grande, se com 20 anos a gente é bombardeado pra fazer procedimentos estéticos com 70, 80 que a pele já está mais desgastada é pior ainda então eu penso nessa auto estima da mulher mais velha.

## **ANEXO L**

**Nome:** Domitila

**Idade:** 71 anos

**Profissão:** Secretária Aposentada

**Estado Civil:** Viúva

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**D:** Olha eu acho que eu nunca parei para pensar nisso, porque eu acho que basta você se olhar você sabe que você está envelhecendo, normalmente de dentro pra fora, mas você está envelhecendo Isso daí não resta dúvida né. Você sente no corpo, no cansaço, no andar, em tudo, no cabelo, no rosto, em tudo você sente que está envelhecendo sim. Isso faz parte da vida né. Eu acho que nunca tive tempo de pensar, parar e pensar “Nossa vou ficar velha”, “Eu não vou caminhar mais e alguém vai ter que me auxiliar”.

**E: Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?**

**D:** A minha vida foi assim muito atribulada, muito trabalho, desde os 7 anos de idade trabalhando na roça, casei e continuei na roça. Aí depois de 7 anos de casada eu tive minha primeira menina, aí quando meu marido morreu, minha menina com 15 anos e meu filho com 5 anos de idade, eu fiquei sozinha, quer dizer eu e meus filhos Então você imagina a batalha. Morava no sítio depois as crianças precisaram de escola e eu tive que vir para cidade por eles, porque na época não tinha essa facilidade que tem hoje de ônibus e van, na época não existia, então larguei da roça e vim para cidade. Para mim não foi legal, eu prefiro a vida no campo eu não gosto muito da cidade. Então a minha vida foi assim muito atribulada, muita canseira mesmo, muita batalha, trabalhei 18 anos de secretária em consultório, era faxineira e secretária ao mesmo tempo em consultório. Então foi uma correria tão grande na vida, acordar de madrugada para fazer lanche, deixar roupa pronta, acordado às 3 horas da manhã para estender roupa, passar roupa, para dar conta porque eu sair às 6:30 às 7 horas de casa. Então eu nunca tive tempo de parar e pensar “Nossa vou ficar velha um dia”. Então sinceramente eu nunca pensei sobre isso não, vai acontecendo que eu vou ficando velha gradualmente, como estou no caso, mas nunca parei para pensar nisso.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**D:** Nem sempre, às vezes sim você sente que a pessoa te entende, te apoia, mas nem sempre. Eu não vou falar isso da minha família, é uma família maravilhosa, carinho e amor na minha família sai pelos poros vida mas mesmo com tudo isso você tem horas que não é compreendida, eu não sei se faz parte da vida mas eu pelo menos sinto isso e vivo isso. Então eu acho que dependendo do ambiente eu não sou bem acolhida, não é mesmo, o amigo não, o amigo te acolhe, agora a família nem sempre te acolhe. Então mesmo que você não queira se sentir assim você é isolado, você tem um cantinho lá e acho que é isso que dá sensação da



velhice. Porque por mais que você tente se entrosar, como por exemplo tem uma roda ali dançando, ah eu estou com vontade vou também, mas ao mesmo tempo que você vai você pensa “Pô será que alguém não tá me achando ridícula aqui”, a gente se taxa por conta própria, você acha que não está sendo bem recebido ali porque às vezes determinados olhares né: “Que que essa velha tá fazendo aqui no meio dos jovens dançando?”. Às vezes você tem até vontade ir até ali porque como eu adoro tudo da vida, às vezes eu até tenho vontade mas eu me calo e penso “Não eu não vou ser bem aceita ali melhor ficar no meu canto”.

**E: E a Unati?**

**D:** Ah isso aqui é vida, isso aqui é tudo na minha vida, isso aqui para mim, a Unati, está sendo vida para mim faz 8 anos. Eu voltei a viver porque eu estava numa depressão profunda depois que eu perdi meu pai, depois de três anos perdi meu marido. Então eu entrei no fundo do poço e eu digo que essa pessoa me pegou pela mão e me trouxe, me orientou assim: “Você vai lá fazer alguma oficina porque lá é legal e é bom para você por causa dessa sequência de percas, vai lá” e eu “Tá bom qualquer hora eu vou”. Ouvi aquela pessoa que me pegou pela mão e trouxe, então a partir desse dia eu nunca mais sai daqui.

**E: Para você qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**D:** A forma que eu estou envelhecendo mesmo, diante de tudo que eu tenho, criei meus filhos com bastante dificuldade, dei uma faculdade para cada um deles contando moedinha, mas consegui dar uma faculdade para cada um. Até o meu menino quis fazer duas e eu dei duas faculdades, vendo meus filhos cada um no seu cantinho conseguindo sobreviver com o que ganham, são pessoas honestas, pessoas direitas então sabe não devem nada para ninguém, pessoas que só tem amor para doar então isso para mim, eu posso dizer que estou envelhecendo feliz porque eu consegui.

Eu sou uma pessoa velha, com 71 anos, eu não me sinto velha vou admitir, mas realizada. Eu vivi pelos meus filhos, eu me anulei, eu deixei de viver minha vida e vivi para os meus filhos até ele se casarem, se bem que eu vivo por eles até hoje. Eu sei que nem é bom para eles porque eu sou muito grudenta, sou muito apegada, se sai eu fico ligando, eu sei que eu até atrapalho um pouco, eu tenho consciência disso, às vezes quando a mãe é muito assim chega até atrapalhar, Mas eu sou isso, não tem como eu mudar. Então eu acho que o meu lema de vida foi criar meus dois filhos direito, dando valor a um único centavo que tem na mão, a pensar só o bem para o próximo, não desejo nenhum mal a ninguém, foi essa minha criação e a criação que eu passei para eles.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**D:** Assim eu não consigo me ver velha, mas vamos supor que eu tivesse sozinha, não conseguindo caminhar sozinha, que eu não consigo mais fazer minha comida, às vezes nem colocar uma comida no prato, comer com a minha própria mão, nesse sentido. Então mas o ideal seria o contrário disso, seria uma velhice ativa. Eu não gosto da sua velhice de avó fazendo bolo para os netos, eu não consigo sentar durante o dia para assistir uma televisão, eu não consigo me ver sentada numa cadeira na área esperando a morte chegar, isso aí jamais, isso aí na minha cabeça nunca passou. Eu só vou parar o dia que Deus não permitir que minhas pernas andem mais porque do contrário eu vou levar minha vida ativa até o último dia da minha vida.

Como eu tenho uma filha e um filho eu já chamei os dois, meu genro, minha nora e já tive essa conversa com eles, eu falei: “A partir da hora que eu não consegui viver mais a minha vida, não ser dona da minha vida, de ir aonde eu quero, de pegar um circular ou mototáxi e ir aonde eu quero. A partir da hora que eu ficar em cima de uma cama, sem condições, eu não quero mais ficar aqui”. Eu quero continuar na minha casa enquanto tiver uma pessoa para olhar eu de dia e de noite. Eu falo sempre isso, eu não quero ficar isolada em cima de uma cama sozinha.

“A partir da hora que eu não tiver condições financeiras de pagar uma pessoa, de manhã e à noite para cuidar de mim eu peço aqui para vocês quatro, eu não quero ficar aqui, eu quero ir para um asilo”. Porque lá existe alguém pago para cuidar de você, porque aqui se minha filha quiser cuidar de mim ela tem um marido e ele não tem nada a ver com isso, meu filho eu sei de todo o amor que ele tem por mim mas sua mulher não tem nenhuma obrigação de cuidar de mim.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**D:** Eu acho que foi bom porque eu nunca parei pra pensar nisso até hoje. A solidão pesa, é pesada, não é fácil mas parar e pensar “Nossa estou envelhecendo tem que fazer isso”, eu nunca parei para pensar. Eu sei que eu estou envelhecendo mas nenhum momento passa pela minha cabeça essa percepção. Eu quero viver. Quero sair lá fora olhar a mata, a natureza porque é isso que eu amo, cada folha que cai da árvore eu gosto de contemplar. Eu quero viver a minha vida até o último minuto que Deus me deixar aqui. Eu não paro para pensar: “Oh meu deus eu tô ficando velha”. Eu acho que eu nunca tive essa ideia.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**D:** Eu nunca fiz mas não que eu não tenha vontade, eu tenho vontade sim porque não? Ainda não fiz financeiramente lógico porque é caro e eu tenho que pensar bastante mas não que não

tenho vontade. Tenho vontade, até ganhei já numa clínica o dia da beleza, mas como fazia apenas seis meses que eu tive um AVC, o médico ficou com medo de fazer e eu perdi a oportunidade. Mas eu tenho vontade sim de mudar com certeza. Mudaria rosto mas assim coisa pouca. Não faria plástica, porque você faz uma plástica não consegue mais fechar a boca e nem olho. Então eu mudaria esse bigode chinês, testaria alguma coisa para mudar essa expressão que me deixa com esse ar de brava que eu não gosto. No meu corpo não mudaria nada, para baixo está bom, tem uma barriga mas todo mundo tem, braço também mas basta eu querer fazer o exercício que acaba com esse braço mole. Mas eu acho que para idade que eu tô, eu tô bem demais, única coisa que eu mudava mesmo era alguma coisa no meu rosto.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**D:** Tudo nos dois sentidos, mexe com tudo. Socialmente você põe uma roupa até razoável, se pinta, se olha no espelho e tem dias que até você se aceita: “Estou razoável, estou bonitinha”, você sai de cabeça erguida. Tem dias que você não pode ficar em casa, você é obrigado a ir naquele evento, mas você não está bem. Eu acho que é de dentro para fora, esse dia que você se sente bem esse dia que você se sente mal. Mas assim eu adoro ambiente jovem então quando eu saio eu gosto de ambiente jovem, porque o jovem transmitir vida para você, não transmite doença, nem dor, vocês só falam de vida de coisa boa então eu gosto de ficar no meio de vocês.

Afetivamente para mim isso daí não é muito complicado porque desde que eu fiquei sozinha eu nunca mais quis. Tem gente aí com 80 anos que tá casando mas eu nunca mais quis. Eu nunca mais tive relação nenhuma porque eu gosto de me divertir, eu gosto de ir em festa, amo estar no meio de bastante gente. E ter uma relação para você dizer só que tem um companheiro eu não quero para mim, eu tenho que gostar daquela pessoa e nesses 26 anos que eu estou viúva nunca aconteceu assim. Nunca encontrei outra pessoa e disse “nossa essa aqui é minha alma gêmea a partir de hoje”. Pode acontecer ainda quem sabe, mas assim eu não gosto de muito velho não, vou ser sincera, eu sou velha mas eu não gosto de pessoa muito mais velha que eu não, então teria que ser ou na minha faixa ou um pouquinho mais novo que eu.

Quando eu casei eu tinha 25 anos e meu marido tinha 17, eu sempre fui aquela de gostar de pessoas mais jovens e hoje em dia não posso querer um garoto de 20, 30 anos mas também não muito velho. Mas a gente fala isso porque nunca aconteceu porque se acontecer pode até ser de 80, se eu achar graça nele acabou.

Mas nesses 26 anos sozinha eu nunca quis relação com ninguém. Lógico que tiveram interessados, ainda tem inclusive. Tem muita gente que liga vamos sair, vamos conversar, vamos nos conhecer melhor, isso tem sim. O envelhecimento não alterou essa parte dos interesses sabe, isso sempre vai existir, se você quiser você vai tentar um relacionamento mas é que eu nunca me interessei. Acho maravilhoso quem sai de um e parte para outro, namora, sai junto, acho bonito isso. Mas você não quer sair com alguém se não interessa aquele alguém, porque eu não vou sair com homem só para dizer que eu tenho um homem na minha vida.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**D:** É aquela pessoa que não tem mais condições de fazer nada, está isolada até da própria família. Isso é ser velho e até muito triste.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**D:** Ah tem né, você olha para sua pele e percebe que está envelhecendo, você olha para o teu corpo você percebe que está envelhecendo. Você percebe você vai fazer todo dia o mesmo que você fazia mas você já não tem mais aquela força e eu adoro ficar arrastando meus móveis, toda semana eu mudo minha casa de lugar, mas tem móveis que já não consigo arrastar mais. Então eu sinto que estou envelhecendo a partir daí. E tem muito também dos outros apontarem né, por exemplo a minha mãe me olha e fala “nossa você tá acabada hein”. Assim não me incomoda porque o que importa é o que eu estou sentindo, eu não me importo muito com o que o outro fala para mim ou pensa de mim. Mas existe muito, é difícil dia que você não recebe uma dessas assim, só se você não sair de casa, eu não sei se é maldade, acho que é do ser humano né. E tem aquele outro também que tenta te agradar para não te mostrar que você tá horrível, lá no fundo no fundo você sente que aquele elogio não é para que elogiar é simplesmente para dizer “nossa como você tá horrível” mas fala “ficou linda essa roupa para você”. Tem muito disso, falsidade.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**D:** A vida inteira usei creme contra rugas, desde a minha época de jovem. Eu tinha muita sarda então eu usava aquela anti-sardina desesperadamente, até arrancar o couro do rosto. Hoje existe o protetor mas naquela época eu tacava anti-sardina no rosto, ia trabalhar na roça, então arrancava todo couro mas eu não queria aquela sarda. Então eu sempre me cuidei, desde muito jovem. Eu adoro me cuidar, eu gosto de passar creme no corpo, eu não consigo sair do banho e não me hidratar. Vou para rua fazer uma compra chega e tomo um banho. Eu me

cuido, eu me gosto. Eu gosto de viver cheirosa, de viver perfumada, de passar meu batom, logo cedo levanto tomo banho, passo meu batom, passo perfume, faz parte da minha vida isso. Uso o creme anti ruga, passo um e vejo que não dá resultado, porque difícil dá resultados, passo para outro. Vou mudando, eu uso Natura não deu resultado eu passo para outro, uso um Avon não deu resultado, vou para outro.

**E: Quando a senhora começou a perceber os primeiros sinais de envelhecimento?**

**D:** Como eu nunca liguei para essa coisa de envelhecimento, eu só fui começar a perceber quando meu cabelo começou a ficar branco, aí eu pensei “Nossa estou ficando velha”.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**D:** Olha muito viu, tem muita coisa que mexe assim com as pessoas. Não no meu caso eu não faço muita questão. Eu sou assim, eu tenho que me aceitar da forma que eu sou e acabou. Então para mim a mídia não funciona muito não mas tem pessoas que olha é terrível.

**E: Mas a senhora se sente representada pelas formas com que o idoso é mostrado na tv por exemplo?**

**D:** Olha sim mas eles mostram muito pouco. Assim de 20 artista que tem uma novela tem uma idosa, no máximo duas. E assim tem uma diferença entre um senhor de idade e uma senhora numa novela né, você nunca viu o senhor limpando uma casa e passar uma vassoura no chão, ele tá no escritório, ele é dono de uma firma, ele está sempre melhor que a mulher. A diferença pode ser pequena mas tem uma diferença. E na propaganda também porque idoso só está propaganda de fralda, de remédio para dor. Não tem uma reclame de uma coisa boa, bonita com o idoso, então não tem nada que influencia o velho a olhar e falar “nossa eu sou velho mas eu sirvo para alguma coisa”.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**D:** Olha eu acho que não, pode ser que amanhã ou depois elas até pensei na gente mas hoje não. Elas só pensam uma mulher enquanto ela é produtiva depois que ela produz, acabou.

## **ANEXO M**

**Nome:** Violeta

**Idade:** 70 anos

**Profissão:** Sommelier e Hostess Aposentada

**Estado Civil:** Divorciada

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**V:** De jeito nenhum. Nunca tive medo, nunca pensei nisso. É consequência da vida né, se você não morrer jovem você vai ter que chegar na velhice, ninguém escapa.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**V:** Ah com certeza né. Os jovens são bem cruéis, aquela falsidade sabe. Nossa como você tá linda mas a gente sabe que é mentira, a gente tem espelho em casa. Na rua que a gente sente um pouco de indiferença, como se fosse invisível. Assim tem uma separação sabe os jovens estão no mundinho deles. Por exemplo meus filhos e netos estão em um grupo assim falando entre eles, eu não me sinto acolhida, eu não sinto que dá para entrar naquela conversa, aí eu vejo que nesse ponto a idade faz diferença. Agora aqui na faculdade é tudo maravilhoso, faz uns quatro anos mais ou menos que eu faço as oficinas aqui na Unati e me sinto acolhida, é o meu passeio. Eu nem lembro da idade que eu tenho aqui.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**V:** Olha não ser doente. Dizem que a coisa mais importante do mundo é o amor né, mas para mim não é não, para mim é a saúde. Se você não tiver saúde nenhum amor consegue aguentar porque vai ter que cuidar daquele doente. Se você tiver muito dinheiro muitas doenças hoje são tão graves que você pode ter o dinheiro que for que não vai conseguir. Então na minha concepção, a coisa mais importante e a saúde em primeiro lugar, antes do dinheiro, antes do amor, antes de qualquer coisa. Mesmo que tem alguns contratempos sabe se você tiver saúde você consegue superar tudo.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**V:** Seria misturar saúde, amor, amizades sinceras e um pouquinho de dinheiro para sobreviver, não precisa ser muito não porque muito dinheiro causa inveja e ambição. Agora minha vidinha sempre acordo de manhã agradeço a Deus o que ele me deu e eu acho maravilhosa. Eu sempre tive tudo sabe, sabe aquela filhinha do papai com antigamente dizia. Nunca fiz nada na vida e depois de velha é que foi ter os contratempos. E achei que foi ótimo porque depois que passou os traumas da separação, Deus me mostrou o caminho que eu não conhecia, mostrou a minha força e que eu poderia superar qualquer obstáculo. Quando eu me separei eu voltei a estudar, fiz um colegial, consegui meu primeiro emprego com 55 anos, fui gerenciar uma adega de vinho que eu não entendia nada e fui aprendendo me tornei uma pessoa muito importante na cidade devido a essa função. Lógico que eu estudei, eu me preparei, é muito difícil porque vinho é difícil, hoje na cidade eu sou conhecida com a mulher do vinho. Também fui hostess em um restaurante da cidade durante oito anos, eu conheço a cidade inteira e isso é gratificante ser reconhecida na cidade. Agora de 2 anos para cá eu parei

para aproveitar um pouco a vida. E até hoje assim eu não me sinto velha sabe, eu tenho que me olhar no espelho para perceber que eu tenho uma certa idade, por dentro não tenho nenhuma doença. Eu tenho uma saúde e eu não faço exercício, só que eu ando muito e eu me cuido. Eu amo a minha velhice, apesar de as pessoas mais idosas quererem companhia, eu adoro ficar sozinha. Eu sou egoísta

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**V:** Ah meu envelhecimento sempre foi muito saudável. Eu não tenho nenhum sintoma físico, nem mental que mostre que eu estou velha. É só a cara mesmo, olhar no espelho porque aí sai da frente.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**V:** Não eu nunca fiz mas se eu tivesse condições financeiras eu faria. Tirava a papinha aqui, tirava essa bolsinha do olho, diminuiria um pouco meu seio. Acho que só, porque do resto ia ficar desproporcional, porque você tira daqui sobre ali, você corta lá e sobra acá, então não adianta, fica parecendo uma palhaça. Eu quero envelhecer de acordo com a minha idade, eu acho muito bonito uma pessoa que está envelhecendo de acordo com a sua idade, uma pessoa elegante, eu acho bonito se vestir de acordo com a sua idade sabe. Mesmo se eu tivesse maior dinheiro do mundo não ia ficar me esticando toda, colocar botox e preenchimento não isso que quero para mim.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**V:** Para mim não faz muita diferença não, eu sou meio diferente. Eu fico ali no meu mundinho, fico feliz. Tudo que importa nesse mundo é como você está se sentindo por dentro, na sua alma, no seu coração, se você se admira, se você acorda de manhã e acha o dia maravilhoso. Eu não tenho assim sonhos para nada, o meu sonho é viver um dia de cada vez e a única coisa que me importa é saúde antes do amor. Quanto afetivamente eu não quero saber, depois que eu me separei eu não me vejo mas junto com outra pessoa, essa sensação de sozinha que eu adoro eu não consigo ter outra pessoa ao meu lado. Sempre fui essa pessoa que gosta de ficar sozinha e depois que cada filho seguiu com a vida dele e aí que eu vim a ficar sozinha mesmo, eu amei. Adoro minha vidinha, não troco por dinheiro nenhum. Antes eu gostava de ficar sozinha mas tinha família e depois que eu me separei assumi esse meu lado sozinha.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

**V:** É mais o pensamento de velho do que o ser velho. Por exemplo quem fica reparando muito nos outros, que fica julgando os outros isso é ser velho.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**V:** O espelho né. Ele é um grande denunciador e é só isso que eu enxergo. Na vida não tem nada mas aí tá lá o espelho para falar que tá feio.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**V:** Eu gosto de banho, de passar creme. Desde novinha sempre passei filtro solar, sempre me cuidei, usei os melhores cremes. Claro que não Monange porque você acha que a Xuxa usa Monange? Claro que não né. Aliás nada que tem propaganda eu uso, eu acredito muito no boca a boca, mas em propaganda não acredito não. E eu comecei agora a usar creme anti-rugas, eu usava creme corporal perfumado mas agora eu comecei a usar creme anti-rugas também, filtro solar só que eu passo desde sempre.

**E: Quando a senhora começou a perceber os primeiros sinais de envelhecimento?**

**V:** Com 60 anos né. Mas assim eu não me sinto velha mas o espelho é o grande vilão.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**V:** Eu não acredito em mídia né, eu acho que a mídia é mentirosa. Tudo é um conto de fadas na mídia, alguma coisa até que pode ser verdade mas do resto. Às vezes a mensagem da propaganda eu acho bonito mas o produto nunca é bom.

**E: E as representações da mulher idosa na mídia?**

**V:** Elas ficam muito aquém da realidade. A mulher idosa tem muito mais potencial, muito mais sabedoria.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação ao envelhecimento?**

**V:** Não, elas pensam em outros direitos mas não envelhecer. Direito a ganhar salários iguais, direito a assumir a sexualidade mas direito ao envelhecer não existe.

## **ANEXO N**

**Nome:** Dorcelina

**Idade:** 73 anos

**Profissão:** Professora Aposentada

**Estado Civil:** Viúva

**E: Você tem medo de envelhecer?**



**D:** Não, nunca tive. Eu acho que o envelhecimento faz parte do processo da vida, tem adolescência, juventude, a idade madura. O que eu tenho é pena por ter pouco tempo para ficar aqui, não tenho medo de morrer, já tive muito medo de morrer na juventude mas hoje eu não tenho mais. Tenho dó, se assim que pode-se dizer, de deixar minhas netas pequenas ainda, gostaria de ver ela assim caminhadas, do que elas vão escolher ser porque elas são muito novas ainda. Eu não conviver tanto com elas porque eu moro aqui sozinha e elas moram longe é um pouco aborrecido para mim. Mas de envelhecer não tenho medo não. Eu sinto porque eu queria ver mais um pouco, queria ver mais coisas, eu tenho mais para viver. E eu tenho uma proposta de vida que é viver até os 80 porque aí meu filho faz 50 e eu com 80 a gente vai fazer uma festa bem grande. Eu acho que é um marco ver seu filho caçula com 50 anos, depois daí é lucro.

**E: Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?**

**D:** Nunca tive. Eu acho que eu sou melhor hoje do que na juventude, porque eu tinha preconceitos e conceitos que hoje eu não tenho. Eu era muito medrosa e hoje eu não sou mais. Eu não me relaciono bem com a água mas com 38 anos eu decidi que eu sou maior que o medo, então eu fui aprender a nadar. Fui aprender a dirigir também mais velha porque apesar de eu ter carta eu não dirigia porque morria de medo. Fui enfrentando os medos e hoje eu não tenho medo de nada, meu medo hoje é de perder um filho, para isso eu não estou preparada, até porque a morte não é privilégio do velho né, assim como a doença também não é. Mas olha sinceramente eu acho que hoje tem muito mimimi com essa coisa de velhice porque parece que as pessoas não conseguem lidar bem com isso. Sabe todo mundo envelheceu, minha mãe, minha avó envelheceu, minha bisavó envelheceu, todo mundo envelheceu e nós não estamos aqui?!? Vamos ter que envelhecer também e eu acho que as pessoas não aceitam isso. Agora lógico se eu quiser ter o teu corpo, quiser ter o teu cabelo, quiser ter a tua pele, eu vou ficar eternamente frustrada. Mas a velhice tem muita coisa boa e hoje nada impede a gente, por exemplo pular corda, eu nunca gostei de pular corda, mas hoje nada me impede. Eu comecei a fazer caminhada a longa distância com 60 anos, agora com 70 anos eu quero pular de asa-delta, é uma proposta de vida.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**V:** Não, as pessoas que eu convivo eu saio eu viajo com eles, vamos para restaurante. Mas meu filho outro dia falou: “Nossa mãe como você está velha olha esse cabelo branco”, eu respondi para ele: “Não é a que eu estou ficando velha, eu sou velha”. Mas isso não me

impede de conviver com eles, de viajar, de passear, e eu não me sinto julgada no meio deles. Outro dia eu fui no supermercado e o menininho na fila olhou para mim e disse “vovó”, por causa do cabelo branco, nossaaa o pai e a mãe ficaram morrendo de vergonha. Mas não me causou pesar aquele vovó, eu achei uma graça olhar para mim e me chamar de vovó, na verdade me encheu os olhos de lágrimas de emoção dele perceber que eu sou avó. Mas assim no Brasil eu vejo que a gente está muito atrasado nessa história de velhice, o velho é muito explorado, o velho não tem voz. Não é o meu caso mas eu vejo isso. E outra coisa eu nunca tive a velhice como uma coisa pesada, um fardo porque meus avós eram assim super pra frente e dinâmicos. Então eu não convivi com esse tipo de velho que é sofredor, que é amargo então eu acho que eu tenho uma visão meio distorcida. Mas eu acho que hoje no Brasil o velho precisa ser mais amparado, eu sei que sou privilegiada, essa outra velhice mas sofrida é muito triste.

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**D:** Do jeito que eu estou, tenho uma saúde irritante, eu estou ótima. Eu sei quem eu sou, eu como sozinha, eu viajo. Sempre aceitei minha idades, hoje eu estou melhor do que quando eu era adolescente, porque um drama pelo cabelo, um drama pelo corpo e hoje tá tudo bom. A única coisa que eu tenho muito medo é ficar dependente.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**D:** A velhice ideal então para mim seria essa velhice independente. Eu falei com os meus filhos sabe, porque eu gosto de planejar tudo antes, de que quando eu ficar dependente para eles me colocarem numa casa de repouso, eles falam: “mãe vai lá ficar quieta vai na sua casa quando chegar esse momento a senhora não vai poder opinar porque a gente que vai tomar conta da senhora”.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**D:** Olha o meu envelhecimento foi muito bom mas eu tenho só um arrependimento acho que eu fui muito brava com os meus filhos, ter sido muito exigente. Mas meu processo de envelhecimento foi bom porque eu sempre fiz tudo que eu quis, eu trabalhei, aí eu casei e continuei trabalhando, aí com dois filhos ficou complicado e eu quis parar, e parei. Em nenhum momento me arrependi porque era o que eu queria, cuidar da minha casa, dos meus filhos, do meu marido. Às vezes tinha uma cobrança da sociedade sabe, cuidar de casa para mim não foi desouro nenhum, não me sentia menosprezada e nem menor que ninguém, mas as pessoas olhavam diferente achavam que eu era madame.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**D:** Não, gostaria de fazer. O botox talvez, não teria coragem de entrar numa cirurgia para fazer abdômen essas coisas, não arriscaria não. O que eu preciso hoje é emagrecer porque eu engordei bastante. Assim quanto a envelhecer, eu queria fazer uma coisinha mas não esse negócio de ficar esticando aí, porque eu acho horrível mas queria dar uma amenizadinha. Mas daí eu vou lá ver o preço e é o preço da viagem, aí eu prefiro viajar.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**D:** Eu acho que para melhor viu. Eu tenho muitos poucos amigos mas são amigos de 70 anos. Eu conheço muita gente mas amigos eu tenho muito poucos. Mas eu me relaciono com as pessoas super bem, sou bacana com todo mundo mas a minha intimidade é compartilhada com poucos. Quanto a afetivamente depois que eu fiquei viúva, há 10 anos, nunca mais quis saber. A minha filha até brinca que vai arrumar um namorado para mim e meu filho fica mordido de ciúmes mas eu deixo bem claro que eu não arrumo por mim e não por ele, eu não arrumo porque eu não quero não porque ele não quer. Mas assim nunca apareceu e eu também nunca procurei, e também sabe de uma coisa não quero compromisso, eu quero sair, quero viajar e se a gente começa o relacionamento tem que se dedicar e eu não estou afim não. Não que a gente não tenha necessidade assim sexual mas eu jamais iria para cama com alguém se eu não amasse muito, eu não relaciono vida sexual sem amor. Tem que ser alguma pessoa que melhora minha vida né porque por exemplo meu marido só me melhorou, mas arrumar alguém só para ter alguém não, quero uma coisa que me ponha para cima, que respeite meu jeito de ser, minha pessoa.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

**D:** Ser velha é aquela pessoa chata, ranzinza, implicante, que nada está bom, que tá sempre reclamando. E ser velho não tem idade, eu tenho um filho que nossa, é velho, quando ficar velho vai piorar porque ele sempre foi chato, não aceita o moderno, sempre está tudo errado. Então ser velho é mais uma atitude do que aparência, às vezes a pessoa está lá com 90 anos mas tem uma cabeça ótima, maravilhosa melhor do que aquele de 20 ranzinza e chato.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**D:** Ah sim, a gente percebe né. Não estar tão ágil, não ter aquele pique, acho que a gente fica mais lento.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**D:** Eu cuido da minha saúde, da minha alimentação, da pele. Como diz um amigo meu “não adianta nada mas passa o creme”. Uso protetor solar e hidratante no rosto, no corpo se eu pudesse eu morava dentro de um pote de creme porque eu adoro passar creme, eu amo cheirinho, eu gosto da sensação. E esses cuidados eu tenho desde sempre, a vida inteira não é de agora depois de velha, sempre quis ser saudável. Com a alimentação então nossa, eu não comia açúcar, eu não comia fritura, agora dei uma relaxadinha engordei tenho que voltar. Mas eu sempre me cuidei.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**D:** Tem muita porque a mídia quer o que é moderno e ela não se importa com as consequências. Então é sempre mulher bonita, mulher jovem, mulher sarada mas a realidade não é essa então é uma ilusão. E muitas pessoas ficam atrás disso.

**E: E as representações da mulher idosa na mídia?**

**D:** Ah eu acho que tudo é sempre voltado para juventude, para sexualidade. Tem uma propaganda de umas fraldas, que a pessoa que tem incontinência urinária não vai ficar feliz com aquilo. Eles vendem uma velhice de mentira. Nas novelas sempre é a empregada, a curandeira nunca é uma poderosa. Às vezes têm a velhinha cocota e isso é uma invenção.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**D:** Então às vezes eu acho que é uma enganação sabe. Eu vejo nas propagandas e o feminismo está muito mais preocupado com a sexualidade, a parte intelectual da mulher não tem quase voz deixa muito a desejar. Aí eu vejo pessoas com 50 anos que não podem trabalhar e ninguém liga para isso porque já tá velha. Não nos dão espaço para falar sobre o que é ser uma mulher velha, nem no movimento feminista, nem na igreja, nem em empresas.

## **ANEXO O**

**Nome:** Maria Esther

**Idade:** 73 anos

**Profissão:** Professora Aposentada

**Estado Civil:** Casada

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**ME:** Não, eu já estou envelhecendo. Nunca me preocupei com a idade, de falar idade.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**ME:** Eu penso que sim. Eu sempre estou em volta de pessoas mais jovens e embora me dê bem com todos eles, eu sinto que não tem mais aquela liga

**E: Qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**ME:** Fazendo o que eu estou fazendo. Eu participo de 11 oficinas na Unesp, participo de um coral na minha religião, e mais um coral no CPP (Centro Professorado Paulista). O corpo envelhece mas o espírito da gente não pode envelhecer tanto quanto o corpo. Temos que procurar coisas para fazer, para estar sempre se comunicando, se relacionando com as pessoas. Porque eu estou em 13 grupos e eu tenho chance de conhecer muitas pessoas, de conversar de brincar, de dar risada.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**ME:** Essa velhice que eu levo, ativa, com muitos compromissos, com muitos amigos. Aquela velhice de antigamente de ficar sentado esperando a vida passar não está com nada não.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**ME:** Eu acho que o meu comportamento participativo das oficinas na Unati, e das outras atividades faz eu envelhecer um pouco menos preocupada com a idade. O corpo agradece e a alma mais ainda. A gente fica bem mais alegre, não deixa pensamento negativo tomar conta da cabeça da gente, porque se você ficar pensando “ah eu só tenho 10 anos de vida, agora está mais perto da minha morte”, você só ficar preocupada com a sensação da velhice mas como eu não penso assim, vai chegando e a gente vai levando com essa participação toda que eu faço.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**ME:** Não, não fiz mas eu tenho vontade de fazer para tirar a pálpebra porque tem dias que ela cai tanto que atrapalha minha visão. O que eu já fiz foi tirar mancha do rosto e das mãos. Mas hoje também tenho preocupação com as minhas gordurinhas aqui do lado, sempre tive. Quando a gente fica mais velha a gente libera comida e não fica mais tão preocupada mas eu já fiz muitas dietas. E no rosto preenchimento e botox eu até penso em fazer, tirar essa ruga de expressão que fica aqui no meio dos olhos, preencher a boca para apagar essas ruguinhas do lábio. Mas também só penso, eu nunca fiz.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**ME:** Eu sempre fui assim, sempre fui alegre, sempre fui falante então eu penso que felizmente não modificou nada da minha vida nesse sentido. Porque tem gente que vai ficando mais velha vai ficando calada, ficando mais triste e eu não tenho isso não, eu sou alegre, falo

muito, brinco muito, gosto muito de cantar. E afetivamente eu nunca liguei muito para idade mas apesar de ter tido muitos namorados só dois ou três eram mais velhos o resto era tudo mais novo, eu não sei porquê mas aparecem pessoas mais jovens na minha vida, meu marido por exemplo a 24 anos e meio mais novo que eu.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

**ME:** Velho é chato, recluso, aquela pessoa que só fica em casa vestida de pijama, não querer sair, não querer participar de nada. Aí vai se abandonando, aí a solidão vem, é mais uma atitude do que a velhice do corpo. Uma pessoa de 30 anos pode ser tão velha quanto uma pessoa de 90.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**ME:** Sim lógico, o corpo. Eu não uso mais roupa sem manga por conta do braço flácido. A gente vai percebendo que o corpo, os músculos vão sendo perdidos, a gente vai perdendo massa magra, se a gente não fizer o exercício para exercitar esses músculos fica pior.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**ME:** Eu sou muito descuidada. Eu não curto essas coisas de cuidar da pele mas eu deveria fazer uma limpeza de pele, deveria fazer uma massagem, passar os cremes no rosto. Eu compro e fica lá os cremes e eu acabo não fazendo, eu poderia ter uma aparência um pouco melhor se eu cuidasse. Eu só uso creme corporal.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**ME:** Não mas eu também não acho que o velho é bem representado na televisão. A grande mídia para eles interessa ter pessoas mais jovens, mas belas, mais brancas. Eu acho que as pessoas mais de idade são muito pouco aproveitadas na mídia, não tem muita chance, é uma luta.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**ME:** Não tenho percebido isso não, eu não sei se sou eu que não me sinto tão velha assim ou se é porque quase não se fala sobre isso.

## **ANEXO P**

**Nome:** Anita

**Idade:** 78 anos

**Profissão:** Professora Aposentada

**Estado Civil:** Solteira

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**A:** Eu não tenho medo não.

**E: Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?**

**A:** Nunca tive medo na verdade, agora que eu já estou com 78 anos tem algumas limitações que eu falo “nossa alguma coisa mudou”. Mas eu não me considero ainda velha, eu me considero idosa assim. Continuo trabalhando ainda hoje porque eu tenho energia para isso, me aposentei por conta da necessidade de aposentar no funcionalismo com 70 anos mas eu me sinto inteira ainda.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**A:** Assim eu acho que eu sou meio que modesta porque eu vejo as pessoas que estão mais acamadas e eu penso “nossa como essa pessoa está velha será que eu estou assim?!?”. Agora a pouco eu acabei de falar isso de uma pessoa para minha irmã: “Nossa como ela está velha era tão bonita né”. Mas é que assim comigo acontece ao contrário porque eu tenho 78 anos e aí acontece direto de alguém falar que eu não pareço de 78 anos e nossa eu fico cheia. Semana passada mesmo uma mulher falava que não acreditava, que não era possível de eu ter 78 anos. Mas assim modestia parte eu sou durinha, eu tenho uma bunda inteira e todo mundo acha que “imagina não pode ser uma mulher de 78 anos”. E particularmente o que me incomoda são as rugas no rosto porque o resto assim no corpo tá tudo bem, um pouco gordinha mas eu também prefiro assim uma pessoa de uma certa idade pouco mais gordinha mesmo do que é muito magra, porque dá mais aspecto de saúde.

**E: Para você qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**A:** Vivendo bem com saúde, viajando se possível, comendo de tudo, não precisar ficar limitando porque “aí não pode comer isso ou aquilo porque faz mal”, tomando uma cervejinha, um vinhozinho. Um envelhecimento mais ativo, ficar paradinho aí não dá.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**A:** Eu gostaria de ter uma velhice assim saudável, com a cabeça boa, na minha própria casa com alguém me cuidando. Eu não tenho filho, eu não tenho família né então teria que ser com uma cuidadora, não queria casa de repouso, nem asilo, queria uma velhice mais independente sabe.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**A:** Eu acho que eu fui caminhando as etapas normais, tipo agora eu sinto um pouco de deficiência nas pernas, vai caminhar e cansa mais, alguns movimentos por exemplo abaixar e levantar já precisa do segurador, no banheiro daqui a pouco já deveria ter o banquinho. Então você vai percebendo que você está com menos agilidade né, você tem menos flexibilidade, tá tá meio difícil, diferente.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**A:** Fiz no rosto. Fiz um peeling profundo e tirei as pálpebras. E assim as pálpebras até adiantou, agora peeling eu não senti resultado embora muitas pessoas acharam o efeito bom, eu não porque foi horrível, você fica transformada, é dolorido e eu me senti lindinha enquanto eu estava inchada logo depois eu não senti diferença. Aí a pálpebra estava super caída aí eu fiz, aí eu falei para o cirurgião que eu queria dar puxadinha assim na pele assim para ficar mais lisinho sabe mas aí ele falou: “Vai na minha mulher que é esteticista” e ela me recomendou esse tratamento que eu já tinha feito anteriormente mas aí eu não quis falei “ah deixa assim mesmo já sofri demais e não vi resultado e não vou me expor novamente ao sofrimento para não sentir resultado nenhum” então vamos conviver com as rugas. Mas assim eu vou te falar que eu acho que depois que eu fiz esses procedimentos o aparecimento das rugas parece que deu uma acelerada antes parece que demorava, e olha que eu fui fumante hein mas depois que eu fiz parece que eu fiquei mais enrugada, eu não sei mas eu tenho essa impressão. Mas às vezes também coincidiu com a época da queda, porque assim aos 40 anos você tem aquela queda você tá jovem e de repente você fica velho, quando você tem 50, 50 e pouco é outra queda, e você fica um pouco mais velha, tem umas fases que dá uma murchada e aí permanece. Igual essa moça que eu vi hoje nossa como ela está velha aí minha irmã até comentou: “você não viu ela tá até reformada de tanta plástica”.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**A:** Eu acho que sim. Ser alegre levar a vida numa boa e não ficar aí muito na tristeza ajuda muito. Mas assim o meu círculo de amigos continua o mesmo desde quando eu era jovem eu não sinto muita diferença porque eles também estão envelhecendo comigo. Agora a afetivamente, homem na minha vida faz bem tempo que desisti, que eu pendurei a chuteira. Assim, a bem da verdade, eu sempre fui um pouco exigente e eu gostei de uma pessoa mas não deu certo, aí teve outras experiências mas sei lá família e eu também nunca tive muito interesse em me casar porque senão teria encaminhado as coisas. Não sei se teria sido melhor se tivesse me casado, se tivesse filhos do que ser como eu sou. Eu não consigo dizer porque



eu acho que tá bom então tanto poderia estar melhor quando poderia estar pior mas do jeito que tá eu tô feliz.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

**A:** Ser velho é ser impossibilitado. Para mim quanto você está andando, conversando, se alimentando sozinho isso é velho mas não velho entende. Porquê velho é aquela pessoa que não tem mais nada, não tem prazer com nada, parece que fica lá sentado o tempo todo esperando a morte chegar, por enquanto eu vejo isso. Na nossa família tem muitos velhos né, o caçula da parte da minha mãe tem 85 anos, uma tia, e ela tá boa de cabeça mas ela já anda devagar já não pode comer qualquer coisa, outra tia está acabadíssima, já está impossibilitada de fazer um monte de coisa, teve um AVC. Essas já considero velho. Agora tem um marido dessa minha tia que ele tem a mesma idade que ela e eu não considero ele velho, ele é mecânico, ainda fuça lá na oficina dele, não consegue ficar parado, conversa normalmente, é super ativo então ele não é velho. Tem quem tem 80 e aí velho e tem quem tem 90 e não é velho.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**A:** Tem sim principalmente em termos de dor, as rugas eu já acostumei mas dor é difícil. É dor nas costas, dor nas pernas, dor nas mãos. O espelho já denunciou mais mas acostumou né, agora o que causa alguma preocupação são as dores né.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**A:** A pele né eu uso meus creminhos normalmente. O nutritivo anti-idade porque agora tudo é anti-idade né, cremes bons e protetor solar. Faço uma limpezainha, são cuidados triviais, nada de exagero. Não uso tinta para cabelo, porque eu tenho cabelo branco mas como o cabelo é fininho quase não aparece. Eu sempre tive esse cuidado com a pele porque eu não sei se é porque eu tenho a pele clara, se eu não coloco o creme parece que a pele dói sabe, repuxa sim, tenho a pele muito sensível, então eu sempre usei desde nova. Eu acho que eu tinha uns 20 anos uma tia do Rio veio e ela falou que ela usava um creme que chamava eterno 27, eu não tinha 27 ainda e eu passei a comprar aquele creme, era importado e eu usei durante muito tempo aquele creme. E eu fiquei eterno 27 até o 70.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**A:** Eu acho que tem exageros tanto para o negativo quanto para o positivo. Agora sim quando passa produto novo a gente vai atrás né, procura saber, você nem alguma coisa para eu por

usar né. Tratamentos que eu fiz por exemplo todos eu descobri pela mídia lembre revista essas coisas.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**A:** Eu acho que assim eu acho que existe muita mulher velha e atuando em diversas áreas por exemplo na literatura né. Mas assim uma frente do movimento não para pra pensar o envelhecer da mulher porque a gente parece que tem que correr atrás né, é tinta de cabelo, é botox. A mulher ela tenta se manter mais jovem, ela tem que correr atrás para se manter mais jovem, ela tem que, entende. O certo seria a gente aceitar né.

## **ANEXO Q**

**Nome:** Celina

**Idade:** 66 anos

**Profissão:** Professora Aposentada

**Estado Civil:** Casada

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**C:** Não, eu já estou envelhecendo há bastante tempo. Mas eu nunca pensei mesmo sobre envelhecer nem pensava envelhecer nem quando era mais jovem, não era uma preocupação

**E: Se não. Quais os motivos que você considera pertinente para que este sentimento não seja manifestado?**

**C:** Eu tenho assim, de repente, uma preocupação e não ser mais independente assim, de eu mesma cuidar de mim. De depender de filho ou de outras pessoas para nos cuidar, eu acho que é uma outra fase. Mas enfim né o cabelo branco, rugas, uma lentidão, uma coisa que limita um pouco mais a parte motora não, é mais autonomia que pesa mais.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**C:** Creio que sim, assim eu sou uma pessoa muito eclética nos meus relacionamentos me dou bem tanto com crianças, jovens, pessoas da minha idade e bem mais velhas e eu me relaciono muito bem. Mas assim você acaba fazendo comparação né com outras pessoas, eu acho até saudável a gente aceitar as alterações, mudanças que deveria ser normal porque sinal de que você já viveu aquilo né. Cada marca tem uma história né então eu acho até muito feio uma mulher ou homem que não aceita a própria idade, se vestir como um garotinho de 15 uma garotinha. Acho que tem que ser coerente, aceitar e viver bem cada idade dentro daquilo que ela pode te oferecer.

**E: Para você qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**C:** Primeiro independência financeira ajuda muito, você fazer coisas que você gosta e que você no corre corre da vida não teve tempo, continuar tendo um bom relacionamento familiar, contato com os filhos netos, parentes e amigos, acho que isso é muito saudável né, você poder fazer o que gosta e ter tempo para isso. E buscar novas formas de lazer e crescimento pessoal coisa que você pode estar tendo acesso agora que você não teve oportunidade antes.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**C:** Uma velhice saudável, mas pela minha experiência familiar estar lúcida. Pode até ser que esteja frágil fisicamente mas lúcida, dona das minhas faculdades mentais e cognitivos. Uma patologia que é de dor não é bom mas minha história pessoal estar lúcida é mais importante, é um grande diferencial.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**C:** Eu acho que avalio tranquila porque eu não sou uma pessoa muito voltada para estética, as ruguinhas, as gordurinhas. Eu quero perder um pouco de peso mas porque isso é saudável para meu quadril que está com sobrecarga, para o meu joelho, roupa cai melhor é claro mas não porque eu quero ficar belezinha. Ou então aquele pessoal que é fissurado em fazer botox e preenchimento não, eu acho que por enquanto eu estou muito tranquila com esse meu envelhecer. Claro que a mulher tem uma revolução endócrina muito mais violenta do que o homem, que na menopausa lógico que eu percebi que houveram mudanças. Depois da menopausa, você começa a ganhar peso com mais facilidade, você demora para assimilar algum conhecimento, algumas coisas assim e eu acho que essa mudança é muito mais marcante na mulher. Tendo essa consciência você busca estímulos para tentar fazer a coisa continuar caminhando sem sentir muito, sem tanto sofrimento. Claro que a parte libido também influencia porque o homem continua ainda mas a mulher muda porque ela começa a se interessar por outras coisas, mais o seu carinho e o contato, outros estímulos. Mas acho que é o entendimento de que a vida é feita de fases.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**C:** Eu fiz uma lipo quando mais jovem, depois que eu tive os filhos. Tinha muito culote então eu fiz essa lipo, depois não fiz mais nada. Às vezes penso e tirar um pouco dessas sobra de pele no abdômen, meu marido já falou “dinheiro tá se quiser fazer”, mas eu acho uma bobagem não é uma coisa que ele valoriza também, aí eu penso porque que eu vou me expor. Deveria ter feito quando era mais jovem porque que eu vou fazer agora, não tem necessidade. Celulite também incomoda mas quem não tem celulite né, mas só lembro dela quando eu vou por um maiô ou quando eu for para praia. E esses procedimentos agora de botox e

preenchimento eu não quero fazer não, às vezes eu acordo e a pálpebra parece que vai cobrir o olho, mas só faria quando começasse atrapalhar a vista. Por enquanto então eu não faria, acho que quem tem vontade não critico. O que eu acho que não deveria e crítico é que para muitas pessoas parece que vira um vício, uma mania, não vivem sem. Aí parece que o rosto não combina com corpo, que não combina com pescoço, que não combina com a mão, que não combina com a cabeça, então começa a ficar com aquele rosto esticadinho, deformado.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**C:** Eu não sinto isso não, eu me relaciono muito bem com várias faixas etárias, isso não me atrapalha não.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

**C:** Você vir a ser dependente. Eu tenho um tio de 98 anos, ele é velho não dá para dizer que ele não é velho, mas ele é uma pessoa que ainda curte a vida, chama a esposa de meu bem, senta de mãozinha dada para ver televisão, fez um discurso no aniversário de 98 para os familiares que estavam presentes, feliz da vida. Então eu acho que isso, é velha quando a pessoa se entrega a não amar a vida mais. A velhice está muito mais na cabeça de como que a pessoa encara a própria velhice.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**C:** É sempre tem né, desde quando começaram a surgir os primeiros cabelos brancos você pensa “não tinha isso”, as ruguinhas, pescoço. Porque pescoço e mão não tem como esconder idade. Mas também é isso, é como você enfrenta essas marcas, se você não aceita você não vai viver feliz. Mas sabe eu acho que a cabeça da gente melhora tanto depois de um tempo, coisas que a gente dava importância e não dá mais, os valores são outros, o que você perde no corpo você ganha na cabeça, mas não tem rascunho para vida você vai aprender vivendo.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**C:** Eu passo um creminho. Mas assim eu nunca tive disciplina para usar uma loção tônica mas o hidratante eu passo porque minha pele me pede, ela resseca mais facilmente então eu sinto que eu estou precisando hidratar, virou um hábito. Então são cuidados básicos de hidratar a pele, corpo e rosto.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecer?**

**C:** Olha por exemplo a questão da beleza feminina pode ser que eu fuja um pouco mas eu vou chegar lá. Então você preconizado que a mulher bonita é a sequinha, hoje tá mudando isso um pouco, as gordinhas estão se movimentando para elas aceitarem o corpo delas, elas estão elas levantando bandeiras né para aceitar o próprio corpo. Mas assim é difícil você ver uma apresentadora de um telejornal por exemplo feia e velha, por isso eu acho que tem uma produção toda antes de entrar em cena para disfarçar um pouco a idade. Porque você quer também ver coisa bonita né, não apenas o estereotipado mas uma aparência né, um cabelo bem penteado, uma pessoa bem vestida, aquela coisa que faz bem aos olhos. E na mídia eu acho também que os artistas idosos são tão bons estão tão solicitados e dão show de desempenho, que eu acho que é bonito de se ver sabe. Então eu acho que os bons permanecem, eles sobrevivem ao crivo da beleza, da imagem, da idade

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**C:** Olha eu não sei porque eu não tenho bagagem para te responder isso. Eu sei muito pouco do movimento feminista para mim é um movimento de mulheres para lutar pelo direito das mulheres então é isso que fica para mim assim, igualdade de oportunidades, o maior igualdade de remuneração enquanto na mesma função de um homem. Então essas são as bandeiras maiores do que eu conheço, então pode ser desconhecimento meu das bandeiras do movimento se de repente tem essa parte de preocupação com envelhecer feminino ou não.

## **ANEXO R**

**Nome:** Marta

**Idade:** 74 anos

**Profissão:** Aposentada

**Estado Civil:** Viúva

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**M:** Não, já estou velha mesmo.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**M:** Olha eu não tenho muito isso não porque as pessoas elas olha para mim falando “você não vai ficar velha” ou” você continua a mesma coisa” e eu falo “não sou velha, eu estou velha”, mas enquanto eu puder ser assim eu vou ser assim.

**E: Para você qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**M:** A minha forma de envelhecer. Encarando a vida numa boa, tenho amizade com jovem com meia idade, com velho, dou atenção para velho igual ou até mais velho. Você tem que ter

saúde para conviver bem com os outros sabe. Eu acho que eu sou fácil de conviver. Eu tenho sobrinho neto me dou bem, eu falo palavreado deles. Eu tenho um grupo de amizade muito bom, quando eu saio eles até se oferecem para me buscar e me levar para casa, me paparica. Mesmo se eu tiver de carro vem gente me acompanhando e tudo eles jovens. Eu me sinto uma pessoa querida sabe. Eu tenho meus altos e baixos mas tem dias que eu falo “levanta vai, a vida é uma bicicleta se você não pedalar, você cai”.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**M:** Dificil hein. Eu quero acabar meus dias assim do jeito que eu estou, com a cabeça boa, não ficar numa cama, não dar trabalho para ninguém. Quando for a hora de eu ir embora é pa puf, fui embora. Porque todo mundo vai morrer né, se nasceu tem que morrer, mas que vá sem dar trabalho. Porque não quero dar trabalho sabe, se eu pirar da noite para o dia já disse que é para botar no asilo, eu não tenho parente, minha filha mora em outro país, então me coloca no asilo e pronto.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**M:** Nossa a vida foi f\*\*\*\* comigo sabe, porque a vida toda eu só passei cuidando das pessoas, eu tive acho que um carma na vida, é um é o outro, sogra, sogro, mãe, pai, é irmão, todos ficaram na dependência e eu cuidando. O último encargo eu entreguei dia 14 de abril, faz dois anos, e ele não deitou e ele dizia “eu vou morrer em pé”, e eu tinha pavor dele ficar numa cama sabe porque ele era muito grande, e ele falava “não esquentar não, eu não vou deitar, eu vou morrer em pé” e ele morreu em pé mesmo, ele levantou disse que estava com falta de ar, eu disse que ia ligar para o médico e ele foi para a sala da frente aí ele jogou a cabeça para trás e morreu. Mas ele dizia que não tinha medo de morrer que ele tinha feito tudo o que ele queria, que ele foi bom. Mas apesar de tudo foi bom porque eu fui útil para eles sabe, então eu acho que eu não faria nada diferente não porque eu continuaria fazendo a mesma coisa. Tem dia que eu fico triste, tem dias que eu choro mas eu sei que eu não posso parar sabe, ficar chorando se a vida tá andando lá fora.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**M:** Não nunca fiz, e se eu não fiz de nova, eu não vou fazer agora. Quando eu era mais nova o médico falava: “Quer fazer uma barriga?” e eu falava “Não, tá bom, para que isso, quem tinha que ver já viu”, não vou ficar lá fora mostrando, para mim então não faz diferença. Esse médico ele é muito amigo do meu marido, ele falava “vem cá, eu faço as coisas eu não cobro nada”, ele fala “vem aqui vamos tirar o código de barras” e eu falo “acha que eu vou tirar o

código de barra e ficar com aquela cara de sapo com aquele olho estalado, não não não” Pode ser que me dê a louca daqui alguns anos né, mas se não deu até agora não vai dar mais.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

**M:** Não, eu acho que tudo continua do mesmo jeito. Sempre tive amigo de várias idades, ah não mudou isso não. E afetivamente também não viu, não quero mais nada, cobaia a gente é uma vez só na vida. Tudo na vida é ser cobaia, porque você vai fazer a primeira vez você não sabe o que vai acontecer então é cobaia, filho um só então cobaia uma vez só, casamento uma vez só então cobaia uma vez só. E assim se fosse para ser um tinha que ser igual ao meu marido que morreu, com aquele jeito dele, aquele gênio dele, aquela pessoa mais amigo, mais irmão, mais pai do que marido, aquela pessoa boa e eu não vou querer ninguém para encostar em mim né. Porque os velhos querem moça novinha e eu vou pegar um de 90 se eu tenho 70, vou começar a minha vida de enfermagem de novo, já cuidei muito na vida não quero mais nada.

**E: Na sua opinião, o que é ser velho?**

**M:** Velho para mim é uma pessoa confinada numa cama, uma pessoa já doente, mais debilitada, que já depende do outro.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

**M:** Na verdade agora que chegou que eu falo que eu estou velha porque antes não fazia diferença cabelo branco, uma ruga, nada. Eu tenho as limitações que eu não vou subir mais numa escada para trocar uma lâmpada por exemplo então eu só senti agora que chegou.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

**M:** Eu nunca passei, e se nunca passei de nova não vou passar de velha né. Protetor solar eu só usava na praia, creme eu só passava quando eu sentia que a pele estava ressecada, mas nada para ficar nova não. O cabelo branco eu queria deixar mas minha filha que não quer, ela fala “não, pelo amor de Deus tira esse cabelo aí”, mas aí eu falo “eu queria deixar para usar uma faixa assim ó aí eu corto bem curtinho já fica todo grisalho”, aí ela fala “pelo amor de Deus mãe, eu não quero ver você grisalha”. Mas eu estou grisalha, eu sou grisalha, então ela fala “aí mãe quando você puder pintar, pinta vai”. Ela fala assim “não mãe, cabelo grisalho não fica legal” e minha neta mais velha também fala para não deixar branco não. Mas eu acho que isso é mais coisa delas do que minha porque para mim não vai influenciar muita coisa não. O que eu faço é sair bem arrumada, eu me ajeito, gosto de comprar roupa e não gosto de

roupa barata, eu quero estar ajeitadinha não quero estar maloqueira não, adoro andar arrumada. Porque a idade chega não tem como mudar, igual gravidez você vai disfarçar que você está grávida, não vai. Não tem como disfarçar que você tá velho, mas tem como você andar arrumado e ajeitadinho.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**M:** Às vezes não mostra como o idoso é né, é aquele coitadinho, judiação né, às vezes ficam judiando do velho e a velhice não é assim hoje sabe, eu não sei se eu tive a graça de estar bem assim com 74 anos, pode ser que eu seja uma pessoa agraciada de estar bem. Na televisão a velha está lá só lendo jornal, não faz barulho o idoso. Põe velho junto na roda sabe, e se ele não quiser entrar na roda ele tem que se virar também sabe, dizer “eu também estou viva, eu estou aqui”. Parece que mostra essa velhice excluída sabe, eu não sou assim, claro que eu vejo nos outros, eu vejo isso fora, mas não tem só essa velhice tem que a velhice como a minha.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**M:** Eu acho que tem uma luta das mulheres contra a idade sabe, querem tudo ficar com a cara lisa. Acho que o feminismo não diz que a gente pode-se aceitar a velha sabe, mas é tão bom e bonito envelhecer sabe, só que eu vejo aquela moça televisão lá ela teve filho depois dos 40 tá com a cara toda enrugadinha mas ela tá bem, tá tão feliz. Eu vejo que poucas pessoas aceitam a idade que tem sabe, essa geração agora sabe acha que tem que ficar novo sabe, com a cara nova e corpo novo. Não a minha geração mas a sua geração, mas tem a gente hoje com 60, 70 fazendo plástica eu fico perguntando para quê, não é mais fácil se aceitar, o que vai mudar, vai enganar você porque você vai saber idade que você tem e dá para perceber uma cara mexida e uma cara não mexida, um corpo mexido e outro não. Você tem que aceitar as gordurinhas, a barriguinha, umas preguinhas aqui, os pés de galinha e curtir. Tem que pensar ainda bem que eu tô velha, tô enrugadinha mas estou viva. Mas essa nova geração está demais, tem gente com 30 anos fazendo plástica na cara, o que significa isso??? Eu também não sei se eu aceitei também a idade sabe, porque eu estou com 74 anos mas eu não me sinto velha, não me sinto com 74 anos, eu me sinto muito bem com essa idade mas eu vejo gente muito mais nova que tá um caco, “porque que você se deixou ficar um caco?”. Não precisa sabe, tem que se arrumar, tem que se ajeitar, andar bonitinho né, é tão bonitinho uma velha bem arrumada.

## ANEXO S

**Nome:** Nísia



**Idade:** 64 anos

**Profissão:** Bancária Aposentada

**Estado Civil:** Casada

**E: Você tem medo de envelhecer?**

**N:** Acho que no fundo eu tenho.

**E: Se sim. Quais os motivos que você considera relevante para que esse sentimento floresça?**

**N:** Por exemplo me incomoda quando me chamam de senhora, então eu acho que isso é um lance de eu ter medo de envelhecer. Mais uma coisa foi quando começou aparecer cabelo branco, eu não queria tingir, eu não queria nunca fazer botox, eu queria envelhecer naturalmente. Mas aí começou a pintar cabelo branco e eu ia no lugar e ficava com medo de não ficar legal, aí eu fiz uma coisa em um lugar e ficou horrível, aí eu lavava a cabeça três vezes por semana para tirar aquela tinta. Eu prefiro mais eu natural do que uma pessoa plastificada, uma plástica provoca uma falsificação. O meu medo é que eu fosse ficando velha e aí eu precisasse interferir mas essa interferência não ficasse boa. Outra coisa que eu penso é como que eu vou ficar quando eu ficar velhinha, se eu vou ficar gagá igual a minha mãe ficou. Eu não fico pensando muito nisso, às vezes eu fico triste mas fazer o quê. Mas assim, no fundo no fundo, eu tenho um pouco de medo de envelhecer sim, tanto é que quando eu cai.... Eu completei 64 anos dia 27 de novembro e no dia 01 de dezembro eu caí e quebrei minha coluna, aí o médico falou que poderia ser um sinal do processo do envelhecimento. Então eu comecei a sentir envelhecimento para mim quando eu me quebrei porque eu parei de ir para academia, eu sou ligado no 220 e eu tive que parar um pouco e isso me deixou muito triste.

E também agora todo mundo ficava falando “nossa você está muito magra”, “olha a tua boca cheia de ruga e murcha”, “nossa como você envelheceu”. Aí eu fui fazer botox no desespero, aí eu falava para médica “por favor vai devagar eu não quero ficar feia, eu não quero ficar não sendo eu”. O meu medo de perder a minha beleza, porque eu me acho bonita, eu não me acho velha. Então eu acho que eu comecei a me cuidar por causa do que outros falaram que eu estava ficando feia e eu tenho medo de ficar feia porque eu me acho bonita. Então está tudo meio bagunçado eu não gosto de pensar muito nisso não.

**E: Você acredita que o ambiente e as pessoas com quem você convive tem relevância na percepção do seu envelhecer?**

**N:** Ah então tem gente que é da minha idade eu olho e penso eu não sou assim não. Eu me acho legal, me acho jovem, me dou muito bem ambiente jovem, não fico inibida. Adoro estar

no meio dos meus filhos, no meio dos jovens mas também adoro os meus velhinhos, eu me dou bem nos dois ambientes.

**E: Para você qual seria a melhor forma de envelhecer?**

**N:** Acho que do jeito que eu estou envelhecendo, tomando meus vinhos, minha cerveja, com saúde sabe. Tem horas que eu fico meio esquecida, aí eu fico meio xarope com esquecer as coisas. Mas eu acho que a gente tem que envelhecer trabalhando, fazendo as coisas. E eu infelizmente fui aposentada muito nova, fui forçada a sair do banco muito nova, aí eu fui demitida e me aposentei.

**E: Qual seria a velhice que você consideraria ideal?**

**N:** A velhice com um pouco de dinheiro porque te traz garantia de cuidado, você ter acesso carro por exemplo. Então um pouco de dinheiro para você poder manter alguém te cuidando. Também não gostaria de ir para asilo, eu falava que queria ter uma filha mulher para ela não me colocar no asilo e a minha filha fala olha a responsabilidade dela, mas aí eu falo para ela que é só ela pôr cuidadores que fica tudo bem, ela não precisa ficar morando aqui, mais nada. Então uma velhice que tenha dinheiro para colocar alguém para te cuidar.

**E: Quais são suas percepções e avaliações sobre seu processo de envelhecimento?**

**N:** Estou muito feliz com meu processo de envelhecimento e tá tudo bem. Eu só tinha que ser menos cobradora, que eu me cobro muito e me cobre muito já. É difícil mudar.

**E: Qual a sua relação hoje com seu corpo? Você faria ou já fez algum procedimento a fim de promover alguma mudança estética?**

**N:** Eu faço. Fiz botox, tirei a pálpebra, agora queria tirar aqui embaixo que tem umas bolsas embaixo do olho, ainda mais de óculos aumenta mais, mas o óculos também ajuda a disfarçar, coloca um óculos gatinho assim bonitinho e todo mundo presta atenção no óculos e não fica olhando dentro. Eu fiz plástica no meu seio mas eu era bem novinha... A minha barriga me incomoda, aí eu já tentei operar mas eu desmaiei por conta dos remédios que eu tomei então eu deletei essa parte porque todo mundo falava “você não tem barriga isso é neurose” mas minha barriga me incomoda, porque eu sou magra mas tenho barriga. Faço o preenchimento porque eu sou muito murcha aqui na bochecha, sempre corto meu cabelo curtinho, vou lá me arrumar bonitinha. Mas eu não gosto de pintura não, muito difícil para você me ver de batom.

**E: Quando você começou com esses procedimentos?**

**N:** Com uns 40 anos. Mas é que com a idade o meu cunhado que é médico pediu para fazer um exame chamado osteopenia, porque eu tenho o meu osteoporose, e nunca fiz muito exercício, nem tomei muito sol. Então ele começou a falar que eu tinha que me cuidar, e eu

também entrei na menopausa, então eu tive que conversar me cuidar por causa da osteoporose.

**E: Você considera que o envelhecimento tenha influenciado na sua forma de se relacionar afetivamente e /ou socialmente?**

N: Eu acho que não mudou nada não, nem socialmente nem afetivamente.

**E: Na sua opinião o que é ser velho?**

N: Essas pessoas que ficam impossibilitadas, sempre precisar da ajuda dos outros. Precisar de alguém para morar com você, para cuidar de você, para dar banho em você, alguém pra por fralda. Acho que você depender dos outros é ficar velho, é ser velho.

**E: Na sua opinião, existem fatores que influenciam a forma como você sente e percebe seu envelhecimento? Se sim, quais seriam?**

N: Aí eu vou contar uma coisa que vai ajudar, eu caí um pouco na real que estava ficando velha quando minha filha foi fazer cursinho em São Paulo, eu devia ter uns 52 anos, e a gente foi daqui para São Paulo, chegando lá eu peguei o metrô e aí eu fui entrar no metrô, eu estava meio dormindo mas eu estava toda gatinha de botinha, calcinha jeans apertadinha, toda gata, me achando assim uma trintona, uma quarentona e eu já com os meus 50 anos. E aí eu entrei no trem do metrô, aí fechou a porta e apertou a minha perna, aí eu fiquei chateada, eu me achava jovem, toda gatinha, e eu não sou. E agora essa coisa que aconteceu que eu me quebrei, inicia a velhice na cabeça, porque eu acho que eu posso mas agora eu não posso mais. Isso me deixa meio triste porque eu sou a caçula das irmãs.

**E: Quais são seus cuidados diários? Alguma prática que você faz está relacionada aos cuidados com o envelhecer? Desde quando e como você iniciou esses cuidados? Por quê?**

N: Eu uso todo dia um creme pela manhã, o protetor solar, à noite eu uso o outro aqui para essa área do pescoço porque o envelhecimento detona o pescoço, porque às vezes a pessoa está toda plastificada mas o pescoço denuncia que é velha. Mas eu não comecei com esses cuidados faz muito tempo não, protetor solar por exemplo eu conversei com ele bem pouco tempo. Antes eu usava aqueles Chronos 40, Chronos 50 da Natura. Aí eu comecei a colocar botox e fazer preenchimento, faz 6 anos, fiz a primeira vez pro casamento do meu filho que eu quis me cuidar, me arrumar. Dá um super efeito, eu tinha uma ruga bem profunda aqui no meio da testa e eu não tenho mais, sumiu. Eu também coloquei ácido hialurônico para rejuvenescer a pele e para eu que sou magra e morena melhorou muito mas o efeito é muito rápido e tem que ter dinheiro porque a cada seis, sete meses, a médica liga que tem que voltar lá para colocar mais, você até tenta enrolar um pouquinho mas oitavo mês não tem jeito.

Preenchimento dura até mais ou menos 1 ano. Mas para se cuidar tem que ter grana porque é bem caro, infelizmente porque se fosse mais barato muito mais pessoas fariam.

**E: Você acredita que as mídias tem influência sobre a forma como que você se relaciona com seu envelhecimento?**

**N:** Eu nunca parei muito para pensar sobre isso.

**E: Como você vê o posicionamento da luta feminista em relação em envelhecimento?**

**N:** Eu não conheço muito da luta feminista mas eu acho que assim, eu me cuido por causa de mim. Mas eu vejo que o feminismo não dá empoderamento para mulher velha, parece que não é uma causa do movimento não. Parece que é mais essa coisa da mulher poder tudo né, mas é a mulherada poder tudo enquanto ela está numa fase produtiva, depois eles não estão muito aí não. Assim o que eu leio do movimento feminista e parece que é tudo muito relacionada à sexualidade, assim parece que as mulheres podem estar em todos os lugares mas até uns 50 anos depois parece que não fala mais nada.